Coletâneas de Aconselhamento Bíblico

Volume 4

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR
Os Anseios Pecaminosos do Coração

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO
Afirmações e Negações
Pecado ou Doença?
O Aconselhamento Bíblico é Legalista?
Sabedoria no Aconselhamento
O Aconselhamento e a Soberania de Deus
Como Ser um Barnabé

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO
Levando a Sério a Impureza Sexual em Nossos Dias
O Caminho do Sábio: como falar sobre sexo com os adolescentes
Uma Perversão da Intimidade: pornografia, masturbação e outros usos errados do sexo
Sexo e Espaço Cibernético
Quando o Problema É um Pecado Sexual
A Armadilha da Ternura
Chega de Procrastinação
Questionário de Autoavaliação

PERGUNTAS E RESPOSTA
Como os relacionamentos de prestação de contas podem ser úteis para encorajar mudança bíblica?
Por que a luta com a tentação sexual algumas vezes é mais forte do que outras?

RESENHA:
Mulheres Ajudando Mulheres

Christian Counseling & Educational Foundation
RESTORING CHRIST to COUNSELING & COUNSELING to the CHURCH

Coletâneas de Aconselhamento Bíblico

Volume 4

A palavra do editor

Os Anseios Pecaminosos do Coração - David W. Smith 02

Bases do aconselhamento bíblico

Afirmações e Negações - David A. Powlison 05

Pecado ou Doença? - Edward T. Welch 17

O Aconselhamento Bíblico É Legalista? - Edward T. Welch 28

Sabedoria no Aconselhamento - Paul D. Tripp 43

O Aconselhamento e a Soberania de Deus - Jay E. Adams 58

Como Ser um Barnabé - Cindy Patten 68

Prática do aconselhamento bíblico

Levando a Sério a Impureza Sexual em Nossos Dias - Tim Stafford 79

O Caminho do Sábio: como falar sobre sexo com os adolescentes - Paul D. Tripp 84

Uma Perversão da Intimidade: pornografia, masturbação
e outros usos errados do sexo - Jeffrey S. Black 98

Sexo e Espaço Cibernético - Melissa Partain 105

Quando o Problema É um Pecado Sexual - John F. Bettler 120

A Armadilha da Ternura - Jim Newheiser 124

Chega de Procrastinação - Walter Henegar 130

Questionário de Auto-Avaliação - Tim Keller e David A. Powlison 138

Perguntas e Respostas

Como os relacionamentos de prestação de contas podem ser úteis para encorajar mudança bíblica? - Alan P. Medinger 149

Por que a luta com a tentação sexual algumas vezes é mais forte do que outras? - Alan P. Medinger 152

Resenha

Mulheres Ajudando Mulheres - resenha por Sharon B. Covington 155

Os Anseios Pecaminosos do Coração

David W. Smith

Na seção *Prática do Aconselhamento Bíblico*, o volume de *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* que você tem em mãos destaca o pecado sexual, uma das "obras da carne" (Gl 5.19) de que a Bíblia trata de maneira direta e com todo vigor

O desejo sexual – em seu aspecto negativo – é visto na Palavra de Deus como nada mais do que um dos desejos fortes e poderosos da velha natureza (σάρξ, no original grego) representado por ἐπιθυμίᾳ, uma palavra com fortes conotações negativas em 34 das 38 vezes em que aparece no Novo Testamento. Richard Trench, em *Synonyms of the New Testament*, comenta:[1]

> ἐπιθυμίᾳ [inclui] todo um universo de desejo e cobiça ativos, tudo aquilo a que σάρξ nos impele enquanto sede dos desejo e apetites naturais.

H. Schönweiss destaca:[2]

> os desejos podem encontrar expressão em muitas direções: desejo sexual, prazer em bens materiais, inveja daquilo que os outros possuem (cf. Rm 1.24; 1 Tm 6.9; Tt 3.3; Gl 5.16-21). Controlando a nossa atenção, eles podem nos cativar completamente.

Se aprendermos a lidar biblicamente com a lascívia, poderemos aprender a combater um leque maior de anseios pecaminosos. Vários artigos neste volume de *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* têm o propósito mais especifico de ajudá-lo a lidar com os desejos sexuais, mas quero fazer aqui alguns comentários gerais sobre os anseios pecaminosos do coração.

David W. Smith é professor de aconselhamento bíblico em The Master's College, Santa Clarita, California.

[1] Richard Chenevix Trench, *Synonyms of the New Testament*, Grand Rapids, MI: Wm. B Eerdmans, 1969, p. 324.

[2] Colin Brown (edit.) *The New International Dictionary of New Testament Theology*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975; Vol. 1, pp. 456-458.

1. Os desejos pecaminosos podem facilmente escravizar uma pessoa.

Esta verdade, apresentada repetidamente nas epístolas de Paulo (Rm 6.12; Ef 2.3; 2 Tm 3.6; Tt 3.3), motiva o apóstolo a exortar energicamente o cristão para que não permita que o pecado reine em sua vida. Schönweiss comenta: [3]

> Assim que [o homem] torna-se escravo de seduções e tentações [desejos] (Ef 4.22), seu "coração", isto é, o centro da sua personalidade (Rm 1.24), passa a ser controlado por elas. Quando isso acontece, todas as decisões, e mesmo os melhores ímpetos e as aptidões de um homem, são governadas por esses desejos. Somente uma vida entregue à vontade e direção de Deus, submissa em tudo a Ele, apresenta o quadro oposto (Rm 6.12ss.; Ef 4.22 ss.; Tt 2.12 ss.).

Nos últimos meses, no processo de aconselhar e acompanhar quatro homens — três casados e um solteiro, todos eles dando testemunho de uma experiência genuína de conversão – o poder escravizador da lascívia ficou assustadoramente evidente para mim. Embora prometa deleites e prazeres, ἐπιθυμίᾳ, na realidade, escraviza de modo degradante.

2. Os desejos pecaminosos provêm do coração humano.

Jesus ensinou que os desejos pecaminosos têm sua fonte no coração (Mc 7:20). Paulo os incluiu nas *"obras da carne"* (Gl 5.19-21), e João lembrou que são provocados e estimulados pelo sistema deste mundo (1 Jo 2:15-17), o campo de atuação do pai das mentiras (Jo 8.44). As descrições de ἐπιθυμίᾳ são claras: *"concupiscências de seus próprios corações"* (Rm 1.24); *"concupiscência da carne"* (Gl 5.16); *"inclinações da nossa carne...vontade da carne e dos pensamentos"* (Ef 2.3); *"concupiscência do engano"* (Ef 4:22); *"concupiscências insensatas e perniciosas"* (1 Tm 6.9); *"paixões da mocidade"* (2 Tm 2.22); *"próprias cobiças"* (2 Tm 4.3); *"paixões mundanas"* (Tt 2.12); *"própria cobiça"* (Tg 1.14); *"paixões que tínheis anteriormente"* (1 Pe 1.14); *"paixões carnais"* (1 Pe 2.11); *"paixões dos homens"* (1 Pe 4.2); *"paixões imundas"* (2 Pe 2.10) e *"ímpias"* (Jd 18). Em outras palavras, os desejos pecaminosos são pessoais, poderosos, enganosos, embora transitórios e fadados a desaparecer com o sistema do mundo que os promove.

3. Os desejos pecaminosos podem, e devem, ser vencidos.

Os desejos pecaminosos *não* devem reinar em nossas vidas, pois "os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências" (Gl 5.24). A analogia da crucificação não traz a idéia de morte total em que cessam todas as influências, visto que entraria em contradição com passagens como Gálatas 5.17 e Romanos 7.14-25. Comentando Gálatas 5.24, John MacArthur explica:[4]

> Há um sentido em que o poder da velha natureza e do mundo foi quebrado. Essas influências não mais dominam.... A carne com suas paixões (ou inclinações) e desejos está morta no sentido de não mais reinar sobre nós ou nos manter sob uma escravidão inescapável. Como uma galinha cuja cabeça foi cortada, a car-

[3] Ibid., p. 457.

[4] John F. MacArthur, *Galatians: The MacArthur New Testament Commentary;* Chicago, Ill: The Moody Bible Institute, 1987; pp. 170-171.

ne recebeu um golpe mortal, embora ela continue a cambalear ao redor até que o último nervo se aquiete.

As Escrituras nos chamam a nos abstermos da imoralidade sexual (1 Ts 4.3), controlando nossas mentes e corpos pelo poder do Espírito Santo. É significativo percebermos que o apóstolo Paulo não afirma que enquanto estivermos nesta terra os desejos lascivos estarão ausentes[5], mas que nós não *gratificaremos*, ou *satisfaremos*, a concupiscência da carne se andarmos no Espírito (Gl 5.16).

Após esses pensamentos iniciais, eu o encorajo a explorar as diretrizes bíblicas contidas nos artigos. Quando estiver lidando com suas lutas pessoais contra os desejos da carne, ou ajudando aqueles a quem aconselha, ouça de novo as palavras do apóstolo Paulo: "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7.1).

Boa leitura!

[5] Gálatas 5.17 mostra que a batalha entre a carne e o Espírito que habita em nós é constante, pois "ainda não se manifestou o que havemos de ser" (1 Jo 3.2) e "a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1 Jo 3:3).

Afirmações e Negações: uma proposta de definição do aconselhamento bíblico

David Powlison

Há cerca de 1500 anos, o guerreiro-chefe de uma tribo germânica primitiva questionou de forma direta um missionário visitante: "Por que eu deveria acreditar nesse Jesus de quem você me fala?". O homem de Deus respondeu: "Porque em Jesus Cristo você encontrará uma maravilha após a outra – e todas verdadeiras". Jesus Cristo, o Maravilhoso Conselheiro, tem muitas maravilhas para os dias de hoje.

Como podemos ser úteis a Ele? Como servi-lO bem? Precisamos conhecer algumas coisas. Precisamos conhecer a gravidade da nossa condição como seres humanos. Somos inclinados ao erro. Amamos com falsidade. Somos traidores compulsivos, cegos. Queremos as coisas erradas. Estamos condenados. Precisamos ser resgatados de nós mesmos e do que trazemos sobre nós. Isto não é um problema geral, teórico ou apenas de outras pessoas. É o meu problema específico, o seu e o das demais pessoas também: "Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol; a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos" (Ec 9.3).

Precisamos *conhecer* a glória e a bondade perfeitas do nosso Pai manifestadas em Jesus Cristo. Conhecer Jesus em verdade e amor é encontrar aquilo que vale a pena, a felicidade permanente, o propósito da vida: "Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E Aquele que está assentado no trono disse: 'Eis que faço novas todas as coisas!'" (Ap 21.3-5).

Precisamos *conhecer* a sabedoria assombrosa da Palavra. Deus fala profundamente a um leque completo de situações concretas da vida de cada pessoa. Ele fala com propósito e poder para nos

---

Traduzido e adaptado deAffirmation & Denials: A Proposed Definition of Biblical Counselimg.
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 19, n.1, Fall 2000, p. 18-25.

David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling*.

mudar: “A lei do Senhor é perfeita, e restaura a alma; os testemunhos do Senhor são dignos de confiança, e tornam sábios os inexperientes. Os preceitos do Senhor são justos e dão alegria ao coração. Os mandamentos do Senhor são límpidos, e trazem luz aos olhos. O temor do Senhor é puro, e dura para sempre; os julgamentos do Senhor são verdadeiros, e são todos eles justos...que as palavras da minha boca e o meditar do meu coração sejam agradáveis a ti, Senhor, minha rocha e meu resgatador” (Sl 19.7-9,14).

Precisamos *conhecer* nosso chamado como filhos desse Pai. Jesus anuncia o Seu reino dizendo “Arrependam-se”, que significa “Mudem”. Sua graça e verdade operam em favor de nos transformar. Somos chamados para uma mudança individual e para mudarmos o mundo. Trilhamos um caminho de arrependimento e renovação. Jesus quer nos ensinar a viver como “discípulos” (aprendizes, alunos) para que nos tornemos Seus instrumentos de mudança nas vidas de outras pessoas. O Conselheiro Maravilhoso produz Christianoi, “pessoas como Cristo”, conselheiros aprendizes: “seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.15).

Precisamos *saber* que o caminho de Deus é qualitativamente diferente de qualquer outra opção disponível no mercado, diferente de outros conselhos, outros métodos, práticas ou sistemas. A única coisa razoável que temos a fazer com diligência é conhecer a Deus. Qualquer outra coisa perpetua a nossa loucura, nosso sonambulismo: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (Cl 2.8).

Precisamos *conhecer* essas maravilhas, vivê-las e ministrar aos outros.

A tentativa de definir a fé e a prática cristãs de maneira mais precisa e útil sempre surge em um contexto de controvérsia. As afirmações e negações que reunimos aqui não são exceções. Elas tratam do “aconselhamento” justamente em um momento quando um sistema de saúde mental que não conhece a Cristo domina a área do aconselhamento e molda o pensamento e a prática da nossa cultura. Mesmo o campo do aconselhamento “cristão” tem usado de modo significativo o conteúdo da psicologia secular, como se as Escrituras não tivessem muito a dizer além daquilo que costuma ser entendido como a área espiritual e moral. Porém, à medida que aprendemos a olhar para a vida e para nós mesmos com os olhos de Deus, torna-se cada vez mais claro que as Escrituras dizem respeito ao aconselhamento: as categorias diagnósticas, as explicações para os comportamentos e as emoções, a interpretação dos sofrimentos e influências externas, as diretrizes para alcançarmos soluções tangíveis e viáveis, o caráter do conselheiro, os alvos do processo de aconselhamento, a configuração das estruturas profissionais para a prática do aconselhamento, a crítica aos modelos competidores. Todas essas são questões sobre as quais Deus fala direta, específica e freqüentemente. Ele nos chama a ouvir com atenção, a pensar com empenho e de modo adequado, e a nos engajarmos em um trabalho de valor para desenvolver nossa teologia prática do ministério pessoal. Essas afirmações e negações procuram declarar o que o Senhor pensa, diz e faz.

A Seção I trata da suficiência das Escrituras. A menos que Deus minta, temos os meios suficientes para desenvolver um

aconselhamento bíblico de modo sistemático, assim como temos os meios para exercer os ministérios de pregação, ensino, adoração, misericórdia e missões. Para aconselhar bem, precisamos de uma análise ampla e perspicaz da condição humana: a Seção II. Precisamos trazer à luz soluções efetivas, igualmente perspicazes e de aplicação ampla, e também o Redentor que lida com uma variedade de pessoas e problemas apropriadamente: as Seções III e IV. Precisamos inserir o aconselhamento nas estruturas sociais: a Seção V. Precisamos ter uma posição definida, que nos sirva de base para interagir com outros sistemas de aconselhamento: as Seções VI e VII. As Escrituras querem nos ensinar essas coisas para que possamos cuidar das almas como Jesus Cristo faz.

I. O verdadeiro conhecimento sobre as pessoas e sobre a prática do aconselhamento.

Afirmamos que a Bíblia é a auto-revelação de Deus com relação às Suas criaturas e, como tal, explica quem é o ser humano e as situações da vida.

> *Negamos* que qualquer outra fonte de conhecimento tenha autoridade para explicar o ser humano e as situações da vida.

Afirmamos que a Bíblia, como revelação da atividade redentora de Jesus Cristo, tem a intenção específica de guiar e informar o ministério de aconselhamento.

> *Negamos* que qualquer outra fonte de conhecimento tenha autoridade para nos equipar para a tarefa de aconselhar pessoas.

Afirmamos que o aconselhamento sábio exige um trabalho contínuo, teológico e prático, para entender as Escrituras, o ser humano e as situações da vida. Devemos desenvolver continuamente nosso caráter, a compreensão sábia das pessoas, as habilidades pastorais e as estruturas institucionais.

> *Negamos* que a Bíblia tenha a intenção de ser uma enciclopédia de textos-prova contendo todos os fatos sobre o ser humano e a diversidade dos problemas da vida.

Afirmamos que as idéias, os alvos e as práticas do aconselhamento devem ser coerentes com os credos históricos, as confissões de fé e outros escritos que expressam a fé e prática da igreja de Jesus Cristo.

> *Negamos* que a sabedoria adquirida no passado defina suficientemente as questões do ministério de aconselhamento hoje, como se a sabedoria exigida fosse simplesmente uma questão de resgatar o que foi alcançado no passado.

II. Os fatos sobre a condição humana e o escopo da verdade bíblica.

Afirmamos que os seres humanos foram criados fundamentalmente dependentes de Deus e responsáveis perante Ele. Entender o homem torna-se possível somente quando as realidades bíblicas controlam o olhar do conselheiro.

> *Negamos* que qualquer forma de autonomia libere o ser humano da dependência de Deus.
>
> *Negamos* que qualquer forma de determinismo neutralize a responsabilidade moral para com Deus.

Afirmamos que o ideal para o funcionamento do ser humano é a fé que opera por meio do amor. O amor a Deus e ao próximo é o padrão perante o qual é possível entender especificamente o que há de errado com as pessoas. É o alvo específico do aconselhamento.

Negamos que qualquer outro padrão ou alvo seja verdadeiro.

Afirmamos que o mal, praticado por nós ou contra nós, é o problema fundamental e penetrante da vida. O nosso próprio pecado, em todas as suas facetas e dimensões, é primário. As circunstâncias da vida proporcionam tanto o contexto provocativo ("provações e tentações") como as conseqüências justas ("colher o que se semeia") para a nossa resposta moral, mas não determinam a qualidade dessa resposta.

Negamos que qualquer outro sistema de diagnóstico seja válido, universal ou perspicaz.

Negamos que a nossa natureza e/ou o tipo de criação que recebemos determinem a qualidade da nossa resposta moral.

Afirmamos que as Escrituras definem e tratam de toda a gama de problemas da vida para todas as pessoas em todas as situações.

Negamos que a verdade bíblica esteja limitada à esfera estreita das crenças, atividades, pessoas, emoções e instituições "religiosas" ou "espirituais", e separada de outras esferas da vida.

Negamos que qualquer esfera de problemas da vida possa ser definida como atribuição das teorias e práticas das psicologias modernas.

III. A solução para o pecado e para a miséria da condição humana.

Afirmamos que a Bíblia ensina, convida, adverte, ordena, canta e conta a solução para aquilo que causa os problemas da humanidade. Por meio das boas novas de Jesus Cristo, Deus age pessoalmente. Pela Sua graça, Ele nos redime do pecado e da miséria. Deus usa muitos meios de graça, incluindo as conversas pessoais no aconselhamento sábio.

Negamos que qualquer outra solução ou terapia cure de fato as almas e possa mudar-nos de impuros para santos, de pecadores para justos, da loucura para a razão, da cegueira para a visão, da introversão para a fé que opera pelo amor.

Afirmamos que a graça comum e providencial de Deus traz muitas bênçãos — bênçãos tanto individuais como sociais: por exemplo, tratamentos médicos, recursos econômicos, justiça, proteção aos fracos, oportunidades educacionais. O aconselhamento sábio participa e encoraja ministérios de ação social como parte do chamado para amar.

Negamos que tais bênçãos possam curar os males da alma. Quando reivindicam curar a condição humana, elas são falsas, enganadoras e competem com Cristo.

Negamos que o aconselhamento destituído de Cristo – seja ele psicoterápico, filosófico ou religioso – possa ser verdadeiro ou bom. Suas mensagens são essencialmente falsas, enganadoras e competem com Cristo.

IV. A natureza e os meios de mudança

Afirmamos que o processo de crescimento, alvo do aconselhamento, constitui-se da conversão seguida de uma santificação progressiva ao longo de toda a vida, em cada circunstância da vida. Nossas motivações, os processos de pensamento, as ações, as palavras, as emoções, as atitudes, os valores – coração, alma, mente e força – devem crescer à semelhança de Jesus Cristo e expressar amor por Deus e pelos outros.

Negamos que haja qualquer método para atingir a perfeição completa ou instantânea à imagem de Je-

sus Cristo. O processo de mudança prossegue até nos encontrarmos face a face com Ele.

Negamos que os processos identificados como auto-realização, cura das memórias, satisfação das necessidades psicológicas, adaptação social, construção da auto-estima, grupos de recuperação, entre outros, estabeleçam alvos de aconselhamento válidos, embora possam evidenciar analogias com os elementos da sabedoria bíblica.

Afirmamos que a Bíblia ensina explicitamente as bases do método de aconselhamento por meio de preceitos e exemplos. Ao falar a verdade em amor, agimos como instrumentos tangíveis da graça de Deus na vida de outras pessoas.

Negamos que as psicoterapias modernas entendam ou pratiquem corretamente a metodologia do aconselhamento sábio, embora possam evidenciar analogias com os elementos da sabedoria bíblica.

V. O contexto social e o escopo do ministério de aconselhamento.

Afirmamos que a Igreja de Jesus Cristo é fruto da obra do Espírito, pela Palavra, e que o povo de Deus deve providenciar o ambiente pessoal, social e institucional para falar a verdade em amor.

Negamos que as profissões da saúde mental e suas instituições tenham o direito de reivindicar qualquer esfera dos problemas da vida como suas prerrogativas particulares. Mesmo aqueles que sofrem de problemas orgânicos precisam receber, além da ajuda médica, também o aconselhamento bíblico que ensina a lidar com os problemas da vida.

Afirmamos que os alvos, o conteúdo e os meios do ministério de aconselhamento equiparam-se aos do ministério público da Palavra e do ministério de misericórdia. Trata-se de diferentes aspectos do ministério redentor de Cristo.

Negamos que as pessoas e os problemas abarcados pela atividade conhecida como "psicoterapia" estejam fora do escopo do ministério de Cristo em palavra e ação.

Afirmamos que a expressão fundamental e mais completa do ministério de aconselhamento ocorre nas igrejas locais, onde os pastores efetivamente pastoreiam almas enquanto equipam e supervisionam diversas formas de ministério mútuo entre os membros.

Negamos que as formas institucionais e os papéis profissionais do sistema de saúde mental ofereçam um quadro normativo e uma estrutura desejável para o ministério de aconselhamento.

Negamos que as formas assumidas na atualidade pelo ministério da igreja e a concepção atual do papel pastoral sejam necessariamente adequadas e normativas para treinar conselheiros e oferecer e supervisionar um ministério de aconselhamento efetivo. O corpo de Cristo necessita de reforma, desenvolvimento e inovação institucional. *Negamos* que as instituições para-eclesiásticas e outras formas cooperativas de ministério de aconselhamento no corpo de Cristo sejam inerentemente erradas.

VI. A providência de Deus e a interrelação entre a Sua graça comum e os efeitos intelectuais e práticos do pecado.

Afirmamos que as várias disciplinas e os campos profissionais podem contribuir para um crescimento no nosso conheci-

mento das pessoas e de como ajudá-las. As Escrituras dão-nos o fundamento e um ponto de vista seguro a partir dos quais podemos aprender muitas coisas com os incrédulos.

Negamos que qualquer uma dessas disciplinas ou campos profissionais possa se juntar ao aconselhamento bíblico e constituir um sistema de fé e prática para o aconselhamento sábio.

Afirmamos que o compromisso com as teorias humanas afeta e compromete de modo fundamental as disciplinas e os campos profissionais. Aqueles que não pensam e agem em submissão à mente de Cristo entendem mal o que vêem e fracassam no lidar com os assuntos pelos quais se interessam mais profunda e habilidosamente.

Negamos que as disciplinas e os campos profissionais seculares estejam inteiramente obscurecidos pelos efeitos intelectuais, morais e visíveis do pecado. A ação da graça comum de Deus pode levar os incrédulos a serem observadores relativamente cuidadosos, estimulantes e informativos.

Afirmamos que as teorias da personalidade são essencialmente teologias falsas e as psicoterapias são essencialmente formas falsas de cura da alma. Até as psicologias mais descritivas e empíricas estão significativamente distorcidas pelas pressuposições seculares, e seus achados precisam ser re-interpretados pela cosmovisão bíblica.

Negamos que a pesquisa no campo das psicologias, as teorias da personalidade e as psicoterapias devam ser vistas como "ciências objetivas", na concepção comum do termo. Nem tampouco devem ser vistas como uma extensão da medicina e da prática médica.

VII. Boas novas para as pessoas psicologizadas em uma sociedade psicologizada.

Afirmamos que o aconselhamento bíblico maduro, coerente em suas pressuposições, amoroso e eficaz é uma poderosa força evangelística e apologética no mundo moderno.

Negamos que a parte mais importante da interação da igreja com as psicologias modernas seja descobrir o que se pode aprender com elas.

Discussão das Afirmações e Negações.

Diante do que destacamos até aqui, fica evidente que a Bíblia tem tudo a ver com o aconselhamento. A Bíblia é um manual para o diagnóstico e a cura da condição humana, para o amor digno de confiança, o conhecimento de uns pelos outros, o crescente auto-conhecimento, a atribuição de sentido às circunstâncias da vida, o processo de relacionamento interpessoal e as mudanças pessoais específicas. Ela trata de como podemos compreender bem ou mal a vida, como nos comportamos ou deixamos de nos comportar. A Bíblia fala sobre o que acreditamos, desejamos, tememos, confiamos e valorizamos. Ela trata de como agimos, falamos e sentimos, dos nossos relacionamentos com outras pessoas e com Deus. As Escrituras tratam também daquilo que não é digno de confiança, o que é impreciso e enganoso, as mensagens e os profetas falsos, outros conselhos e conselheiros alheios a Deus. Desse ponto de vista, a dinâmica e o assunto das Escrituras constituem reconhecidamente a atividade que chamamos de "aconselhamento" – mas com uma guinada dramática.

O que a maioria das pessoas pensa do "aconselhamento" é controlado pelos

hábitos elitistas do sistema moderno da saúde mental: um profissional com um grau superior, com expertise em idéias supostamente objetivas, não-religiosas, e técnicas da psicologia ou da psiquiatria; um paciente/cliente com um diagnóstico definido, que sofre de uma síndrome com um nome que soa médico; um relacionamento formal de consulta que media idéias e soluções da ciência e/ou medicina; uma relação remunerada que ocorre fora dos relacionamentos sociais da vida real; uma assimetria fundamental entre doutor e paciente, especialista e cliente, uma pessoa saudável e outra doente. Levando em conta esse cenário, a Bíblia parece ter pouco a dizer sobre as idéias, as soluções, os métodos e as estruturas institucionais necessárias para o aconselhamento efetivo.

A Bíblia é uma música ímpar, com notas diferentes em instrumentos diferentes, e até mesmo em escalas diferentes. Deus destrói assimetrias e nos vê basicamente mais semelhantes do que diferentes uns dos outros. Todos somos "doentes", loucos em nossos corações; cada um de nós necessita do "Médico". E cada um de nós – até mesmo o mais fraco, o mais pobre e o mais atribulado – é capaz de ajudar os demais de alguma maneira quando a graça nos capacita e nos dirige. E a Bíblia é por demais direta para ser considerada elitista em suas "técnicas". A Bíblia fala da vida real e das interações do dia-a-dia. Jesus e Seus apóstolos não ficavam muito impressionados com as reivindicações de um conhecimento superior objetivo ou com as reivindicações de uma autoridade especializada e prerrogativa profissional. Quando o Senhor usou metáforas médicas para os problemas da vida, Ele as usou como metáforas para captar a atenção, não como realidade. A Bíblia retrata a vida como um todo inevitavelmente religioso, e os tipos de problema com que a psicoterapia lida diariamente são particularmente exemplos óbvios disso. Do ponto de vista de Deus, até mesmo as tentativas tolas de afirmar uma objetividade "médica" ou "científica" alheia a Deus contam como atos abertamente religiosos. A tentativa de explicar e curar as almas, e ao mesmo tempo dizer em seu coração "Não há Deus", é detestavelmente religiosa. Se um cego guia outro cego, ambos cairão em um precipício. Mas as pessoas que vêem podem ver a si mesmas, as outras pessoas e cada circunstância da vida coram Deo. E eles vêem Deus em Cristo.

A visão bíblica de tudo quanto diz respeito ao "aconselhamento" é espantosamente diferente dos hábitos culturais da sabedoria atual. A Bíblia nos oferece uma maneira superior e melhor de pensar sobre "aconselhamento". E ela é verdadeira. A cultura diz: "Nós sempre fizemos assim" (embora a memória histórica tenda a ser muito curta). Mas as Escrituras mudam drasticamente o paradigma. O aconselhamento não se dá somente em clínicas nem é propriedade das práticas profissionais pretensiosas dos países desenvolvidos. A visão que Deus tem do aconselhamento é muito mais profunda, tem aplicações mais amplas e alvos diferentes, é mais duradoura e significativa. Você vive ou morre com base nos conselhos que ouve – e nos conselhos que dá. O aconselhamento não é só para aqueles que "precisam de aconselhamento". Não é só uma coisa que os "conselheiros profissionais" fazem com seus "aconselhados". Você não pode fugir de estar envolvido na visão bíblica do processo de aconselhamento. Isso acontece todo o tempo, quer você saiba ou não, quer você queira ou não. Você está fazendo isso com outros, outros estão fazendo isso com você

– hoje, todos os dias, informalmente e formalmente. Influenciamos uns aos outros com aquilo que acreditamos e queremos; todas as pessoas são influenciadas pelos pensamentos de outros. Tudo na vida humana está relacionado ao aconselhamento. "A língua" é um instrumento de aconselhamento. Toda interação humana, da mais trivial à mais formal, surge do nexo dos significados, valores e intenções que controlam os corações dos participantes.

O aconselhamento nunca diz respeito a um conhecimento neutro, objetivo. Ele é comprometido. Ele sempre "impõe valores", velada ou abertamente. Ninguém pode evitar isso. As perguntas que você faz (ou deixa de fazer), as emoções que você sente (ou não sente), o que você pensa (ou deixa de pensar), as respostas que você dá (ou não dá), fluem do seu coração. Os terapeutas não são apenas habilidosos ou desajeitados, cuidadosos ou insensíveis; seus conselhos (categorias diagnósticas, esquemas interpretativos, análises etiológicas, ideais de saúde e caráter) são verdadeiros ou falsos, e levam pessoas para o bem ou para o mal. Deus avalia cada palavra proferida de cada boca, pois as palavras registram os pensamentos e as intenções de cada coração, sejam corações contrários ou favoráveis a Ele. O aconselhamento não é uma questão de habilidade técnica neutra e de um papel profissional inerentemente legítimo. O aconselhamento é sábio ou estulto, assim como todos os seres humanos são sábios ou tolos, dignos de confiança ou não, qualquer que seja o seu papel profissional. O aconselhamento guia à verdade ou leva à perdição.

A educação superior e o título profissional não são critérios decisivos no aconselhamento. A sabedoria é o fator decisivo e o verdadeiro centro organizador da sabedoria é o temor de Cristo. Deus atua por meio de um conjunto diferente de regras – e Ele faz as regras. As teorias sobre a natureza humana e todas as metodologias de aconselhamento formam um subconjunto, parte de um conjunto de realidades muito maiores. Elas estão sujeitas tanto às realidades maiores como à avaliação dAquele que as estabeleceu e a Quem temos de prestar contas.

Os assim chamados conselheiros na nossa cultura (ou igreja) podem comunicar de maneira deficiente aquilo que diz respeito à vida. Eles podem transmitir idéias enganosas, podem rotular erroneamente a vida e instilar mitos que passam a controlar os corações daqueles a quem aconselham. Mas Deus ainda atua e fala em tempo real, em vidas reais. Sua conversa não é a respeito de como sobreviver melhor. Você precisa escolher entre morrer para si mesmo e viver para Ele, ou viver para si mesmo e morrer. A conversa divina também não é sobre suprir suas necessidades, mas sobre virar de ponta-cabeça o que você pensa que precisa. Ela não diz respeito a identificar causas nas circunstâncias do passado ou nos processos biológicos, mas está interessada no seu coração vis-à-vis com Deus em Cristo. Momento a momento, no seu coração, você, assim como todos nós, adora, ama, deseja, teme, serve, acredita e confia em Deus ou algo mais. A conversa de Deus não é sobre encontrar recursos em você mesmo nem refúgio em outras pessoas ou na psicofarmacologia. É sobre encontrar a Pessoa de Cristos, o único Salvador capaz de livrá-lo daquilo que está realmente errado com você e em seu mundo.

Por meio de palavras e ações, Deus nos aconselha. Ele nos revela como somos e também muda os nossos caminhos ou permite que nos endureçamos neles. A

carta de Paulo ao povo de Deus em Éfeso oferece um exemplo e sinopse do conteúdo, método e contexto institucional para "a cura das almas". Como agente pessoal de Jesus Cristo, Paulo comunica o que está na mente dAquele que sonda os corações. Ele disseca a condição humana. Como recipiente da graça sobre graça, ele enaltece a única solução verdadeira, o Senhor vivo a quem fomos feitos para conhecer, amar e servir, e com quem aprendemos a conhecer, amar e servir outros.

Em tempos de vitalidade espiritual, a igreja de Jesus Cristo submete à definição de Deus tanto o conselho (o conteúdo) quanto o aconselhamento (a atividade), tanto o conselheiro como o aconselhado (as pessoas envolvidas no processo), os problemas e as soluções, o processo e o alvo. A igreja submete-se às definições do Consolador sobre o problema e o consolo.

O século vinte presenciou um tempo de crise e conflito no campo do aconselhamento. Nos últimos cem anos, na cultura ocidental, aconteceu uma redefinição persuasiva das idéias, práticas e instituições do "cuidado pastoral". A cura das almas tornou-se significativamente secularizada sob a influencia das modernas teorias da personalidade, das profissões da saúde mental e da pesquisa psicológica, que tentam entender e tratar as vidas humanas sem qualquer ponto de referência além do próprio homem. Como resultado, expurgou-se a vida do seu verdadeiro contexto (Deus em Cristo), redefiniu-se o verdadeiro drama (você é mau ou bom, um servo da verdade ou da mentira?), construíram-se etiologias falsas (desprezando o coração vis-à-vis com Deus, em meio às provas), ignoraram-se os verdadeiros resultados (vida ou morte eternas) e reprimiu-se a única verdade essencial (conhecer a Ti, o único verdadeiro Deus, e Jesus Cristo a quem Tu enviaste).

Os pensadores brilhantes, os profissionais habilidosos e os pesquisadores cuidadosos têm construído instituições poderosas que reivindicam a verdade, o amor e o poder para entender e curar as almas. Mas o seu olhar é distorcido, cego às realidades essenciais. A cura proposta notadamente exclui o Bom Pastor. Deus governa a história de tal forma que as alternativas humanas convincentes sempre têm um duplo efeito: elas nos compelem a afiar a nossa própria fé e prática ou a renegar a fé.

As psicologias e psicoterapias competem conscientemente com as interpretações e as intenções da fé cristã. Sigmund Freud, por exemplo, concebeu o seu trabalho desta forma: "O termo 'prática pastoral secular' pode muito bem servir como uma fórmula geral para descrever a função que o analista....tem de cumprir na sua relação com o público". Freud via a si mesmo fazendo um "trabalho pastoral, no melhor sentido da palavra". Mas esse ministério pastoral não oferecia às pessoas a misericórdia e a graça do Senhor pessoal que sonda cada coração e pastoreia as almas. Ao invés disso, quando Freud aconselhava alguém, ele buscava "aperfeiçoá-lo com os recursos internos dele mesmo". Freud era um grande evangelista de tal confiança nos recursos humanos, esperando o dia quando "um novo tipo de Exército da Salvação" treinado em psicanálise sairia como "uma tropa de ajudadores para combater as neuroses da civilização"[1].

[1] Sigmund Freud, "The Question of Lay Analyses" (A Questão das análises leigas) e "Postscript", em *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (London: Hogarth Press, 1926 e 1927, volume 20), pp 255ss. Freud argumentou que a psicoterapia não era uma atividade médica, mas fundamentalmente educacional e pastoral.

Como esses missionários conselheiros atuam junto às pessoas?

> Nada tem lugar entre eles exceto a conversa de um com o outro... [O terapeuta faz o paciente] falar, ouvir, falar com ele de novo, voltar a ouvir.... Afinal, a palavra é um instrumento poderoso; ela é o meio pela qual expressamos uns aos outros os nossos sentimentos, nosso método de influenciar outras pessoas.[2]

A psicoterapia é simplesmente uma conversação intencional que acontece "sob a orientação do terapeuta" que "desempenha o papel de um estranho competente, fazendo uso da influência que um ser humano exerce sobre o outro".[3] Essas conversas não são neutras em valores. Elas são estruturadas pelo olhar atento e interpretativo e pelas intenções das partes envolvidas. Tanto os "terapeutas" como os "pacientes" (os termos médicos para as partes envolvidas são altamente inadequados, mas ideologicamente úteis) tingem com as suas pressuposições cada palavra proferida, cada assunto escolhido para ser tratado na conversa. A boca fala do que está cheio o coração. A cada rodada da conversa, um procura influenciar o outro velada ou abertamente com seu ponto de vista. O que está errado e por quê? Qual o significado daquela experiência social? Como deveríamos interpretar os sofrimentos ou as bênçãos, as dificuldades ou os prazeres? Qual é o propósito da vida? O que é relativamente importante ou sem importância? Que definição de sucesso e fracasso estabelece o alvo para a conversa? Os diferentes diagnósticos da condição humana inevitavelmente exigem diferentes "palavras" de cura, com implicações diferentes e com a construção de respostas diferentes. Eles recrutam tipos diferentes de pastores-missionários. Freud envia um tipo de exército da salvação e Jesus, um outro.

Carl Jung descreveu um outro aspecto da dinâmica do aconselhamento.

> Os pacientes forçam o psicoterapeuta ao papel de sacerdote, esperando e exigindo que ele os liberte das suas angústias. É por isso que nós, os psicoterapeutas, precisamos nos ocupar com os problemas que, estritamente falando, pertencem aos teólogos.[4]

Os psicoterapeutas devem lidar com tais coisas porque os aconselhados cobram seus próprios direitos, forçam, esperam e exigem determinadas coisas. Isto é o que acontece de fato em toda a conversação de aconselhamento. Na visão de Jung, Jesus Cristo foi a resposta de ontem para a condição humana; mas Ele não está vivo e não tem relevância permanente. De fato, Ele não julgará os vivos e os mortos. As esperanças daqueles que aguardam ansiosamente a Sua volta são fúteis e fantasiosas – pessoalmente motivadoras, talvez, mas irrelevantes para curar as almas dos sofredores de todas as nações, tribos, línguas e povos. Para Jung, o hoje e o amanhã exigem novas respostas para os problemas antigos e permanentes que preocupam os teólogos como, por exemplo, significado e desespero, bem e mal, vida e morte, amor e ódio, confiança e medo. Jung propõe respostas diferentes para os

---

[2] Ibid, pp 187s.

[3] Sigmund Freud, "Some Character-types Met with in Psychoanalytical Work" em *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (London: Hogarth Press, 1916, volume 14), p 312.

[4] Carl Jung, *Modern Man in Search of a Soul* (San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1933), p.241.

velhos problemas a que todas as conversas de aconselhamento se referem.

Os psicoterapeutas atuam na qualidade de "sacerdotes seculares", como os mais conscientes entre eles reconhecem abertamente[5]. Os praticantes das psicoterapias não são "cientistas" que estudam os assuntos com imparcialidade fria nem "médicos" que tratam de psicopatologias nem "técnicos" do conteúdo mental, do estado emocional e dos hábitos comportamentais. Pelo contrário, os profissionais da saúde mental atuam necessariamente como profetas-teólogos, que definem a natureza humana e o significado da vida e colocam Deus de lado. Eles atuam necessariamente como sacerdotes-pastores, que costumam pastorear a alma humana levando-a a encontrar refúgio nela mesma, em outras pessoas e em medicação psicoativa, visto que constroem um universo sem o Deus vivo e Cristo. Atuam necessariamente como anciãos, que dirigem as instituições para a atual cura de almas: clínica, consultório, seguradora, departamento de graduação e pós-graduação, rede de referência, coluna de jornal, livro de auto-ajuda, programa de entrevistas na TV, registro profissional. Que tipo de atividade estas "autoridades", "especialistas" e "profissionais" em aconselhamento realmente exercem? O trabalho da igreja.

Como a igreja tem respondido às redefinições seculares das idéias, práticas e instituições que tentam curar as almas? A igreja tem alimentado a prática de tomar por empréstimo e colocar-se como subordinada. Então, o que fazer para recuperar a centralidade de Jesus Cristo para ajudar as pessoas? Como aprender a praticar uma expressão radical de fé e amor, ao invés de se deixar ninar pela inércia do pecado? Lidaremos gentilmente com os pecadores, sejam eles ignorantes ou voluntariosos, oferecendo-lhes misericórdia e graça para ajudá-los em tempos de necessidade? Como encontrar significado, segurança e sustento nos próprios sofrimentos? Ofereceremos aos outros ajuda genuína e refúgio verdadeiro em seus sofrimentos? Como reconfigurar as relações de "ajuda" para serem instrumento da única sabedoria duradoura?

Recuperar a centralidade de Cristo e da Bíblia na cura de almas requer convicção posta em prática em conteúdos, habilidades e estruturas sociais específicos. A convicção? Jesus Cristo conhece de fato o que está dentro de nós. Todo o ser humano irá se submeter à Sua avaliação final. Sua visão é a verdadeira visão. Esse mesmo Jesus Cristo entregou-se por pessoas obstinadas, confusas e sofredoras. Ninguém e nada mais podem nos livrar do pecado e da miséria da nossa condição. Ele é por nós e está em nós para nos mudar. Sua Palavra, então, diz respeito a entender e ajudar pessoas. Os sofrimentos e as bênçãos, as necessidades e os recursos, as lutas e os pontos fortes de pessoas reais devem ser racionalmente definidos e explicados pelas categorias que a Bíblia usa para nos ensinar a ver a vida humana. Esses problemas devem ser revistos e tratados pelo uso da verdade graciosa e poderosa e dos meios efetivos e amorosos que Jesus nos apresenta e ensina a aplicar. A mente de Cristo olha a vida de modo diferente; as Suas palavras e as Suas obras apontam para uma direção diferente. O escopo dos propósitos explícitos e da suficiência das Escrituras inclui os relacionamentos pessoais que a nossa cultura chama

[5] Perry London, *The Modes and Morals of Psychotherapy* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1964), cap 7.

de “aconselhamento” ou “psicoterapia”. Essas afirmações e negações tentam definir e estabelecer o contorno de tais convicções.

Uma convicção por si só não vale muito. Ela pode acabar por se reduzir a um slogan ou um instrumento para sermos duramente defensivos. Mas quando as ramificações intelectuais e as implicações práticas se mostram perspicazes, amplas, flexíveis e eficazes, então as convicções são de valor concreto. A sabedoria no aconselhamento edificará o homem ensinável e persuadirá o cético. A igreja precisa persuadir. E a igreja precisa treinar pessoas para viverem e aconselharem o conteúdo de suas convicções. A cultura que nos rodeia também precisa de persuasão. Os assuntos levantados nessas páginas brilharão em todo seu esplendor somente quando forem adornados com um ministério humilde, terno, ousado e eficaz que realmente cure as almas.

Os objetivos desse artigo são necessariamente limitados. As afirmações e negações aqui reunidas não podem comunicar os inúmeros detalhes positivos do que significa aconselhar na graça e verdade de Jesus Cristo. Mas elas podem pelo menos servir como um início, uma articulação do que deve ser trabalhado profundamente em nossa fé e prática. Elas também estão abertas para críticas, debate e refinamento. Trata-se de uma proposta, o meu melhor esforço atual. Creio sinceramente que ela possa ser melhorada, sem perder nada de bom, mas ganhando muito.

Pecado ou Doença? O aconselhamento bíblico e o modelo médico

Edward T. Welch

O movimento de aconselhamento noutético[1] chamou a atenção pela sua posição contrária à psicologia secular, mas ele se caracteriza por muito mais do que isso. Ele sempre lutou contra a psicologia com uma das mãos enquanto construía alternativas bíblicas com a outra. Algumas vezes ganhou maior destaque pela oposição à psicologia secular do que por um desdobramento bíblico dinâmico, mas ambos os aspectos têm estado sempre evidentes de maneira adequada e proveitosa.

Os tempos estão mudando e precisamos reconsiderar onde está o perigo hoje. Há um novo vizinho nas redondezas. Mais poderosa do que a psicologia secular, a psiquiatria moderna, o novo usurpador, pode fazer o que quiser sem ser punida. Ela está abolindo gradualmente as noções de pecado e responsabilidade pessoal, de maneira muito mais efetiva do que a psicologia secular fez nas décadas anteriores, e tem declarado a Igreja como incompetente para "tratar" de quase tudo. Sua ameaça é tão real e potencialmente devastadora que a psicologia secular acaba sendo nossa aliada nessa luta! A American Psychological Association (Associação Americana de Psicologia) já canalizou milhões de dólares em esforços para conter a influência da American Medical Association (Associação Médica Americana) e o desejo desta de regular o exercício profissional dos psicólogos e também de todos os demais profissionais da área da saúde.

Tradução e adaptação de *Sin or Sickness? Biblical Counseling and the Medical Model*..
Publicado em *The Journal of Pastoral Practice*. v. X, n. 2, 1990. p. 28-39.
Edward Welch é diretor da área de aconselhamento da Christian Counseling and Educational Foundation.

[1] NdT Aconselhamento *noutético* é o nome que Jay Adams escolheu na década de 1970 para identificar o aconselhamento bíblico. Em um contexto em que o aconselhamento cristão estava fortemente influenciado pela psicologia orientada para o cliente de Rogers e pela psicanálise de Freud, Jay Adams chamou os conselheiros bíblicos a uma prática ministerial verbal e ativa que deve incluir diferentes aspectos reunidos no significado do termo grego *noutheteo* admoestar, exortar, confrontar, ensinar, informar, guiar, sempre praticados em bondade e amor (Rm 15.14).

Pessoalmente, embora eu encontre muitos aconselhados "psicologizados" cuja preocupação não vai muito além de um desejo de elevar a auto-estima, descubro que muitos daqueles que têm sido doutrinados no modelo médico da psiquiatria moderna são os mais resistentes ao aconselhamento bíblico. Com certeza, o egoísmo inerente ao pensamento psicológico é contrário à Bíblia, mas a psicologia secular ainda retém alguns vestígios de responsabilidade pessoal. Por outro lado, uma abordagem estritamente médica, que vê o problema como doença, não dá lugar à responsabilidade pessoal. Os aconselhados, influenciados por essa mentalidade, são rápidos em desculpar o pecado e rotulá-lo como doença.

Por que a igreja está relativamente silenciosa? Talvez não tenhamos ainda prestado atenção às implicações da psiquiatria que são contrárias à Bíblia. Pode ser que estejamos intimidados pela tecnologia, pelo vocabulário e pelo conhecimento da medicina, e nos sintamos incompetentes para oferecer uma crítica bíblica. Qualquer que seja a razão, a igreja costuma agir como se a comunidade médica fosse intocável. Como resultado, tanto a autoridade bíblica como o ministério efetivo ficam comprometidos.

DESFAZENDO UMA IDÉIA

Começarei por mapear o problema. Se quisermos responder a uma possível heresia, precisamos antes entendê-la.

O que é o modelo médico?

O evangelho da medicina moderna é que tudo se reduz ao funcionamento do corpo. Não há um aspecto espiritual, apenas a matéria. Nem mesmo se considera a idéia de que o homem vive perante Deus. Quando a matéria está "normal", tudo está bem e a intervenção médica não é necessária. Entretanto, quando os padrões ou comportamentos biológicos estão "anormais", então há uma doença. A palavra *doença* implica que a responsabilidade pessoal fica diminuída ou ausente e também que a medicina é o "provedor de serviços" exclusivo. Na verdade, do ponto de vista do modelo médico, qualquer intervenção não-médica seria considerada contrária à ética.

A primeira coisa que você precisa considerar na definição de doença é que a anormalidade inclui muito mais do que um nível baixo de glicose no sangue ou um nível alto de colesterol. O modelo médico ampliou seu quintal bem silenciosamente. Não mais limitado ao ambiente químico do corpo, agora ele inclui também qualquer comportamento fora do comum. Tudo, desde a desobediência aos pais até o assassinato (a menos que todos o praticassem, pois nesse caso seria normal), é agora uma doença, o que significa por definição que as pessoas afetadas não são responsáveis.

Do ponto de vista bíblico, existem problemas óbvios nesse modelo. O mais evidente é que o modelo médico ou a idéia de doença ignora o fato de que os seres humanos são uma unidade de duas partes: física e espiritual, corpo e coração. Sem dúvida, o modelo médico encontra um âmago de verdade no fato de que o corpo pode ter uma profunda influência sobre o coração. Por exemplo, uma disfunção cerebral pode afetar a habilidade de compreensão, limitar a expressão do coração e fazer com que a pessoa fique mais suscetível a ser tiranizada pelo pecado. Mas o corpo não é a fonte do pecado. Os problemas físicos não podem fazer com que uma pessoa seja pecadora nem obediente (cf. 2 Co 4.16). O iniciador moral é o coração. O corpo é tanto uma influência so-

bre o coração como também um instrumento para que o coração se expresse.

Do ponto de vista médico, também há problemas evidentes no modelo médico. Um problema obvio é que o termo *anormal* é ambíguo, enraizado na cultura, na opinião e no preconceito, não na ciência. O que é anormal para uma pessoa não é anormal para outra e o que é anormal em um país não é anormal em seu vizinho[2]. Portanto, não nos deve surpreender a revelação feita por um professor de psiquiatria da Universidade de Yale: "Se você consultar o DSM-III [o manual de diagnóstico da psiquiatria], poderá classificar cada um de nós sob um diagnóstico ou outro de transtorno mental".[3] Em outras palavras, o conceito de anormalidade é tão elástico e ambíguo que todos nós podemos ser rotulados de anormais. Isso pode soar uma semântica inofensiva a princípio, mas quando percebemos que a anormalidade é equivalente à doença e a doença é equivalente a uma responsabilidade reduzida, então se torna óbvio que o modelo médico está declarando guerra à perspectiva bíblica do homem.

Para ilustrar a aplicação do modelo médico, selecionei três áreas em que a medicina está invadindo com sua religião a arena dos conselheiros bíblicos.

O abuso de drogas e álcool visto como doença

Sem dúvida, a proeminência do abuso de drogas no país tem oferecido a maior contribuição para promover o modelo médico ou a idéia de doença. Apesar do modelo médico tratar de muitas outras questões, o abuso de drogas tem-se destacado. Pegue qualquer livro secular sobre abuso de drogas, especialmente aqueles que são populares; e verá que eles sempre começam com uma declaração de que o abuso de drogas ou de álcool é uma doença. Além disso, caso não aceite essa premissa, você é declarado um ignorante dos fatos:

> Talvez você não esteja ciente de que a dependência química é uma doença... É vital que você tanto entenda como aceite esse conceito... Você não pode culpar um dependente químico de ser quimicamente dependente.[4]
>
> As descobertas científicas acumuladas na década passada estão tendo um impacto maior sobre o público. Recentemente, uma pesquisa do Instituto Gallup descobriu que uma grande maioria dos adultos americanos está convencida de que o alcoolismo é realmente uma doença e não um sinal de apostasia moral. Nisso eles têm o apoio da Associação Médica Americana, que há 21 anos declarou formalmente que o alcoolismo é uma doença. [5]

---

[2] Por exemplo, a homossexualidade já foi considerada uma doença. Atualmente, mais por causa da pressão política do que pela evidência científica, não é mais uma anormalidade. Cf. K. M. Colby & J. E. Sparr, *The Fundamental Crisis in Psychiatry* (Springfield, IL: Thomas, 1983) e L. Payer, *Medicine and Culture* (New York: Holt, 1988).

[3] R. Slovenko, "The Meaning of Mental Illness in Criminal Responsibility," *Journal of Legal Medicine*, 5, 1984, p. 37.

[4] Y. E. Johnson, *Intervention: How to Help Someone Who Doesn't Want Help* (Minneapolis: Johnson Institute, 1986), 3.

[5] E. W. Desmond, "Out in the Open", *Time Magazine*, 30 de Novembro, 1987, p. 81.

Mas os fatos são menos amistosos do que os entusiastas do modelo médico gostam de admitir. Por exemplo, no âmago da idéia de doença está a perda de controle. As pessoas que têm uma doença são supostamente incapazes de controlar sua ingestão de drogas ou de álcool. "Um gole, um bêbado" é o lema. Mas a evidência que sustenta essa idéia é em grande medida o relato pessoal de alcoólotras: eles sentem que perderam o controle.

Do ponto de vista científico, essa conclusão é insustentável. Muitas das pesquisas atuais indicam que os alcoólotras exercem muito controle. Por exemplo, um estudo descobriu que alguns alcoólatras que pensavam estar bebendo álcool, mas que na verdade não estavam, beberam mais do que aqueles que pensavam não estar bebendo álcool, mas que na verdade estavam. Semelhantemente, muitos estudos realizados em hospitais indicam que os alcoólatras conseguem controlar o quanto bebem nos ambientes hospitalares, mesmo que expostos a situações que simulem um botequim. Trabalhei pessoalmente com alguns deles. Quase sempre eles vinham sóbrios para nossas sessões de aconselhamento, o que demonstra controle. Além disso, quando essas pessoas bebiam antes do aconselhamento, elas não chegavam a ficar intoxicadas, o que mais uma vez demonstra controle.

Outra linha de argumento para o modelo médico é a genética. A hipótese é que o alcoolismo é uma doença porque segue um padrão tradicional genético. E aqui existem algumas pesquisas que os conselheiros bíblicos devem considerar. A evidência sugere que os filhos alcoólotras tendem a ter chances três a quatro vezes maiores de se tornarem alcoólotras também, mesmo que eles tenham sido adotados por lares de pessoas que não bebem.[6] O estudo de referência foi realizado na Dinamarca reunindo dados de 5.483 pessoas que foram adotadas em idade precoce. Ele revelou que os filhos de alcoólatras que foram adotados por outras famílias tinham uma probabilidade três vezes maior de se tornarem alcoólatras do que os filhos adotivos cujos pais biológicos não eram alcoólatras. Um estudo similar, com dados colhidos na Suécia, teve resultados semelhantes:[7] meninos adotados cujos pais biológicos eram gravemente alcoólatras tiveram 20% de incidência de abuso de álcool comparados a 6% de meninos adotados cujos pais biológicos não eram alcoólotras. Quando a mãe biológica era alcoólatra, a taxa era até maior: 28% dos filhos adotivos abusavam de álcool. As taxas para meninas eram semelhantes, porém inferiores. As filhas de mães biológicas alcoólatras, mas adotadas por lares não de alcoólatras, tiveram uma taxa de incidência de 11% de abuso de álcool comparada a 3% daquelas cujas mães biológicas não eram alcoólatras. Outra evidência genética sustenta o argumento. Apesar de todos os estudos precisarem de mais confirmações, há sinais de que os indivíduos com parentes alcoólatras têm diferenças fisiológicas sutis, mas significativas, que não se manifestam naqueles sem parentes alcoólatras.

O que a comunidade cristã deve fazer com esses dados? À primeira vista,

[6] O. W. Goodwin, F. Schulsinger, L. Mermansen, S. B. Guze & G. Winokur, "Alcohol Problems in Adoptees Raised Apart from Alcoholic Biological Parents", *Archives of General Psychiatry* 6, 1973, p. 57-61.

[7] M. Bobman (1978), "Some Genetic Aspects of Alcoholism and Criminality: A Population of Adoptees", *Archives of General Psychiatry*, 35, 1978, p. 269-276.

eles parecem confirmar a hipótese de que um gole leva a uma perda irreversível de controle naqueles que são geneticamente predispostos a isso. Mas existem dois problemas com essa hipótese: um bíblico e um científico. Do ponto de vista bíblico, podemos aceitar como verdadeiro que o álcool afeta indivíduos diferentes de maneiras diferentes e que alguns podem ser mais propensos a serem seduzidos por ele. Isso, porém, é igual para qualquer pecado. Alguns podem lutar com desejos homossexuais, outros com inveja, fofoca ou mentira. Essas tendências certamente não significam que o autocontrole seja impossível ou que a responsabilidade pessoal seja menor. Elas simplesmente significam que devemos ser ainda mais vigilantes quando estamos em uma situação em que o pecado pode ser provocado.

A pesquisa secular apóia essa posição bíblica. O fato de que as porcentagens de abuso de álcool em parentes biológicos é menor do que 100% indica que outros fatores exercem influência. De fato, uma vez que a contribuição genética é por volta de 30% no máximo, o maior volume de contribuição vem de fatores não-genéticos. Na verdade, a própria pesquisa usada para provar o modelo genético acaba por refutá-lo.

Existem muitas outras evidências contra a aplicação do modelo médico à embriaguez,[8] mas acrescentar evidências não vai diminuir o avanço do modelo nem ganhar causa para as Escrituras. O modelo médico apareceu bem antes de qualquer evidência de apoio. Como você talvez já esteja adivinhando, a pesquisa não é definitivamente a base para o modelo médico; pelo contrário, esse modelo encontra suas bases na política, na cultura e na religião secular. Tentar usar evidências para argumentar contra o modelo médico nem sempre é a melhor estratégia, pois o modelo médico do abuso de álcool não está fundamentado em evidências.

A idéia de doença domina o campo do aconselhamento do abuso de substâncias porque isso agrada aos usuários de drogas. Parece combinar com as experiências pessoais muito melhor do que qualquer outra perspectiva. Os alcoólatras sentem o alcoolismo como algo que eles têm. É como se algo os dominasse quando estão bebendo – não o tempo todo, mas o suficiente para que se sintam vítimas.

O aconselhamento bíblico, assim como a igreja evangélica em sua maioria, tende a ignorar essas experiências ao pregar o que os viciados deveriam ou não sentir. Como resultado, a igreja tem perdido muitos alcoólotras e usuários de drogas. Entretanto, a igreja tem à sua disposição nas Escrituras princípios que se ajustam à experiência de abuso de drogas. Na verdade, os bêbados estão fora de controle. Sua experiência é uma taxação exata da verdade. Por um lado, está claro que o pecado da embriaguez é um prazer egoísta, rebelde, sensual – o pecador está no controle. Mas há um outro lado do pecado, que tende a ser negligenciado: pecado também significa estar fora de controle, dominado, cego, confuso, atordoado, em sofrimento. O idólatra é simultaneamente alguém de dura cerviz, ou rebelde, e também um escravo. Os viciados vivem ambas as experiências: sentem-se culpados porque sabem que seu prazer egoísta é errado e reconhecem como ele prejudicou outras pessoas, mas também sentem que sua força de vontade não é grande o suficiente para vencê-lo. Mes-

[8] H. Fingarette, *Heavy Drinking: The Myth of Alcoholism as a Disease* (Berkley: University of California, 1988).

mo que eles queiram parar de beber, às vezes eles o fazem "contra a própria vontade". Sentem-se presos por algo maior do que eles mesmos. Alcoólatras Anônimos captou esse paradoxo ao encorajar as pessoas a confiarem em uma "força maior", que geralmente é o próprio grupo de Alcoólatras Anônimos. Isso resulta na substituição de um ídolo por outro. As Escrituras, entretanto, explicam que o autocontrole é fundamentalmente uma obra libertadora do Espírito e vem por meio da fé em Jesus.

Essa revisão breve e panorâmica da aplicação do modelo médico ao abuso de álcool revela que o modelo está crivado de problemas tanto do seu próprio ponto de vista como do ponto de vista das Escrituras. Também indica que as Escrituras oferecem um modelo mais abrangente que leva em conta as observações paradoxais dos alcoólatras. Na realidade, a Bíblia provê o único modelo que leva em conta tanto o aspecto egoísta como o aspecto escravizador da embriaguez.

A ira vista como doença

O segundo exemplo da expansão do perímetro do modelo médico é menos conhecido, mas igualmente lastimável. Seu apetite insaciável inclui agora a raiva e as expressões fortes de ira. Isso é particularmente desafiador, pois os conselheiros bíblicos estiveram sempre persuadidos de que a ira era tratada exaustivamente nas Escrituras. Se algo está dentro da competência do aconselhamento bíblico, é a ira.

A aplicação do modelo médico à ira teve início com uma serie de experiências com animais. Os pesquisadores descobriram que quando estimulavam eletricamente certas partes do cérebro animal, eles podiam provocar uma resposta raivosa. Com a semente plantada, os clínicos acabaram por transportar essa informação para o consultório e uma nova doença nasceu. Começou-se a fazer uma conexão entre a ira explosiva em seres humanos e as lesões anatômicas descobertas nos estudos em animais. Mais uma vez, o ponto-chave estava na perda de controle. Partidários do modelo médico persistem em rotular as experiências que parecem involuntárias como um indicador de anormalidades físicas. Portanto, a nova doença é "caracterizada por ataques recorrentes de raiva incontrolada, geralmente com uma provocação mínima e, com freqüência, completamente inadequados."[9] As pessoas costumam dizer: "Eu não sabia o que estava fazendo". Um conhecimento médico geralmente aceito em nossos dias é que certa violência é resultado de pequenas crises em determinada parte do cérebro e essa nova doença é chamada síndrome do descontrole episódico (ou raiva límbica).

À semelhança do que vimos com o alcoolismo, os argumentos contra essa posição vêm dos pontos de vista tanto científico quanto bíblico. Do ponto de vista científico, alguns neurologistas perguntam por que, em seus muitos anos de experiência, eles nunca viram um caso de descontrole episódico enquanto seus colegas que pesquisam o problema o vêem em todo lugar! Mais importante, o descontrole episódico está geralmente associado a um controle aprimorado: as pessoas afetadas quase sempre têm seus "ataques" na privacidade de suas casas, diretamente sobre os membros da famí-

[9] F. A.Elliot, "The Episodic Dyscontrol Syndrome and Aggression", *Neurologic Clinics*, 2, 1984, p. 113. Veja também F. A.Elliot, "Propranolol for the Control of Belligerent Behavior Following Acute Brain Damage," *Annais of Neurology*, 1, 1977, p. 489-491.

lia. Além disso, na maioria dos casos, não há evidência de qualquer anormalidade cerebral. A teoria é que se não há controle, deve haver um problema cerebral, mesmo que um problema cerebral específico não possa ser encontrado. A prova é a teoria (o modelo médico), não a evidência.

Do ponto de vista bíblico, há dois problemas básicos com o diagnóstico de doença. Primeiro, embora as experiências com animais possam ser úteis e provocativas, existem diferenças significativas entre um homem e um animal. As pessoas são criadas à imagem de Deus e têm uma dimensão moral para suas vidas que os animais não têm. Os animais não receberam uma ordem de Deus para obedecer e não pecar por meio de sua ira, mas as pessoas sim. Existe um limite do quanto de informação pode ser transportado de estudos com animais para seres humanos. Segundo, a ira violenta é uma questão do coração, não do corpo. Um corpo cheio de disfunções pode limitar a expressão do coração, prover ocasiões para o pecado ou deixar o coração mais vulnerável a ser tiranizado pelo pecado, mas os problemas físicos não podem fazer com que uma pessoa se entregue irresistivelmente à ira pecaminosa.

Há uma outra informação relativa à síndrome do descontrole episódico que é relevante aos conselheiros bíblicos: a medicação (Propanolol, Tegretol) ajuda algumas pessoas que lutam com uma ira violenta. Ela não ajuda todas as pessoas iradas, mas alguns relatam que a violência deixa de ser uma resposta automática por causa da medicação.

Como os conselheiros bíblicos devem lidar com essa informação? Isso significa que a nossa teologia da ira está errada e que a ira é causada por problemas físicos? Não, nem um pouco. Isso significa que algumas pessoas podem ter uma conformação fisiológica que as faz mais vulneráveis à ira. Poderíamos fazer uma comparação com a síndrome pré-menstrual ou a hipoglicemia. Esses problemas físicos são conhecidos por dificultar o autocontrole e intensificar a batalha contra o pecado, mas eles não diminuem a responsabilidade pessoal. Em tais casos, as questões básicas, ou raízes, são questões do coração e o aconselhamento bíblico deve lidar com essas raízes, conduzindo as pessoas ao arrependimento, à fé e à obediência.

A medicação é biblicamente permissível? Sim, pois apesar de não poder mudar o coração, ela pode remover obstáculos fisiológicos. Portanto, uma abordagem bíblica de alguns tipos de ira pode incluir o encaminhamento para um psiquiatra ou neurologista para considerar uma medicação. As influências fisiológicas em casos de ira são muito raras, mas possíveis, especialmente se a ira aparece após uma lesão grave na cabeça.

A "doença mental" vista como doença

A terceira área em que o modelo médico domina são os chamado transtornos psiquiátricos como esquizofrenia, mania, depressão maníaca, ansiedade e depressão. Inicialmente, as doenças incluídas nessa lista eram bem poucas, no máximo esquizofrenia e mania, mas a cada década a lista cresce em progressão geométrica. Agora ela inclui quase tudo exceto brigas conjugais, e tenho certeza de que estas serão as próximas a serem incluídas.

Uma vez que as abordagens médicas para esses diferentes sintomas são essencialmente as mesmas, considerarei apenas a esquizofrenia. Existem certas

tendências que parecem incontestáveis sobre a esquizofrenia: [1] seus sintomas manifestam-se em todas as culturas conhecidas, [2] a genética tem parte em alguns dos sintomas e [3] a curto prazo, os sintomas costumam melhorar com medicação.[10]

A evidência genética é semelhante àquela associada ao abuso de álcool. A taxa média de incidência da esquizofrenia na população geral é de 0.5 a 1%. Em irmãos daqueles com sintomas de esquizofrenia, a taxa é muito maior – por volta de 10%. Em gêmeos fraternos, quando um dos gêmeos tem sintomas, a taxa de incidência de sintomas semelhantes no outro é de 14%; com gêmeos idênticos, a taxa é de 46%. Os estudos de adoção são mais convincentes: as pesquisas sugerem que entre os adotados com mães biológicas esquizofrênicas, mas mães adotivas não esquizofrênicas, 16% desenvolvem sintomas equivalentes a esquizofrenia. No entanto, assim como para os dados genéticos no abuso de álcool, as estatísticas tanto apóiam como anulam uma hipótese genética. Enquanto a evidência sugere que pode haver alguns fatores biológicos atuando, a maior porcentagem de sintomas é explicada por fatores não-genéticos. Além disso, as porcentagens estão contaminadas pelo fato de que os pesquisadores geralmente discordam acerca da presença ou não dos sintomas esquizofrênicos; e quando os pesquisadores ampliam a categoria para incluir sintomas "equivalentes à esquizofrenia", o diagnóstico passa a ser ainda mais suspeito.

Os estudos sobre medicamentos relativos à esquizofrenia comparam-se àqueles relativos à síndrome do descontrole episódico. Isto é, apesar da evidência de anormalidades biológicas subjacentes ser na melhor das hipóteses incerta, os medicamentos eliminam alguns dos sintomas mais ostensivos tais como alucinações, pensamentos irracionais e confusos. A diferença no caso da esquizofrenia, no entanto, é que os medicamentos não são anunciados como um tratamento para comportamentos pecaminosos.

A esquizofrenia levanta questões singulares entre as quais a mais significativa é que, à diferença do alcoolismo e das explosões de ira, a esquizofrenia em si não é um pecado. Examine a lista de possíveis sintomas: delírios, alucinações, discurso desorganizado, comportamento amplamente desorganizado ou catatônico, afeto embotado ou inadequado. Não se trata de pecados. Eles podem fazer com que uma pessoa fique mais propensa a pecar, mas eles não são pecaminosos e não reduzem a responsabilidade moral. Além do mais, apesar desses sintomas poderem ser desencadeados pelo pecado, eles também podem aparecer sem razão aparente. Em tais casos, são atribuíveis a um enfraquecimento do corpo. Como experiências físicas, o Senhor pode usar tais sintomas para fortalecer Seu povo; aqueles que os experimentam têm lembretes de que tudo pertence a Deus, até mesmo a racionalidade.

Portanto, embora possamos concordar com a medicina secular que alguns sintomas esquizofrênicos podem aparecer como resultado de idiossincrasias biológicas, nossa visão é muito maior quando reconhecemos que alguns episódios podem ser desencadeados pelo pecado. Mas independentemente da causa primária ser pecado ou doença, os sintomas não podem impedir a pessoa de obedecer ou crescer em Cristo.

[10] Há evidências de que a medicação não é útil quando tomada por longos períodos.

CONSTRUINDO

Depois de rever alguns dados médicos e os problemas a eles associados, é hora de construir um ponto de vista bíblico que seja superior aos modelos da medicina secular. Devemos fazer mais do que simplesmente condenar a heresia do modelo médico; devemos permitir que ele estimule em nós como resposta a construção de uma teologia mais ampla e precisa. Tal tarefa é uma tremenda oportunidade para os conselheiros bíblicos. Existem lacunas no modelo médico. Ele simplesmente não pode acomodar a evidência disponível. A comunidade médica não entende como alguém pode ser responsável por um comportamento que ocorre sem intenção consciente ou parece estar fora de controle. Quando confrontados com esse paradoxo, os médicos simplesmente negam a responsabilidade humana embora a reconheçam freqüentemente na prática. A Bíblia, entretanto, expõe um modelo singular que leva em conta esse problema.

Esboço de uma teologia do corpo

Precisamos de uma teologia que seja ampla o suficiente para incluir as pesquisas médicas genuínas e também oferecer um guia bíblico e prático na questão da responsabilidade humana. Para conseguir isso, devemos fortalecer nosso entendimento tanto a respeito do pecado como da doença.

O conflito mais óbvio com o modelo médico diz respeito ao pecado; portanto, é naquilo que se refere ao pecado que precisamos reexaminar nossos fundamentos bíblicos. A medicina secular nega a depravação humana. As pessoas não são mais tidas como más; ao invés de más, elas são doentes ou anormais. Em lugar de ser punido ou pagar uma indenização, o criminoso é considerado como alguém que tem uma capacidade mental reduzida ou uma doença mental que deve ser tratada. Todos são vitimas; ninguém é culpado.

A resposta bíblica começa por reafirmar que todos os seres humanos são criaturas morais que vivem perante Deus. Isso é central para uma perspectiva bíblica dos seres humanos, mas é negado descaradamente pelo modelo médico. Apesar dessa rejeição, é impossível entender os seres humanos isolados de Deus. Todas as nossas ações, os pensamentos e relacionamentos, o trabalho e a recreação, certamente nossa vida por inteiro, é vivida perante Deus. Isso significa que somos moralmente responsáveis "pelo bem ou mal feito por meio do corpo" (2 Co 5.10). Mas devemos esclarecer que nossa responsabilidade mantém-se dentro de uma esfera em particular. Os princípios de responsabilidade bíblica não sugerem que somos responsáveis por sermos espertos, saudáveis ou até mesmo racionais. Eles indicam que devemos viver como pessoas de fé ao invés de incrédulos. Então, pela fé, devemos abandonar as obras da natureza pecaminosa e praticar a justiça. As obras da natureza pecaminosa incluem imoralidade sexual, luxúria, desejos maus, malícia, cobiça, ira, inveja, idolatria, alcoolismo e fofoca. As obras de justiça, fruto do Espírito, incluem paciência, amor, alegria e paz. Ambas as categorias são relativamente imunes ao declínio físico; a disfunção cerebral não é poderosa o suficiente para tornar uma pessoa pecadora ou justa. Isso vem do coração, não do corpo.

> [O coração] denota toda a alma do homem e todas as faculdades da alma, não de modo absoluto, mas à medida que elas todas são um único princípio de operações

> morais e atuam quando fazemos o bem ou o mal... o sujeito da lei do pecado é o coração.[11]

A resposta bíblica deve também incluir uma visão do pecado que explique o sentimento de perda de controle. Essa experiência inegável é o combustível real por trás da grande popularidade do modelo médico. O modelo médico a rotula prontamente como um sintoma de doença e essa conclusão faz algum sentido: nossa vontade não tem força contra a fraqueza física; não temos a escolha de evitar a doença. Para contestarmos a visão do modelo médico devemos reafirmar que há um aspecto em que o pecado está fora de controle. O pecado é mais do que uma decisão racional e consciente, mais do que um comportamento, e é preciso mais do que um ato de vontade para derrotá-lo. Ele é dissimulado, pega-nos de surpresa e deseja nos escravizar. A linguagem de Romanos 7.14-25 enfatiza essa inclinação do pecado para escravizar e vitimar [cf Gn 4.7]. Na realidade, a linguagem legal nessa passagem tem características que lembram a idéia de doença. Mas a Bíblia provê uma dimensão mais ampla para entender essa experiência. Primeiro, ela indica que a experiência da perda de controle de maneira alguma reduz a responsabilidade porque em nossa pecaminosidade somos simultaneamente escravizados e interesseiros. Segundo, a Bíblia determina uma visão muito mais radical da experiência ao dizer que nenhuma astúcia humana é suficientemente poderosa para restaurar uma pessoa que perdeu o controle. A fim de desarmar o pecado efetivamente, devemos ter algo mais poderoso do que a razão, a força de vontade ou um medicamento. Para que a verdadeira mudança ocorra, ela deve ser precedida por algo muito mais dinâmico: deve ser capacitada pela fé em Cristo. Apenas a fé em Cristo, enfim, pode quebrar as cadeias que prendem o homem natural.

Esses comentários bem básicos sobre a natureza do pecado são suficientes para descrever, diagnosticar e tratar a maioria dos sentimentos de perda de controle e escravização; eles providenciam *insights* sobre a natureza da responsabilidade pessoal. No entanto, mesmo rudimentares, eles não são freqüentemente ensinados nem entendidos. Se quisermos atacar o modelo médico em suas bases, eles precisam fazer parte do entendimento da vida cristã de qualquer leigo.

A outra categoria teológica que está insuficientemente elaborada no modelo médico é o conceito de doença. Não conseguimos perceber todas as diferentes facetas da doença. Certamente sabemos que pernas quebradas, declínio intelectual ou febre alta não são pecaminosos, mas somos menos perspicazes quanto aos problemas cerebrais incomuns. Por exemplo, algumas crianças podem não ser capazes de processar muito bem uma linguagem complexa. Portanto, se você lhes der uma ordem rápida ou duas instruções de uma só vez, elas podem ser incapazes de entender e obedecer. Mas o problema não é pecado nem doença. Outros problemas que têm sido vistos equivocadamente como pecado, mas na verdade são "fraquezas" físicas (em grego: *asthenia*), são a falta de atenção, memória fraca, alucinações e as experiências físicas de abatimento ou medo. É nessa categoria que a comunidade médica pode nos ensinar.

[11] J. Owen, *Temptation and Sin (*Evansville, IN: The Sovereign Grace Book Club, 1958), 170.

O modelo resultante, que inclui a evidência médica sem sacrificar uma perspectiva bíblica da responsabilidade pessoal, mostra o coração e o corpo em uma interação dinâmica (Figura 1) e permite várias possibilidades. Por exemplo, o pecado (proveniente do coração) pode fazer algumas pessoas se sentirem abatidas (corpo) como é retratado no Salmo 32. A experiência física de abatimento pode então influenciar o coração de tal maneira que o coração escolhe a falta de esperança em lugar da fé, e o ciclo pode se tornar uma espiral descendente. Outra possibilidade é uma pessoa ter uma doença que provoca experiências semelhantes à depressão (fatiga, desânimo, problemas de concentração). Essas experiências físicas podem influenciar o coração de tal maneira que ele fique mais suscetível a abandonar a esperança bíblica. Com certeza, o ciclo pode ser interrompido mediante arrependimento, fé e obediência; os sintomas físicos podem persistir, mas não têm mais o mesmo poder sobre o coração. O ciclo pode também ser afetado ao tratar os sintomas físicos com os recursos médicos disponíveis.



Figura 1. A Influência Cíclica Possível do Corpo e do Coração.

Esse entendimento dos aspectos físicos tem um impacto potencialmente amplo. Ele pode dar esperança àqueles que lutam com os problemas físicos – uma esperança de que não há uma fraqueza física capaz de denegri-los espiritualmente; eles podem ser espiritualmente receptivos e obedientes em meio ao declínio físico. Além disso, uma abordagem consistentemente bíblica nessa área pode ter um imenso valor apologético. Ela pode mostrar que a Bíblia é mais abrangente do que os melhores modelos da ciência médica. A Bíblia considera tanto as evidências médicas como as nossas experiências paradoxais.

O Aconselhamento Bíblico É Legalista?

Edward T. Welch

Uma das mais antigas tensões da vida cristã é entre a libertinagem e o legalismo. Por um lado, a libertinagem é convidativa. Muitos cristãos vivem versões moralmente descuidadas e descaradamente egocêntricas da vida cristã. Muitos ensinam uma graça barata, distorcendo o verdadeiro evangelho do Salvador que é o nosso Senhor. A vida da igreja libertina é descuidada quanto ao discipulado e alimenta a indulgência ao invés da autonegação. A libertinagem despreza as regras de Deus e exalta os desejos da carne — prazer, poder, liberdade, autonomia, entre outros. A carne resiste às leis de Deus e vive para fazer aquilo que quer.

Por outro lado, o legalismo oprime. Muitos cristãos vivem versões compulsivas e extremamente escrupulosas da vida cristã. Muitos ensinam distorções do verdadeiro evangelho do Senhor, isentas de graça. A vida da igreja legalista é autoritária e mal-orientada quanto ao discipulado; ela alimenta a fidelidade a códigos e padrões humanos como prova de salvação. O legalismo despreza a graça de Deus e exalta os desejos da carne — uma performance hipócrita, o perfeccionismo, a auto-expiação e o julgamento. A carne resiste ao evangelho de Cristo e vive para atuar de acordo com padrões humanos.

Os cristãos costumam oscilam entre viver como pecadores descuidados ou fariseus compulsivos. É provável que você conheça alguns cristãos que estão despreocupados com a santidade, absortos em si mesmos e olhando para Deus como o "garoto de recados de seus desejos inconstantes". Provavelmente, você conhece também cristãos que estão obcecados com suas próprias versões de santidade, absortos em sucesso ou fracasso — pessoal ou de outros — e em autodisciplina, olhando para Deus como um tirano que deve ser agradado. Você ainda conhece, provavelmente, cristãos que reúnem um pouco de

Tradução e adaptação de *Is Biblical-Nouthetic Counseling Legalistic?*
Publicado em *The Journal of Pastoral Practice*, v. IX, n. 1, 1992, p. 4-21.

Edward Welch é diretor da área de aconselhamento da Christian Counseling and Educational Foundation.

ambos os lados: eles vêem a vida cristã como um legalismo do qual não estão à altura e, portanto, desistem de tentar e passam a viver na libertinagem. O aconselhamento moldado nas Escrituras lida tanto com o legalismo quanto com a libertinagem. O conselho sábio proclama que o amor e a graça de Deus em Cristo, recebidos pela fé, produzem obediência.

A situação complica-se quando consideramos o cenário atual do aconselhamento. As psicologias de maior aceitação, que estão invadindo a Igreja, tendem à libertinagem de modo geral. Elas torcem a Bíblia para ajustá-la às "necessidades", desejos, anseios profundos e exigências de que Deus e Seu universo satisfaçam o ego. As psicologias "cristianizadas" tendem a resistir ao que elas interpretam como legalismo, ou seja, a qualquer tentativa de estabelecer a lei específica de Deus sobre os seres humanos.[1] Elas costumam definir o processo como "cura" ou "satisfação de necessidades", não arrependimento. Visto que o aconselhamento bíblico insistiu em afirmar que a vida cristã é caracterizada por fé, arrependimento e obediência, ele foi visto como legalista pelos psicólogos cristãos. Os conselheiros bíblicos perceberam com exatidão que o objetivo do aconselhamento deve ser produzir boas obras em obediência à vontade revelada de Deus. Isso tem sido freqüentemente mal-interpretado nas críticas dos psicólogos e identificado como legalismo. Essas críticas acusam que os conselheiros bíblicos não apenas falham na ajuda aos aconselhados legalistas, mas promovem, na verdade, o legalismo.

[1] Veja, por exemplo, *Graça de Deus e Saúde Humana*, de Harold Ellens (São Leopoldo: Sinodal, 1982).

Será que o aconselhamento bíblico é legalista? Será que o aconselhamento bíblico cria de alguma maneira aconselhados legalistas? Talvez a melhor resposta seja mostrar como o aconselhamento bíblico trata e ajuda os aconselhados legalistas.

Esse artigo considera três perguntas entrelaçadas. Primeiro, o que é legalismo? Segundo, como você aconselha os aconselhados legalistas? As respostas a essas duas perguntas permitirão responder a uma terceira questão: o aconselhamento bíblico é legalista?

Estudo de caso: Karen e seus supostos ajudadores

Karen é uma moça solteira de vinte e seis anos, que procurou aconselhamento apresentando um problema de depressão com longo histórico, datando da infância, mas que se intensificara nos últimos cinco anos. Proveniente de um lar cristão nominal de classe média, ela era a segunda de três filhos (com um irmão mais velho e um mais novo). Suas memórias mais freqüentes da infância eram de uma garotinha que tentava agradar ao pai, sem nunca conseguir. Uma lembrança particularmente viva era a do pai, um bebedor inveterado na época, batendo em Karen sem razão aparente enquanto ela se encolhia em um canto. No esforço tanto de agradar ao pai, como de parar com a surra, Karen começou a gritar "Papai, eu sou má, eu sou má", e a surra parou. Curiosamente, à medida que Karen relembrava aquele evento, ela percebeu como ele marcou seu estilo de vida. Muito de sua vida foi gasta aterrorizada pelo senso de que algo horrível aconteceria ou, então, envolvida na prática de um ritual de penitência quando ela sentia que não estava à altura do esperado.

Na adolescência, Karen depositou sua fé em Cristo e demonstrou certo crescimento cristão. Em seguida, ela foi para a faculdade de administração e se saiu muito bem. Durante a faculdade, Karen era uma trabalhadora dedicada, com padrões morais altos em todas as áreas da vida. Foi em seu primeiro emprego que os problemas apareceram. Embora ela fizesse bem o seu trabalho, algumas práticas não-éticas do seu supervisor imediato culminaram na demissão de Karen. No final, ela foi isentada de culpa e seu chefe foi demitido; entretanto, o incidente a jogou em uma espiral de depressão. O problema: ela se sentia um zero à esquerda caso falhasse em estar à altura das expectativas dos outros, e essas expectativas eram de que ela deveria ser um sucesso total no trabalho. Um problema secundário era que o dinheiro havia-se tornado uma maneira de obter controle, segurança e prestígio, e perder seu emprego significava uma perda temporária da renda. Em outras palavras, embora ela tivesse depositado sua fé em Cristo, muitas coisas competiam com a fé. Primeiro, a sua lei egocêntrica de que ela tinha que agradar a todos e todos tinham que estar satisfeitos com ela. Mas tanto Karen como seu chefe tinham violado essa lei, resultando em depressão e ira. Segundo, seu amor sutil pelo dinheiro e o senso de prestígio e segurança que o acompanhava. A perda da renda habitual ocasionou ansiedade e reforçou seu senso de fracasso e ira.

O pastor de Karen sugeriu que ela procurasse um psiquiatra cristão, que imediatamente receitou-lhe uma medicação anti-depressiva e a diagnosticou como "personalidade borderline". Operando com um modelo neo-freudiano e acreditando que os problemas eram muito profundos para um aconselhamento bíblico, o psiquiatra trabalhou durante meses com Karen para desenvolver uma transferência que pudesse ajudá-la na cura. Seu alvo era que pelo processo de transferência Karen chegasse a um novo senso de propósito à medida que fosse capaz de dizer basicamente: "Eu quero ser como meu terapeuta/pai". Karen, entretanto, não respondeu bem ao processo. Pelo contrário, ela se tornou cada vez mais irada com o psiquiatra, acreditando que ele a superestimava e que sua atuação era inútil.

Karen começou a procurar compreensão e ajuda em sua igreja. Lá, ela encontrou três diferentes tipos de conselheiros. Seus amigos mais próximos ofereciam-lhe bastante apoio e empatia. Eles a ouviam durante horas, aceitando sua ira e simpatizando com seus sentimentos de fracasso e depressão. Porém, sua depressão crescia ainda mais. Os "exortadores" da igreja também se envolveram. Eles ouviam o que Karen tinha a dizer, mas tentavam lhe dar instruções. Exortaram-na a ter mais fé e esperança, comparecer assiduamente à igreja e às atividades para solteiros, ser mais disciplinada na leitura bíblica e praticar a gratidão. Esse aconselhamento era formalmente coerente com o que se esperaria de exortação em um aconselhamento baseado nas Escrituras. Mas ele era simplista e falho tanto na profundidade bíblica como em passos específicos que ensinassem Karen a crescer na fé. Além disso, faltavam-lhe três ingredientes essenciais de um bom conselho: ele ignorou o coração exigente e legalista de Karen; ignorou Jesus e a centralidade do evangelho para motivar arrependimento e mudança, e também falhou ao fazer da mudança comportamental o fruto do arrependimento. A depressão e a ira de Karen apenas aumentaram.

A essa altura, um casal que havia sido muito influenciado pelos ensinos de libertação espiritual envolveu-se no aconselhamento de Karen. Eles sugeriram a Karen que seus problemas eram o resultado de uma batalha espiritual e lhe explicaram que somente expondo e expulsando os demônios haveria esperança de mudança. Marido e esposa tiveram duas longas sessões com Karen onde eles tentaram conduzi-la em uma batalha espiritual rumo à libertação. Essas sessões, entretanto, deixaram Karen confusa e mais deprimida.

Karen acreditava que sua única esperança seria o pastor, uma figura idealizada cuja aceitação paternal tornou-se uma corda de salva-vida. Karen via nele um deus, fundamentando sua identidade pessoal nas opiniões e na aceitação do pastor. No aconselhamento, o pastor evitou usar a Bíblia porque ele cria que a ênfase da Bíblia em obediência apenas aumentaria a culpa e o perfeccionismo de Karen, aprofundando sua depressão. Além disso, reconhecendo a dependência de Karen, sugeriu gentilmente que ela considerasse participar de um grupo de apoio para filhos adultos de alcoólatras e co-dependentes. Embora tenha participado do grupo de apoio apenas três vezes, ela começou a falar sobre suas "feridas interiores" e "necessidades de amor não satisfeitas".

O problema apresentado por Karen era depressão, mas a depressão não era a totalidade de sua experiência. Sua vida tornou-se cada vez mais cheia de ira e reclamações. Ela alternava entre se deixar consumir por um senso de fracasso pessoal e um senso de ira diante das falhas dos outros para com ela. Ela estava desanimada consigo mesma: "Eu fracassei". Ela estava irada com seus chefes: "Eles me traíram". Sua ira aumentava. O psiquiatra cristão nunca alcançou as expectativas dela. "Ele me superestimava e sua atuação era inútil". Ela ficou irada com a igreja local: "Eles pioraram a minha depressão e não entenderam o que eu estava passando". Nem o grupo de apoio nem o pastor ofereceram uma estabilidade suficiente. Finalmente, Karen tentou o suicídio usando uma medicação antidepressiva.

Após sua desintoxicação no hospital, Karen consolidou gradualmente uma nova lei. Inicialmente, a lei de Karen era razoavelmente pequena: as pessoas tinham que estar satisfeitas com ela. Se não estivessem, ela ficaria deprimida e irada. Agora, entretanto, sua lei tornou-se maior e mais exigente: "As pessoas devem satisfazer as minhas necessidades".

Uma confusão complexa de problemas. Karen experimentava um senso difuso de fracasso, ansiedade constante e depressão, um desejo de controle, uma ânsia insaciável por aprovação, uma convicção de que ela era extremamente necessitada, uma ira que podia se tornar raiva. Ela vivia em um mundo onde todos usavam uma máscara de seu pai (a quem ela queria tanto julgar como agradar). Ela estava constantemente irada e era crítica para com todos, exceto aqueles que ela transformava temporariamente em uma figura idealizada, cuja aprovação a ajudava a cumprir sua lei de ser perfeita e bem sucedida. Ninguém conseguia satisfazer suas expectativas. Além do mais, ela parecia fechar a porta para a maioria das questões espirituais ao dizer que, mesmo tendo lutas ocasionais, ela estava orgulhosa com o fato de que havia atravessado períodos difíceis com sua fé ainda intacta. Como resultado, Karen resistiu à maioria das sugestões de que havia raízes espirituais em seus problemas.

Resumindo, Karen apresentava um paradoxo peculiar. Por um lado, havia elementos dramáticos em sua história. Ela fora tratada duramente pelo pai: ansiou ser amada por ele, porém nunca recebeu amor. Ela havia sido traída em seu trabalho: trabalhou com afinco, mas foi demitida. Karen aprendeu como os modelos da psicoterapia e da psicofarmacologia explicavam e solucionavam seus problemas. A terapia reforçou a autopercepção de que ela era fundamentalmente necessitada e traumatizada; a medicação a deixou persuadida de que sua depressão era biológica. De fato, Karen havia sido abusada, traída e enganada. Mas sua história era mais do que tragédia. Havia também elementos de responsabilidade pessoal. Ela era uma mulher que colocou muitas exigências nos outros, em Deus e em si mesma. Karen era uma legalista orgulhosa.

Contra esse pano de fundo da natureza complexa dos problemas pessoais, das críticas ao aconselhamento bíblico e dos usos simplistas da Bíblia no aconselhamento, examinaremos o ensino bíblico sobre legalismo.

O tribunal de Deus e a bondade da lei

Para entender o legalismo precisamos entender a linguagem legal que a Bíblia usa e sua coerência com o funcionamento do coração humano. A metáfora do tribunal é uma das que predominam nas Escrituras. No começo do Antigo Testamento, somos conduzidos ao tribunal divino onde Deus fez um acordo legal ou aliança com o Seu povo. Deus disse: "Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus" (Ex 6.7). Esse acordo tinha certos requisitos. O povo deveria imitar a Deus e ser santo porque Deus era santo. A aliança legal também trouxe bênçãos e maldições. Se houvesse obediência, Deus prometia bênção e vida; se houvesse desobediência ou rebeldia, Ele advertia da morte.

Mas Deus, o Rei Divino, fez uma aliança diferente de qualquer outro acordo da antiguidade. Em um ato de amor sem precedentes, Deus prometeu tomar para Si as maldiçoes da infidelidade (cf. Gênesis 15, Isaías 53). Se houvesse desobediência, *Ele* pagaria o preço final. Deus proveria o cordeiro para ser sacrificado. Isso é exatamente o que Jesus fez. Por meio da sua "obediência passiva", Ele quebrou a maldição da morte para os pecadores. O tribunal de Deus tem um meio de punir o pecado e de perdoar ao mesmo tempo (Rm 3.26). Além disso, por meio de sua "obediência ativa", Jesus cumpriu a lei em nosso favor. O tribunal de Deus tem um meio de nos dar a excelência — o desempenho de Jesus.

Essas promessas amorosas e graciosas certamente não aboliram a lei. Pelo contrário, elas destituíram a lei do seu poder condenatório sobre os pecadores comprados pelo sangue do Cordeiro de Deus. Elas deram ao povo de Deus a liberdade de seguir a lei de todo coração e sem medo. Mas os usos da lei bíblica foram rapidamente distorcidos. Desde que Deus estabeleceu Sua aliança graciosa, as pessoas têm preferido olhar para a justiça que vem de manter a lei ao invés de olhar para a graça. Temos um instinto farisaico de colocar de lado "os mandamentos de Deus" e segurar as "tradições dos homens" (Mc 7.8). Identificado como "obras da justiça" ou "legalismo", esse é um exemplo de como o pecado toma posse de algo honrado e santo (a lei) para transformar em um veículo de auto-adoração.

Significados diferentes têm sido atribuídos à palavra "lei", o que requer que sejamos cuidadosos ao definir aquilo de que

estamos falando. "Lei" é um termo bíblico, que pode ter uma aplicação louvável ou abominável. Quatro diferentes significados do termo se destacam. Primeiro, "lei" refere-se à lei moral, universal e permanente. Resumida por "ame a Deus e ao seu próximo", essa lei é algo santo e bom porque revela o caráter de Deus e Seu conselho sábio e verdadeiro. Assim, o salmista diz: "Com efeito, os teus testemunhos [leis] são o meu prazer, são os meus conselheiros" (Sl 119.24).

Segundo, a "lei" é o tutor que nos leva a Cristo. Ao revelar o caráter e o conselho de Deus, a lei revela o caráter do homem: "De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé" (Gl 3.24). Sem a lei, teríamos apenas uma vaga consciência da santidade de Deus e da nossa pecaminosidade. Sentiríamos pouca necessidade de um salvador. A lei deixa claro o nosso fracasso e nos leva a encontrar nossa justiça somente em Cristo.

Um terceiro uso do termo "lei" diz respeito ao cerimonial mosaico cumprido em Jesus. Essa é uma variação do tema da lei como tutor. As leis cerimoniais, tais como o sistema de sacrifício e a circuncisão, enfatizavam a santidade de Deus, Seu ódio pelo pecado e Sua misericórdia. Elas prefiguravam o Sumo Sacerdote, que faria um sacrifício final pelo pecado e a circuncisão do coração. Quando Jesus completou Sua expiação pelo pecado, o propósito daquelas leis concretizou-se. As leis cerimoniais foram abolidas em Cristo.

Um tribunal de nossa autoria: o legalismo orgulhoso

Um quarto e último uso da palavra lei é como sinônimo de legalismo. É a prática insidiosa de usar a lei como uma forma para atingir a justiça própria e merecer algum grau de favor divino. A base do legalismo é o desempenho humano: "Eu posso fazer isso". A fórmula do legalismo, que geralmente aparece só na prática e não em uma crença declarada, é "justificação = fé + lei". No contexto de Gálatas, a fórmula era "justificação = fé + circuncisão" (cf. Gl 5.2,4).

À primeira vista, a repugnância do apóstolo Paulo por esse mau uso da lei é assustadora. Afinal de contas, os legalistas têm um bom desempenho e suas vidas são raramente pontuadas por imoralidade grave. Ainda assim, Paulo afirmou, sem equívocos, a inadequação total da lei como forma de salvação. Em Gálatas, após uma breve saudação, ele logo acrescentou: "Eu estou espantado com o que vocês estão fazendo". Quanto aos pregadores da circuncisão, ele gostaria que "se mutilassem". Por que Paulo considerou o legalismo tão ofensivo?

A indignação de Paulo surgiu do seu discernimento quanto às maquinações do coração legalista. A pressuposição implícita do legalismo é que, na verdade, temos alguma justiça inata, como se fôssemos moralmente fracos ao invés de rebeldes incorrigíveis que necessitam de graça. Apesar de ser sutil e às vezes ter um aspecto muito religioso, há uma profunda arrogância no coração legalista. Portanto, não deve nos surpreender que o apóstolo Paulo denunciasse duramente o legalismo. Entendendo a corrupção do pecado em sua plenitude e apreciando a expiação definitiva de Jesus, ele não poderia tolerar o orgulho que presume que podemos trabalhar pela nossa justiça. Ele deixou claro que estar firmado em Cristo *e* em nossas próprias obras não proporciona firmeza alguma e não passa de um eufemismo para justiça própria.

O orgulho ateou a depressão de Karen. Por trás do seu senso de fracasso

estava a expectativa traduzida por "Eu posso fazer isso". Embora ela continuasse a proclamar sua fé em Cristo, na prática Jesus era um acréscimo ao seu senso pessoal de mostrar-se à altura da lei. Ela buscou propositada e instintivamente adicionar sua obra à obra completa de Cristo. Entretanto, seu novo e distorcido sistema legal era muito diferente da lei de Deus. Para que fosse possível cumprir a lei, Karen a reduziu a um código comportamental a ser seguido, divorciado da fé dependente em Deus. Ela reconfigurou o tribunal divino. Na função de legislador, Karen estabeleceu uma série de padrões funcionais: ganhar certa quantia de dinheiro, ser respeitada profissionalmente, ser cortês mesmo estando muito irada com a outra pessoa, ser apreciada pelos outros e assim por diante. Karen também incluiu a lei bíblica, mas sua reconfiguração dos Dez Mandamentos e da lei do amor a convenceu de que o seu desempenho estava conforme o que Deus tencionava.

O legalismo, entretanto, complica nossas vidas imensamente. O tribunal deturpado, onde nós somos os legisladores, não nos permite sermos legalistas "bem-sucedidos" para sempre. Karen não podia nem estar à altura de suas leis. Ela permanecia condenada; ela era uma fracassada. Com o verdadeiro evangelho relegado a uma condição de mero expectador, Karen descobriu um outro princípio em seu tribunal: "Se eu falhar, eu suporto ou eu conserto. Eu devo pagar pelos meus próprios pecados e fracassos". No novo tribunal, em lugar do arrependimento que confia na misericórdia da cruz, o fracasso deve ser acompanhado por uma penitência centrada no homem. No caso de Karen, a própria depressão se tornou uma forma de penitência. Isto é, ela consertaria seu fracasso pelo sentimento de desespero. Miller comentou com perspicácia a penitência em nossos dias.

> A penitência não é meramente um sacramento da Igreja Católica Romana. Pelo contrário, é uma atitude religiosa profundamente enraizada no coração humano que motiva os homens a tentar pagar pelos seus próprios pecados por meio de suas boas obras e sofrimentos.... O homem que faz penitência está tristemente equivocado. As coisas não podem dar certo para ele. Ele não pode pagar pelos seus pecados porque envenena todos os belos dons de Deus....Em seus sentimentos mais secretos, ele é orgulhoso – infinitamente orgulhoso – talvez sem ter a menor idéia de seu problema básico.[2]

A penitência é o princípio operante central no tribunal do legalismo.

O legalismo não traz apenas implicações pessoais, mas também sociais. Por exemplo, o princípio "se eu falhar, eu pago" é seguido de perto por "se você falhar, você paga". Dessa forma, Karen sancionou um julgamento em forma de depressão para ela mesma e um julgamento em forma de ira para aqueles que falharam com ela. Ela acreditava que os outros eram devedores para com ela: seu pai devia-lhe amor; seu chefe devia-lhe um pedido de desculpas, seu psiquiatra devia-lhe uma terapia perfeita e sua igreja devia-lhe aceitação, entendimento e aconselhamento perfeitos. Uma vez que a lei estava constantemente na mente de Karen, pronta para julgar, ela era aplicada como regra também nos relacionamentos pessoais. De fato, a autorização para julgar os outros,

[2] Miller, C.J. *Repentance and Twentieth Century Man*, Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1980, p. 19-20.

especialmente seu pai, era a principal "gratificação" que tornava o legalismo tão atraente para Karen. Era como se Karen estivesse disposta a aceitar as dificuldades de viver sob a lei enquanto ela pudesse colocar os outros em uma posição semelhante.

Essas são as qualidades essenciais do tribunal reconfigurado, legalista: (1) o coração orgulhoso nega a obediência ativa a Cristo e diz: "Eu posso fazer isso"; (2) as leis de Deus são destituídas de seu poder ilimitado e novas leis são adicionadas; (3) a obediência expiatória de Cristo é substituída pela auto-expiação legalista que diz: "se eu falhar, eu pago", e (4) em lugar da ira de Deus como o verdadeiro Juiz, o legalista traz julgamento e ira sobre os demais, lembrando-os de que "se *você* falhar, você [me] paga". Esses princípios apareceram em todos os tribunais legalistas, desde os tempos do Antigo Testamento até o presente. Entretanto, parece ter havido algum desenvolvimento dessa tradição em nossos tempos psicologizados. Talvez estejamos testemunhando um desenvolvimento do legalismo judaico "religioso" para um legalismo secularizado.

Na nossa atual cultura psicologizada, aconteceu uma secularização da equação legalista. Muitas pessoas não reconhecerão a si mesmas na fórmula "justificação = fé+ _____", pois a justificação foi substituída por um contentamento psicológico. A justificação perante Deus tornou-se secundária a um desejo de significado, identidade, auto-estima, propósito, prazer ou felicidade. A fórmula foi reduzida a essa versão: "sentir-me bem comigo mesmo = desempenho pessoal ou a maneira como os outros satisfazem minhas necessidades". Isso certamente parece um eco distante do tema do legalismo do apóstolo Paulo. O legalismo antigo pelo menos queria a retidão diante de Deus! O novo legalismo secularizado quer a retidão diante de mim mesmo! Mas o diagnóstico bíblico e a dinâmica central são os mesmos. As pessoas ainda querem encontrar algo em si mesmas em que possam se gloriar e confiar.

No caso de Karen, ser justificada perante Deus para louvar Sua glória não era a motivação predominante. Embora sua profissão de fé subsistisse, ela se colocou em um papel central em todos os aspectos do drama do tribunal. Seu objetivo era ser respeitada, admirada e adorada pelos outros. Ela queria se sentir bem consigo mesma. Sua vida resumia-se assim: "Sentir-me bem comigo mesma = estar à altura de todas as leis (especialmente as minhas e as dos outros)". Com isso, seu tribunal deturpado estava completo. A voz de Deus não era mais claramente audível. A equação legalista dominava a vida de Karen.

O reino da escuridão

Uma das características mais notáveis do legalismo é ser imperceptível ao legalista. Os legalistas tendem a ser cegos ao próprio legalismo. As pessoas nunca procuram aconselhamento chamando o seu problema de legalismo obstinado; legalismo parece ser sempre o problema de outra pessoa ou de outra igreja. Em parte, trata-se do resultado da tendência legalista de seguir as leis de autoria pessoal. Por exemplo, Karen vê a si mesma como trabalhadora – e, de fato, ela é uma moça trabalhadora. Ela vê a si mesma como alguém que guardou a sua fé em circunstâncias difíceis – e, de fato, ela a guardou à medida que continua a declarar verbalmente sua fé em Cristo. Quando essas leis e outros estatutos possíveis de serem cumpridos passam a fazer parte do

nosso código, pouco a pouco chegamos a acreditar que somos pessoas moralmente boas que ocasionalmente fazem coisas más. Com esse fundamento, Karen não tem uma necessidade prática de Jesus. Ainda há uma outra razão para sua cegueira aparente. O que Karen e outros legalistas experimentam é uma escuridão que revela a natureza cegante e secreta do pecado.

A verdade é que o legalismo é uma praga que afeta a todos nós. Cada um de nós tem alguma tendência remanescente de "querer estar sob a lei" (Gl 4.21). O legalismo é uma "tentação que é comum ao homem" (1 Co 10.13). Ele não é eliminado por ocasião da conversão. Embora sejamos pecadores perdoados e capacitados para lutar contra o pecado, nossos pecados continuam a se manifestar. Uma forma persistente de pecado é procurar alguma justiça fundamental em nós mesmos, mesmo que seja só um pouco de justiça. A verdadeira lei e o evangelho estão em constante batalha com nosso desejo de glória pessoal que surge de uma justiça legalista. Implícita na graça que recebemos está a necessidade constante de nos humilharmos perante Deus (Mt 5.3). O orgulho residual que há em todos nós continua a estremecer diante dessa idéia.

Portanto, o legalismo está tecido na malha de todo pecador; todos nós vivemos em níveis diferentes de cegueira a ele. Como podemos vê-lo e nos arrepender? Freqüentemente, ele pode ser detectado ao notar algumas das suas conseqüências mais óbvias. Os legalistas podem reconhecer uma experiência à qual o apóstolo Paulo se refere como escravidão (cf. Gl 2.4, 5.1). Essa metáfora de escravidão pode inicialmente confundir à luz da postura de exaltação pessoal dos legalistas. Mas o uso que Paulo faz do termo *escravidão* lembra-nos de que o legalismo não é apenas uma rebeldia orgulhosa; é também uma servidão lastimável. Enquanto os legalistas reconfiguram a lei ao seu próprio gosto, embora sem um propósito deliberado, eles estabelecem um sistema ao qual eles mesmos devem servir. Karen *deve* ser agradável às outras pessoas... às pessoas desagradáveis! Isso é uma escravidão horrível. Além do mais, junto com as conseqüências das suas próprias leis, eles mantêm uma percepção, embora abafada, da natureza divina de Deus e uma consciência acusadora (Rm 1.18-29; 2.15). Vivem diante de um tribunal. Logo descobrem que estão cercados por padrões (deles mesmos, de outros ou de Deus) que eles nunca conseguem atingir. O pecado do legalismo engana; ele promete liberdade pela lei, mas ele nos mantém prisioneiros e nos escraviza; ele distribui miséria. Ficamos sozinhos, presos e tomados pelo medo (Rm 8.15). Conforme Gálatas mostra, o legalismo deixa-nos escravos ao invés de nos fazer filhos. Com essa perspectiva adicional do legalismo, os conselheiros agora têm duas perspectivas sobre os legalistas – eles são rebeldes e são escravos – e ambas as perspectivas são necessárias para que se tenha uma metodologia de aconselhamento repleta tanto de verdade como de compaixão.

À primeira vista, a escravidão pode não parecer uma boa maneira de explicar a experiência humana. Afinal, a maioria de nós nunca testemunhou a escravidão. Entretanto, nossa linguagem é salpicada de imagens de escravidão. Por exemplo, considere como as seguintes experiências associadas à escravidão estão presentes em nossa sociedade:

- O medo reina.

- A intimidade é impossível.

- Não se pode confiar em ninguém.

- Não há segurança nem esperança.

- A punição e a condenação assomam-se.

- O chefe nunca está satisfeito. Devemos ser orientados para o desempenho.

- Há um senso de impotência.

- A escravidão, na forma de vários vícios, sobeja.

- A dor pode ser evitada apenas por meio de algum escape (como as drogas).

- Você deve se associar às pessoas certas.

Note como a penitência, um dos princípios do legalismo, ajusta-se com facilidade ao contexto maior de escravidão. Os legalistas/escravos acreditam que devem pagar qualquer dívida de desobediência ou imperfeição. Como resultado, eles praticam a penitência em lugar do arrependimento. Na penitência, o orgulho toma várias formas, algumas das quais até parecem religiosas: remorso pelo pecado, depressão, fracasso proposital ou mesmo suicídio. No entanto, sua raiz ainda é o compromisso com a justiça-própria em lugar da fé depositada em Cristo.

A penitência, como a escravidão, também inclui o aspecto duplo do pecado. De um lado, a penitência prova a falsidade do coração que exalta a si mesmo e expõe o orgulho que crê na justiça pelas obras; mas por outro lado, a penitência é uma condição muito triste. Os penitentes estão cegos às verdades sobre eles mesmos e Deus.

Um modelo de legalismo

O legalismo é uma expressão universal de orgulho que opera de acordo com certos princípios e tem várias conseqüências. É a raiz para uma multidão de lutas modernas que encontram expressão no viver diário, contrariando as proposições teológicas declaradas. A figura 1 resume a natureza e as conseqüências do legalismo.

O legalismo contém dois aspectos. O legalismo "bem-sucedido" (n.1, Figura 1) diz "Eu estou OK". O legalismo "mal-sucedido" (n.2, Figura 1) diz "Eu não estou OK". Ambos costumam estar presentes. As pessoas encontram simultaneamente significado pessoal e justiça própria ao satisfazer os requisitos de suas leis distorcidas; também manifestam depressão, desespero ou falta de esperança à medida que sabem que não atingem os padrões dos outros ou a verdadeira lei de Deus.

Legalismo	Frutos do Legalismo
n.1 Eu tenho vivido à altura dos requisitos da minha lei (Mc 7:8). Portanto, eu mereço _____, e eu julgarei aqueles que não estão à altura.	Superioridade Ira Espírito crítico Perfeccionismo Autoconfiança
n.2 Eu não tenho vivido à altura dos padrões dos outros ou de Deus. Portanto, (a) as outras pessoas também não estão à altura, (b) eu farei penitência, e/ou (c) eu buscarei a afirmação dos outros e farei uma figura idealizada (isto é, um deus) daqueles que me afirmarem melhor.	Desespero Miséria Raiva Inveja Anorexia / Bulimia Medo do fracasso Temor ao homem Inferioridade "Co-dependência"

Figura 1 – Um Modelo de Legalismo

A lista de "frutos" do legalismo certamente não é exaustiva, mas realça as conseqüências comuns do legalismo moderno. Considere o perfeccionismo. Peça a um grupo de cristãos para lhe dizer como eles são como pessoas. Sem dúvida, você ouvirá "perfeccionista" como um traço comum. O significado pode variar. Por exemplo, perfeccionismo pode significar simplesmente que uma pessoa gosta de fazer seu trabalho o melhor possível. Freqüentemente, porém, é um resumo de uma crença legalista subjacente que diz: "Meu fundamento na vida é igual a fé mais obra sem erro (ou ser visto como alguém bem-sucedido)".

"Perfeccionista" pode ainda significar que eu sou muito exigente comigo mesmo e com outros ou altamente crítico do fracasso. Nesse caso, o perfeccionismo é apenas uma palavra moralmente neutra para legalismo. Como esse perfeccionismo poderia se manifestar? Sintomas comuns incluem transtornos alimentares e depressão.

O medo do fracasso é um outro sinal de legalismo. Na verdade, nenhum outro tema nas Escrituras descreve tão bem a experiência de medo do fracasso quanto o legalismo. O medo do fracasso aponta para uma preocupação com nosso desempenho e reputação. Ele revela uma teologia que diz: "Eu devo estar à altura do esperado para que eu possa encontrar significado pessoal em mim mesmo. Além disso, eu devo estar à altura do esperado para que os outros pensem que eu sou bem-sucedido".

A barganha sutil com Deus e a ira resultante também são sinais de que o orgulho do legalismo está à espreita abaixo da superfície. "Eu sou um dizimista fiel. Como o Senhor poderia deixar os meus negócios fracassarem? O Senhor está em dívida para comigo". "Eu irei ao campo missionário se o Senhor me der uma esposa". Essas declarações refletem uma crença subjacente de que as pessoas têm alguma justiça nelas mesmas com a qual elas podem barganhar com Deus.

As pessoas críticas são facilmente entendidas pelas lentes do legalismo. Tais pessoas reivindicam estar à altura de algum padrão legalista. Suas obras de justiça as colocam em uma posição em que elas se sentem autorizadas para julgarem os outros.

A idéia atual de "co-dependência" pode ser reformulada biblicamente como uma forma de legalismo. As pessoas co-dependentes são descritas como aquelas cujo autoconceito está ligado às opiniões dos outros. Em outras palavras, em seu orgulho elas devem fazer algo para encontrar uma identidade nelas mesmas, independentemente da graça de Deus. Como os fariseus, elas estão substituindo o evangelho pelo seu desempenho e pela aprovação humana.

A linguagem que usamos revela freqüentemente o legalismo. Por exemplo, considere as seguintes frases:

"Eu tenho o direito de _____".

"Eu dei duro para fazer o que é certo; não sei por que Deus permite esse sofrimento na minha vida".

"Eu o perdoarei quando ele começar a agir de maneira diferente".

Quase todas as vezes que você ouve essas expressões, o orgulho legalista é a força motivadora. As pessoas sentem como se tivessem algum direito adquirido. Elas acreditam que já satisfizeram os requisitos da lei e, como resultado, sentem-se no direito de julgar aqueles que falharam para com elas ou suas leis.

Uma outra linguagem reveladora comunica o senso de que algo ou alguém está acima da pessoa, julgando implacavelmente, sem conceder graça alguma.

"A vida é uma obrigação constante",

"Eu sou um fracasso",

"Eu não consigo estar à altura das expectativas dos meus pais",

"Eu não agüento a pressão",

"Estou cansado, pressionado".

Esses não são os únicos sinais que indicam a presença do legalismo. Com certeza, o legalismo pode ser um componente na maioria dos problemas espirituais. Suas possíveis manifestações são inúmeras. Mas quando essas experiências ou comportamentos estão presentes, os conselheiros perceptivos dirão que o diagnóstico bíblico de legalismo "parece certeiro"

e condiz com as experiências descritas. Esse diagnóstico provê um meio sob medida para conduzir os aconselhados a uma fé viva em Cristo e à liberdade para obedecer.

Um modelo de fé

Contraposta a esse pano de fundo, a fé destaca-se com todo vigor. A fé e seus sinônimos — o amor a Deus, a segurança em Deus, a confiança em Cristo, a obediência a Deus, o serviço a Deus e o temor do Senhor – opõem-se ao legalismo. O legalismo inclina-se para a autoconfiança, glorificação de si mesmo e autojustificação, enquanto que a fé centraliza a cruz de Cristo e o poder do Espírito Santo. A fé opõe-se aos esforços distorcidos da justiça legalista. Ela permite que a lei seja um tutor que nos conduz a Cristo. A fé está baseada no poder e no desempenho de Deus (cf. Rm 4.18-22). Ela se regozija com o fato de que todas as dívidas foram pagas na cruz e todos os padrões da lei foram atingidos por Jesus. Isso nos dá liberdade para vermos nosso pecado, arrependermo-nos e seguirmos em frente no poder do Espírito.

> A fé é o conhecimento que passa a ser convicção, e a convicção que passa a ser confiança. A fé não pode recusar um compromisso com Cristo, uma transferência da confiança em nós mesmos e em todos os recursos humanos para uma confiança somente em Cristo para a salvação... é o engajamento de uma pessoa com outra Pessoa, o engajamento do pecador perdido com a pessoa do Salvador capaz e disposto a salvar... não é simplesmente acreditar nele; é crer e confiar nele.[1]

A fé não é simplesmente uma outra forma de obras. Não somos salvos pela qualidade ou quantidade da nossa fé. A fé em si mesma não é a base ou a causa da justificação; ela simplesmente aponta para Aquele em quem a justificação repousa. Conforme Martinho Lutero escreveu em seu comentário de Gálatas, nós somos recipientes de uma "justiça passiva". A fé não deixa espaço para nos orgulharmos de nós mesmos e da própria fé. Além do mais, a fé em si é um dom de Deus; ela não surge dos nossos *insights*.

Da mesma forma que o legalismo e a escravidão andam juntos, a fé é companheira inseparável da liberdade e da filiação. A filiação é o contraste predileto de Paulo para a escravidão do legalismo. Aqueles que eram escravos da lei receberam agora "a adoção de filhos.... De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus" (Gl 4.5,7). A justaposição é dramática. A experiência de um filho adotivo inclui:

— Um relacionamento permanente caracterizado pelo amor;

— a aceitação baseada no desempenho de Cristo, não no nosso;

— perdão ao invés de retribuição;

— ser conhecido e entendido;

— a promessa de coisas maiores (uma herança eterna), que elimina a necessidade de uma preocupação com o futuro;

— transformação à imagem do Filho operada pelo Espírito que habita nos filhos de Deus;

Em contraste com a escravidão da penitência, o estilo de vida da fé/filiação é caracterizado pela liberdade do arrependimento. De fato, o arrependimento e a fé caminham juntos; ambos incluem dar as costas ao próprio eu e encontrar misericórdia somente em Cristo. A fé pressupõe uma dissuasão com respeito ao pecado e

uma ênfase na confiança em Cristo e Sua obra completa; o arrependimento pressupõe uma confiança em Jesus e uma ênfase na dissuasão com respeito ao pecado. Em contraste com a penitência, o arrependimento tem por motivação o senhorio de Jesus e como ponto final a pessoa de Jesus, nunca nós mesmos. Enquanto a penitência revela uma atenção centrada no próprio eu, o arrependimento é caracterizado por uma visão de Cristo que é maior do que a visão do nosso próprio pecado (cf. Is 6.1-8). E enquanto a penitência culmina em escravidão e miséria, o arrependimento culmina em alegria (veja Figura 2).

Fé	Frutos da Fé
Eu não estou à altura da glória de Deus; portanto, colocarei minha esperança em Jesus, o Único capaz de um desempenho à altura, em meu favor. Tratarei os outros como tenho sido tratado em Cristo. Eu não serei mais um legislador nem um juiz.	Liberdade Alegria Amor Paciência Bondade Domínio-próprio Humildade

Figura 2 – Um Modelo de Fé

Aplicações

Karen certamente se encaixa no quadro legalista. O conceito de legalismo reuniu seus sintomas de ira e depressão em um tema bíblico maior.

Como uma legalista bem-sucedida (n.1, Figura 1), Karen reformulou continuamente a lei até que ela se tornou um código aparentemente possível de ser cumprido: "Seja inteligente, cortês (mesmo que você odeie a pessoa), profissionalmente respeitada, financeiramente estável, responsável, bem vestida e dona do controle". O cumprimento dessas leis, dentro de um modelo comportamental, garantiu-lhe um senso de significado pessoal e afirmação por ter um desempenho à altura do esperado. Portanto, ela estava "autorizada" a ser altamente crítica e ficar irada com aqueles que não tinham um desempenho à altura do esperado.

Como uma legalista mal-sucedida (n.2, Figura 1), Karen viveu as conseqüências de seu pecado. Ela sabia que não estava à altura das leis de Deus, das suas leis ou dos padrões que as outras pessoas tinham estabelecido para ela (pai, professores, chefes, líderes da igreja etc). Em lugar de ir à cruz de Cristo, pela fé, e saber que a lei condenatória foi abolida, ela escolheu um caminho centrado nela mesma: (a) encontrou em seu fracasso a autoridade para julgar os outros; (b) usou sua depressão como forma de penitência ou auto-expiação; depressão era a sua expressão adulta de "Papai, eu sou má", de forma que tendo expiado seu fracasso por meio da depressão, ela poderia julgar os outros; (c) para "sentir-se bem consigo mesma", buscou sua identidade em outras pessoas. Aqueles que estavam prontos a lhe oferecer afirmação tornaram-se figuras idealizadas, ou seja, assumiram o lugar de Deus.

Como forma de lidar com a resistência de Karen para enfrentar a verdade, o conselheiro investiu tempo no entendimento de sua história. Sem dúvida, o pai de Karen havia pecado contra ela, e era importante que ela conhecesse a perspectiva de Deus a respeito dela como alguém que tinha sido oprimida ou vitimada. Na verdade, era algo novo para Karen descobrir que Deus vinha ao seu alcance como um Deus de compreensão e compaixão pelos aflitos, bem como um Deus que julgaria os pecadores com justiça. Isso começou a derrubar as suas perguntas acusatórias sobre a razão de Deus "permitir" o comportamento pecaminoso do pai.

A conversa moveu-se, então, para seu senso de fracasso e como Jesus já havia satisfeito as exigências da lei em seu fa-

vor. A essa altura, porém, ela parecia impassível. Na verdade, sempre que seu conselheiro falava da graça de Deus por ela, ela ficava absolutamente insensível, parecendo indiferente. Por que havia uma aparente frieza ao encarar verdades tão cheias de vida, especialmente em sua situação? Poderia ser que, na verdade, Karen não quisesse saber da graça? O conselheiro tentou propor essa consideração: "É possível que haja algo desagradável para você na graça de Deus? Às vezes parece que você a evita propositadamente". Imediatamente, em um flash de *insight* sem precedentes, ela respondeu: "Se eu crer realmente que Deus me perdoou, então eu devo perdoar meu pai – e eu não o farei". Em outras palavras, tomada pelo orgulho, Karen preferia viver sob a lei porque, embora a lei a levasse a uma profunda depressão, também a autorizava a julgar seu pai ou qualquer outra pessoa que não satisfizesse seu senso de necessidade. Ela conhecia as implicações de confiar em Cristo: seria necessário parar de brincar de Deus. Com esse *insight*, Karen sabia que sua batalha não era contra os sintomas da depressão. Sua batalha era contra seu próprio orgulho.

Karen começou a enxergar o legalismo disseminado em sua vida. Embora sua boca falasse que a justificação perante Deus era por meio da graça e pela fé, sua vida continuava falando de outro modo. De acordo com suas ações, ela afirmava: "vida verdadeira = atingir certos padrões e ser louvada por cumprir esses padrões". Ela viu que sua tendência natural constituía-se em abraçar a lei porque, em sua mente, apenas o seu desempenho de acordo com a lei poderia lhe dar significado pessoal. Nesse contexto de convicção de pecado, a fé começou a ter um significado central. Antes orgulhosa de sua fé, Karen agora percebeu que seus problemas vinham de uma falta de fé e a libertação poderia vir apenas se ela tirasse os olhos de si mesma e olhasse para Cristo.

Gradualmente, o aconselhamento revelou as obras de justiça que estavam por trás da depressão e da ira, levou Karen a encontrar a libertação pela fé e, em seguida, a caminhar rumo à obediência a Deus. Karen passou a reconhecer sua carência espiritual e a inclinação rebelde do seu coração; ela viu que sua depressão e ira eram essencialmente expressões legalistas do seu orgulho. Ela começou a se voltar para Jesus com confiança humilde e a abandonar seu compromisso de ser superior ao outros ou confiar em uma figura idealizada (um ídolo).

Em alguns casos, esses *insights* levam a mudanças rápidas e radicais. No caso de Karen, o processo foi mais gradual. Por exemplo, às vezes até mesmo o seu arrependimento do pecado era deturpado em uma estrutura legalista. Quando Karen elevou indevidamente o arrependimento à equivalência da obra de Cristo, sua crença funcional passou a ser: "Justificação = fé na obra completa de Jesus + meu próprio arrependimento". Resultado: o arrependimento foi transformado em penitência centrada no homem e a depressão veio logo a seguir. À medida que Karen se conscientizou dessa tendência, ela passou a ficar cada vez menos desanimada. Ela pôde perceber como seria o processo de sua santificação. À semelhança do que acontece com cada um de nós, sua caminhada na fé precisava de exortações diárias (de outros, dela mesma e das Escrituras) para estar ciente do engano do pecado, fixar seus olhos em Jesus e servir ao Senhor que a amava.

Houve também um outro bom fruto na vida de Karen. Ela passou a ser muito

menos crítica com seu namorado. Tornou-se rápida para orar quando o medo parecia esmagador; passou a buscar o perdão pela sua ira ao invés de justificá-la. Ela perdoou seu pai, os chefes e alguns conselheiros da igreja. Percebeu que havia julgado erradamente vários amigos da igreja, do passado e do presente, e começou a servi-los em amor. Finalmente, sua depressão foi substituída por fé, amor e alegria crescentes.

Resumo

Será que o aconselhamento de Karen foi legalista? Ele enfatizou obediência à custa da graça? Lidou superficialmente com as questões do seu coração, moldando um fariseu compulsivo? Creio que não. A *nouthesis* bíblica significa literalmente "colocar diante da mente" a Verdade de Deus que dá vida. Essa verdade ensina, convence e transforma os aconselhados licenciosos e legalistas em discípulos — homens e mulheres que vivem "a obediência que vem da fé" (Rm 1.5). Esse era o alvo com Karen. O aconselhamento bíblico providenciou uma estrutura bíblica que penetrou nas profundezas do coração humano. Ele definiu o legalismo como a tendência humana de manipular e distorcer a lei e o evangelho para atender nossos próprios propósitos. Suas muitas variações podem ser geralmente reduzidas à fórmula: "justificação a meu ver, aos olhos dos outros ou aos olhos de Deus = obra (no caso de incrédulos) ou fé + obras". A razão do legalismo é o nosso orgulho humano, enquanto que seu alvo é a justiça pessoal, defesa própria ou "valor pessoal".

O tratamento do legalismo começou por expor a natureza deturpada do tribunal de Karen e de sua perspectiva de Deus, da lei, dela mesma e de Cristo. Em seguida, ele apresentou Cristo como o objeto da fé verdadeira – o Senhor ressuscitado que pagou a penalidade uma vez por todas. Qualquer tratamento sem esse foco explicitamente cristocêntrico é legalista. Uma abordagem bíblica chama os legalistas a exaltarem a justiça de Cristo e a se arrependerem das estratégias para encontrar justiça própria. Em seguida, eles aprendem a obedecer à lei de Deus que é libertadora.

Sabedoria no Aconselhamento

Paul David Tripp

Imagine que você tenha em mãos um lápis e um pedaço de papel. Em cinqüenta palavras ou menos, escreva o que você pensa ser o propósito do aconselhamento bíblico. Você deve escrever o que pensa que Deus deseja realizar por seu intermédio no contexto do ministério pessoal. O que você está procurando fazer? Quais são os seus alvos e propósitos? Se tivesse que colocar isso no papel em poucas palavras, o que você diria?

Minha resposta a essa pergunta é: *O propósito do aconselhamento bíblico é nos transformar de estultos em sábios*. Quero dar seis princípios que ilustram a diferença entre a nossa estultícia e a sabedoria de Deus. Como pano de fundo para nossa conversa, considere estes versículos bíblicos:

> Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus....não foram chamados muitos sábios segundo a carne....pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios... a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus. Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria. (1 Co 1.18, 26, 27, 29, 30)

Se quisermos encontrar a sabedoria de Deus, precisamos olhar para esse quadro maior e tê-lo em mente ao lidarmos com os detalhes das lutas daqueles a quem nós aconselhamos.

Tradução e adaptação de *Wisdom in Counseling*. Artigo publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.19, n.2, Winter 2001, p. 4-13.Paul Tripp é diretor de Changing Lives International Atua como conselheiro e professor na Christian Counseling & Educational Foundation e como professor de teologia prática no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvânia.

Princípio nº 1: O pecado nos reduz a estultos.

Não se trata apenas de fazer coisas más, destruir as boas dádivas de Deus, estragar os relacionamentos ou ter dificuldade para encontrar a felicidade. Algo mais fundamental – a razão do caos e da destruição da vida neste mundo falido – está nas sementes de estultícia de Gênesis 3.6:

> Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu.

A tentativa humana de encontrar sabedoria longe de Deus é a fonte de toda estultícia. O fato é que não fomos feitos para sermos sábios independentemente de Deus. Trata-se de uma impossibilidade ontológica, como tentar assar um bolo em uma máquina de lavar roupas. Faremos uma bagunça! Ou como tentar lavar roupas em um forno. Provocaremos um incêndio! Apesar de todas as habilidades excelentes que o ser humano possui, ele nunca foi concebido para ser sábio por si mesmo. A queda está relacionada ao desejo de autonomia, uma sabedoria auto-suficiente que não busca a dependência de Deus. Romanos 1.18-19 trata o assunto de um ângulo diferente:

> A ira de Deus se revela do céu contra toda a impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça, porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou.

Em outras palavras, o plano divino está traçado de maneira tal que não conseguimos levantar da cama pela manhã sem dar de cara com Deus. Literalmente, Deus é o nosso meio ambiente.

É assim que Isaías 6.3 expressa essa verdade: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos, toda a terra está cheia da Sua glória". Nosso Deus é o Deus que fez os lírios delicados e os penhascos abruptos. Ele é o Deus que fez as rochas belíssimas. Ele é o Deus que sabia que os dedos funcionariam melhor se tivesses unhas. Ele é o Deus dos polegares, dos dedos do pé e dos ligamentos do pulso. Ele é o Deus que projetou a maravilha do olho humano com funções de tamanha precisão que toda a nossa tecnologia não consegue duplicar.

Estávamos no topo de uma montanha dos Alpes suíços, eu e minha esposa Luella. Lá em cima, a mais de três mil metros de altitude, havia uma geleira. Dessa geleira estava despontando a mais delicada das flores, uma florzinha amarela. Eu olhei para aquela flor e pensei: Como pode ser? Aquilo desafiava minha compreensão. Ela saiu de dentro do gelo. "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos, a terra inteira está cheia da Sua glória". Como poderíamos ignorar tal revelação? Deus criou o mundo dessa maneira para que não sejamos enganados por duas mentiras fundamentais.

A primeira mentira é a da autonomia, a idéia de que sou uma criatura independente que pode fazer o que bem entender, quando e com quem quiser. A vida me pertence. Vivo nesse mundo por conta própria. Que mentira terrível e perigosa! Uma das maiores mentiras da cultura ocidental. A segunda mentira é a da auto-suficiência, a idéia de que tenho em mim mesmo tudo quanto necessito para ser quem eu devo ser e fazer aquilo que devo fazer. Só preciso descobrir esses recursos e aprender a ser o melhor "eu" que posso ser.

Perceba que a criação é o meio que Deus usa para proclamar Sua autoridade,

Seu controle, Sua ordem, e a nossa dependência de forma tal que não caiamos na autonomia e auto-suficiência. O livro de Romanos expõe melhor essa idéia:

> Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. (1.21-22)

O pecado reduz-nos a estultos, e não estamos falando apenas dos incrédulos. Enquanto ainda guardamos uma natureza pecaminosa, existe uma tendência à estultícia em cada um de nós. Você concorda? É possível percebê-la no aconselhamento. Um homem com uma esposa dedicada e pai de três filhos pode jogar tudo isso fora por quinze ou vinte minutos de prazeres sexuais egoístas. Que estultícia tremenda!

Podemos ver a estultícia em nossos filhos. Você já teve experiências desse tipo. Por exemplo, seu filho o procura às dez e meia da noite, na noite anterior à entrega do projeto de ciências, e diz: "Pai, preciso da sua ajuda. Tenho um projeto de ciências para ser entregue amanhã." (Você não gosta disso?!). Indo direto ao ponto em que você nem gostaria de tocar, você pergunta: "Do quê você precisa?" Você sabe muito bem que esse trabalho foi passado muito tempo atrás. Seu filho responde: "Eu preciso de algumas folhas de papel cartão". Você acha que pode resolver isso. Há papelão na garagem e sempre se pode dar um jeito. E você pergunta: "O que mais é necessário?" Seu filho responde: "Preciso de canetas hidrográficas". Isso não é tão difícil. Se você cortar o fundo daquelas canetas antigas, pode recuperá-las colocando água. Então você pergunta: "O que mais é necessário?" E seu filho resmunga bem rapidinho: "Doze pintinhos". Você olha para o garoto e tem vontade de dizer: "Então os produza!". Você fica inconformado com a estultícia de ter esperado até à véspera da entrega do trabalho. Seu filho pensa que de alguma maneira você é capaz de materializar doze pintinhos para ele.

A mesma estultícia da procrastinação, todavia, reside também em nós. Como conselheiro, há ocasiões em que preciso fazer uma ligação telefônica difícil, mas me pego tentando racionalizar que não tenho tempo suficiente naquele dia para tal conversa. Deixo para o dia seguinte. Posso adiar o telefonema até que isso me cause problemas. Estamos diante da mesma estultícia, uma estultícia detectada em pequenos acontecimentos diários e em grandes decisões que têm implicações maiores. O pecado nos reduz a estultos, mas ainda assim queremos nos passar por sábios.

A estultícia não é apenas uma maneira de pensar, mas um estado do ser. Ela se expressa em tudo quanto diz respeito a nós. É a estultícia dos nossos desejos e propósitos e a estultícia das nossas emoções e dos pensamentos. É a estultícia que permeia cada fibra do nosso ser e nos dá um senso distorcido da realidade. A estultícia é um mundo de cabeça para baixo onde o que é mau parece bom, o que é digno não parece ser tão digno, e o que é saudável não é nem sequer interessante. Quem de vocês encerrou o jantar da noite passada com um prato de verduras?

> Relatos de assassinatos nos jornais e na televisão às vezes os descrevem com a expressão *sem sentido*... Mas por que, exatamente, *sem sentido*? Afinal, a menos que o assassino esteja altamente

> bloqueado em seu estado mental, o crime provavelmente fez sentido *para ele*. Ele estava tentando silenciar uma testemunha, ou vingar-se, ou expressar seu poder, ou extravasar seu ódio racista, ou estimular e satisfazer sua luxúria....Como pode um ato que faz perfeito sentido para o seu perpetrador se julgado insensato por observadores externos?...A verdade é que, quando pressionado, até o observador mais avançado abandona seu subjetivismo moral....e se junta ao resto de nós expressando choque, indignação e o julgamento metafísico de que um assassinato *não se encaixa neste mundo*....O assassinato de um ser humano não acontece como as coisas deviam ser. É um ato fora da ordem normal das coisas. É um ato insensato, sem sentido, porque não se encaixa no projeto do *shalom*. [1]

O aconselhamento deve lidar com todas as formas que o pecado usa para nos reduzir a estultos.

Princípio n° 2: Nossa estultícia é idólatra por natureza.

O estulto diz em seu coração: "Não há Deus". Estultícia é negar a Deus, removê-lO do Seu lugar. Toda vez que um ser humano tira Deus de Seu lugar, seja na teologia ou na prática, ele inevitavelmente passa a servir um deus substituto, visto que somos – por natureza – adoradores. Não é possível dividir os seres humanos em pessoas que adoram e outras que não adoram. Todo ser humano é um adorador e todos os atos expressam, de alguma forma, adoração. A adoração é quem nós somos e o que fazemos, quer estejamos vivendo em relacionamento adequado com Deus ou cultuando um ídolo. Romanos 1 chama isso de mudar a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de animais. Trocamos a verdade de Deus por uma mentira quando adoramos e servimos à criatura em lugar do Criador. Trocamos Deus por um deus substituto.

Quando mudamos a verdade de Deus, entramos em miríades de mentiras. A cultura ocidental substituiu a moralidade bíblica pela psicologia secular, e ao fazê-lo deu lugar a uma terrível perda na honra. Substituímos a verdade revelada pelas filosofias humanas, e ao fazê-lo experimentamos uma terrível perda na racionalidade. Somos loucos! Trocamos a posição de criaturas pela posição de indivíduos autônomos, e ao fazê-lo alimentamos uma terrível perda de sentido em nossa cultura. Acabamos servindo à criatura. Esse tipo de idolatria está na nossa maneira de pensar e em nossos desejos. Os ídolos que servimos são inúmeros. A vida só faz sentido e eu só tenho dignidade quando:

· Tenho poder para influenciar outros.

· Sou amado e respeitado por uma determinada pessoa.

· Tenho certo tipo de aparência e meu corpo satisfaz determinado padrão estético.

· Tenho certo tipo de prazer ou qualidade de vida.

· Posso controlar minha vida e a vidas das pessoas que me cercam.

· As pessoas contam comigo.

[1] Cornelius Platinga, *Não Era para Ser Assim*: um resumo da dinâmica e natureza do pecado (São Paulo: Cultura Cristã, 1998), p. 121-122.

· Tenho alguém ao lado para me proteger e me dar segurança.

· Estou completamente livre de quaisquer obrigações e responsabilidades no cuidado de outras pessoas.

· Sou altamente produtivo e faço muitas coisas.

· Sou reconhecido por minhas realizações e excelência na carreira profissional.

· Tenho certo nível de riqueza e prosperidade.

· Mantenho meus códigos religiosos de moralidade;

· Determinada pessoa faz parte da minha vida e está feliz por isso, é claro.

· Sinto-me totalmente independente de qualquer organização religiosa e tenho um conceito pessoal de moralidade;

A vida faz sentido e eu tenho dignidade se... A lista poderia continuar. Poder, aprovação, imagem, conforto, controle, ajuda, dependência, independência, trabalho, realizações pessoais, materialismo, religião ou descrença, uma pessoa, raça, classe social, família, casamento, relacionamentos, sofrimento, ideologia. Literalmente, podemos fazer de cada aspecto da criação um ídolo. Por natureza, a estultícia é idolatria. Veja como Cornelius Plantinga expressa a questão:

> Numa cultura egocêntrica, querer se torna necessitar *(talvez até dever)*, o "eu" substitui a alma, a vida humana degenera para uma glamorosa competição de autobiografias. Pessoas ficam fascinadas com o como se sentem – e como se sentem a respeito de como se sentem. Numa cultura como essa e nos arroubos de tal fascinação, o "eu" existe para ser explorado, "paparicado" e expresso, mas não para ser disciplinado ou restringido. Uma religião centrada no "eu", diz David Wells, deixa de lado nossa teologia e a verdade objetiva:
>
> > A teologia se transforma em terapia....O interesse bíblico na justiça é substituído pela busca da felicidade, a santidade é substituída pelo *holístico*, a verdade é substituída pelo sentimento e a ética é substituída pelo sentir-se bem a seu próprio respeito. O mundo se reduz ao âmbito das circunstâncias pessoais; a comunidade da fé se reduz ao círculo de amigos íntimos. O passado se retrai. A igreja se retrai. O mundo se retrai. Tudo o que resta é o "eu". [2]

A natureza idólatra da nossa estultícia está bem retratada. O verdadeiro Deus precisa nos resgatar e o aconselhamento precisa proclamar esse Deus.

Principio n° 3: Precisamos ser resgatados de nossa estultícia, e esse é o alvo do aconselhamento bíblico.

Nossa estultícia é mais profunda do que um simples desejo de felicidade pessoal temporal. Não é a simples exaltação de uma emoção. É algo melhor do que a restauração de um relacionamento. Está muito claro que o problema não reside nas circunstâncias, nos sofrimentos ou nas experiências de vida neste mundo falido. Pelo contrário, o que cria em nós hábitos terríveis é a estultícia que *nós acrescentamos* a esses problemas. O alvo do ministério de aconselhamento não é a

[2] Cornelius Platinga, *Não Era para Ser Assim*: um resumo da dinâmica e natureza do pecado (São Paulo: Cultura Cristã, 1998), p. 92.

circunstância, mas *o estulto* que passa por determinada circunstância. As Escrituras querem nos levar a penetrar na vida de uma pessoa. Não estamos simplesmente tentando tapar buracos com princípios bíblicos. Estamos procurando fazer algo além: resgatar o estulto de sua estultícia e restaurá-lo para a luz de Cristo. Não podemos nos libertar da estultícia sem a graça do Senhor.

Pense cuidadosamente sobre como utilizamos a Palavra de Deus. Podemos mostrar passagens bíblicas a alguém, apresentando princípios de uma maneira isolada, mas a estultícia dessa pessoa não será combatida. Em seu livro *Culture Shift,* David Henderson mostra-nos de modo excelente como sermos cautelosos.

> Com certa freqüência, nós também tratamos a Bíblia como se fosse um manual do tipo "como fazer isso ou aquilo", uma enciclopédia de sabedoria e insights práticos. Mas a Bíblia assemelha-se mais a uma novela. Posso pesquisar numa enciclopédia sempre que eu quiser, posso ler alguns parágrafos, colher as informações que me são úteis e depois fechá-la. Mas com uma novela não se pode fazer o mesmo. Preciso relacionar cada passagem, cada descrição, conversa ou acontecimento com o enredo todo. De outra maneira, não faria sentido; no mínimo, não o sentido tencionado pelo autor... O termo *bíblico* precisa ser redefinido. Não pode significar meramente "em algum lugar nas páginas das Escrituras". À luz de como a Bíblia está escrita, como uma única estrutura de pensamento que se estende do início ao fim, o termo *bíblico* deve significar "de acordo com aquilo de que a Bíblia trata". E a Bíblia diz respeito à infindável paixão de Deus por ser conhecido, amado e servido – mediante Jesus Cristo – por aqueles que Ele mesmo criou.
>
> Muitas pessoas bem intencionadas na igreja evangélica não têm compreendido essa questão. Elas tendem a isolar uma necessidade e a procurar insights na Palavra que pareçam satisfazê-la. Mas o indivíduo não é afetado. O curso da sua vida não recebe um desafio, as ambições não são testadas, a natureza pecaminosa é esquecida e a essência do caráter não é exposta. [3]

Parte da essência do caráter do homem é a estultícia. Nosso ministério vai além de princípios isolados. Ele consiste em resgatar pessoas da sua estultícia.

Princípio n° 4: O aconselhamento deve lidar com os ídolos do coração.

Vimos que o pecado nos reduz a estultos, que a natureza dessa estultícia é idolatria e que precisamos, então, ser resgatados da nossa estultícia. Para tanto, o aconselhamento deve sempre lidar com os ídolos do coração. A estultícia reside no nosso comportamento porque primeiramente faz parte do nosso coração. A idolatria encontra expressão nos nossos relacionamentos porque primeiramente faz parte do nosso coração.

A idolatria é enganosa por duas razões fundamentais. A primeira é que a idolatria é difícil de ser vista e abandonada porque tendemos a servir ídolos plausíveis. Na maioria dos casos, os ídolos presentes em

[3] David Henderson, *Culture Shift:* communicating God's truth to our changing world (Grand Rapids: Baker Books, 1998), p. 27.

nossas vidas não são maus em si mesmos. Tendemos a nos deixar governar por coisas que em sua natureza não são más, mas até mesmo boas. Uma esposa deixa-se governar pelo amor do marido, um trabalhador é governado pelo respeito ao chefe, um pai é governado pelo desejo de receber a apreciação e o respeito dos filhos. Você é governado pelo desejo de ter uma vida livre de sofrimentos e isenta de caos. Essas coisas não parecem ser más: amor, respeito, apreciação, conforto, ordem. São coisas boas em si mesmas. E é aqui que Tiago 4 nos ajuda com suas perguntas: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?" (4:1). Ele não diz: "Não procedem dos desejos *maus*?" A palavra "mau" nem sequer está no texto. Tiago diz que o caos em nossos relacionamentos é causado por alguma coisa que está acontecendo em nossos corações. O quê? O fato é que há desejos que guerreiam dentro de nós. Eles ganham espaço no coração e estabelecem-se como os governantes funcionais e efetivos das nossas vidas, substituindo o governo de Deus. O problema não está em desejarmos o amor do marido ou da esposa; o problema é que nossos corações são governados pelos desejos e os desejos tornam-se exigências. As exigências são expressas como necessidades e as necessidades estabelecem expectativas. As expectativas causam desapontamentos e os desapontamentos conduzem de alguma maneira a uma punição.

Eis o problema nos relacionamentos humanos: os desejos tornam-se exigências e as exigências expressam-se em forma de necessidades. Nenhum dos meus filhos jamais disse: "Pai, eu desejo um par de tênis". O que eles sempre dizem? "Pai, eu NECESSITO de um par de tênis!". Essa necessidade estabelece expectativas, e existe um relacionamento direto entre expectativa e desapontamento. Os desapontamentos resultam em certo tipo de punição — desde um tratamento de silêncio até atos de violência. Você já recebeu um tratamento de silêncio? Trata-se de um assassinato sem derramamento de sangue. Eu não vou matá-lo, mas posso agir como se você não existisse.

Você tem alguém sentado ao seu lado no carro e diz:

"Você está quieto. Alguma coisa está errada?"

"Não posso ficar quieto de vez em quando?"

"Acho que você está chateado."

"Não estou chateado. Só quero ficar quieto. Não tenho nada a dizer!"

"Acho que você está zangado."

"QUANDO EU ESTIVER ZANGADO EU AVISO VOCÊ! FICO CHATEADO DE VOCÊ ME ACUSAR DE ALGO SÓ PORQUE ESTOU QUIETO."

"Acho que você está irritado."

"NÃO ESTOU IRRITADO!!!"

Tratamento de silêncio. Punição. Isso é o que fazemos. A origem são as idolatrias plausíveis, aquelas coisas que são totalmente corretas de se desejar. São coisas que fazem parte das boas dádivas de Deus, mas não foram feitas para nos governar. Em lugar de perceber a natureza horrenda da idolatria, nós argumentamos a favor de sua plausibilidade.

Uma outra maneira da idolatria nos enganar é que ela acontece no meio da nossa caminhada cristã, no contexto da nossa fé. Raramente alguém acorda pela manhã e diz: "Estou cansado de ser crente. Crente, crente, crente! Tenho sido crente desde a minha infância e acho que agora vou ser ateu. É isso mesmo que vou

ser." Você não acorda pela manhã e diz: "Estou cansado da rigidez dos padrões éticos da Bíblia. Vou abandonar os últimos vestígios de padrões éticos bíblicos em troca de qualquer extravagância que minha natureza queira seguir." Não acontece dessa forma. Pelo contrário, construímos ídolos enquanto continuamos com nossas devocionais diárias e com a freqüência à igreja. Mesmo envolvidos no ministério, podemos entregar nossos corações a outras coisas. Criamos uma grande distância entre nossa teologia confessada e nossa teologia funcional. O deus da segunda-feira acaba sendo radicalmente diferente do Deus do domingo.

Algo semelhante aconteceu freqüentemente com Israel. O Senhor disse: "Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29.13). Deus disse: "Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniqüidade associada ao ajuntamento solene." (Is 1.13). Por que Deus odeia isso? Porque Ele quer os nossos corações! Ele não quer rituais, mas quer a nós. Ele é um Deus zeloso e exigente.

Vimos como os ídolos são enganadores, pois eles se apresentam como plausíveis e podem ocupar um lugar no meio do cristianismo. Na verdade, um estulto está comprometido apenas consigo mesmo e traz em seu coração uma idolatria de si mesmo intrínseca. Ele é o maior dos seus ídolos. Quero deixar aqui uma advertência: sempre que o aconselhamento se esquece dos ídolos do coração e focaliza somente os problemas interpessoais, as necessidades e as dificuldades, ele passa a ser parte do problema, não parte da solução. Sua tendência é fortalecer e institucionalizar a idolatria. Todos nós temos um compromisso obsessivo com a nossa própria pessoa.

Vou dar um exemplo. Luella e eu gostamos de sair juntos para comer. Temos quatro filhos que ainda moram conosco, com idades entre 23 e 14 anos. Não estamos passando pela "síndrome do ninho vazio". Nosso ninho está cheio e os passarinhos não voam para longe; eles sempre voltam e trazem mais agitação para o ninho. Sendo assim, nós gostamos de ter tempo a sós para conversar. Temos os mesmos gostos e costumamos fazer pedidos semelhantes no restaurante. É freqüente pedirmos algo como peito de frango. Quando a comida chega, à minha frente colocam o peito de uma codorna anoréxica. Para Luella, servem o peito de um peru obeso. Jamais passou pela minha cabeça dizer: "Não é maravilhoso como Deus abençoou Luella com tamanha abundância?" Não, pelo contrário, isso me deixa maluco! Minha vontade é dizer ao garçom: "Você por acaso é um idiota? Olhe para ela e olhe pra mim. Como você pode dar essa porção a ela?" A comida já perdeu a graça para mim. Eu adoraria colocar o prato dela na minha frente, mas não quero agir como o idiota que de fato sou. Então tento entrar no assunto: "O que você achou das porções?" Sabe o que ela diz? "Olha o tamanho dessa! É comida suficiente para hoje, para o almoço de amanhã e segunda-feira também..." Ela nunca diz: "Pode pegar a minha porção. Ela é grande demais para mim".

Gosto muito de biscoitos de chocolate. Quando temos biscoitos para sobremesa, eu nunca penso: "Como é bom ver a minha família deliciar-se com esses biscoitos maravilhosos". Há sempre um em que eu estou de olho: "Pertence ao Paul". Ninguém

sabe disso, mas é o que faço. E é aquele que tem mais chocolate visível. Os biscoitos de chocolate não foram criados todos iguais. À medida que o prato de biscoitos vai passando entre os membros da família, minha preocupação é que alguém pegue o meu biscoito. Eu até digo: "Ei, esse é o *meu* biscoito!" Minha família olha para mim como que dizendo: "Você está maluco?".

Quando fico preso no trânsito, penso: "Será que eles não sabem que eu tenho que chegar ao meu destino?" Que pensamento mais irracional! O que quero é que eles digam: "Oh, o Paul está atrás de nós. Vamos abrir caminho para ele. É o Paul". O carro anda. Digo: "Obrigado!" E penso que finalmente eles se deram conta da minha presença! Essa idolatria de nós mesmos está em todos os cantos das nossas vidas.

Martyn Lloyd-Jones diz que podemos nos utilizar até mesmo dos nossos momentos de devoção, quando nos dirigimos a Deus em oração, para construir nossa reputação perante as pessoas ao nosso redor. Não é espantoso? Até ensaiamos as palavras antes de orar. Mas isso não é para Deus! Ele ouve os ensaios. "Nosso gracioso Pai celestial, nosso protetor, Todo-poderoso..." Você pode perceber como as frases se formam dentro de você à medida que se prepara para orar em público. Tomamos um ato de devoção que deveria ser totalmente focado em Deus, pois estamos falando com Ele e sabemos que Ele está nos ouvindo, e o utilizamos em proveito próprio para construir nossa reputação com as pessoas ao redor. A idolatria do "eu" está presente em todos os momentos da vida e o aconselhamento bíblico deve ter isso sempre em mente. Se você der conselhos que não atingem a idolatria, você irá fortalecê-la, instigá-la, institucionalizá-la. Os princípios que você ensinar serão utilizados a serviço de ídolos. Se você transmitir princípios maravilhosos de comunicação para um homem que quer controlar outros, o que ele fará com esses princípios? Ele os usará para exercer ainda maior controle sobre as pessoas. Você tem que atingir os ídolos do coração. David Henderson descreve bem:

> É uma grande tentação fazer com que o cristianismo seja atraente para as pessoas sedentas, apresentando-lhes a fé de maneira distorcida como se fosse um relacionamento por meio de Cristo com um Deus semelhante a uma máquina de venda de refrigerantes, que está no céu com o intuito de satisfazer todas as nossas vontades. "Triste? Pouco atraente? Fracassado? Solteiro? Insatisfeito? Venha a Cristo e Ele dará tudo quanto você pedir." Esquecemo-nos de que Deus não está essencialmente ocupado com satisfazer nossas vontades... Ele está ocupado com ser Deus... A agenda de Deus é... convidar pessoas para que saiam de uma vida centrada em si mesmas e entrem numa vida voltada totalmente para Ele... pessoas semelhantes a Cristo, com os quais Deus se agrada de passar a eternidade.[4]

O ministério de aconselhamento precisa derrubar as vontades da estultícia em lugar de se curvar perante elas.

---

[4] David Henderson, *Culture Shift:* communicating God's truth to our changing world (Grand Rapids: Baker Books, 1998), p. 29.

Princípio n° 5: No coração desse resgate não está um sistema de redenção, mas o Redentor vivo e ativo.

Aqui está um ponto muito importante. A Bíblia apresenta a obra de Cristo não como um simples meio para corrigir pensamentos, redirecionar vidas e reconciliar relacionamentos; a Bíblia apresenta o que Cristo faz como Redentor. Se você fosse atropelado por um carro e ficasse deitado no acostamento, com seu corpo todo quebrado, você não precisaria de alguém para lhe ensinar princípios de anatomia ou fisiologia. Isso não iria ajudar. Semelhantemente, você jamais pode dar princípios suficientes para consertar o que há de errado em uma pessoa. Pelo contrário, o foco do que estamos fazendo é oferecer às pessoas um Salvador cujo nome é Emanuel. Jesus é o Redentor que vem habitar em nós. Ele de fato entra em nós. Isso é redenção, não um sistema.

Vamos olhar novamente para 1 Coríntios 1, onde Paulo enfatiza essa verdade.

> Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. (vv. 20-25)

Lembre-se da nossa definição de estultícia: desde a queda, a humanidade tem tentado substituir o Redentor por sistemas de redenção. Na verdade, podemos argumentar que os sistemas humanos de ajuda têm exatamente esse papel: são sistemas de redenção. Eles não nos informam que a ajuda de que precisamos é sermos resgatados por um Redentor.

O texto da primeira carta aos coríntios dá dois exemplos de sistemas substitutivos. Por um lado, os judeus procuravam sinais milagrosos e exigiam experiências — em resumo, empirismo e pragmatismo. Vamos a um laboratório para testar, experimentar pessoalmente, quantificar, e assim teremos sabedoria. Por outro lado, os gregos exigiam sabedoria, resultando na substituição do Redentor por sistemas filosóficos. Temos o filósofo, o psicólogo e o sociólogo. Que eles nos dêem um argumento lógico e assim teremos sabedoria.

Lembre-se das palavras: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". São palavras de Jesus. Cremos em algo radical: a verdade é uma *pessoa* e Seu nome é Jesus. Não posso, portanto, substituí-lo com o melhor da ciência, o melhor da lógica, nem mesmo a *teo-lógica*. Não posso substituí-lo por padrões éticos, pois Ele é insubstituível. O que pode satisfazer plenamente nossa necessidade de resgate não é um sistema, mas uma Pessoa, um Redentor. O encontro mais importante no aconselhamento é o encontro pessoal com Cristo. Como conselheiros, estamos aqui literalmente para promover esse encontro.

Princípio n° 6: Encontramos sabedoria à medida que nos submetemos a Cristo e confiamos nele.

Colossenses 2 contém duas declarações cristológicas relevantes aqui. Primeiro, todos os tesouros da sabedoria e conhecimento estão escondidos em Cristo (v 3). Paulo diz que Cristo é a chave para conhecer, entender e descobrir o universo, a sua identidade e os seus relacionamentos. Ele é a hermenêutica da vida. Qualquer tentativa de olhar a vida por outra lente que não seja Cristo resultará em distorção.

Segundo, a chave para a atuação humana é Cristo (v 9: "Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade"). O pecado nos faz inúteis, incapazes. Somente em Cristo podemos encontrar plenitude e capacidade. Entre essas duas declarações – Cristo é a chave para toda a sabedoria e Cristo também é a chave para toda atuação humana – Paulo deixa-nos um aviso:

> Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo (v 8).

Paulo está dizendo:

> "Cuidado! Não se deixe enganar pela confiança em filosofias humanas que costumam dizer que o saber e o fazer podem acontecer independentemente de Cristo. Essas filosofias são enganosas. Elas não libertam porque não contam com Cristo".

Que texto forte! A chave para a sabedoria não é conhecer tudo quanto Deus conhece, memorizar a Bíblia inteira, dominar a teologia ou descobrir a vontade não revelada de Deus para que você possa saber o que Ele fará no futuro. A chave para a sabedoria é uma confiança ativa, prática e funcional em Cristo. As pessoas sábias confiam em Cristo para tudo quanto fazem: seu trabalho, o casamento e o entendimento da identidade pessoal.

A submissão a Cristo está compreendida na Bíblia em três temas principais. Para lhe dar um panorama geral, mencionarei cada tema com seu respectivo princípio bíblico e chamado.

- Tema 1: Cristo é soberano.

O princípio: Cristo exerce um controle imanente.

O chamado: Descansar Nele.

- Tema 2: Cristo é gracioso.

O princípio: Cristo tem provisões abundantes.

O chamado: Confiar Nele.

- Tema 3: Cristo é digno de glória.

O princípio: Cristo nos chama para um plano maior.

O chamado: Submeter-se a Ele.

Esses três temas dão-nos uma visão geral: tudo está centralizado em Jesus Cristo. Os três chamados reúnem a sabedoria da vida. O sábio descansa no controle de Cristo, confia em Sua graça e vive para a Sua glória.

Vamos olhar mais atentamente para o primeiro tema: a soberania de Cristo. Quando Paulo estava em Atenas, ele viu pessoas prestando homenagens a um ídolo. Ele disse:

> O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça

> humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós. (Atos 17. 24-27)

Trata-se do princípio da soberania imanente. Deus rege Seu mundo de forma tal que Ele está presente em cada uma das nossas experiências. Por que Ele escolheu fazer isso? Para que a cada momento possamos buscá-lO e tocá-lO, pois Ele não está longe de nós. Essa maneira de pensar sobre soberania difere da perspectiva de um Deus distante e quase inatingível, que nos controla de acordo com Sua vontade como peças de xadrez. Na verdade, o retrato aqui é de um Deus que está disponível a nós justamente devido à Sua soberania. Se eu entender a presença e a natureza pessoal desse controle, por que viver sob meu controle? Por que acreditar na mentira de que minha vida está fora de controle ou é um verdadeiro caos? Sejamos honestos: nós não entendemos o que Deus está fazendo. No aconselhamento, as pessoas me dizem constantemente: "O que o senhor acha que Deus está fazendo na minha vida?" Minha resposta mais teológica é: "Eu não faço idéia! Eu posso lhe dizer quem Ele é, pois isso Ele nos revelou. Também posso lhe dizer que tipo de coisas Ele faz, visto que isso também Ele revelou. Além disso, sei tanto quanto você sabe". Preciso me firmar na verdade de que Deus determina o lugar exato onde cada pessoa nasce e a duração de sua vida. Ele está envolvido íntima e pessoalmente em cada detalhe das nossas vidas, tanto que a qualquer momento podemos buscá-lO e encontrá-lO. Trata-se de uma disponibilidade soberana. Que verdade preciosa! Se você estiver firme nessa verdade maravilhosa, qualquer tentativa de exercer controle humano por meio de manipulação, culpa, engano, poder, vergonha, agressão ou lógica será estultícia! Essas coisas não estabelecem controle sobre o que acontece ao nosso redor nem nos dão segurança.

Luella e eu algumas vezes enfrentamos tensões nas férias por minha causa. Eu gosto de saber para onde vamos, de conhecer todos os lugares e de pensar em possíveis atividades para fazermos. Minha visão de férias é poder conhecer o máximo possível de lugares no tempo de que dispomos. Se Luella perguntasse: "O que você está pensando para a terça-feira?", minha resposta seria: "Já está tudo planejado! Sei exatamente o que faremos." Em um de nossos primeiros períodos de férias juntos, fomos para Filadélfia, onde mora minha irmã. Eu estava muito empolgado: eram nossas férias! Acordei Luella às seis e meia da manhã. Se olhares matassem, eu não estaria mais aqui. Eu estava pensando: "Estamos numa cidade maravilhosa, um dos referenciais da América. Temos muitas coisas a fazer!" Mas a idéia que Luella tem de férias é que o dia só começa à tarde. É algo relaxante, confortável. Eu gostaria que ela dissesse: "Boa idéia Paul, sim, é isso que faremos." Meu conceito de férias era que a mim cabia planejar e a Luella concordar. Em fim, aprendemos a fazer com que as férias funcionem. Agora, quando saímos de férias, Luella fica feliz e eu também. Eu visito muitos lugares e ela costuma dizer: "Tudo bem. Só não me acorde até..." Temos colocado isso em prática. Pedimos perdão a Deus por termos esquecido Sua soberania e Seu controle sobre as nossas vidas. Esse esquecimento

é próprio dos estultos, que vivem para estabelecer o seu poder. Um estulto gloria-se na sua capacidade de controlar. Ele trapaceia, manipula e faz qualquer coisa para conquistar o que quer, pois acredita na mentira de que nisso reside a satisfação. Quem nós pensamos que somos?

Posso dar mais um exemplo. Eu estava no norte da Índia, em uma favela de Nova Delhi. Aquela deveria supostamente ser a "melhor" das favelas – mas de várias maneiras as condições eram terríveis. Parei para observar um garoto inclinado sobre a maca onde sua mãe doente estava deitada. Ele teria sido uma criança bonita, se seu estômago não estivesse distendido, seus olhos fundos, seu rosto infestado de moscas. Passou-me pela cabeça que eu poderia ter sido aquele garoto. No entanto, fui criado em uma das nações mais ricas na história da humanidade e conheci todo tipo de comodidades. Cresci em uma família que, embora não fosse perfeita, deu-me oportunidade de ouvir a Bíblia a cada manhã durante toda a minha infância. Nunca tive contato real com muito sofrimento. Pensar nesse contraste tocou-me. Deus está no controle de tudo isso. A *essência* da minha vida não tem a ver com minhas decisões, mas com aquilo que Deus proporcionou como estrutura básica. De repente, uma tentativa humana de assumir o controle, fazer da minha vida o que eu acho que ela deveria ser, perde a importância e desvanece. Podemos descansar porque Deus está no controle.

O segundo tema é a graça de Deus em Cristo. O ensino fundamental das Escrituras sobre nossa identidade enfatiza a total impossibilidade de estarmos à altura do esperado. Todos nós pecamos e estamos destituídos da glória de Deus (Rm 3.23). Somos carentes da graça. Somos dependentes da graça. Eu não posso ser a pessoa que deveria ser, não posso fazer o que deveria fazer independentemente de Deus e de Sua graça. A verdade das Escrituras é que onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rm 5.20). A graça perdoa, liberta, restaura, reconcilia, capacita, dá poder e ilumina. Qual a necessidade de uma pessoa que luta com seus problemas? Ela necessita de perdão, libertação, restauração, reconciliação, poder, direção. Onde ela pode conseguir isso? Na graça, graça, graça. É por isso que Cristo morreu e vive! 2 Pedro 1 diz: "Visto como, pelo seu divino poder, nos tem sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade" (v. 3). Repare no tempo do verbo: *nos tem sido doadas*. Ele indica uma ação definitiva no passado, com implicações contínuas no futuro. Cristo não somente nos deu vida eterna, como também nos dá piedade. O que é uma vida piedosa? É uma vida que agrada a Deus desde a conversão até o dia em que estarei com Cristo. Aquela discussão em casa? Existe graça para esse momento. O adolescente rebelde que me encara e diz aquelas palavras duras? Existe graça para esse momento. Ver o sonho do seu casamento escapando de suas mãos como grãos de areia? Existe graça para esse momento. Atos terríveis de abuso praticados contra você? Existe graça para esse momento. Para todas as coisas que meus pais deixaram de me dar? Existe graça para esse momento. Esse é o evangelho.

Você nunca poderá dar a alguém com palavras o que Cristo é capaz de dar com Sua graça. Você não pode dizer algumas palavras a alguém que passou por um abuso e querer que essa pessoa vá em frente e esqueça o passado. Mas a graça de Cristo pode curar, libertar, restaurar, reconciliar, capacitar e iluminar. É Sua

graça. Nas palavras de Corrie Ten Boom, "Não existe um poço tão fundo que Cristo não vá ainda mais fundo". Não existe experiência humana que seja tão trágica e tão profunda que esteja além da profundidade da graça de Jesus Cristo. Ele alcança o ponto mais profundo e, ao chegar lá, Ele tem para nós mais do que o suficiente.

O que o homem sábio faz em resposta à graça de Cristo? O homem sábio não tem medo de sua incapacidade, porque ele sabe que a graça de Cristo é suficiente. No entanto, o homem sábio tem medo da ilusão da força humana, porque essa ilusão o impedirá de buscar a graça de Cristo. O homem sábio pode gloriar-se na fraqueza, porque ele conhece a suficiência de Cristo. O homem sábio é acessível e se deixa corrigir. O homem sábio é humilde e acorda cada manhã dizendo: "Sou uma pessoa demasiadamente necessitada. Obrigado, Senhor, por estar em minha vida. Existe esperança pra mim".

O estulto odeia a fraqueza. Ele não precisa da graça porque costuma dizer constantemente a si mesmo que é capaz. Para convencer-se disso, ele cria um padrão humano possível de ser satisfeito. É exatamente isso que o legalismo faz: ao rejeitar a graça, ele cria um padrão humano atingível. É o padrão dos fariseus. Cristo disse: "Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus." (Mt 5.20). Aquela justiça era falsa. Em outras palavras, Jesus estava dizendo: "Vocês alteraram a lei verdadeira. Criaram seus próprios princípios. É claro que vocês podem cumpri-los! Vocês mesmos os idealizaram." Posso imaginar como os discípulos devem ter respondido a Jesus. É possível que tenham ido a Ele e dito: "Sabe, acho que o Senhor ofendeu os fariseus." Exato! Ele pretendia ofendê-los! Eles haviam feito algo terrível reduzindo a lei a 633 mandamentos. A intenção da lei é levar-nos a Cristo, pois a lei grita: "Você não é capaz!" Sim, sou capaz de compartilhar um brinquedo. Mas não sou capaz de amar a pessoa que o toma de mim. Posso ser grato pelas bênçãos que recebo, mas é difícil ser grato quando você recebe mais bênçãos do que eu. O estulto odeia a graça, acredita na ilusão de sua própria capacidade e procura onde lançar a culpa pelas coisas erradas que acontecem em sua vida. A culpa é das circunstâncias, de outras pessoas, do passado, do corpo, da vida neste mundo falido, da falta de entendimento, do sistema digestivo – ou de qualquer outra coisa que me substitua.

O tema final é a glória de Deus em Cristo. A vida movimenta-se em direção a Deus. "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente" (Rm 11.36). Deus está empenhado em atingir o alvo primordial de manifestar a própria glória. Gosto muito de como o comportamento humano é abordado por Cristo no sermão do monte. "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16). Qual é a motivação do comportamento humano? Um casamento melhor? Uma promoção no trabalho? Aceitação por parte de pessoas? A motivação do comportamento humano é intensamente teocêntrica. É intensamente direcionada para Cristo. É intensamente evangelística. Eu devo viver de determinada maneira porque é a minha oração que de algum modo minhas palavras, meus pensamentos e comportamentos, ainda que com limitações humanas, apontem para a glória do Senhor. Então eu espero que de alguma maneira eu seja uma pequena luz

que brilhe apontando para a glória de Deus. Entendo que se há algo bom em minhas palavras, pensamento ou ações, ou nos desejos e motivações, é porque Ele vive em mim. Deus nos faz sábios e nos ensina submissão.

Aqui está uma descrição do homem sábio. O sábio entende que o único caminho que pode trilhar rumo à bênção é aquele que tem como alvo a glória de Deus. O estulto vive para a sua própria glória – meu caminho, meu tempo, meus planos, meus pensamentos. Não há outra voz a que eu dê ouvidos senão a minha. Não há história que eu ouça senão a minha. Não há um argumento mais eloqüente do que o meu. Não há um programa no qual eu esteja mais envolvido do que no meu. O foco sou eu mesmo.

As Escrituras nos convidam a uma obediência bem específica, caracterizada pela submissão das nossas vidas à glória de Cristo. Aquela discussão em casa? Existem maneiras de ser um pacificador e Cristo o ajudará a colocá-las em prática. O adolescente rebelde que responde com aquelas palavras duras? Quando você é ultrajado, o Espírito Santo capacita-o para não replicar na mesma altura, mas responder gentilmente. O casamento que está acabando? A Bíblia nos ensina a reconhecermos nossas próprias falhas, perdoar os outros e amar até mesmo os inimigos. Experiências de abusos e abandono? Os Salmos mostram um refúgio para onde você também pode ir. Submeta-se à glória de Cristo, não à sua própria glória, e Ele o moldará à Sua imagem e estilo de vida.

Conclusão

Então, qual o propósito do aconselhamento bíblico? Levar os aconselhados a descasarem, confiarem e se submeterem a Cristo para que cresçam em sabedoria. O aconselhamento está edificado nesses três pontos. Primeiro, a soberania de Cristo — o princípio do controle imanente e o chamado a descansar em Cristo. Segundo, a graça de Cristo — o princípio da provisão abundante e o chamado a confiar Nele. Terceiro, a glória de Cristo — o princípio do plano maior de Deus e o chamado a nos submetermos a Ele. Quando aconselhamos, em lugar de oferecermos às pessoas apenas princípios que toquem de leve suas vidas, devemos convidá-las a correrem riscos pela fé. Devemos dizer: "Abra mão do controle que você tem tentado ter sobre todos durante toda a sua vida. Confie na soberania do seu Senhor". Devemos dizer: "Abra mão do seu estilo de vida de autoconfiança e justiça própria. Confie na graça do Senhor." Devemos dizer: "Pare de viver para a sua glória. Olhe como isso tem destruído os seus relacionamentos. Submeta-se à glória de Cristo." Nosso alvo é perguntar: "Você não vai colocar sua vida nas mãos do Senhor Jesus Cristo? A sabedoria está justamente nisso. Descanse na Sua soberania, confie na Sua graça e submeta-se à Sua glória. Ele transformará a sua vida. Se esses três temas estiverem presentes no relacionamento com seus filhos, no trabalho, no casamento ou em qualquer outro contexto da vida, você verá mudanças radicais no que está acontecendo de errado".

Por que aconselhamos? Qual é o propósito? Resgatar estultos e encorajar pessoas para que encontrem a sabedoria no Senhor. Que Deus o capacite para aconselhar as pessoas que Ele colocar no seu caminho.

O Aconselhamento e a Soberania de Deus

Jay E. Adams

Uma garota de quatorze anos é raptada por um homem casado, pai de três filhos, que a leva para um destino desconhecido. Durante o horror dos dias incertos que se seguem, o que pode sustentar aquelas famílias? A que verdades o conselheiro cristão pode recorrer para oferecer esperança e algum alívio?

Uma família de sete pessoas, que mal sobrevive com o salário escasso de um operário em tempos de inflação, é atirada repentinamente ao desastre pelo fechamento da fábrica onde ele trabalha e pela sua inaptidão para conseguir outro emprego. A família depara-se com o problema de como sobreviver em meio às incertezas de uma economia mundial instável, mal gerenciada por homens gananciosos e alheios a Deus. Vale a pena ir em frente? Faz sentido? Existe alguma esperança? Para ajudá-los a entender e lidar com esse dilema, o que o pastor pode lhes dizer? Para que verdade absoluta ele deve apontar? Há apenas uma verdade incontestável - a soberania de Deus.

Estar certo de que Deus sabe, Deus cuida, Deus ouve suas orações e Ele pode agir e o fará a Seu tempo e a Seu modo, operando até mesmo tal situação para o bem... *esta*, e nada menos do que esta convicção pode fazê-los prosseguir apesar das dificuldades. Esta esperança pode ser assim resumida: uma confiança segura na soberania de Deus.

Tem sido sempre assim. Quando o problema do sofrimento ardeu em seus ossos como um fogo inextinguível, e na frustração de sua situação ele clamou por ser ouvido diante de Deus para se justificar e descobrir por que ele havia se tornado objeto de tamanha dor, Jó recebeu uma única resposta. Do meio de um redemoi-

---

Traduzido e adaptado de *Counseling and the Sovereignty of God*. Palestra proferida no Westminster Theological Seminary, em 10 de Outubro de 1975. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 11, n.2, 1993, p. 4-9. Jay Adams foi o primeiro porta-voz do movimento de aconselhamento bíblico. Foi um dos fundadores da Christian Counseling and Educational Foundation em 1968. Recentemente, aposentou-se do pastorado da Igreja Presbiteriana Harrison Bridge Road em Simpsonville, na Carolina do Sul.

nho veio a palavra final e inequívoca quanto ao sofrimento humano:

> Eu faço tudo no mundo de acordo com o que me apraz. Eu espalhei as estrelas no céu conforme me pareceu apropriado, Eu criei as feras do campo e os córregos de acordo com meu desejo. Jó, onde você estava quando tudo isso aconteceu? E quem é você para questionar o que Eu faço? Eu sou soberano.

Ao expor o resultado do extraordinário curso da história que através de escravidão, tentação e prisão o levou à segunda posição política mais elevada da época, José assegurou seus irmãos: "Não fostes vós que me enviastes para cá, e, sim, Deus" (Gn 45.8). E em uma afirmação adicional, que estava destinada a ser o Romanos 8.28 do Antigo Testamento, ele declarou: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim, porém Deus o tornou em bem" (Gn 50.20). Sua confiança firme nessa verdade, que sem dúvida se fortaleceu em meio à pressão daqueles dias difíceis, foi o que lhe permitiu suportar o sofrimento.

Quando Moisés alegou que por causa da sua dificuldade de expressão ele não poderia assumir a tarefa para a qual Deus o estava chamando, Deus não concordou, não discutiu nem argumentou. Ele simplesmente afirmou Sua soberania em palavras poderosas por meio de uma declaração pungente: "Quem fez a boca do homem?" (Ex 4.11).

Debaixo de pressão violenta para que cedessem à adoração idólatra, Sadraque, Mesaque e Abedenego descansaram unicamente na soberania de Deus e mantiveram um testemunho inabalável "Nosso Deus", eles disseram, "é capaz de nos livrar" (Dn 3.17). E de conformidade com suas palavras, no que parece ter sido uma manifestação do Cristo pré-encarnado, Deus andou ao seu lado em meio ao fogo com cuidado amoroso e soberano.

Além desses, outros mais que enfrentaram insultos e açoites, algemas e prisões, que foram apedrejados até a morte, torturados, serrados ao meio, feridos à espada - outros, pela fé, descansaram nas promessas do Deus soberano, cuja Palavra eles criam ser verdadeira e cujas promessas eles consideravam infalíveis. A ameaça de morte por si só não foi suficiente para balançar sua confiança na *soberania* de Deus.

Sim, tem sido sempre assim. A soberania de Deus é a verdade suprema que satisfaz as necessidades humanas. É por isso que o conselheiro bíblico, muito mais que qualquer um, deve crer nessa verdade e buscar suas implicações para cada uma das situações de aconselhamento.

E... é por isso que hoje, em meio às muitas crises enfrentadas por indivíduos e famílias, o conselheiro bíblico que declarar com plena confiança a soberania de Deus oferecerá uma ajuda mais significativa do que qualquer outra. O fatalismo de Freud, o humanismo de Roger e o evolucionismo de Skinner, todos ficam terrivelmente aquém nessa tarefa. Nada menos que a grande verdade da soberania de Deus pode satisfazer o anseio do coração ou acalmar a alma inquieta. É assim que tem sido, e continuará a ser.

A teologia do conselheiro, e o uso que ele faz da teologia no aconselhamento, não é uma questão pequena nem insignificante. Melhor, é uma questão da mais profunda importância. A verdade e a piedade, a veracidade de Deus e o bem-estar de Seu povo são inseparáveis. O homem piedoso, que enfrenta bem a vida, é sempre aquele que tem a verdade relevante de Deus para sua vida.

Considere, por exemplo, a pergunta que está nos lábios de quase todos os aconselhados Por quê? Por que *isto* tinha que acontecer? Por que isto tinha que acontecer *comigo*? Por que isto tinha que acontecer *agora*? Por quê? Por quê? Por quê?

As explicações evolucionistas não satisfazem; elas apenas agravam a situação. Se o homem não é mais do que um animal, que esperança há? E qual o sentido de qualquer tentativa de mudança? O único valor é a preservação da espécie.

O determinismo deísta não é melhor. De acordo com aqueles que abraçam tal ponto de vista, o sofrimento segue seu curso como uma mera conseqüência inevitável do movimento contínuo de uma lei impessoal, na qual a triste condição do indivíduo não toca o coração de Deus uma vez que Ele se mantém a uma distância segura de Sua criação.

O equívoco existencialista de um chamado para um conhecimento autêntico do *absurdo* nada mais pode do que aumentar a dor.

As respostas que sugerem que o problema pode ser uma causa de frustração para Deus, assim como para o aconselhado, também servem apenas para apontar o discípulo desencorajado e derrotado para um caminho que leva finalmente ao ateísmo.

A única explicação que pode colocar um fim definitivo ao questionamento humano insistente sobre a razão final da existência da miséria e da morte é que o Deus Todo-poderoso, que criou e sustenta o universo para Sua própria glória, decretou soberanamente que fosse assim.

Com essa resposta, são varridas simultaneamente todas as noções do homem entregue às garras de uma força cega e impessoal, todos os conceitos de uma divindade fraca e sem valor que lastima tanto quanto nós o fato de ter perdido o controle sobre a criação, e ainda qualquer suspeita persistente de que o destino do ser humano é nada mais do que um movimento em um jogo de xadrez de dimensões cósmicas no qual ele é passado desapiedadamente como se fosse um peão - um jogo indiferente ao bem-estar de qualquer outra peça que não o Rei.

O Rei *é* soberano; tudo *certamente* existe para Ele. Mas esse Deus que reina sobre a criação joga de acordo com Suas regras. Ele é completamente soberano e, portanto, o Criador do jogo também - regras e tudo mais. À medida que Ele faz com precisão cada movimento dentro do tabuleiro, Sua estratégia para vencer o jogo envolve abençoar seus súditos fiéis bem como promover a Sua glória. E cada súdito, cujos fios de cabelo estão contados, movimenta-se à medida que Ele o move, de uma maneira responsável, conforme Ele ordenou soberanamente.

Portanto, você pode ver que uma confiança resoluta na soberania de Deus é um conceito dinâmico no aconselhamento - um conceito que faz diferença, *a* diferença - e que, por isso, deve nortear todo o esforço no aconselhamento. Se, de fato, Deus é soberano, então tudo resulta em bem no final. Todos os problemas têm solução, cada efeito da influência maligna será apagado e todos os erros serão consertados. O conselheiro que conhece a Deus como soberano encontrou um terreno fértil no qual pode plantar seu ministério. Ele logo firma a raiz pela qual alimentará com águas vivas muitas almas sedentas. Enraizado e baseado nessa doutrina fundamental, seu ponto de vista lhe permite ter a liberdade de ver e avaliar tanto o mover maravilhoso dos acontecimentos como a situação triste de um pobre pecador que agoniza em seu sofrimento pessoal. A so-

berania de Deus é o fundamento da esperança e de todo o conteúdo do processo de aconselhamento. Ela garante que as promessas de Deus nas Escrituras são verdadeiras. Ela é a pedra angular do aconselhamento cristão.

Antes de irmos adiante, quero preveni-los de duas tendências distintas, porém perigosas, daqueles que sustentam aparentemente a soberania de Deus, mas tiram implicações erradas dessa doutrina importante. O ensinamento bíblico não dá apoio algum àqueles que gritam levianamente, quase que profanando, "Louve ao Senhor, ainda assim" em todos os tipos de situações inadequadas. Ela também não encoraja mecanismos fatalistas que desejam diminuir a nossa responsabilidade pessoal diante de Deus.

Considerando seriamente a primeira questão, há pelo menos duas coisas a serem ditas. Por um lado, os conselheiros devem afirmar com clareza que o pecado existe e, com ele, a miséria humana. Não pode haver uma negação da completa tragédia da existência humana desde Adão, assim como a Ciência Cristã faz. Não pode haver um auto-engano superficial com o propósito de aliviar a miséria na tentativa de esconder sua verdadeira natureza sob uma porção de exclamações piedosas, simbolizadas na frase "Louve ao Senhor, ainda assim". Este esforço inútil, no final, apenas decepciona fortemente a pessoa. Se o conselheiro deseja ser um ministro fiel do Senhor Jesus, ele deve reconhecer plenamente o pecado e seus efeitos terríveis. Afinal, o Homem de Dores, que conheceu o *sofrimento*, também cria na soberania de Deus. No entanto, Ele chorou.

Por outro lado, com igual vigor, cada conselheiro digno do nome de Cristo deve incutir em seus aconselhados a verdade de que a existência de um Deus soberano é verdadeiramente uma razão para grande alegria e esperança em meio à tragédia e à dor. Porque Deus é soberano, a vida não é absurda; ela tem um plano, significado e propósito.

Enquanto os existencialistas tentam em vão encontrar o significado da vida no próprio homem, o conselheiro cristão mostra que é justamente o direcionamento errado para um ponto de vista humanista que resulta na angústia insuportável de que eles falam com tanta veemência. Com a ajuda do conselheiro cristão, a atenção dos aconselhados é direcionada das criaturas caídas para a soberania do Criador e Sustentador do universo, convidando-os a encontrarem a explicação definitiva.

À parte de um Deus que conhece o final desde o começo (porque Ele o decretou), os seres humanos não podem explicar sua existência porque eles não têm uma perspectiva futura; a morte destrói tudo. Mas em Deus há um *desfecho*. Haverá uma manifestação final dos detalhes do propósito divino ainda não revelados. Aquelas coisas que agora, com tanta freqüência, parecem ser insignificantes no curso da atividade humana virão todas à tona com significado. Cada peça do quebra-cabeça será finalmente colocada no lugar - a púrpura sombria do desespero, os vermelhos ardentes da ira e da aflição, os amarelos doentios - e nos será permitido ver o todo como ele agora existe somente no plano de Deus. A convicção consoladora de que existe um quadro belo e significativo na tampa da caixa do quebra-cabeça da vida, em que cada peça de aflição e dor encontra uma semelhança fiel, pertence exclusivamente àqueles que afirmam a soberania de Deus. Sem essa convicção, não há esperança.

Semelhantemente, sem crer na doutrina da soberania de Deus é impossível livrar-se do medo de um mundo desordenado, que rola implacavelmente como uma avalanche fora de controle. Por causa da certeza de ordem e controle que essa doutrina impõe, até mesmo os comportamentos bizarros e desequilibrados de alguns seres humanos não são inexplicáveis para o conselheiro cristão. Por trás de um problema aparentemente desconcertante, encontra-se uma etiologia que se reporta diretamente à rebeldia pessoal contra Deus e Suas leis ou olha para trás e busca as raízes no Éden, encarando o problema como uma conseqüência fisiológica do pecado de Adão. Em ambos os casos, o conselheiro cristão sabe que os desvios no pensamento e no comportamento humanos não são resultados do mero acaso. Eles são explicáveis em termos de uma transgressão por parte do homem e de um julgamento por parte de um Deus pessoal.

A esperança prospera no coração de cada homem a quem Deus Se revela para salvação, pois há Um que veio para pagar a penalidade pela lei transgredida e restaurar a comunhão com o Pai. Por Ele ter cumprido plenamente todas as exigências de Deus, os homens podem ser salvos da penalidade e do domínio do pecado, aqui e na vida futura. No final, as conseqüências prejudiciais do pecado serão todas removidas da vida e do ambiente dos remidos. Os efeitos da salvação serão certamente tão grandes que aqueles que foram criados abaixo dos anjos serão elevados em Cristo, pela Sua graça. Eles compartilharão com Ele a Sua glória. Então, afinal, há um significado para tudo. Onde abundou o pecado, a graça é muito mais abundante. Mesmo o absurdo e o bizarro ganham significado como um fundo contrastante contra o qual a glória da graça de Deus pode ser vista com realce.

Por fim, também há esperança na soberania de Deus porque Ele reina pessoalmente sobre Seus súditos. A expiação, mediante a qual os remidos foram reconciliados com Deus, não foi uma transação impessoal ou abstrata, como se Cristo tivesse morrido pela "humanidade". Ele é um Salvador *pessoal*, que amou os indivíduos e derramou Seu sangue por eles.

Cícero, em *De Natura Deorum* (2.66), escreveu: "Magna dei curant, parva neglegunt" ("Os deuses estão preocupados com coisas importantes; as insignificantes eles ignoram"). Um deus como este não é o Deus soberano da nossa salvação. Uma criança doente não tinha nenhuma importância para Vênus ou Afrodite. Questões maiores - como algumas rivalidades e disputas que ocorriam entre os deuses e deusas do panteão grego e romano - ocupavam seu tempo e atenção. Tais deuses não ofereciam conforto nem esperança aos homens, porque eles não eram soberanos. A maior parte da criação passava despercebida aos seus olhos.

Mas há esperança na presença do verdadeiro Soberano porque Ele está no controle de todas as coisas. Nenhum pardal cai sem Ele querer. Ele é o Deus das insignificâncias. Jesus nos mostrou o Deus soberano por meio das Suas obras e palavras. Ele disse: "Quem me vê a mim, vê o Pai". O Evangelho de João, onde estas palavras estão registradas, apresenta de maneira penetrante a profunda preocupação de Jesus pelos indivíduos - Nicodemos, a mulher no poço, o homem cego, Lázaro, Maria e Marta, outros mais. Neste Evangelho, ouvimos Jesus falar de Sua preocupação pastoral, uma preocupação que se estende à centésima ovelha e chama cada uma pelo nome. O Pastor soberano é grande o suficiente para cuidar de insignificân-

cias - como nós. Ele não trabalha sob nenhuma das limitações dos deuses clássicos nem se mantém à distância, inacessível e desinteressado. Nisso há plena esperança para cada conselheiro cristão.

Voltando agora a nos mover ao longo de uma continuidade de fatores que devem merecer a nossa atenção, sugiro que façamos uma pausa por um momento para recomendar com insistência a cada conselheiro que se lembre do fato de que a existência do Deus soberano não remove nem diminui, mas (pelo contrário) *estabelece* a responsabilidade humana perante Deus. Se Aquele que é soberano sobre todos os homens e suas ações determinou que os homens devem ser responsáveis perante Ele, então está decidido. É assim quando um Criador soberano fala. Não importa o quanto seja difícil ou não reconciliar responsabilidade com soberania, isso é precisamente o que Deus decretou: os homens devem ser responsáveis perante Ele. E se Ele determinou soberanamente criar o homem como um ser à Sua imagem e governado por Sua lei moral... então é assim. Esta é a prerrogativa de um Deus soberano.

Pode o vaso dizer ao oleiro: "Por que você me fez desta maneira?". Pensando a esse respeito, perante quem o homem poderia ser mais responsável do que perante Aquele que o criou e sustenta a cada suspiro? Explicando de outra maneira, podemos dizer que como Deus é soberano, Ele é o *único* que não é responsável perante outro. Não foi o próprio Cordeiro de Deus, que de acordo com o plano soberano de Deus "foi morto desde a fundação do mundo", quem declarou: "Convém-nos cumprir toda a justiça"? Esta declaração pressupõe responsabilidade.

Deveria estar eminentemente claro, então, que a soberania de Deus não encoraja a expressão de banalidades piedosas do tipo "Louve ao Senhor, ainda assim" como a solução para o problema do sofrimento humano nem nos dá permissão para sermos irresponsáveis. Com certeza, é essa verdade que *exige* de nós nada menos que uma resposta realista às situações existenciais da vida, de olhos bem abertos, visto que tanto os conselheiros como os aconselhados são respónsáveis diante de Deus.

Para estar à altura do padrão bíblico, todo aconselhamento deve reconhecer plenamente tanto a tragédia do pecado quanto o fato da responsabilidade humana. Também deve levar em conta o propósito final de Deus de glorificar a Si mesmo por meio de Seu Filho e de um povo remido pela Sua graça. Enquanto todas as coisas concorrem para o bem, isso acontece mais precisamente por causa da ação responsável do Filho de Deus que veio e morreu por aqueles que desde a eternidade foram escolhidos para a vida eterna.

É óbvio que não tentei explorar de maneira concreta as muitas implicações práticas da doutrina da soberania de Deus. A doutrina é tão fundamental que o número de possíveis implicações é grande. Prefiro convidá-los para que se juntem a mim na tarefa de extrair o minério dessa mina ainda tão inexplorada em todo o seu potencial.

A soberania de Deus tem sido ensinada e pregada amplamente de maneira abstrata, mas pouco tem sido feito para explorar as aplicações dessa doutrina à vida diária e, portanto, ao aconselhamento. Além disso, o aconselhamento cristão não tem estado à altura do seu nome principalmente porque os primeiros pensadores não eram habilidosos em exegese e teolo-

gia. Em grande parte, eles chegaram ao aconselhamento vindos do contexto da psicologia. Ainda que a psicologia seja importante quando concebida e praticada corretamente, ela nunca pode ser fundamental no aconselhamento, mas apenas subordinada.

O aconselhamento diz respeito ao relacionamento do aconselhado com outras pessoas — Deus e todos quantos povoam seu horizonte estão no centro das atenções. Outros assuntos são incidentais. O amor por Deus e pelo próximo é claramente o interesse primordial do ministro da Palavra. É por isso que no Westminster Theological Seminary, ao longo dos anos, tenho procurado ensinar o aconselhamento pastoral iniciando pela soberania de Deus. Em tudo o que ensino e em cada palavra que escrevo, o objetivo tem sido considerar essa doutrina com seriedade e seguir suas implicações com obediência, independentemente do que isso nos custe. Freqüentemente, o caminho tem-se provado tanto difícil quanto impopular. No entanto, trilhá-lo resulta sempre em satisfação. As tentações para virar à direita ou à esquerda são inúmeras. Nem sempre é fácil resistir a elas. Só Deus sabe o quanto temos sido ou não bem-sucedidos em fazê-lo.

"Mas", você pergunta, "você poderia me dizer algo mais sobre como a doutrina da soberania de Deus afeta a teoria e prática do ensino do aconselhamento em Westminster?" A resposta básica para a sua pergunta é essa: tanto a teoria quanto a prática são afetadas em *tudo*.

Para ser mais concreto, quero mencionar o que considero ser a influência mais significativa que essa doutrina tem exercido, uma influência marcante tanto na teoria quanto na prática. Nos primeiros passos para o desenvolvimento de um ponto de vista em que basear o ensino do aconselhamento, uma pergunta foi levantada: Qual a tarefa do conselheiro pastoral? O seu aconselhamento restringe-se a uma faixa bem reduzida de problemas "espirituais" ou "eclesiásticos" ou o seu campo de atividade legítima é substancialmente maior? Sua atividade no aconselhamento é confinada e, portanto, limitada por aqueles que praticam outras disciplinas claramente distintas, isto é, psicólogos e psiquiatras (cujos títulos, curiosamente, podem ser traduzidos como "especialistas em alma" e "curadores de almas")?

Ao longo dos anos a pergunta tem-se mantido viva. Gradualmente, as Escrituras nos dirigiram a uma resposta, e uma resposta que dificilmente alguém teria escolhido por iniciativa própria. Cresceu a convicção de que essa é a resposta de Deus. E quando Deus fala por Sua Palavra inerrante, o que Ele diz é *soberano*. Devido aos ensinamentos das Escrituras, somos forçados a concluir que boa parte do exercício da psicologia clínica, bem como da psiquiatria, tem acontecido sem a licença de Deus e em rebeldia contra Ele. Isso era inevitável, pois a Palavra do soberano Deus da criação tem sido ignorada.

Na Palavra estão "todas as coisas que conduzem à vida e à piedade". Por meio dela o homem de Deus pode ser "perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. É a Palavra - e apenas a Palavra - que pode dizer a um pobre pecador como amar a Deus de todo o coração, mente e alma, e como amar ao próximo com a mesma preocupação profunda que ele revela para consigo mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas. Eles são o verdadeiro resumo da mensagem de Deus para o mundo e para o Seu povo remido. Como conseqüência,

guiar as ovelhas nos caminhos da justiça por amor do Seu Nome é o chamado por excelência dos pastores do rebanho de Deus. Ao apontarmos que o Nome de Deus está em jogo, revelamos a importância dessa tarefa.

"Tudo isso parece perfeitamente bíblico e... parece muito inócuo", você poderia dizer. "Mas", você continua, "eu não vejo como isso coloca os psicólogos e os psiquiatras em conflito com Deus. Seria melhor você explicar detalhadamente". Está bem. Vou juntar as duas coisas para que você possa ver a relação que leva ao conflito.

Quando atribuiu ao pastor a tarefa de ajudar as ovelhas a aprenderem o amor a Deus e ao próximo, Deus falou soberanamente. Se essa é tarefa do pastor, delineada com clareza na Bíblia, então ele deve se dedicar a ela. Isso o coloca na área do aconselhamento. Mas imediatamente, inspecionando o campo, ele descobre que já há pessoas de todos os tipos tentando fazer algo semelhante e dizendo que a tarefa do aconselhamento pertence a elas e não ao pastor. Há competidores na vizinhança. De fato, até mesmo uma investigação superficial indica que eles não estão meramente na vizinhança, mas dentro do próprio cercado das ovelhas. E, como resultado, o verdadeiro pastor logo descobre que eles estão desencaminhando as ovelhas.

"Mas", você pergunta, "não há uma diferença básica entre o trabalho dos psicólogos e psiquiatras e o trabalho do pastor?". Será que há alguma maneira de distinguir entre o trabalho do pastor, conforme ordenado soberanamente nas Escrituras, e o esforço de outros que reivindicam a área? As pessoas costumam procurar os conselheiros para pedir ajuda quando têm dificuldades com outras pessoas. O que ouvimos não são reclamações do tipo: "Veja, tenho um problema com meu carburador". É por isso que o amor a Deus (*a* Pessoa) e ao próximo são fatores tão vitais no aconselhamento. Nada poderia ser mais central na preocupação de um pastor. Porém, é com essa preocupação com pessoas que os psicólogos e psiquiatras se ocupam. Eles querem mudar as pessoas e os relacionamentos entre as pessoas. Portanto, afirmo que não é o pastor o responsável pela sobreposição. De um lado, o psicólogo moveu sua cerca para dentro do território do pastor e, de outro, o psiquiatra também invadiu a propriedade do pastor. Infelizmente, até bem pouco tempo, os pastoresforam permissivos demais, deixando outros cortarem sua grama. Aos poucos, em grande parte estimulada pela ênfase de Westminster, por todo canto tem acontecido uma mudança notável na atitude dos pastores.

"Espere um pouco. Você está dizendo que a psicologia e a psiquiatria são disciplinas ilegítimas? Você acha que elas não têm lugar algum?" Não, você não me entendeu corretamente. Não é assim. Lembre-se, eu disse claramente que são vizinhos do pastor. Meu problema é que esses vizinhos se recusam a ficar em suas propriedades. Tenho tentado fazer com que o pastor apare a grama de seu gramado até os limites do lote.

A psicologia deveria ser um vizinho legítimo e muito útil ao pastor. Os psicólogos podem fazer muitos estudos úteis sobre o homem — por exemplo, sobre os efeitos da perda de sono. Mas os psicólogos deveriam abandonar o campo de tentar mudar as pessoas, pois não têm mandato nem padrão de Deus para tanto. A psicologia pode ser descritiva, mas transgride os seus limites todas as vezes que se torna prescritiva. Ela pode nos dizer mui-

tas coisas sobre o que o homem faz, mas não sobre o que ele deve fazer.

Semelhantemente, o vizinho que mora do outro lado do lote do pastor poderia ser alguém muito bem-vindo, com quem o pastor poderia conviver em harmonia verdadeira, se ele ficasse satisfeito com jogar mini-golfe em seu próprio jardim. Os psiquiatras, em sua maioria, têm uma triste sorte. Digo isso não apenas porque entre os psiquiatras profissionais está a maior taxa de suicídio, mas basicamente porque eles são pessoas altamente treinadas em habilidades que dificilmente usam, enquanto passam a maior parte do tempo fazendo o que eles nunca foram treinados adequadamente para fazer. Nos Estados Unidos, os psiquiatras são médicos[1] que, na maioria das vezes, usam seu treinamento médico para fazer pouco mais do que prescrever comprimidos. Freud mesmo reconhecia que o preparo em medicina não é necessário para a prática da psiquiatria. É por isso que em outras partes do mundo os psiquiatras não são necessariamente médicos. E é por isso que os psicólogos clínicos fazem as mesmas coisas que os psiquiatras sem terem um treinamento especializado em medicina.

O pastor reconhece os efeitos do pecado de Adão no corpo humano. Portanto, ele não vê problema em trabalhar ao lado de um médico que trata o corpo do aconselhado enquanto ele o aconselha sobre o uso apropriado do corpo. Desde os dias de Paulo e Lucas, os pastores têm tido afinidade com os médicos. Por que, então, o psiquiatra representa um problema? Certamente não é por causa de seu conhecimento médico. O problema é que ele não fica em seu próprio quintal. Ele insiste em levar suas cadeiras de jardim e mover sua mesa de piquenique para a propriedade do pastor.

Se o psiquiatra usasse seu treinamento médico para encontrar soluções médicas para as dificuldades orgânicas que afetam as atitudes e o comportamento, o pastor ficaria entusiasmado com seu trabalho. Mas a dificuldade surge à medida que o psiquiatra - sob a aparência de medicina - tenta mudar os valores e as crenças. Isso não é medicina. Quando os moradores dos lotes adjacentes cavam no quintal do pastor para plantar milho e tomates, eles o incomodam. O pastor não se opõe a todas as atividades dos vizinhos. Pelo contrário, ele as encoraja — mas nos quintais ao lado.

O problema pode ser assim resumido: a Bíblia é o livro-texto para se viver diante de Deus e do próximo, e o pastor é chamado a ensinar e guiar o rebanho por meio dele. Quando outros assumem o trabalho e usam livros-textos substitutivos, o conflito é inevitável. Atualmente, uma mudança está acontecendo porque o pastor se dispôs a dar uma nova olhada em seu título de propriedade e fazer um novo levantamento do terreno. No processo, ele descobriu uma extensão inacreditável de usurpação por parte de outros. Ele não ousa abandonar a área que Deus lhe deu no título de propriedade, de acordo com as Escrituras. A idéia não é destruir a psicologia ou a psiquiatria. Os pastores simplesmente querem que os psicólogos e os psiquiatras cultivem as suas próprias propriedades.

Nisso tudo a soberania de Deus desempenha um papel notável. Com certa freqüência, entretanto, quando pensamos em Sua soberania, restringimos nosso interesse à questão da relação entre regeneração e fé. Mas não é apenas na regeneração que Deus é soberano. Ele tam-

[1] NdT - No Brasil, a situação é equivalente.

bém é soberano na santificação. Se para alcançar Seus propósitos na vida do crente Ele deu Sua Palavra para ser ministrada pela Sua igreja no poder do Seu Espírito, é assim que esses propósitos devem ser alcançados. Não pode haver outra maneira. E os pastores, como pessoas-chaves nesse processo, devem ver que essa é a maneira de atuar - quer agrade ou não aos outros. A Palavra deve ser ministrada no aconselhamento com a mesma prontidão que na pregação.

Concluindo, portanto, eu gostaria de enfatizar o fato de que aquilo que tem acontecido no Departamento de Teologia Prática de Westminster na área de aconselhamento é fruto de um forte compromisso teológico. (...) Aqueles que não sustentam plenamente a soberania de Deus, não podem se manter firmes contra o engano de um pensamento e ação autônomos no aconselhamento. Se algo de valor foi feito nessa última década, é o resultado natural dos esforços fiéis daqueles que sustentaram tenazmente, e com clareza e poder, a verdade bíblica da soberania de Deus sobre todas as coisas. Temos nos esforçado para aplicar ao aconselhamento cristão os princípios que eles nos ensinaram.

Contamos com você para que se junte a nós nesse trabalho, qualquer que seja a contribuição que possa dar. O trabalho apenas começou. Nos próximos dez anos muito mais pode ser alcançado se você atuar. As necessidades são grandes, as oportunidades numerosas, os recursos humanos são poucos. Nós vacilaríamos diante da grandeza do empreendimento se não fosse por um só fato. É um fato que traz esperança e confiança, um fato que é a fonte de toda humildade e gratidão. É o fato de que Deus é *soberano*.

Como Ser um Barnabé

Cindy Patten

O que um nome representa? Um nome é algo muito importante. Você já tentou imaginar o que deve ter passado pela cabeça de certos pais quando deram nomes a seus filhos? Pense em nomes como Jujuvina ou Astéria. E tem mais: Florisberto, Mazilda, Lindoberto. O que fazemos com nossos filhos! Ou imagine encontrar um professor de geografia chamado Atlas ou um agente de seguros chamado João Furtado (estes nomes são reais!).[1]

Você sabe o que o seu nome significa? Muitas vezes encontramos em lojas de presentes pequenas placas com nomes e o seu significado. Certa vez, descobri que o meu nome significa "deusa da lua". Não sei se isso significa que sou aluada ou o quê mais!

Nosso estudo inicia-se com um homem e seu nome – um personagem bíblico cujo nome aparece pela primeira vez em Atos 4.36. "José, a quem os apóstolos deram o nome de Barnabé, que quer dizer filho da exortação [encorajamento]..." O nome desse homem era José, mas depois de conhecê-lo, as pessoas deram-lhe um apelido: Barnabé. Por quê? Por ele ser um motivo de grande encorajamento em vidas. À medida que travamos maior conhecimento com Barnabé através da narrativa bíblica, descobrimos que sua missão de vida era encorajar outros. Será que temos algo a aprender com Barnabé? Em nossos dias, todos parecem estar centrados em si mesmos. Estamos cercados por pessoas egoístas. Na verdade, esse traço está bem presente em nós também e todos

---

Tradução e adaptação de *Becoming a Barnabas*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 21, n.3, Spring 2003. p. 24-32.

Cindy Patten atua no ministério de aconselhamento e é membro da equipe de NANC (National Association of Nouthetical Counselors). É editora do jornal *The Biblical Counselor.* O conteúdo desse artigo foi apresentado originalmente em palestra na Conferência NANC para Mulheres, em Rolling Meadows, Illinois, em outubro de 2002.

[1]NdT. Os nomes foram adaptados para situações reais no Brasil.

precisamos amadurecer nessa área. Essa é a razão por que precisamos conhecer esse homem chamado Barnabé e aprender com ele.

O contexto do nosso estudo encontra-se em Atos 4.32-37:

> 32 Da multidão dos que creram era
> um o coração e a alma. Ninguém
> considerava exclusivamente sua nem
> uma das coisas que possuía; tudo, po-
> rém, lhes era comum. 33 Com gran-
> de poder, os apóstolos davam teste-
> munho da ressurreição do Senhor Je-
> sus, e em todos eles havia abundante
> graça. 34 Pois nenhum necessitado
> havia entre eles, porquanto os que
> possuíam terras ou casas, vendendo-
> as, traziam os valores correspondentes 35 e depositavam aos pés dos
> apóstolos; então, se distribuía a qual-
> quer um à medida que alguém tinha
> necessidade. 36 José, a quem os após-
> tolos deram o sobrenome de Barnabé,
> que quer dizer filho de exortação, le-
> vita, natural de Chipre, 37 como tives-
> se um campo, vendendo-o, trouxe o
> preço e o depositou aos pés dos após-
> tolos.

Eis o cenário básico do texto: a igreja primitiva em Jerusalém estava desfrutando de um crescimento tremendo! Todos estavam unidos na obra. Costumavam vender terras e propriedades e juntar seus recursos para comprar alimento e outras necessidades do dia-a-dia. Compartilhavam o que tinham para beneficio da igreja e de todos os irmãos. Um dos membros dessa igreja chamava-se Barnabé. Veja no versículo 37 o que ele fez para contribuir com aquele ministério: ele possuía um campo, que vendeu, e doou o dinheiro para o ministério da igreja. Barnabé não era um homem apenas de palavras encorajadoras; era um homem de ação. Esse é nosso primeiro contato com Barnabé. Eu já começo a admirá-lo, e você? Ele era um homem que investia nas pessoas à sua volta. Ele era parte do time, trabalhava e compartilhava o que tinha para favorecer a outros. Que grande exemplo para nós!

Nosso segundo encontro com Barnabé acontece em Atos 9.22-27, após a conversão de Saulo.

> 22 Saulo, porém, mais e mais se for-
> talecia e confundia os judeus que mo-
> ravam em Damasco, demonstrando
> que Jesus é o Cristo. 23 Decorridos
> muitos dias, os judeus deliberaram
> entre si tirar-lhe a vida; 24 porém o
> plano deles chegou ao conhecimento
> de Saulo. Dia e noite guardavam tam-
> bém as portas, para o matarem. 25
> Mas os seus discípulos tomaram-no
> de noite e, colocando-o num cesto,
> desceram-no pela muralha. 26 Tendo
> chegado a Jerusalém, procurou jun-
> tar-se com os discípulos; todos, po-
> rém, o temiam, não acreditando que
> ele fosse discípulo. 27 Mas Barnabé,
> tomando-o consigo, levou-o aos após-
> tolos; e contou-lhes como ele vira o
> Senhor no caminho, e que este lhe
> falara, e como em Damasco pregara
> ousadamente em nome de Jesus.

Saulo era um perseguidor da igreja, temido por todos. “Não se aproxime de Saulo, você pode ser morto. Ele está perseguindo a igreja. Ele mata os cristãos!” E então, pela maravilhosa graça divina, Saulo foi salvo e começou a falar aos outros de Cristo e da cruz. Mas os judeus estavam confusos, sem entender o que de fato tinha acontecido na vida de Saulo. Na verdade, existia até um complô judeu para matá-lo! Em meio a toda aquela confusão, Barnabé tomou consigo a Saulo, levou-o até seus companheiros cristãos e disse: “Ouçam! Esse sujeito está do nosso

lado! Ele passou por uma conversão verdadeira. Ele é parte do nosso time!". Barnabé foi um dos primeiros a apoiarem Paulo, o futuro missionário. Barnabé — o Encorajador.

Mais adiante, lemos sobre Barnabé em Atos 11.19-24.

> [19] Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. [20] Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. [21] A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor. [22] A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia. [23] Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor. [24] Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor.

Barnabé, o encorajador, motivou a nova igreja, os novos convertidos – ele os estimulou na fé, animou, fortaleceu, esteve ao seu lado com palavras de apoio e incentivo.

Mais adiante, no capítulo 15, lemos outro relato em que Barnabé "foi à luta" por um jovem missionário chamado João Marcos. Na verdade, houve um conflito entre Barnabé e Paulo naquela ocasião. Barnabé levou consigo na jornada missionária um garoto, missionário novato. Mais tarde, descobrimos que o apoio que Barnabé deu a esse jovem mudou a sua vida. Que encorajador!

Você tem um Barnabé em sua vida? Você tem um amigo que se coloca ao seu lado e diz: "Que bom! Você está fazendo um ótimo trabalho!" ou "Você está triste? Estou aqui para ajudá-lo!" ou "Eu o amo" ou "Sei que você pode fazer isso!". Ainda mais importante: Você é um Barnabé? Se você tem um relacionamento pessoal com Cristo, você tem os mesmos recursos que Barnabé tinha. Ele ouvira a mensagem de Jesus sobre a salvação e a vida surpreendente pelo poder de Deus. Talvez ele fosse um dos que haviam sentado na encosta da montanha e ouvido o Mestre falar de Seu Pai, do amor e da promessa de eternidade no céu. Talvez ele tenha visto Jesus curar um cego e lhe oferecer pleno perdão dos pecados. Certamente ele conversou com os discípulos e ouviu os relatos maravilhosos dos dias que eles passaram com aquele grande Amigo. A razão de Barnabé ser esse homem de encorajamento é que ele acreditava no maior Encorajador. Deus é o "Pai de misericórdias e Deus de toda consolação [encorajamento]!" (2 Co 1.3). A graça de Jesus transformou Barnabé em filho de Deus. Tal Pai, tal filho. Barnabé aprendeu a tratar os outros assim como era tratado por Deus. Ele conheceu a Fonte do encorajamento e se tornou um maravilhoso imitador do Senhor.

A Palavra nos diz que nós também devemos ser imitadores de Deus (Ef 5.1). Você está refletindo a Cristo nessa área? Você procura encorajar outros? Como você tem se saído na tarefa de encorajar seus amigos? Você está ativo nesse ministério? Se as pessoas fossem lhe dar um apelido, assim como fizeram com Barnabé, elas o chamariam de "Encorajador"?

Nosso próximo passo diz respeito a como você pode se tornar um Barnabé. Vamos considerar especificamente como

as suas palavras podem encorajar outros, assim como as de Barnabé. Pense em Provérbios 18.21: "A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto". Que versículo impressionante! Ele diz que com suas palavras você tem o poder de animar ou arrasar outra pessoa. Diante disso, espero que você decida ser mais cuidadoso com suas palavras. Estudaremos seis categorias de palavras que Deus quer que você use para encorajar pessoas, isto é, para lhes dar vida, ânimo e esperança.

Começaremos com **Palavras de Reconhecimento ou de Elogio**. Pense em pessoas que fazem parte da sua vida. Pense em alguém que o incentivou de maneira marcante. Talvez na sua infância você teve uma professora que lhe disse algo que nenhuma outra havia dito: você poderia escalar montanhas, ser um bom autor ou cantar muito bem. Aquela pessoa mudou a sua vida, deu-lhe ânimo, inspiração e possivelmente o orientou para uma direção que você nunca teria tomado não fossem aquelas palavras especiais. Não é incrível pensar que você pode ter o mesmo tipo de influência na vida de outra pessoa por meio de palavras de reconhecimento? É maravilhoso pensar o quanto as suas boas palavras podem incentivar alguém a seguir com determinação um rumo de vida.

Quero lhe apresentar uma pessoa que muito me encorajou. Quando criança, eu era muito tímida. Várias vezes menti para minha mãe dizendo que estava doente, pois não queria ir à escola. Embora sendo uma aluna excelente, eu me sentia intimidade pelos outros alunos e por aquilo que era exigido de mim. Lembro-me claramente da minha professora da quarta série, a senhora Lawford. Sinceramente eu não consigo lembrar o que ela me dizia, mas ela sempre me fazia sentir bem! Ela me fazia acreditar que eu era especial e poderia fazer grandes coisas. Alguém disse que "um elogio é capaz de transformar um lugar comum em acolhedor e agradável, e a agitação turbulenta do mundo em música". Não é fantástico? Se você tem palavras de elogio ou aprovação para dizer a alguém, faça-o agora mesmo. Uma lápide de cemitério traz escrito: "Se você acha que alguém merece ser elogiado, diga-lhe isso agora, pois ele não poderá ler sua lápide quando estiver morto". Que verdade!

Como Barnabé aprendeu a falar palavras de reconhecimento? Ele serviu a um Deus que expressa reconhecimento. Deus registrou para sempre na Bíblia o Seu reconhecimento a respeito deste homem ("filho de encorajamento") e também alguns relatos sobre a vida de Barnabé para que ele nunca fosse esquecido. Barnabé é um exemplo para que você e eu também sejamos imitadores de Deus.

Por que temos dificuldade para expressar elogios? Por que temos dificuldade para compartilhar coisas boas uns com os outros? Você não tem nada a perder praticando o encorajamento; pelo contrário, sairá lucrando. Gosto de dar uma boa palavra a outras pessoas. Quando estou na fila do supermercado e a moça do caixa está usando um uniforme que eu tenho certeza de que ela não gosta de usar, mas cuja cor realça a cor natural da sua pele, eu simplesmente digo: "Essa cor fica muito bem para você!". Certa vez, eu estava na fila do caixa e a cor do esmalte da moça que me atendeu era muito bonita. Eu a elogiei. Agora, cada vez que volto, ela está com a mesma cor de esmalte! Não seja pão-duro com palavras de reconhecimento ou elogio. Distribua-as com generosidade. Afinal, palavras não custam nada!

Aqui estão algumas dicas para dar um bom elogio:

1)Seja criativo. Olhe para além da aparência. Obviamente, por não conhecer bem as pessoas que trabalham no supermercado, só posso elogiar sua aparência. Mas quando temos amigos que conhecemos bem, podemos elogiar o caráter. Podemos elogiar um comportamento bíblico. Elogie seus filhos por aquilo que eles são, o que estão fazendo, as boas escolhas que têm feito, o caráter que estão expressando, e não apenas sua elegância em determinada ocasião (embora isso seja muito agradável de ouvir também!).

2)Seja sensível às necessidades. Elogie uma atitude ou comportamento cristão diante de uma circunstância difícil. Precisamos estar ao lado daqueles que fazem escolhas certas em momentos de pressão, prestigiá-los e animá-los dizendo: "Muito bem!". Muitas pessoas tomam decisões erradas nessas horas. Quando vemos alguém agir bem, devemos chegar junto, aplaudir, animar, apoiar. Afinal, precisamos uns dos outros.

3)Pense antes de falar. Não faça como esse casal — Eduardo disse: "Querida, você está muito bonita hoje à noite". Janice respondeu alegremente: "Ah, você está falando isso só para me agradar". Eduardo continuou: "Não, é verdade. Precisei olhar duas vezes para ver se era mesmo você". Uau! Não é preciso dizer mais nada! Mas consigo me identificar com Eduardo. Sou campeã em abrir minha boca sem pensar. Já falei o que não deveria várias vezes! Nunca me esquecerei de uma vez em que estava com uma senhora adorável, que está sempre muito bonita e bem arrumada. Querendo encorajá-la, dei um sorriso e disse: "Você está sempre encantadora. Deve gastar muito tempo para ficar assim!". Não foi horrível!? Fui embora, reprovando a mim mesma. Essa é a lição: escolha suas palavras com cuidado. Considere-as do ponto de vista de quem as escuta. Lembre-se de que nosso objetivo é animar outras pessoas.

4)Seja específico. Generalizar seu elogio enfraquece a mensagem. Inúmeras vezes, quando termino uma palestra, algumas mulheres vêm até a mim e dizem: "Oh, eu realmente gostei da sua palestra. Você fez um bom trabalho!". Costumo dizer: "Verdade? O que a ajudou mais especificamente?". Se ficam com um olhar perdido, sei que não cumpri muito bem minha tarefa! Seja específico quando você estiver elogiando. Não diga apenas: "Você fez um bom trabalho!" Fale algo como: "A história que você compartilhou no estudo bíblico hoje tocou realmente o meu coração. Obrigado por compartilhar com transparência o que está no seu coração".

Meu desafio é que a cada dia você procure expressar às pessoas com quem encontra pelo menos um comentário sincero e estimulante. Diga algo alegre, que transmita um encorajamento bondoso. Comece logo de manhã, com palavras amorosas para com seu cônjuge e seus filhos, e continue com seus companheiros de trabalho. Escolha concentrar em aspectos positivos, não nas fraquezas (Fp 4.8). Você já notou o efeito de um elogio feito em público? Não apenas você o ouve, mas todos ouvem aquelas mesmas palavras. Se você elogiar alguém publicamente, você não apenas encoraja aquela pessoa, mas também leva as demais a pensarem bem sobre seu amigo! Sabe qual será o resultado de nos elogiarmos uns aos outros e expressarmos reconhecimento mútuo com maior freqüência? Elevaremos o padrão dos nossos relacionamentos e daremos um bom exemplo, motivando outros a fazerem

o mesmo e encorajando-os a serem mais parecidos com o Senhor. Você tem distribuído palavras de elogio ou reconhecimento?

A Palavra de Deus no desafia a "adoçar" nossas palavras. Provérbios 16.24 diz: "Palavras agradáveis são como favo de mel, doces para a alma, e medicina para o corpo". Romanos 14.19 diz: "Assim pois, seguimos as cousas da paz e também as da edificação de uns para com os outros". Efésios 4.29 nos exorta: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para a edificação, conforme a necessidade". A razão? Para que "assim transmita graça aos que ouvem". Você pode fazer isso com simples palavras de reconhecimento.

De que outra forma você pode ser um Barnabé? Falando **Palavras de Conforto**. Charles Swindoll disse: "Tenho aprendido uma lição muito valiosa na vida. Quando as pessoas estão tristes, elas precisam de algo mais que análises e diagnósticos precisos para seus problemas. Precisam de algo além de conselho profissional. Mais, muito mais do que uma sacudida verbal ríspida e firme que ponha tudo no devido lugar". Às vezes, em momentos difíceis da vida, precisamos apenas de palavras de conforto. Quando o peso que carregamos parece além do que podemos suportar e ninguém ao nosso redor parece se importar, gostaríamos de nos refugiar em um cantinho e chorar as mágoas: "Ninguém me ama, ninguém me quer!". Esse peso poderia ser aliviado com uma palavra de conforto! Para essas horas, Provérbios 12.18 diz que "a língua dos sábios é medicina". Provérbios 12.25 diz: "A ansiedade no coração do homem o abate, mas a boa palavra o alegra".

O que são palavras de conforto? A melhor palavra de conforto é a Palavra de Deus. Você tem alguns "versículos de ânimo"? Aquele versículo que você lembra nos dias em que está abatido? Os versículos que são medicina para a sua alma? Você os sabe de cor? Precisa memorizá-los, pois poderá estar sem a sua Bíblia quando alguém ao seu lado precisar ouvi-los. Mas se ainda não os decorou, você irá se lastimar e deixar escapar uma ótima oportunidade para encorajar outros. Memorize versículos como Jeremias 29.11,13 ("Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês, diz o Senhor" NVI), Isaías 43.2, Salmo 34.18, e tantos outros! Procure aqueles que são mais significativos para você.

Precisamos de palavras de compaixão. Nem sempre precisamos dar conselhos. Eu mesma tenho que lembrar isso com muita freqüência. Nós que temos a Palavra de Deus e somos conselheiros, sabemos que temos as respostas de Deus para os problemas da vida, correto? Muitas vezes queremos "consertar" a vida dos outros! Mas não é todo mundo que necessita ser "consertado". Às vezes, tudo o que precisamos fazer é não insistir, abraçar a pessoa e falar palavras de conforto e compaixão como: "Eu sei que você está passando por um momento difícil. Sinto muito". Precisamos compartilhar palavras de amor, que fortaleçam a pessoa e nossa amizade. Por exemplo: "Estou aqui ao seu lado e quero ajudá-lo". Isso fará com que as pessoas sejam mais abertas conosco.

Em uma das paredes do meu quarto de hóspedes tenho um quadro em ponto de cruz com uma citação muito significativa para minha vida:

> Oh, o conforto, o conforto inexprimível de se sentir seguro com alguém, não tendo que pesar pensamentos nem medir palavras, mas posso derramá-los do jeito que

são, joio e trigo juntos, na certeza de que uma mão fiel irá pegá-los e peneirar, guardando aquilo que é bom e mandando o resto para longe com um sopro de bondade. (Dinah Maria Muloch Craik)

Que maravilhoso é ter um amigo como Barnabé, com quem você pode falar com liberdade e prosseguir na caminhada, sabendo que ele continuará a amá-lo e estará ao seu lado quando você precisar. Que possamos ser aquele amigo que conforta o coração partido, faz o sol brilhar em meio às nuvens, faz uma carga ficar mais leve ou ajuda o exausto. Que essa seja nossa oração. "O Senhor me deu a língua de eruditos, para que eu saiba dizer boa palavra ao cansado" (Is 50.4).

Como Barnabé aprendeu a falar palavras de conforto? Ele servia ao Senhor que "nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus" (2 Co 1.4). Você também pode passar adiante o que tem recebido.

Precisamos ter em nosso repertório **Palavras de Interesse e Cuidado.** Poderíamos gastar bastante tempo falando sobre o cuidado de uns para com os outros — como sair dos nossos esconderijos e nos dispormos a ministrar aos outros, como sair da nossa zona de conforto e nos dispormos a chegar perto de outras pessoas para conhecê-las. Tenho uma pergunta importante, que você deverá responder honestamente para si mesmo: Você se lembra de ter perguntado a alguém "Como vai?", e em resposta ter ouvido a pessoa falar mais e mais sobre si mesma sem nunca lhe devolver a pergunta "E você, como está?". Você se lembra de ter tomado uma refeição com alguém e de ter ouvido essa pessoa falar de si mesma o tempo todo sem nunca perguntar nada a seu respeito ou incluí-lo na conversa? Você já passou um dia com uma amiga fazendo compras e ela não perguntou nem uma vez "Como você esta? E os seus filhos? E o seu ministério?". Ou talvez ela tenha perguntado de passagem algo a seu respeito e logo em seguida mudado o rumo da conversa de volta para ela. Você costuma ir a reuniões de família e depois, no caminho de casa, ficar imaginando se alguém realmente se importa com você já que ninguém perguntou como você estava?

Ao longo do tempo, em algum momento as regras de comunicação mudaram. Quando eu era garota, meus professores ensinavam as regras de uma comunicação apropriada. Um diálogo adequado era como um jogo de ping-pong: eu falo, você fala; minha vez de falar e depois a sua; ida e volta, vai e vem. Quantos de vocês aprenderam isso? Hoje parece que mudamos de jogo. Em nossa comunicação, passamos do ping-pong para o Nintendo: eu posso fazer tudo sozinho! Isso não é bíblico e se chama egoísmo — comportamento do "velho homem" (Ef 4.21). Filipenses 2.3-4 aponta o dedo para mim e deveria incomodar você também. "Nada façais por partidarismo, ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros." Você não pode cumprir esses versículos e ao mesmo tempo insistir em monólogos nas suas conversas (nem mesmo podemos chamar isso de conversa, não é?).

Você conhece o Mandamento Número Um? O primeiro e mais importante: "Amarás o Senhor teu Deus, de todo o

teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento". Conhecendo-nos muito bem, Deus nos dá o segundo grande mandamento: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.37-39). Vez após vez no Novo Testamento, Deus usa Sua Palavra para nos exortar a nos envolvermos uns com os outros, amarmos, compartilharmos, cuidarmos, acolhermo-nos mutuamente. Precisamos crescer nessa área.

Palavras atenciosas aproximam as pessoas. ... Antes de tudo, isso requer preocupação com os outros. Como anda o seu interesse por pessoas? Você tem dificuldade para amá-las? Se sim, ajoelhe-se e ore. Peça a Deus que coloque em seu coração uma paixão pelos outros, ensine você a amar, acolher e se preocupar com pessoas. Deus transformará o seu coração se o seu desejo for sincero. Você precisa ter interesse por pessoas.

Você também precisa de curiosidade. As pessoas são interessantes e você pode aprender muito ao ouvi-las. Aprenda a fazer boas perguntas. Talvez você esteja pensando: "Eu quero amadurecer nessa área; sei que tenho sido péssimo, mas não sei por onde começar". Comece por perguntar se a pessoa tem algum pedido de oração. Ou pergunte: "O que você tem lido ultimamente?" (Se você for um leitor assíduo, essa pergunta é muito boa!). Pode também perguntar: "Você tem um sonho que ainda não se concretizou? Você acha que algum dia terá a oportunidade de vê-lo realizado?". Pergunte coisas divertidas, variadas. "Se você pudesse passar um ano em outro país, qual escolheria e por quê?" Aliás, "e por que" é muito importante, pois lhe dá a oportunidade de ouvir e entender melhor a pessoa. Quando você estiver fazendo perguntas, não se limite a dizer "Como vai?". Ouça a resposta e esteja pronto para a pergunta seguinte. Sugiro que você faça perguntas "em trio", pois é uma boa maneira de não cair na comunicação egoísta: pergunte, pergunte de novo, e pergunte mais alguma coisa. Essa fórmula o ajudará a estabelecer uma comunicação efetiva, voltada para a outra pessoa. Ensine sua família a trocar perguntas durante as refeições, aproveitando para conhecerem mais de perto uns aos outros. Também ensine seus filhos a sentarem e ouvirem o que os outros têm a dizer, respeitarem os pensamentos de outras pessoas e terem o desejo de aprender com elas. Torne-se um bom ouvinte. Alguém já disse que "ouvir, não só fingir que está ouvindo, é a melhor maneira de agradar". Então comece! Pense em boas perguntas e use-as com várias pessoas para iniciar as conversas. O resultado pode lhe dar muito prazer! Faça perguntas variadas como, por exemplo, "Qual a sua cor favorita?" (essa pergunta que pode parecer superficial, mas coloca a bola para rolar no campo!).

Se você tem sido negligente nessa área, gostaria de chamá-lo ao arrependimento pelo egoísmo e pela preocupação consigo mesmo, e por estar tão cheio de si mesmo que não consegue nem mesmo dar um "Oi", encorajar ou animar alguém. Deus nos diz que devemos nos ajudar mutuamente, trabalhando para a unidade e harmonia no corpo. Você não pode fazer isso se for semelhante a uma ilha. Peça ao Senhor que lhe dê interesse genuíno pelos outros ao invés de se ocupar somente consigo mesmo. Peça a Ele capacitação para se arriscar e ir ao encontro de pessoas. Peça a Ele para atrair outras pessoas por meio da sua vida.

Como Barnabé aprendeu a falar palavras de interesse e cuidado? Ele conhecia o Senhor que convidou as

pessoas para compartilharem seus pesos com Ele. Quando encontrou o mendigo cego, Jesus perguntou como poderia ajudá-lo: "Que queres que eu te faça?" (Lc 18.41). Conhecendo a Jesus, é possível aprender a ter o mesmo tipo de atitude para com as pessoas e seus problemas.

Vamos agora às **Palavras de Motivação, Influência e Inspiração:** palavras que estimulam. Atos 15.32 diz: "Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram." Gosto de ler este versículo! Hebreus 10.24 diz: "Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras". É como se estivéssemos dizendo: "Você pode fazer isso! Você fez um ótimo trabalho!" Deixe os outros saberem que você acredita que eles podem alcançar o alvo. Incentive-os. "Quero ver!", "Desafio você a fazer!", "Vamos lá!", são palavras que encorajam a ir adiante. "Boa idéia!" "Você é a melhor pessoa para esse trabalho!" Precisamos fazer tudo o que está ao nosso alcance para encorajar nossos companheiros na fé a viverem com ousadia para o Senhor.

Você costuma elogiar as pessoas quando elas estão fazendo um bom trabalho? Pense no que acontece na sua igreja. Você já elogiou o zelador por deixar a igreja limpa e brilhante? Ou você já agradeceu as pessoas que ficam no berçário cuidando do seu neném enquanto você pode sentar calmamente e participar do culto sem distrações? Você já agradeceu a pianista pelas horas investidas no ensaio do louvor do culto de domingo?

Lidamos de maneiras diferentes com pessoas diferentes. Em 1 Tessalonicenses 5.14 lemos: " Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos". O incentivo que oferecemos pode variar, dependendo de nossas personalidades e circunstâncias. Por exemplo, se estou cansada de ser uma serva e ministrar aos outros, ter uma pessoa que me incentive com um tapinha nas costas ajuda-me a prosseguir, animada com poder ajudar a levar a carga de um irmão. Quando estou em pecado e acomodada com a situação, a motivação para fazer o que é certo pode vir de um conselho sábio e de uma palavra de repreensão amorosa. Quando meu coração está quebrantado por meu pecado, um encorajamento amoroso será de incentivo para mim. Quando estou vivendo em obediência à Palavra de Deus, ouvir que alguém olhou para mim e foi desafiado pelo meu exemplo pode me encorajar a continuar a fazer o que é certo. Seja qual for a necessidade das pessoas ao seu redor, você deve procurar como estimulá-las a fazer o que é certo.

Como Barnabé aprendeu a motivar e inspirar outros? Ele encontrou o Senhor que diz: "Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo" (Jo 16.33). Quando Jesus o motiva, você encontra razão para motivar outros.

Podemos encorajar outros também por meio de **Palavras de Alegria**. Quão importante é compartilhar alegria nas nossas amizades! Salmo 34.1 diz: "Bendirei o SENHOR em todo o tempo, o seu louvor estará sempre nos meus lábios". Compartilhe com outros o que Deus está fazendo na sua vida. Compartilhe a alegria do Senhor. Compartilhe o privilégio de sorrir. Você é uma pessoa agradável de se conviver? As pessoas sorriem quando vêem você se aproximar? Provérbios 15.13- 15 diz: "O coração alegre aformoseia

o rosto, mas com a tristeza do coração o espírito se abate....Todos os dias do aflito são maus, mas a alegria do coração é banquete contínuo". A pessoa que não sorri é um enfado! Aprenda a sorrir. Aprenda a rir de si mesmo! Deixe que as pessoas riam de você! Que mal há?

Uma maneira de alegrar os outro é fazer com que saibam que você se lembra deles. Mande cartões criativos. Você já descobriu os cartões eletrônicos? Alguns são excelentes! Ultimamente você pode enviar flores pela Internet. E chocolate também! Você tem à disposição ótimos meios de encorajar e divertir outros.

Como Barnabé aprendeu a alegria e o gozo próprios de um encorajador? Ele conhecia o Senhor que diz: "Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo" (Jo 15.11). Alegria é fruto do Espírito Santo e deveria ser manifesta a todos ao nosso redor.

Finalmente, você deve compartilhar **Palavras de Sabedoria**. Considere-se abençoado se você tem um amigo que deseja verdadeiramente crescer no Senhor e agradá-lO. Que privilégio maravilhoso você tem de amadurecer lado-a-lado com alguém que você ama! Considere-se duplamente abençoado se esse amigo olha para você como uma pessoa com quem ele pode aprender algo. Um dos maiores elogios que já recebi foi quando uma mulher veio até a mim na igreja e disse: "Você quer me discipular?". Adivinhe o que eu disse. "Siiiim!" Você tem um bom amigo com quem pode estudar a Palavra de Deus? Alguém com quem você pode crescer no Senhor, compartilhar seus pecados, compartilhar as áreas em que você está trabalhando em mudanças para agradar a Cristo, investir em encorajamento e incentivo mútuo rumo ao crescimento e à maturidade? Provérbios 15.7 diz: "A língua dos sábios derrama o conhecimento". Você tem buscado oportunidades para ensinar outros?

Na contracapa da minha Bíblia, escrevi um versículo que considero um alvo para minha vida: "Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos"(Ed 7.10). Que grande missão para nós também! Há três elementos específicos nesta passagem.

1) Você deve estudar a Palavra de Deus para conhecer Seus princípios e preceitos.

2) Você deve decidir buscar e obedecer à Palavra de Deus, vivendo de acordo com a vontade dEle. O seu comportamento deve seguir o seu conhecimento.

3) Você deve compartilhar a Palavra de Deus e se comprometer a ensiná-la aos outros.

Outros versículos mencionam a responsabilidade que todos nós temos nessa área de ensino: "Como o óleo e o perfume alegram o coração, assim, o amigo encontra doçura no conselho cordial" (Pv. 27.9). Também Provérbios 27.17: "Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo".

Como Barnabé aprendeu a falar palavras de sabedoria? "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida" (Tg. 1.5). Nós servimos o mesmo Deus! Conhecemos o Doador de todo dom bom e perfeito. O Pai de todo encorajamento, Ele mesmo nos faz filhos de encorajamento - e filhas de encorajamento também!

Estes seis tipos de palavras devem estar no nosso vocabulário como filhos de Deus: Reconhecimento, Conforto, Cuidado, Motivação, Alegria e Sabedoria. Empenhemo-nos para cumprir as palavras de Salmos 19.14: "Que as palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, SENHOR, rocha minha e redentor meu!".

Se as suas palavras forem agradáveis a Deus, serão agradáveis aos outros também. Lembre-se de Provérbios 18.21: "A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto". Tomemos a decisão de usar nossas palavras para encorajar outros de modo que nós, também, possamos ser chamados de "Filhos de Encorajamento".

Levando a Sério a Impureza Sexual em Nossos Dias

Tim Stafford

É difícil falar sério sobre impureza sexual em nossos dias. Quando Jimmy Carter, então candidato à presidência dos Estados Unidos, disse a um repórter que havia adulterado várias vezes no seu coração, a reação da imprensa foi o que John Updike descreveu como "alegria tensa". "Como soa estranha aos ouvidos atuais", disse Updike, "a noção de que a lascívia – um desejo sexual que aparece tão involuntariamente quanto a saliva – é pecaminosa!".

A maneira atual de lidar com a impureza sexual é fingir que ela não nos afeta – considerá-la inevitável e saudável, até mesmo divertida. Será que é mesmo assim? Não precisamos fazer um grande esforço para ver que a impureza sexual não é nem de longe sem importância como nossa sociedade gostaria que fosse.

Primeiro, a experiência nos diz que ela não é uma banalidade. Até mesmo um adulto bastante maduro pode cair na estultícia da lascívia – mudando de um canal para outro para assistir sexo na TV ou maquinando o encontro com alguém que ele deseja devorar mentalmente -- e ele se dará conta de estar perdido, entorpecido como se fosse um robô. Poderá fazer piadas a respeito, mas o envolvimento do coração é um fato. A impureza sexual pode ser emocionante – como um encontro com um tubarão é emocionante – mas não é nada engraçada.

Nossa sociedade também não vê a impureza sexual ou a lascívia como uma piada. Embora seja difícil traçar uma ligação direta entre a revista *Playboy* e a desintegração social atual, nossa obsessão pela lascívia certamente tem alguma coisa a ver com o aumento da AIDS, da gravidez de adolescentes e do divórcio.

Tradução e adaptação de Getting Serious about Lust in an Age of Smirks. Artigo publicado em *The Journal of Biblical Counseling,* v.13, n.3, Spring 1995, p. 4-6.

Tim Stafford contribui com artigos para a revista *Christianity Today*, de onde esse artigo foi extraído com permissão para CCEF.

A Bíblia trata a impureza sexual com muita seriedade. O Senhor nos diz que ela equivale ao adultério. Para os cristãos, isso deveria ser suficiente. Mas não é apenas por causa das Escrituras que a levamos tão a sério. A experiência demonstra a verdade das Escrituras.

O que é impureza sexual ou lascívia?

Passei boa parte dos últimos vinte anos falando e escrevendo sobre sexo e sei por experiência que um contingente de pais cristãos e pastores prefeririam nunca mencioná-lo. Quando falam da luta contra a impureza sexual, o que eles gostariam mesmo é de eliminar das mentes qualquer pensamento sobre sexo. Na realidade, prefeririam que os adolescentes nunca chegassem à puberdade.

A Bíblia, entretanto, é franca e fala sem rodeios sobre sexo. Sexo não é o assunto central das Escrituras e a preocupação da Bíblia com a impureza sexual — cobiça ou lascívia — é apenas parte de uma preocupação maior. Para nós, em geral, a palavra *lascívia* tem a conotação de fantasias sexuais e está quase sempre associada a figuras mentais de corpos nus, que tanto atraem o sexo masculino. Esse significado da palavra *lascívia*, entretanto, não tem um equivalente no Novo Testamento Grego. A palavra traduzida por *lascívia* ou *intenção impura* em Mateus 5.28 (*epithumia*) significa apenas *desejo*. Algumas vezes essa palavra, de fato, tem um significado positivo como quando Jesus disse a seus discípulos que Ele "desejou ansiosamente" comer a ceia da Páscoa com eles (Lc 22.15). Certamente, Jesus não estava dizendo que tinha fantasiado sobre a ceia da Páscoa, babando mentalmente pelo menu. *Epithumia* aqui não é nem de longe uma fantasia sexual. Jesus quis dizer que ele havia ansiado profundamente pela ocasião.

O mesmo termo grego é usado para expressar a palavra hebraica traduzida por *cobiça,* por exemplo, em Êxodo 20.17: "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo". Aqui chegamos ao centro do problema da lascívia como a Bíblia o entende: queremos coisas que não nos pertencem. Deixe o sexo de lado por um momento. De modo geral, não estamos contentes com o que temos. Queremos sempre algo mais – e esse desejo nos dirige.

Lascívia, ou cobiça, é um componente básico daquilo que a Bíblia chama de pecado. Qualquer criança de dois anos, ou um adulto confiável de quarenta anos, confessa: Eu quero o que eu quero porque quero. Ninguém nem nada mais é levado em conta. Os comentários de Jesus a respeito da impureza sexual encaixam-se nisso. A impureza sexual revela que, no fundo do seu coração, você deseja a vida sexual de outra pessoa. Quando um homem cobiça uma mulher, ele não está agradecido com aquilo que Deus lhe deu, mas está atormentado pensando naquilo que queria que Deus tivesse lhe dado.

A psicologia da impureza sexual é um processo simples: começa com a atração, muda rapidamente para a insatisfação, resulta na fixação. Ela nos conduz à ingratidão, ao descontentamento e à obsessão. Quando você está cheio de lascívia – porque ela realmente parece tomar conta – você não consegue ter nada na sua mente que não seja aquilo que lhe falta. E isso não é verdade apenas para o sexo.

A "carne" – quer dizer, a vida sem Deus – deseja com urgência muitas coisas: poder, prazer, riqueza, status e admiração. Nada disso é errado por si só e também não é errado gostar dessas coisas. Mas desejo, lascívia ou cobiça, é mais do que gostar. É uma vontade de possuir que transforma coisas boas em objetos de adoração. Por essa razão, a palavra cobiça está ligada intimamente a outra palavra bíblica: *idolatria*. Aquilo que cobiçamos, nós idolatramos. Podemos fazer piadas da nossa lascívia, mas o nosso comportamento mostra uma sujeição profunda. Voltamo-nos para os nossos ídolos para que eles nos dêem aquilo que desejamos – para que façam nossas vidas mais ricas e cheias de propósito. Na nossa cultura, um ídolo que muitas pessoas procuram é o deus da satisfação sexual.

O direito de desejar

Olhe para as capas das revistas nas bancas de jornais e você se lembrará de como a perspectiva bíblica parece loucura para o mundo atual. A idéia comum é que as pessoas querem aquilo que não lhes pertence. É natural que um homem inveje o carro novo do vizinho. Também é natural que uma mulher olhe para um galã de novela e imagine que ele deve ser um bom parceiro na cama. O que há de errado em querer isso – desde que não se cometa um crime para conseguir? Na verdade, estamos perigosamente perto de abraçar a idéia de que a cobiça é uma característica fundamental do homem – se não um direito. Por exemplo, a maioria das discussões sobre a homossexualidade presume que as pessoas têm um desejo profundo e incontrolável por certo tipo de parceiro; argumentam, portanto, que seria cruel e desumano negar-lhes a liberdade de satisfazer esse desejo.

Esses desejos profundos e incontroláveis não estão limitados à homossexualidade. Quase todos os desejos parecem profundos e incontroláveis, escapando a um ato ciente de escolha. A Bíblia pode me dizer para não cobiçar a mulher do meu próximo ou sua casa, mas parece que não tenho escolha quanto a isso. Eu vejo, eu quero. Posso tomar um banho gelado, desviar meus olhos, evitar o segundo olhar e até fazer psicoterapia – mas nesse mundo cheio de coisas atraentes, meus desejos não são eliminados com facilidade. Continuam vindo à tona.

Ainda assim, a Bíblia me diz: "Não cobiçarás". No contexto da impureza sexual, Jesus diz que se meu olho me faz pecar, devo arrancá-lo (Mt 5.29). O fato de eu não conseguir resistir à lascívia não faz com que ela seja aceitável. Para ser discípulo de Jesus, devo fazer morrer em a mim a lascívia. Devo aprender a querer o que Ele quer e deixar de lado qualquer outra coisa.

Como substituir um desejo por outro desejo

Como menino criado na igreja, aprendi que a impureza sexual é algo serio. Com certo encorajamento por parte de outros cristãos, tentei aniquilar a lascívia do modo mais óbvio: por meio de técnicas de autocontrole. Uma estratégia foi varrer do meu ambiente todo estímulo à lascívia (filmes, revistas). Outra foi também varrer da minha mente todo pensamento lascivo (imagens sexuais).

Qualquer pessoa que tenha levado a sério a lascívia pode acrescentar algo à lista das técnicas de autocontrole. Banhos frios, exercício físico, ocupação constante, versículos memorizados: tudo isso já foi testado para tentar acabar com a lascívia. De modo geral, não funciona. Essas

técnicas podem ajudar a colocar a lascívia de lado por um tempo, mas certamente não a eliminam. A mente humana é tão forte que pode usar qualquer imagem para alimentar a lascívia — pense nos islamitas conservadores, que cobrem até o rosto das mulheres.

Curiosamente, não encontrei nenhuma dessas técnicas na Bíblia. No Novo Testamento, as técnicas vêm claramente em segundo lugar. O apóstolo Paulo escreveu aos Colossenses: "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto....Pensai nas coisas lá do alto." Somente então ele continua: "Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria" (3.1-5).

Primeiro, pensai nas coisas lá do alto. A salvação é oferecida em Jesus – mediante Sua vida, morte e ressurreição. Ele nos perdoa, justifica-nos e dá o Seu Espírito para nos santificar. A vida no Espírito nos transforma. Domínio-próprio é parte do fruto do Espírito, resultado de uma vida cheia do Espírito. A promessa de Paulo aos Colossenses é clara e otimista, para não dizer tremendamente geral: "Vivam pelo Espírito e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne" (Gl 5.16 NVI).

Andar no Espírito? Nossa sociedade dedica-se a incitar a lascívia com propósitos comerciais. Somos inundados diariamente pela estimulação sexual que vem por meio do mundo das imagens eletrônicas. Diante disso, o conselho dado na escola dominical para cultivar pensamentos puros parece ineficaz, até mesmo ingênuo. Creio, porém, que Paulo esteja pensando menos no momento da tentação e mais em uma batalha espiritual que dura a vida inteira. Os desejos não vão embora apenas porque queremos que seja assim, eles não desaparecem como uma bolha de sabão quando oramos. Eles vão desaparecendo aos poucos, quando outros desejos maiores e melhores ocupam seu lugar. Jesus nos ensinou a orar por esse tipo de desejo: "Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o Teu nome nome, venha a nós o Teu reino, seja feita a Tua vontade".

É assim que o Espírito opera, implantando o desejo de santidade em nossos corações, uma cobiça santa que cresce e ofusca todos os outros desejos. Uma estratégia baseada apenas no "diga não" jamais será suficiente para mudar a direção de maneira duradoura. Somos encorajados pelas Escrituras a dizer sim – sim para o caminho do Espírito.

Fomos "sepultados" com Cristo e "ressuscitados" com Ele pelo Espírito. Agora, portanto, fazemos nossas escolhas de acordo com essa verdade – a ponto de nos tornarmos "servos uns dos outros" pelo amor (Gl 5.13), em lugar de servirmos a nós mesmos e à lascívia.

Quando andamos no Espírito – ou seja, vivemos uma vida cristã plena em oração, louvor e serviço – progredimos rumo às melhores coisas. Praticamos o autocontrole porque desejamos o que Deus deseja para nós. Queremos algo melhor, dado pelo próprio Deus. Desejamos ter uma vida plena em Cristo e tudo quanto Ele nos concede com essa vida. Essa é uma ambição boa. Um homem e uma mulher que desejam a vida sexual que lhes foi dada – sexo com o cônjuge – revelam a atuação de Deus em suas vidas. Desejar o seu cônjuge é bom, é parte da vida no Espírito – é desejar o que Deus deu.

A vida no Espírito é uma caminhada difícil, por um caminho estreito. O melhor cristão, o mais devoto e cheio do Espírito, luta com desejos errados. Ele pode até ser

tentado bem mais do que outros, pois as forças do mal estão sempre em ação e usam meios cada vez mais poderosos e sutis para tentar: da lascívia que *Playboy* oferece à lascívia do poder. Não temos as técnicas para eliminar das nossas vidas o pecado nem mesmo a tentação. Lutaremos contra eles até estarmos face a face com Jesus.

Um dia veremos Jesus. E não podemos esquecer que Ele está conosco agora, dando-nos os Seus desejos.

O Caminho do Sábio: como falar sobre sexo com os adolescentes

Paul David Tripp

Não é preciso muito *insight* ou perspicácia para perceber que precisamos nos preocupar com a cultura em que nossos filhos estão crescendo. As filosofias de vida baseadas no materialismo, no individualismo, na prevalência dos direitos pessoais e no hedonismo acenam a cada esquina. A mídia é capaz de propagar essas filosofias em nossos lares por meio de novelas e filmes envolventes, clipes musicais e comerciais de 30 segundos que cativam a atenção. Não é difícil demonstrar que os nossos filhos estão sendo poderosamente influenciados por uma perspectiva de vida decididamente anti-bíblia. Precisamos ser ativos no processo de engajá-los nas verdades capazes de transformar vidas e desmascarar os enganos que os cercam. Essas verdades precisam ser apresentadas de maneira que os jovens em geral as compreendam.

Uma das áreas em que a nossa cultura mudou mais claramente a verdade de Deus em mentira é a da sexualidade. Essa mentira está sendo espalhada incessantemente aos nossos filhos, desde as revistas para adolescentes, que retratam uma sexualidade distorcida, até às imagens claramente sexuais dos clipes musicais da MTV. Como é importante travarmos essa batalha! Para tanto, precisamos nos preparar pensando de modo genuinamente bíblico sobre a adolescência e a sexualidade. Eis o propósito desse artigo. Meu alvo não é fazer uma crítica exaustiva da sexualidade na cultura ocidental, mas estabelecer uma base conceitual bíblica e sugerir estratégias práticas para instruir os adolescentes nessa área. Iniciamos com uma avaliação da cultura e da Igreja, passando em seguida para uma perspectiva bíblica da adolescência, um modelo bíblico da sexualidade e, finalmente, estratégias práticas para lidar com os adolescentes nessa área.

Tradução e adaptação de *The Way of The Wise*. Artigo publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.13, n.3, Spring 1995, p. 36-43.

Paul Tripp é diretor de Changing Lives International. Atua como conselheiro e professor na Christian Counseling & Educational Foundation e como professor de teologia prática no Westminster Theological Seminary em Glenside, Pensilvânia.

O estado da cultura: a institucionalização da idolatria sexual

A presença de expressões sexuais explícitas em nossa cultura não deveria nos surpreender visto que ela está enraizada em uma perspectiva de vida que "mudou a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador". A perspectiva de vida da qual emergem as expressões sexuais atuais defende abertamente as seguintes "verdades":

1. O homem é autoridade final sobre sua vida. Ele tem autonomia. Ou seja, não há nada mais importante que o indivíduo. Eu dirijo minha vida e estou livre de qualquer autoridade que eu não queira obedecer.

2. A experiência humana de maior valor é a satisfação pessoal e o prazer. Eu tenho direito à minha quota de prazer e conforto.

3. Devo estar constantemente atento para que as minhas "necessidades" sejam satisfeitas.

4. O aspecto mais importante do amor é o amor-próprio. Sem ele não serei capaz de atuar na vida.

5. Quanto maior o prazer, melhor — o desejo constante de um estímulo cada vez maior e mais efetivo.

6. O importante é o aqui e agora, resultando em uma busca constante de gratificação instantânea.

7. O aspecto físico é mais importante do que o espiritual, resultando em uma atenção excessiva ao corpo.

Em uma cultura que vê o homem como ponto de convergência, considera Deus ausente e o prazer como a experiência de maior valor, não deve nos surpreender que a sexualidade venha a ser uma força tão dominante. Ela provê um caminho eficiente para o prazer físico instantâneo e oferece adoração e relacionamentos falsos (falsificando o Primeiro e o Segundo Grandes Mandamentos). Precisamos compreender que a nossa cultura nunca fornecerá aos nossos filhos uma perspectiva equilibrada da sexualidade enquanto ela não deixar de ter suas raízes em uma filosofia que ignora Deus e faz da satisfação humana seu principal foco de atenção. As diferentes instituições da nossa cultura estão contaminadas por uma perspectiva distorcida da sexualidade, o que pode ser visto claramente no casamento, na escola, na administração pública, no comércio, nas diversões. Diante desse quadro, é preciso que sejamos decididamente ativos em contrariar essa perspectiva.

O estado da Igreja: a transmissão aos nossos adolescentes de uma mensagem ambígua

É importante admitirmos a ambigüidade da Igreja quando se trata de sexo e identificarmos como essa ambigüidade afeta os nossos adolescentes.

Como cristãos, dizemos que o sexo é um dom de Deus; contudo, silenciamos estranhamente sobre esse assunto e nos sentimos incomodados nas raras ocasiões em que ele é discutido. Tratamos essa área de maneira distintamente diferente do que tratamos as outras áreas importantes da vida, resultando em falta de equilíbrio, de abertura e de uma educação sexual clara e prática. Em outras palavras, o sexo tende a ser deixado para fora dos limites de uma perspectiva normativa da vida cristã.

Do ponto de vista do adolescente típico (que não percebe todos os aspectos envolvidos na questão ou apenas presume alguns deles), o cristianismo parece apresentar o sexo de maneira negativa.

Por um longo tempo, a Igreja tem sido vista como uma instituição que considera a sexualidade humana como algo que não chega a ser bom. Essa é seguramente a percepção de muitos adolescentes crentes de hoje. Lembro-me de ter levado meus filhos de nove e onze anos para comer pizza com o propósito de conversar sobre sexo. Assim que fizemos nosso pedido, dei início ao assunto, peguei uma caneta e comecei a rabiscar em um guardanapo. A princípio, meus filhos ficaram surpresos com o fato de que eu estivesse pronto a falar com tamanha abertura. Mais adiante, compreenderam que se eu não tinha reservas para falar com eles sobre sexo, eles não deveriam ter também. Meu objetivo era lidar com essa área da mesma maneira com que eu havia lidado com as demais - como um aspecto importante da perspectiva de vida cristã que eu estava procurando transmitir a eles. Eu tinha todas as razões para conversar sobre o assunto e nenhuma razão para ficar constrangido ou quieto.

Se a Igreja, involuntariamente, deixa implícito que ela é "sexo-negativa", ela perde seu lugar e autoridade na vida dos adolescentes enquanto fonte disponível e confiável onde obter entendimento, orientação e correção na área sexual. Os adolescentes não levarão (e geralmente não levam) às igrejas suas perguntas, medos e experiências na área sexual.

Por que nós cristãos somos tão ambíguos nessa área? Por que tendemos a dar sinais confusos para nossos adolescentes? Parece-me que esta ambigüidade tem suas raízes em três distorções da verdade bíblica:

1. A Igreja tende a cultivar uma perspectiva não-bíblica da sexualidade, encarando-a como não tão boa e piedosa.

2. Tendemos a cultivar uma perspectiva não-bíblica do pecado, considerando-o como puramente comportamental e físico, e não como uma questão do coração.

3. Tendemos a cultivar uma perspectiva não-bíblica do adolescente, considerando suas escolhas como biologicamente determinadas.

Enquanto essas distorções estiverem presentes na Igreja evangélica, falharemos no papel de agentes de Deus para incentivar nossos adolescentes à pureza sexual.

Se a nossa ambigüidade insinua aos adolescentes que a Igreja é "sexo-negativa", que alternativas lhes restam? (1) Eles podem tentar conviver com o silêncio constrangedor da Igreja e lutar sozinhos pela sobrevivência, guardando para si mesmos suas perguntas, inclinações e experiências. Essa não é uma boa alternativa. (2) Eles podem ser levados a pensar que os cristãos não devem ter dúvidas nem dificuldades na área sexual. Conseqüentemente, quando passarem por lutas, começarão a questionar seu relacionamento pessoal com Deus. Queremos realmente que os nossos adolescentes pensem que a tentação e o pecado sexual não fazem parte da luta cristã normal? (3) Finalmente, eles podem procurar a informação onde ela está facilmente disponível e há um debate aberto - isto é, o mundo. Lá poderão fazer perguntas e receber respostas, não importa quão lastimáveis estas possam ser.

A Igreja não pode continuar a viver na ambigüidade. Não podemos permitir que o mundo seja a fonte principal de orientação para os nossos adolescentes nessa nem em quaisquer outras áreas. A comunidade cristã - dos lares às igrejas - precisa estar preparada para agir, educar, orientar e restaurar. Minha esperança é que esse artigo ofereça um plano prático para lidar com os adolescentes na área sexual e sirva de

orientação para todos aqueles que estão envolvidos no ensino, no aconselhamento e na restauração de outras vidas.

Uma perspectiva bíblica da adolescência

Uma das principais razões da Igreja não ser mais atuante no lidar com os adolescentes na área sexual é porque adquirimos uma perspectiva não-bíblica da adolescência. Não é muito difícil imaginar o que a maioria dos pais espera dos filhos nessa faixa etária. Recentemente, ouvi de um pai que participava de uma conferência: "É previsível que nossos adolescentes sejam rebeldes; todos nós fomos assim. Precisamos simplesmente agüentar". Sua esposa ecoou: "Não podemos discutir com hormônios!". Esses dois comentários dão-nos uma idéia da perspectiva atual de muitos pais cristãos sobre a adolescência. A pergunta é: Trata-se de uma perspectiva bíblica?

Frequentemente, quando falamos em adolescentes, compramos a idéia do modelo biológico de comportamento. Costumamos nos referir aos nossos adolescentes como um apanhado de hormônios rebeldes e tempestuosos, revestidos de um corpo em crescimento, e estabelecemos o objetivo de acorrentar de alguma forma esses hormônios para que possamos resistir até que os jovens alcancem a casa dos vinte. É uma mentalidade de sobrevivência que revela a pobreza dessa perspectiva. Muitos pais que conversam comigo sobre seus filhos adolescentes revelam sua falta de esperança, pois os vêem como vítimas de hormônios que os impulsionam a fazer coisas impensadas. Fica implícito que para lidar com essa faixa etária de nada adianta buscar orientações na Bíblia, o evangelho não funciona e as conversas não resolvem o problema (ou melhor, "Você não consegue conversar com hormônios!"). Mas não podemos nos satisfazer com essa perspectiva. Como em todas as outras áreas da vida, precisamos de uma perspectiva distintamente bíblica.

Em 2 Timóteo 2.22, Paulo exorta Timóteo a "fugir das paixões da mocidade". Essa frase tem a ver com nossa maneira de olhar e entender os anos da mocidade. Primeiro, repare que a Bíblia não é ingênua quanto a essa fase da vida. Há paixões que atormentam de forma peculiar os jovens, tentações que são particularmente fortes. Esse fato precisa ser encarado. A Bíblia incentiva-nos a sermos estratégicos e fazermos a seguinte pergunta: "Quais são os desejos pecaminosos que cativam uma pessoa nessa fase da vida?".

Uma segunda consideração que podemos extrair do termo qualitativo 'mocidade' é que cada fase da vida tem seu próprio conjunto de tentações. As tentações do jovem e as do adulto não são idênticas. Paulo está lembrando a Timóteo que ele precisa estar ciente de quem ele de fato é e de quais tentações estão ao seu redor.

Uma última consideração que podemos extrair dessa frase é que a mocidade não foi escolhida para ser alvo de sacrifício e sofrimento especiais. Em cada época da vida, a pessoa que procura agradar a Deus precisa estar atenta, orar, permanecer firme e lutar para não cair em tentação. O jovem é chamado a fugir das paixões da mocidade, enquanto o adulto é chamado a guardar-se das tentações típicas da sua idade. Cada pessoa deve aceitar sua fase específica de luta como parte da vida cristã normal.

O livro de Provérbios pode nos ajudar em nossa busca de compreensão frente aos desejos que afligem a mocidade. Nos primeiros sete capítulos, um pai dirige-se a seu filho, detalhando o que significa vi-

ver de acordo com a sabedoria ou a estultícia. Trata-se de um pai que está prevenindo seu filho acerca das tentações específicas da mocidade. Essa porção das Escrituras focaliza áreas específicas e ajuda-nos a estabelecer um modelo genuinamente bíblico das lutas que afligem a mocidade, em contraste com o modelo biológico atual e popular. Diversas características dos jovens emergem desses capítulos.

1. Os jovens tendem a não valorizar a sabedoria. Meus filhos adolescentes não correm ao meu encontro de volta das aulas dizendo: "Pai, fiquei pensando nisso hoje, e me dei conta de que tenho uma tremenda falta de sabedoria. Gostaria de sentar-me com você e receber um pouco da sabedoria que você ganhou em seus anos de estudo da Bíblia e caminhada com o Senhor". Para a maioria de nós seria um choque se isso acontecesse!

Os adolescentes tendem a ser fechados e defensivos. Não costumam amar a correção ou ansiar por sabedoria e entendimento. Sua tendência é focalizar coisas exteriores, preocupando-se mais com os aspectos físicos do que os espirituais. Portanto, em Provérbios, o pai diz a seu filho diversas vezes e de várias formas: "Adquira sabedoria!".

2. Os jovens tendem a ser insensatos na escolha de companhias. Que pai nunca estremeceu quando seu filho trouxe para casa o seu mais novo amigo, que parecia mais com um fugitivo da cadeia! Nessas horas, os pais lutam para ser educados e ao mesmo tempo pensam: "Eu não quero nem mesmo que você veja de novo essa pessoa!".

Os adolescentes não costumam fazer avaliações maduras dos seus relacionamentos. Tendem a ser insensatos na escolha daqueles que exercem influência sobre sua vida e ficam facilmente machucados quando você critica seus amigos. Não é à-toa que os primeiros capítulos de Provérbios enfatizam o impacto dos relacionamentos naquilo que o jovem é, pensa e faz.

3. Os mais jovens tendem a não focar o coração. No meio dessa seção de Provérbios, o autor diz: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida." (4.23). Ele está dizendo a seu filho que o coração necessita ser o foco de suas atenções, e mesmo assim é exatamente o que os jovens ignoram com maior facilidade.

Como pai, quero conscientizar meus filhos das questões do coração ainda que esse não seja um interesse natural para eles. Como pecadores, sua tendência natural é relacionarem-se comigo com legalismo. Eles querem saber quais são as regras e o quanto podem chegar perto dos limites sem arranjar encrencas. Eles querem saber o que acontecerá se cruzarem os limites. Sua perspectiva da lei de Deus é exatamente o oposto do que Cristo expressou no Sermão do Monte (Mt 5.17-48). Eles costumam focalizar a letra e não o espírito da lei. Se não estivermos cientes disso, e ignorarmos o coração que está por trás do comportamento, acabaremos por encorajar o tipo de farisaísmo que Cristo confronta em Seu ensino. Podemos criar filhos que "honram a Deus com seus lábios, mas cujo coração está longe dEle".

4. Os jovens tendem a não ter uma perspectiva escatológica. Nunca ouvi nenhum de meus filhos dizer: "Sabe, pai, hoje mesmo eu enfrentei algumas tentações; mas eu as encarei à luz da eternidade, e pensei que o sofrimento do tempo presente..." . A perspectiva de vida que resulta em uma vivência responsável da sexualidade tem suas raízes na eternidade, mas para os jovens a eternidade é algo distan-

te e irreal. Eles costumam ser *experts* em gratificação instantânea, mas não em resultados a longo prazo. Sua perspectiva é controlada pelo momento, na maioria das vezes, e com pouca perspectiva do futuro. Portanto, a primeira seção de Provérbios usa várias metáforas escatológicas como "colher", "herdar", "andar por caminhos que levam a um fim". A mensagem do pai para seu filho é: "Lembre-se, filho, isso não é tudo. Viva para o futuro; não permita que os desejos do momento o enganem e o levem a esquecer o que está por vir. As sementes que você plantar hoje darão frutos para o amanhã".

5. Os mais jovens tendem a ser particularmente suscetíveis às tentações sexuais. Nenhuma outra questão recebe maior atenção em Provérbios do que essa. Encontramos uma advertência após a outra para que o jovem se guarde do pecado sexual. Provérbios 5 e 7 são dedicados inteiramente a essa questão. Qualquer pai sabe que há uma explosão de consciência e interesse na sexualidade durante os anos da adolescência. De repente, nossos filhos percebem as implicações da existência de dois sexos. Eles vêem e sentem coisas como nunca antes. Tornam-se vivos para uma dimensão importante da vida humana, embora nem sempre possuam a maturidade para lidar com a sexualidade com domínio próprio e de maneira satisfatória.

Resumindo, ao tratarmos sobre sexualidade com os adolescentes, é importante que lembremos com quem estamos lidando. Não queremos comprar a perspectiva biológica, vazia de esperança, que nossa cultura propaga. Ao mesmo tempo, não queremos ser ingênuos a respeito das verdadeiras lutas dessa fase da vida. As cinco características destacadas acima nos oferecem o contexto das lutas do adolescente com a sexualidade. Elas nos lembram quem são os jovens, quais são os seus desejos e o que eles enfrentam nos momentos de tentação sexual. Também nos orientam quanto às questões com que precisamos lidar quando procuramos ajudá-los. Cada uma das características acima molda a maneira de pensar e agir nessa área importante da vida.

O exame honesto de cada uma dessas características deve nos despertar não tanto para ver o quanto os adolescentes são diferentes de nós, como para perceber o quanto eles têm em comum conosco. Podemos nos identificar em aspectos como a cegueira às questões do coração, a tendência de viver para o momento, a rejeição da sabedoria e da correção. Basicamente, estamos diante de problemas próprios da natureza caída, e não apenas característicos de uma determinada fase da vida. Podemos, então, levar a esperança do evangelho aos nossos adolescentes com humildade e não mais com o julgamento áspero que surge do esquecimento de quem nós somos.

Um modelo bíblico da sexualidade

Três considerações são imprescindíveis para um modelo bíblico da sexualidade.

O sexo é um instrumento-chave para expressar adoração (Romanos 1.18-27).

Romanos 1.21-27 retrata o sexo como uma maneira importante de revelar quem ou o que está de fato governando a vida de uma pessoa. O pecado sexual tem uma natureza idólatra; ou seja, estamos diante de uma área em que recusamos viver para a glória de Deus e trocamos a adoração e o serviço ao Criador por adoração e serviço à criatura. O pecado sexual é conduzido por desejos pecaminosos do coração

que ocupam o lugar do desejo de viver de acordo com os princípios de Deus e para o Seu prazer. A pessoa que comete um pecado sexual troca a proteção e a liberdade que provêm da verdade de Deus por uma multidão de mentiras que lhe permitem servir a si mesma.

Quando Paulo fala sobre o pecador que rejeita a revelação e a glória de Deus, é significativo que o fruto principal que ele menciona são os desejos sexuais desmedidos e o comportamento sexual pecaminoso. O sexo é apresentado nas Escrituras como um meio importante para expressar submissão ou rebeldia para com Deus. O homem pode sujeitar seu coração e seu corpo ao plano perfeito de Deus ou usá-los para alcançar o que lhe dá prazer quando e onde ele deseja.

Nossos adolescentes precisam ver a vida como um ato de adoração. Precisam ter compromisso com Deus. Eles têm duas alternativas: viver ativamente comprometidos com Deus, crendo em Suas promessas, obedecendo aos Seus mandamentos, confiando em Sua graça e glorificando-O ou, então, viver comprometidos com os ídolos, permitindo que algum aspecto do mundo criado substitua o Criador, buscando prazer e glória pessoais.

Infelizmente, poucos pais e líderes de mocidade mantêm conversas nesse nível. Deixamos de transmitir aos adolescentes uma perspectiva de compromisso com Deus que permite um diagnóstico prático de tudo quanto eles fazem. Na ausência dessa perspectiva fundamental, a Palavra é reduzida a uma espécie de saída de emergência para escapar do fogo eterno e a uma lista do que fazer e não fazer no presente. A vida cristã é reduzida ao farisaísmo religioso – "faça isso e agrade a Jesus".

O sexo é um instrumento-chave para expressar nossa identidade (1 Coríntios 6.12-10)

Em última análise, o ser humano pode viver como um ser independente ou como um ser criado por Deus e dependente dEle. Quaisquer pensamentos, motivações e comportamentos são expressão de uma dessas duas identidades. Em matéria de sexualidade, a questão é: "Vou viver minha identidade como criatura de Deus (e para o crente como filho de Deus) ou viver como senhor de minha própria vida, sem nenhum propósito maior do que minha satisfação pessoal?" É fácil ver como essa escolha é uma conseqüência natural da questão de adoração de que acabamos de tratar.

Em 1 Coríntios 6, Paulo fundamenta toda a discussão sobre imoralidade sexual na identidade do crente. É como se ele estivesse dizendo: "Se você quer permanecer sexualmente puro, você precisa entender quem você é como filho de Deus e deve fazer escolhas que derivam dessa identidade". Há quatro declarações acerca da nossa identidade nesse texto bíblico e elas providenciam limites maravilhosos dentro dos quais vivermos não apenas na área sexual, mas em cada uma das demais áreas da vida. Outra maneira de expressar isso é dizer que uma das nossas maiores ferramentas para lidar com os adolescentes na área sexual é ajudá-los a encararem o sexo a partir da mensagem do evangelho. Aqui está a identidade do cristão:

1. *Sou um servo de Cristo*. "Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas." Cristo nos libertou da escravidão dos desejos da natureza pecaminosa não para uma liberdade autodirigida, mas para a liberdade maravilhosa que encontramos somen-

te quando aceitamos nossa condição de escravos de Cristo. Ele é o Senhor que nos livrou da tirania de outros senhores (veja Romanos 6.1-14). Não precisamos mais entregar os membros dos nossos corpos para serem usados como instrumentos de Satanás, mas estamos livres para entregar nossos corpos como instrumentos de justiça. Nossa vida sexual expressa uma submissão alegre a Cristo ou uma lealdade a outro senhor.

2. *Sou um ser eterno*. "Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo Seu poder". A identidade do crente lembra-o de que tudo não termina aqui na terra; há mais pela frente. Nem os sofrimentos nem os prazeres do tempo presente podem ser comparados com a glória que está por vir. A esperança futura muda a perspectiva do crente com relação às pressões, oportunidades e responsabilidades do presente. O crente vive pacientemente, não por vista, mas pelo invisível, e ciente do valor eterno de cada sacrifício que ele faz no presente.

3. *Sou um com Cristo.* "Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Aquele que se une ao Senhor é um espírito com Ele." Os crentes estão unidos a Cristo em uma união inseparável. Não devemos nunca pensar ou agir como se estivéssemos sozinhos. Tudo quanto fazemos deve levar em conta Cristo, pois nossa união com Ele é eterna. Visto que nosso espírito é um com Ele, nossos corpos também lhe pertencem e devemos expressar de modo prático a vontade de Cristo em tudo quanto fazemos. Devemos rejeitar qualquer pensamento, fantasia ou engano de independência. Somos um com Cristo; agir de qualquer outra forma é negar o evangelho.

4. *Sou propriedade de Cristo.* "Não sois de vós mesmos. Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo." Paulo relata um aspecto significativo da redenção, que tem implicações para o presente. Deus nos comprou no Calvário, pagando o preço com o sangue de Seu Filho. Pertencemos a Ele. Não pertencemos mais a nós mesmos. Todas as vezes que agimos como se as nossas vidas nos pertencessem e pudéssemos fazer o que bem queremos e quando queremos, negamos nossa identidade como filhos de Deus. Pedro diz que somos um "povo de propriedade exclusiva de Deus". Se somos propriedade de Deus, nossa obrigação e alegria é agradar ao Proprietário.

Esses quatro aspectos da nossa identidade fornecem limites que promovem a pureza sexual e desmascaram a imoralidade. Eles falam com autoridade às realidades das lutas na área sexual. Como crentes, não devemos nos deixar dominar por nada além de Cristo, embora saibamos que o sexo pode dominar facilmente a vida. Não viveremos limitados ao presente, mas estaremos cientes de que o sexo pode limitar o foco de atenção ao prazer momentâneo e roubar a perspectiva do futuro. Não agiremos como seres autônomos, mas compreenderemos que o sexo nos impulsiona a focalizar aquilo que queremos e "necessitamos". Não assumiremos a posição de proprietários, mas perceberemos que o sexo está frequentemente relacionado a poder, controle, propriedade e direitos.

Precisamos nos dar conta de como uma compreensão bíblica da nossa identidade pode funcionar como instrumento poderoso contra as "paixões da mocidade". Se os nossos adolescentes comprarem o conceito cultural de identidade, a moralidade bíblica e o sacrifí-

cio que ela requer não farão sentido algum. Todavia, poucos pais e líderes de adolescentes consideram esse aspecto do problema. Muito do nosso trabalho parece estar fora de contexto porque não está baseado em conceitos bíblicos e em uma perspectiva mais ampla da vida cristã. Precisamos fazer mais do que manter os nossos adolescentes "longe de problemas". Não devemos concordar com nada menos do que vê-los se tornarem "participantes da natureza divina" (2 Pe 1.4).

O sexo é um instrumento-chave para revelar o coração (Efésios 5.3-7).

No Sermão do Monte, Cristo declarou que a sexualidade é uma questão do coração. Não é suficiente dizer: "Eu não cometi fisicamente um adultério; portanto, estou puro". Para Cristo, a intenção impura quebra o mandamento que proíbe o adultério. Há outra maneira de dizer isso: o comportamento de uma pessoa na área sexual é a chave que revela o que está governando o seu coração. Essa é a razão por que a negação da revelação de Deus e a rebeldia contra Sua autoridade e glória (veja Romanos 1) resultam em todo tipo de pecado sexual. Paulo trabalha o assunto com clareza em Efésios 5. A pessoa sexualmente impura é idólatra. Sexo sempre envolve pensamentos, motivações, desejos, exigências, expectativas, tesouros ou ídolos do coração. Quando lidamos com nossos jovens nessa área, não é suficiente mantê-los "longe de problemas" se com isso queremos dizer guardá-los de consumar fisicamente os pecados sexuais. Precisamos ajudá-los a identificar os pecados do coração revelados pelos pecados consumados fisicamente.

O sexo é um instrumento-chave para revelar a necessidade de graça (Romanos 7.7-25).

O sexo confronta-me com minha incapacidade. À medida que examino a mim mesmo à luz do padrão de Deus de pureza absoluta, concordo com Paulo e digo: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum"(Rm 7.18). Como crente, conheço o padrão de santidade de Deus e sei que é perfeito. Entretanto, meu coração vagueia em mundos de fantasia que eu governo com o simples propósito de obter prazer. É aqui que sou levado a exclamar: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor". Quando sou confrontado com a minha total incapacidade para alcançar os padrões de Deus, também sou confrontado com a realidade e majestade de Sua graça. "Onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5.20). O sexo revela a minha necessidade da graça divina. O chamado de Deus à pureza sexual é impossível de ser cumprido sem a Sua ajuda, assim como teria sido impossível eu salvar a mim mesmo.

É importante ajudar nossos jovens a relacionarem suas lutas sexuais a esses grandes temas do evangelho. A necessidade de Cristo fica evidente. É impossível encontrar vitória sozinhos, mas é possível cultivar uma nova dependência de Jesus Cristo, em amor. Aqui o jovem pode aprender tanto a lamentar o seu pecado como a se regozijar na graça de Cristo. As mentiras da auto-suficiência e da justiça própria ficam expostas. Em resumo, os conflitos sexuais dos adolescentes oferecem-nos uma oportunidade singular para que apresentemos a esperança do evangelho de maneira nunca antes compreendida por eles.

Estabelecer alvos bíblicos na área sexual

Ultimamente, temos presenciado tanto dentro quanto fora da Igreja um interesse renovado pela virgindade. Os adolescentes têm sido chamados a assinar contratos de abstinência, comprometendo-se a guardar a virgindade até o casamento.[2] A princípio, dou meu apoio a esse plano. Eu também quero que os meus filhos se abstenham de relações sexuais até o casamento. Mas este plano não é amplo o suficiente. Vou delinear duas deficiências e traçar outro plano com base no Sermão do Monte.

Em que aspectos o plano de abstinência física é deficiente? Primeiro, ele está voltado para uma definição de pureza moral aquém da definição bíblica. Ser fisicamente abstinente não é a mesma coisa que ser moralmente puro. Pureza moral é uma questão do coração. Se o coração não for puro, o corpo não será mantido puro por muito tempo. Nossos jovens precisam ser confrontados com o plano de Deus: conquistar o coração de Seu povo para servi-lO com exclusividade. Deus não se contenta com nada menos que isso (Ez 14.5). Não podemos permitir que os nossos adolescentes descansem porque guardam a letra da lei, se ao mesmo tempo quebram o espírito da lei. Não podemos permitir que se contentem com a justiça dos escribas e fariseus (Mt 5.17-20).

Um segundo aspecto é que o plano de abstinência física tende a distorcer a avaliação dos relacionamentos dos nossos adolescentes com o sexo oposto. Será que podemos dizer que se um adolescente é fisicamente abstinente seus relacionamentos com o sexo oposto são bons? O relacionamento em que há abstinência física é automaticamente um relacionamento que honra a Deus? Uma pessoa pode ter um conjunto de alvos idólatras para um relacionamento e ainda assim ser fisicamente abstinente! Queremos que nossos jovens façam uma avaliação bíblica muito mais profunda de seus relacionamentos. Não queremos que eles se sintam confortáveis com relacionamentos egocêntricos e manipuladores pelo simples fato de estarem se abstendo de relações sexuais.

Para demonstrar a deficiência do alvo que focaliza apenas a abstinência, considere outros relacionamentos para os quais não faz sentido algum estabelecermos a abstinência como parâmetro de avaliação. Por exemplo, porque não tenho relações sexuais com meus filhos, não podemos concluir que meu relacionamento com eles esteja de acordo com tudo quanto Deus planejou. De fato, a abstinência física nesse caso é tão óbvia que nem mesmo é um dos padrões costumeiros para avaliar a qualidade do relacionamento entre pai e filho. Sugiro que o mesmo deveria ser verdadeiro quando falamos sobre os relacionamentos dos nossos jovens com o sexo oposto. Abstinência deveria ser só um ponto de partida para avaliar esses relacionamentos à luz das Escrituras.

Positivamente, o que estamos abordando aqui é uma questão de limites. Na área sexual, onde devemos traçar os limites? Cristo nos dá a orientação necessária em Mateus 5.27-30. Ele contrasta o propósito original da lei com a interpretação dos escribas e fariseus. Cristo acusa os mestres da lei de colocarem os limites da pureza sexual no lugar errado ao erguerem a cerca ao redor do comportamento. Eles interpretam mal a intenção da lei. Cristo colocou os limites diretamente entorno do

[2] O autor refere-se às campanhas norte-americanas a favor da virgindade.

coração, pois esse era o intento original da lei. Se alguém deixar de levantar a cerca ao redor do coração, não será bem-sucedido em manter os limites de comportamento físico.

Precisamos colocar os limites onde Cristo os colocou. Guardar os limites físicos não é um alvo suficientemente elevado. Em lugar de nos acomodarmos com os alvos que encorajam apenas justiça própria, sem resolver o problema, precisamos estabelecer o alvo de viver dentro de limites erguidos ao redor do coração. Precisamos, com fé e coragem, preservar os padrões de Deus e ver o Seu Espírito conquistar o coração dos nossos filhos.

Um plano tríplice de ajuda

Prevenção: educar responsavelmente

É importante colocar a sexualidade no contexto de uma cosmovisão cristã abrangente. Essa perspectiva dá sentido e ordem a um plano prático na área sexual dirigido aos mais jovens. Sem ela, as responsabilidades e os sacrifícios da pureza sexual parecem duros e desnecessários. Alguns pontos podem ser incluídos aqui:

1. A ênfase deve estar em Deus como Criador e na importância de entendermos Seu propósito original para todas as coisas (Salmo 24).

2. Somos criaturas de Deus e, portanto, responsáveis perante Ele por tudo quanto somos e fazemos. O alvo da vida é viver para o prazer e a glória de Deus (Gênesis 1, Colossenses 3.17).

3. Cada pessoa deve ser vista com um todo. Isso significa que o pecado é ao mesmo tempo espiritual e físico, uma questão de coração e de comportamento (Romanos 8.1-17).

4. A vida é adoração. Tudo quanto fazemos expressa adoração a Deus ou então a alguém ou a algo mais. As questões mais profundas da vida humana não dizem respeito à dor ou ao prazer, mas à adoração. O que eu adoro estabelece minha maneira de lidar com todas as situações e relacionamentos da vida (Romanos 1.18-32).

5. O plano de Deus, não importa quão difícil seja de ser seguido, é sempre o melhor. Como disse o salmista, todos os caminhos do Senhor são retos e verdadeiros, enquanto que o caminho que parece reto ao homem conduz à morte. Nem sempre vou entender como o caminho de Deus é o melhor. Essa é a razão por que preciso de um coração humilde, submisso aos Seus mandamentos e que confia em Suas promessas (Salmo 19.7-11).

6. Visto que o alvo da vida é viver em conformidade com a vontade de Deus e para a Sua glória, cada situação e relacionamento tem sempre um propósito maior do que o prazer pessoal momentâneo (Tito 2.9-10 usa o exemplo do trabalho e 1 Coríntios 6.18-20 usa o exemplo da vida sexual).

7. Jesus Cristo veio não apenas para nos proteger externamente do mal, mas para nos livrar da escravidão dos desejos da nossa própria natureza pecaminosa para que possamos viver sob o controle do Espírito (Efésios 2.1-5; 2 Pedro 1.4).

Os pontos destacados trazem implicações práticas para a sexualidade:

1. Deus não escolheu os adolescentes para sacrifício e sofrimento. Pelo contrário, Ele os chama para que experimentem a alegria e as bênçãos que resultam de servi-lO nos relacionamentos e situações da vida diária.

2. Visto que Deus, como Criador, formou nossos corpos e a sexualida-

de, nunca vivenciaremos apropriadamente esse aspecto da nossa vida até entendermos o Seu plano e propósito.

3. O plano de Deus é que encontremos prazer nessa área, dentro dos limites que Ele estabeleceu, e sem ambigüidade nem vergonha.

4. Nossa sexualidade não está isolada de outras partes do nosso ser. O sexo nunca é definido apenas como um ato físico; ele é sempre uma questão do coração. Não é suficiente perguntar se um casal ou um indivíduo já praticou sexo. Precisamos também indagar a respeito de desejos, motivações, pensamentos e tesouros do coração que moldam a maneira como a pessoa trabalha seus relacionamentos.

5. Precisamos examinar sempre os pensamentos e as motivações do coração na área sexual: "Será que aceitei as mentiras acerca do sexo e dos ídolos da cultura ao meu redor"?

6. A maneira de lidarmos com a sexualidade deve sempre ser moldada pelos Dois Grandes Mandamentos. Ou seja, tudo quando fazemos nessa área precisa ser uma expressão do amor a Deus, em primeiro lugar, e do amor ao nosso próximo como as nós mesmos.

Restauração: como aconselhar os adolescentes que fizeram mau uso do sexo

Para os adolescentes que caíram em pecado sexual, sugiro um plano de aconselhamento passo por passo.

1. Estabeleça um compromisso de honestidade e prestação de contas. O processo de aconselhamento falhará completamente se não houver esse compromisso por parte do jovem.

2. Não se sinta desconfortável em fazer uma coleta de dados cuidadosa e específica. Certifique-se dos fatos com que está lidando, não faça pressuposições.

3. Caminhe sempre em direção às questões do coração. Não focalize apenas as questões de comportamento, sejam quais forem, e suas conseqüências. Lide também com as raízes.

4. Identifique as vozes influentes na vida do adolescente. Quais são? O que estão dizendo? O quanto elas estão sendo ouvidas?

5. Chame o adolescente ao arrependimento bíblico. Em que aspectos a verdade de Deus foi substituída por uma mentira? Onde a adoração e o serviço ao Criador foram substituídos por adoração e serviço à criatura? Conduza o adolescente nos seguintes passos de arrependimento:

Considerar: uma disposição de olhar para sua vida sexual à luz das Escrituras.

Confessar: assumir responsabilidade por seus pecados sexuais diante de Deus e descansar em Seu perdão

Comprometer-se: uma determinação de viver uma vida nova na área sexual, pela graça e capacitação de Deus.

Conformar-se: um exame da vida pessoal à luz da Palavra para identificar mudanças que conformarão a vida sexual à vontade de Deus.

Consolidar: traçar planos e agir para consolidar as mudanças.

6. Identifique os lugares onde a tentação costuma acontecer e desenvolva planos para lidar com ela.

7. Transmita ao adolescente o ensino bíblico sobre amizade. É preciso ganhar uma compreensão clara do plano de Deus para os relacionamentos e estar pronto a cumprir as exigências dos Dois Grandes Mandamentos em cada relacionamento.

8. Evite conversas confortáveis, mas superficiais. Seja direto, concreto e específico nas perguntas e nas afirmações que têm o propósito de promover restauração.

9. Trace planos para um "despojar-se e revestir-se" equilibrado (Ef 4.22-24). Na área sexual, enfatizamos frequentemente o aspecto de "despojar-se" sem oferecer um plano positivo de "revestir-se". Pense em alvos práticos e bíblicos para o relacionamento com o sexo oposto.

Estratégias: como ajudar o adolescente a planejar relacionamentos piedosos

Muitos adolescentes estão confusos com a cacofonia de vozes que lhes oferecem mensagens contraditórias sobre seus relacionamentos. Precisamos ajudá-los a lidar com essa confusão oferecendo um entendimento claro da vontade de Deus para seus relacionamentos. Precisamos mostrar como aplicar esses princípios à vida diária:

1.Mostre uma perspectiva bíblica dos relacionamentos - sem esquecer os relacionamentos com o sexo oposto - que resulte em um plano positivo e prático para cultivar amizades agradáveis a Deus. Aproveite as oportunidades que se apresentam para conversar sobre as dificuldades nos relacionamentos. Tome a iniciativa. Ensine os mais jovens a não terem receio de uma conversa franca. Seja compreensivo, admitindo honestamente seus fracassos e apontando para a beleza dos padrões e do perdão de Deus.

2. Encoraje os pais em seu circulo de influência a se comprometerem com o diálogo honesto e contínuo com seus filhos a respeito da sexualidade. Os pais precisam assumir a responsabilidade de manter o canal de comunicação aberto. Ensine os pais a serem francos e a se sentirem confortáveis com o assunto, dispostos a investir o tempo que for necessário para uma amizade honesta e sólida com seus filhos. Ensine-os a examinarem a si mesmos, perguntando o que estão fazendo especificamente para encorajar ou desencorajar tal amizade.

3. Quando estiver lidando com adolescentes na área sexual, mantenha sempre em pauta a questão da tentação. Desse lado do céu, a tentação será sempre um problema. Conheça onde eles estão sendo tentados, pergunte como estão lidando com a tentação e trace planos para preveni-la.

4. Encoraje uma perspectiva de maior alcance no que diz respeito aos relacionamentos com o sexo oposto. Em lugar de focalizar as alegrias e dores da mocidade, comece por focalizar um casamento que glorifica a Deus e, então, ande o caminho inverso. Que passos precisam ser dados nesse momento, que hábitos precisam ser desenvolvidos, que hábitos precisam ser abandonados em preparo para o plano maior e melhor de Deus? Ensine os jovens a considerarem seus relacionamentos do ponto de vista bíblico da semeadura e colheita: as sementes de relacionamento que eles estão plantando agora resultarão em que tipo de colheita? Hoje é tempo de investir em um futuro que honre a Deus.

Qual é o nosso plano quando tratamos sobre sexualidade com os adolescentes? Queremos ser realistas a respeito de quem são os adolescentes, a respeito do mundo tentador em que vivem, das vozes contraditórias que ouvem e da nossa própria ambigüidade a respeito do sexo. Mas queremos também nos assegurar de que o nosso realismo está no contexto da esperança do evangelho. Essa esperança é que motiva e molda nosso ministério. Essa esperança é bem expressa pelo apóstolo Pedro:

"Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou

para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo"(2 Pe 1.3,4).

Contentarmo-nos com qualquer coisa aquém disso para a vida sexual dos nossos adolescentes é negar o evangelho e falhar no nosso chamado como instrumentos de Deus para operar mudança em vidas.

Uma Perversão da Intimidade: pornografia, masturbação e outros usos errados do sexo

Jeffrey S. Black

Certa vez, um advogado encaminhou-me um aconselhado que estava envolvido em uma série de crimes sexuais. Ele já havia sido pego, preso e indiciado quando tivemos nosso primeiro encontro. Um crente nos seus cinqüenta anos, ele era viúvo e tinha vários filhos que viviam em diferentes regiões do País. Na época em que os crimes sexuais foram cometidos, sua esposa já havia falecido há pelo menos dez anos.

O casamento havia sido turbulento, com muitas brigas, e ele chegou a ser expulso de casa. Sua esposa esteve internada várias vezes com diagnóstico de depressão clínica e, durante os períodos de internação, o casal não manteve relações sexuais. Aquele homem revelou-me seu envolvimento em vários relacionamentos extraconjugais enquanto a esposa esteve hospitalizada. Ele parecia pensar que as circunstâncias faziam com que esses relacionamentos fossem menos questionáveis.

Durante o aconselhamento, ele me contou que manteve diversos relacionamentos homossexuais exploratórios: antes do casamento, no final da adolescência e no começo da vida adulta. Durante o casamento e depois da morte da esposa, ele manteve um envolvimento forte com uma de suas filhas, tão intenso que pensei na possibilidade de um relacionamento incestuoso, mas ele negou. Estava claro, entretanto, que sua filha tinha atuado como uma esposa substituta. Aos trinta anos, ela resolveu deixar a casa paterna. Aproximadamente um ano depois da saída de sua filha, ele começou a manter um envolvimento sexual com dois adolescentes.

Esse caso ilustra dois aspectos do pecado sexual que os conselheiros devem ter em mente: a imoralidade é uma forma de "fraude" e a expressão de um "processo erosivo".

Tradução e adaptação de *Pornography, Masturbation, and Other Private Misuses: a perversion of intimacy*. Artigo publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.13, n.3, Spring 1995, p. 7-10.

Jeffery Black é membro do corpo docente da Christian Counseling and Educational Foundation.

A imoralidade sexual como "fraude"

O que queremos dizer ao descrever a imoralidade sexual como "fraude"? Geralmente, quando falamos em fraude ou adultério, temos em mente um caso amoroso entre pessoas que não são casadas. Meu entendimento aqui é um pouco diferente. Efésios 5.31-32 diz:

> Eis porque deixará o homem a seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu refiro a Cristo e à igreja. Não obstante, vós, cada um de per si ame a sua própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite a seu marido.

A Bíblia é muito clara quando diz que o casamento "tipifica" o relacionamento do crente com Cristo. Visto que Deus é tanto o criador do relacionamento conjugal, como também Aquele que revelou as verdades concernentes à redenção e ao nosso relacionamento pessoal com Cristo, o significado da metáfora impõe-se. Deus mesmo criou a similaridade, ao invés de articular uma similaridade já existente. Os temas principais da metáfora — a natureza do vínculo matrimonial e a união do crente com Cristo — interagem de maneira que muda e enriquece nosso entendimento de ambos. Minha experiência com Cristo ajuda-me a entender que tipo de cônjuge eu devo ser. Reciprocamente, minha experiência conjugal ajuda-me a entender algo do mistério da união espiritual (Gl 2.20). Como resultado da minha união espiritual com Cristo (Ef 4.1, 20-21; 5.1), vejo-me compelido em meus relacionamentos, e especialmente no casamento, a falar a verdade (Ef 4.25), edificar o próximo (Ef 4.29), morrer para mim mesmo (Ef 5.1) e não me deixar governar pelas minhas paixões ou pela ira (Ef 4.31).

Onde o sexo se insere nesse quadro? Creio que ele foi planejado para ser o último elo da corrente da intimidade. Paulo indica que o sexo é o produto ou a expressão de uma união (1 Co 7.3-4). O sexo nunca cria uma união. Não é surpreendente que o mundo nos diga exatamente o contrário. A sexualidade retratada na mídia conduz à intimidade ou está completamente separada da intimidade. Na verdade, fica quase sempre implícito que o sexo mais atraente é aquele praticado com pessoas desconhecidas.

Se o casamento foi planejado como o contexto em que a relação sexual representa uma expressão de companheirismo intenso e intimidade, então qualquer prática sexual que não expresse essa união, mesmo dentro do casamento, falha em cumprir o propósito designado por Deus. As Escrituras dizem que dois tornam-se um e que a sexualidade no casamento deve ser uma expressão desse companheirismo, uma expressão e conseqüência dessa intimidade. Considerando o que acabamos de dizer, há um grande número de maridos e esposas dentro das nossas igrejas que são ateus funcionais.

Em geral, o que caracteriza um casamento onde há problemas sexuais? A esposa reclama: "Quando meu marido chega em casa, não tive nenhuma forma de envolvimento com ele, nenhuma comunicação. Ele diz 'Querida...' Eu olho para ele e digo 'Quem é você? Deixe-me em paz!' Mas ele quer melhorar as coisas indo para cama. Ele pensa que isso vai me aproximar dele." Apesar de nenhum flagrante imoral estar envolvido aqui, há uma "fraude" – sexo sem intimidade.

Chamei o comportamento do meu aconselhado de "fraude" porque sua vida sexual inteira – seu casamento, os relacionamentos extraconjugais e até

mesmo os comportamentos sexuais pervertidos – foi uma expressão do seu desejo de experimentar sexo sem intimidade. Ele era preguiçoso e não queria batalhar pela intimidade em seus relacionamentos. Ele não queria investir no relacionamento com sua esposa; conseqüentemente, houve adultério. Em seguida, ele encontrou intimidade em um relacionamento cômodo com sua filha, fora dos padrões de Deus. Creio que essa foi uma das razões por que a filha mudou-se para longe. Esse homem era um fraudador. Deus estabeleceu um plano e ele burlou esse plano para fazer as coisas do seu jeito.

Durante o aconselhamento, perguntei-lhe sobre a possibilidade de casar-se novamente. Ele disse: "Bem, só não quero outro casamento que acabe como o primeiro". Isso é compreensível, mas o que ele está realmente dizendo? "Eu não quero me esforçar para conseguir intimidade. Eu quero os resultados da prática do sexo, mas não quero alcançá-los dentro do plano de Deus." Depois que sua filha partiu, esse homem apegou-se a duas crianças da vizinhança, que começaram a servir ao propósito "fraudulento" que ele tinha em sua vida.

Cada vez que você encontrar alguém envolvido em um comportamento sexual ilícito, pode ter a certeza de que esse indivíduo é um "fraudador". Ele quer gratificação sexual sem intimidade. Isso significa que quando você estiver aconselhando alguém com um problema sexual no relacionamento conjugal, envolvido em pornografia ou em alguma forma de sexo bizarro ou pervertido, na raiz do problema está o desejo de não experimentar o sexo no contexto para o qual Deus o designou. Essa pessoa precisa ser confrontada com o plano de Deus, ou seja, o plano de intimidade.

A "fraude" e a vida egocêntrica

Ao aconselhar pessoas envolvidas com pornografia, algo básico que precisa ser entendido é que a pornografia tem como objetivo a masturbação. Quando alguém produz uma revista ou um filme pornográfico (uma indústria voltada em sua maioria para o público masculino), a meta é levar à masturbação. Por trás disso, o objetivo da pornografia e da masturbação é criar um substituto para a intimidade.

A masturbação é sexo praticado a sós, dispensando o investimento em outra pessoa. Os "viciados" em pornografia são mais viciados em egocentrismo do que em sensacionalismo. Estão compromissados em servir a si mesmos, fazendo o que for necessário para encontrar um modo conveniente de não morrer para si mesmos, que é a natureza do companheirismo em um relacionamento.

O egocentrismo evidencia-se de diversas maneiras. Na conversa com pedófilos (molestadores de crianças), uma das coisas mais interessantes que se nota é a tendência que eles têm de olhar para a criança como um parceiro sexual adulto. Eles não pensam que estão praticando sexo com uma criança, mas tendem a vê-la em termos de igualdade sexual, física e emocional. Caso contrário, eles respeitariam a criança, podendo vê-la por outra lente que não seus desejos pessoais. O resultado seria morrerem para si mesmos e se abrirem para a intimidade, o companheirismo e o amor voltado para outra pessoa – é exatamente isso que eles não querem.

A Bíblia oferece o melhor modelo para entender esse tipo de pecado sexual. A literatura secular oferece inúmeras explicações para tais comportamentos, todas elas destinadas a deixá-lo preocupado com sua história, sua

experiência, seus pais, para que você não precise enfrentar a si mesmo e suas escolhas pessoais.

As Escrituras sempre focam o coração. No plano de Deus, a sexualidade é uma expressão de união íntima e qualquer forma de perversão sexual é uma perversão da intimidade. Não importa se o seu aconselhado é um indivíduo cujo comportamento sexual resulta em doença ou alguém com grande variedade de problemas sexuais no casamento: os problemas sempre estão relacionados à intimidade e à intenção básica de Deus para a sexualidade. Gênesis 2.18 ("Não é bom que o homem esteja só") significa que a intervenção mais básica no aconselhamento constitui-se em ensinar a pessoa a morrer para si mesma e a amar os outros.

Um aspecto interessante, evidente nesse estudo de caso, é a divergência entre a explicação bíblica e as noções seculares mais comuns sobre perversão sexual. Enquanto aconselhei aquele homem, recebi um telefonema de seu advogado. Ele queria que o cliente ficasse, por algum tempo, em um centro de reabilitação para viciados sexuais, pois acreditava que isso seria benéfico para o processo judicial. Concordei com relutância, já que não cria que ele ainda representasse uma ameaça à sociedade. Ele apresentava progresso e eu não queria vê-lo na cadeia. Eu cria que ele estava arrependido e que estava tirando bom proveito do aconselhamento. Portanto, concordei.

Que engano! Meu aconselhado não está na cadeia, mas para obter uma sentença favorável, ele precisou rotular-se como viciado sexual e concordar em manter distância de relacionamentos até se curar. A ironia, naturalmente, é que ele estava sendo desafiado por mim a buscar, pela primeira vez em sua vida, uma intimidade genuína no contexto conjugal. Mas por causa do rótulo de viciado sexual, o objetivo da corte era afastá-lo de qualquer relacionamento significativo – a verdadeira raiz do problema.

A imoralidade sexual como "processo erosivo"

O segundo aspecto da imoralidade sexual é o "processo erosivo", que costumo chamar de "história do coração". Quero ilustrá-lo com uma experiência pessoal.

Quando eu tinha dezessete anos, decidi comprar minha primeira revista pornográfica. Isso era uma coisa assombrosa para mim. Lembro-me de ter ido a uma loja que tinha uma pequena seção de revistas. Esperei e olhei bem ao meu redor para me certificar de que ninguém estivesse me vendo. Peguei a revista e logo a enrolei para que ninguém visse qual era. Então fiquei por ali, indo e vindo, até que juntei coragem para pagá-la. Exatamente quando me dirigi ao caixa, o homem que estava lá se levantou e uma mulher tomou seu lugar. Rapidamente, mudei de direção. Devo ter gasto pelo menos 45 minutos naquela loja tentando comprar a revista – mas consegui. Com o tempo, comprei mais algumas.

Comecei a perceber uma coisa. Eu não estava mais enrolando a revista. Eu simplesmente escolhia, ia ao caixa e comprava! Na verdade, comecei a comprar duas revistas. No começo, ainda esperava para pagar quando um homem estivesse no caixa. Depois de algum tempo, não me importava mais com isso. Finalmente, fui até capaz de conversar com a mulher enquanto pagava as revistas.

As pessoas lidam inicialmente com seus pecados dentro daquilo que chamo de "zona básica de conforto". Deus diz que a

natureza do pecado é tal que à medida que continuamos a pecar e apagar o Espírito, nossas consciências ficam cauterizadas e aquilo que era originalmente muito desconfortável torna-se confortável. Começamos a ser levados pelo processo erosivo à medida que fazemos concessões. No início, o pecado sexual costuma ser uma experiência terrível, inquietante. Mas devido à lascívia e aos nossos desejos e corações rebeldes para com Deus, essa reação desaparece depois de certo tempo. Entramos, então, em uma nova zona de conforto. Passado mais algum tempo, se não nos arrependermos, seremos levados para mais longe ainda.

Sempre que aconselho alguém com problemas na área sexual, particularmente quando o problema envolve uma prática bizarra ou pervertida, espero encontrar um padrão de perversão ou um histórico que precede o problema. Ninguém se levanta pela manhã e diz: "Não tenho nada para fazer hoje, acho que vou me exibir em algum lugar". As pessoas nunca saltam para formas extremas de pecado; elas são impelidas aos poucos. Quando você estiver aconselhando alguém com um comportamento sexual pervertido, presuma que ele ou ela possui uma extensa história de imoralidade que não será facilmente descoberta sem uma investigação persistente. Geralmente, quando perguntamos a essas pessoas o que elas fizeram, elas se dispõem a contar. Mas quando perguntamos "O que mais você fez? O que veio depois?", elas respondem: "Eu não fiz mais nada". Insista. Invariavelmente, à medida que você investir tempo na conversa com essas pessoas, você começará a ver uma história de transigência que faz do último acontecimento não um salto, mas um pequeno passo. Em termos de pecado sexual, a pessoa já estava em um processo erosivo adiantado e cada vez mais distante do padrão de Deus.

A força pecaminosa dessa erosão assemelha-se a ir à praia e cair no sono em uma jangada lançada ao mar. De repente, o apito chato e persistente de um salva-vidas interrompe seu sono e você se pergunta: "Para quem esse idiota está apitando?" Você olha bem e descobre que é para você! Certamente você não planejou aquilo, mas de repente todo mundo na praia parece um pontinho porque você foi impelido para longe, mar adentro. É assim que o pecado opera; ele sempre tem uma história que o precede. Mas lembre-se de que Deus também tem uma "história" relativa ao coração – a santificação.

A solução de Deus para o "processo erosivo"

A santificação é posicionalmente completa, mas dinamicamente progressiva. O Salmo 119.9-11 diz:

> De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra. De todo o coração te busquei; não me deixes fugir aos teus mandamentos. Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti.

Em João 17.14-19, Jesus orou ao Pai:

> Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.

A pessoa que cai no "processo erosivo" vive com o coração comprometido e cheio de imoralidade. Está sempre pensando em sexo e maquinando seus planos. Mas o crente é chamado à santificação pela meditação na Palavra de Deus. Essa é a solução de Deus para o pecado sexual que causa problemas e atormenta muitos.

A Bíblia não tem nada específico a dizer sobre a masturbação porque não é necessário. O problema da masturbação não é o ato em si, mas a condição do coração da pessoa que a pratica. A masturbação é apenas uma manifestação do coração. A Bíblia não é insuficiente, como alguns poderiam dizer, porque deixa de articular algo específico para lidar com esse problema. Deus diz que se o meu coração for mantido puro pela meditação contínua na Sua Palavra no contexto da santificação, terei a capacidade de resistir à tentação que me incita a ceder à pornografia e à masturbação.

Muitos procuram aconselhamento porque estão centrados nos problemas. Pedem uma técnica para mantê-los afastados de certos comportamentos e esperam receber um curso rápido que os capacite a usar Deus para vencer certo pecado. Desejar uma solução rápida é compreensível, mas não há técnica nem mecanismo – psicológico, espiritual ou de qualquer outra natureza – que vá impedi-los de cederem à pornografia ou à masturbação.

Esses aconselhados não têm permitido que a Palavra de Deus opere uma santificação constante em seus corações; assim, nos momentos de crise, eles descobrem que não estão preparados para lidar com o pecado. Esperam encontrar uma solução rápida que dispense a obra contínua da Palavra de Deus mediante o Espírito. Em essência, estão dizendo: "Rápido! Preciso um pouco de Deus! Estou mesmo com problemas aqui".

Como conselheiro, você não pode dar instantaneamente a essas pessoas algo que Deus aperfeiçoa lentamente, dia a dia. Tudo o que você pode lhes oferecer é informação bíblica. Eles necessitam mesmo é de sabedoria. Essa sabedoria, porém, é o resultado da aplicação da Palavra de Deus em suas vidas. No meio de uma crise, tudo o que o conselheiro pode fazer é encorajar o início desse processo.

"Separado" para Deus ou para o mundo

Enquanto lidamos com o problema do pecado sexual, é importante reconhecer outro fator operante. O que a Bíblia chama de "mundo" é um sistema de valores e crenças que procuram controlar ativamente nossos corações. O mundo também tem (se posso usar essa expressão) uma influência "santificadora" que procura nos separar para ele, em contraste com o desejo de Deus de nos separar para Si. O indivíduo que procura aconselhamento devido a um pecado sexual é alguém que já foi "separado" pelo mundo e tem sido continuamente indulgente para com aquilo que o mundo oferece.

Temos que retornar à posição bíblica de que a sexualidade é um ato espiritual; não se trata de algo essencialmente físico. Ela sempre envolve o coração do homem, seja em união com a vontade de Deus e em comunhão com o Espírito, ou em rebeldia contra essa vontade e tentando afastar o Espírito do caminho. O mundo quer ignorar essa dimensão e apresentar a sexualidade como um ato biológico, caracterizado pela necessidade de alívio da tensão sexual. Quando a pressão aumenta, o mundo diz que não temos poder para resistir. Até mesmo alguns homens cristãos pensam assim, citando erradamente 1 Coríntios 7.1-

8 para dar sustentação ao seu argumento de que o casamento é a provisão para a paixão: "Paulo diz que é melhor casar do que viver abrasado".

Muitos homens casados, porém, descobriram que a carne é insaciável e não funciona dentro do princípio de redução de tensão. O coração do homem é ávido na busca do mal. Como Jeremias 17.9 resume, "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?". Esse é o problema que o pecado sexual revela e que a Palavra de Deus trata.

Nesse sentido, para onde quer que eu olhe nas Escrituras vejo tratada a *porneia* e questões como masturbação, pornografia, perversão sexual, abuso de crianças, pedofilia e todas as demais perversões que as pessoas praticam. A Bíblia tem muito a dizer a respeito de cada uma delas, mas não do ponto de vista de técnicas para vencê-las. Não se trata meramente de usar técnicas psicológicas. A questão é que Deus criou a sexualidade para expressar comunhão e intimidade — uma metáfora do nosso relacionamento com Cristo. Parece que queremos encontrar todas as maneiras para burlar essa realidade.

O sexo é um ato espiritual e não apenas biológico. O problema essencial não é como lidar com nossos impulsos, mas como santificar nossos corações. Quando você estiver aconselhando alguém, deixe isso bem claro. Muitas vezes, o aconselhado fica terrivelmente desapontado porque quer uma solução que não exija submissão ao Espírito Santo. Ou seja, sua maneira de encarar o problema *é* o problema. Ao trabalhar com essa pessoa, você será bem-sucedido quando puder ajudá-la a reconhecer que a única solução é aquela que o Salmista encontrou – esconder a Palavra de Deus no coração para não pecar contra Ele.

Sexo e espaço cibernético

Melissa Partain

Imagine-se chegando mais cedo do que o previsto, na expectativa de não encontrar ninguém em casa. Você entra em um dos quartos e seu marido pula apressadamente do computador e bloqueia o monitor. O que vem a seguir é uma série de perguntas rápidas e cortantes: "Por que você voltou para casa tão cedo? Por que você não bateu à porta? Por que está me olhando desse jeito?" Você não ouve nenhuma das perguntas porque você viu o que estava no monitor e sabe intuitivamente que isso terá um impacto significativo em suas vidas. Você pegou seu marido navegando em sites pornográficos na internet. Centenas de pensamentos passam pela sua cabeça. Há quanto tempo isso vem acontecendo? Como isso pode acontecer comigo? O que vai acontecer com o nosso relacionamento de agora em diante?

Essa lhe parece uma experiência corriqueira? Provavelmente não. Mas a verdade é que o *cibersexo* é um problema que está crescendo rapidamente na sociedade ocidental [1] A internet ainda não completou vinte anos, mas nesse breve período de vida ela se tornou uma fonte corrente de material de sexo explícito para uma porção significativa da nossa população. A atividade sexual on-line está crescendo de tal forma que os pesquisadores precisam trabalhar incessantemente para se manterem atualizados. [2]

O acesso relativamente fácil e anônimo à internet faz com que a atividade sexual on-line pareça atraente e segura. Muitas

Traduzido e Adaptado de *Sex and Cyberspace*. Publicado em The Journal of Biblical Counseling, v. 22, m.1, Fall 2003, p. 70-80.

[1] O cibersexo é definido por Cooper, Delmonico e Burg em *Cybersex: The Dark Side of the Force* (Philadelphia: Brunner Routledge, 2000), p. 6 como "a busca de satisfação sexual na internet". Para o propósito desse artigo, cibersexo refere-se a pornografia e salas de conversa sobre sexo.

[2] As pesquisas no assunto começaram por volta de 1990, embora a maioria dos estudos enfatize dados demográficos e tendências, em lugar de uma solução para os problemas que acompanham o cibersexo.

casas estão hoje equipadas com acesso à internet e os mecanismos de proteção atuais nem sempre bloqueiam suficientemente o volume excessivo e constante de material de sexo explícito a um clique do alcance de qualquer internauta. Pessoas que nunca teriam considerado freqüentar uma livraria especializada em livros pornográficos, muito menos entrar em um relacionamento adúltero, podem agora praticar o sexo na privacidade de suas casas ou escritórios. Embora a internet se apresente como inofensiva, o efeito do cibersexo é tão prejudicial ao relacionamento com Deus e com os outros como as formas mais clássicas de adultério, fornicação e lascívia.

O cibersexo na comunidade cristã

As estatísticas mostram que o cibersexo é um problema expressivo na comunidade cristã, embora não seja discutido abertamente. [3] As pesquisas sugerem que apesar da falta de diálogo aberto sobre o assunto, todos nós conhecemos indivíduos, inclusive mulheres, que lutam com esse pecado. [4]

Por natureza, o cibersexo é um pecado mantido em segredo, associado a uma enorme quantidade de vergonha. Aparentemente, ele parece ser pior do que muitos outros padrões de comportamento pecaminoso. Uma maneira efetiva de lidar com aqueles que lutam com esse problema é discutir o assunto abertamente, mostrando o cibersexo como proveniente da mesma motivação que está no âmago do coração de cada um de nós. Ao mesmo tempo, precisamos ganhar um entendimento mais profundo de que não há outro meio para mudar motivações a não ser pelo poder do Espírito Santo. Por nós mesmos, somos incapazes de deixar de pecar.

As características do cibersexo

Assim como acontece com qualquer outro pecado, considerar o cibersexo envolve mais do que olhar simplesmente para a pessoa envolvida nessa prática. Significa olhar também para o impacto na sua vida familiar e nos relacionamentos. Pense em uma pessoa que está praticando o cibersexo. À medida que ela gasta uma quantidade de tempo cada vez maior diante do computador, as pessoas queridas percebem a sua ausência. Ela fica acordada até tarde da noite ou cria desculpas complicadas para se livrar de várias atividades e ganhar tempo diante do computador. Talvez fique até tarde no trabalho para ter acesso privado ao computador fora de casa. Quando seus queridos questionam como ela está usando o seu tempo, ou dizem sentir sua falta, ela se torna defensiva e brusca em suas respostas. Ela tem medo de ser pega e, ao mesmo tempo, sente vergonha do que está fazendo.

A intimidade com a esposa decresce, em parte porque há uma outra saída para

[3] Uma pesquisa revelou que 96% dos 600 homens abaixo da idade de 20 anos entrevistados praticavam regularmente a masturbação, muitos usando materiais pornográficos: Archibald D. Hart, The Sexual Man. (Dallas: Word Publishing, 1994). Outra pesquisa levantou que 33% dos pastores e 36% dos leigos que responderam visitaram sites de sexo explícito: C.J. Gardner, "Tangled in the Worst of the Web", Christianity Today, 45 (4) (2001), p. 42-49.

[4] As mulheres que lutam com a prática do cibersexo costumam se sentir mais isoladas da sociedade do que os homens. O número de mulheres envolvidas na prática de cibersexo (com predomínio das salas de conversa) está crescendo significativamente. Portanto, não devemos presumir que essa luta restrinja-se apenas aos homens.

satisfazer os desejos sexuais. Essa diminuição também se deve a uma mudança notável na intimidade emocional e na qualidade de conversação do casal. O marido deixa de conversar sobre os detalhes do dia ou suas lutas pessoais. Ele se mantém distante e lança agora sobre a esposa a culpa por pequenas irritações que nunca o incomodaram antes. Sem dúvida, ele está ciente de que aquilo que anda fazendo às escondidas é errado. Ele pensa que as pessoas ao seu redor são "perfeitas demais" para entender suas lutas. Suas interações irritadiças e sua ira defensiva estabelecem uma barreira entre ele e os outros. A frustração, então, oferece uma desculpa para voltar ao computador para uma nova fuga.

A prática do cibersexo por parte de um pai afeta a família toda. Se ele usa o computador da família, os menus *pop-up* dos sites de sexo explícito surgem quando outro membro da família está on-line. Bem antes que o problema seja tratado, os filhos já suspeitam de que algo está errado. Eles sentem vergonha da atividade do pai e ficam receosos nos relacionamentos com os amigos. Se já são adolescentes, preferem ficar menos tempo em casa e param de convidar os amigos para que venham à sua casa. As conversas com o pai se tornam menos freqüentes e profundas. De certa forma, eles sentem que nem mesmo conhecem mais o pai.

Os hábitos de trabalho da pessoa envolvida na prática do cibersexo degeneram ao longo do tempo à medida que a pessoa gasta mais e mais horas, em casa ou no trabalho, acessando pornografia ou salas de conversa. Altas horas da noite gastas diante do computador dificultam o acordar pela manhã. O computador do escritório torna-se uma tentação em lugar de uma ferramenta de trabalho. Infelizmente, a questão não é tratada até que ele seja pego no ato, e perca o emprego, ou seja colocado sob observação.

A pessoa envolvida na prática do cibersexo está presa em um dilema cada vez mais profundo. Quanto mais ela mantém segredo sobre a sua luta, mais o pecado a laça e mais difícil se torna abandonar as motivações e os comportamentos pecaminosos. Ao mesmo tempo, se ela expõe seu coração às pessoas queridas, corre o risco de rejeição, deserção, fofoca e julgamento. A família, mesmo quando está ciente de suas lutas, evita encarar o problema para não passar pelo desconforto de conversar sobre o assunto. Os familiares temem a negação e a falta de disposição para mudar, além da vergonha de que estranhos descubram seu segredo. Quando o problema finalmente vem à tona, as soluções costumam dar preferência a um 'conserto rápido'. Acredita-se que quanto mais rápido o problema for resolvido, tanto mais rápido todos podem fingir que ele nunca aconteceu. Mas essa não é uma solução. Na melhor das hipóteses, ela deixa o problema resolvido pela metade e priva a pessoa de receber o encorajamento e o apoio de que ela necessita para evitar que caia de novo em velhos hábitos e motivações.

As abordagens da psicologia e uma resposta bíblica

O desejo de evitar confrontações constrangedoras, o medo de julgamentos implacáveis e do abandono, e o processo nem sempre claro de arrependimento e mudança, tem deixado a comunidade cristã bem atrás da comunidade secular em termos de teorias e pesquisas relacionadas à prática habitual do cibersexo. Os

psicólogos seculares consideram o cibersexo um problema sério e destrutivo, e reconhecem a necessidade de intervenção profissional no estilo de vida habitual.[5] Se nós cristãos queremos entender o pecado do cibersexo, precisamos examinar as soluções oferecidas pelos psicólogos seculares e avaliá-las à luz daquilo que Deus nos diz.

1. O impacto de um abuso na infância

Vários pontos de destaque podem ser identificados na pesquisa atual conduzida no campo da psicologia. Estudos mostram que um percentual alto de viciados em cibersexo foram abusados na infância (a freqüência maior é de abuso sexual).[6] Isso não quer dizer que o abuso na infância garante a prática do cibersexo, visto que muitos dos que foram abusados sexualmente não são viciados nessa atividade; por outro lado, muitos dos que estão agora presos a essa atividade não foram abusados na infância. Embora as pesquisas não sejam conclusivas, elas levantam a discussão de que o abuso sexual (ou qualquer outra forma de abuso) comunica uma compreensão errada do papel e das dimensões da sexualidade e do valor do indivíduo abusado. Alguém que sofreu abuso sexual na infância poderia considerar o sexo como um instrumento para comunicar poder ou domínio em lugar de amor. Acredita-se que a pessoa abusada tende a desenvolver uma compreensão distorcida da natureza dos relacionamentos saudáveis. Por vezes, ela até sente que merece o abuso.

Embora a Bíblia não ensine que devemos usar o pecado de outros para justificar os nossos pecados, ela ensina que somos vulneráveis à influência do pecado de outros. Aprendemos melhor pelo exemplo, e essa é a razão por que Deus ordena aos israelitas que ensinem a Lei e a história de Israel para cada geração.[7] Jesus pronunciou um julgamento duro sobre aqueles que influenciavam as crianças ao pecado.[8] O abuso é pernicioso aos olhos de Deus. Ele afeta significativamente a pessoa abusada; mas ao mesmo tempo, tal pessoa ainda é responsável pelas reações do seu coração. Sua vida não tem que refletir necessariamente o abuso sofrido. Pelo contrário, ela pode ser moldada pelo perfeito exemplo dado por Cristo. Deus é o doador maior de boas dádivas e Ele nos capacita para que apliquemos a verdade bíblica às nossas vidas mesmo em um contexto de perversidade.

2. O medo de estabelecer relacionamentos

Um segundo fator tratado com freqüência nos círculos da psicologia é o

[5] Embora escape ao propósito desse artigo, vale à pena mencionar que a cultura ocidental influenciada pela psicologia defende a perspectiva de que o cibersexo é aceitável em doses reduzidas. Confira em Sandra Risa Leiblum, "Sex and the Net: Clinical Implications", *Journal of Sex Education and Therapy*, 22:1 (1997) 21-27, e em A. Cooper, D. E. Putnam, L. A. Planchon e S. C. Boies, "Online Sexual Compulsivity: Getting Tangled in the Net", Sexual Addiction & Compulsivity: *The Journal of Treatment and Prevention*, 6:2 (1999), p. 79-104. A igreja precisa rejeitar essa perspectiva, visto que o cibersexo em si deturpa o plano de Deus para o sexo (uma expressão de amor dentro de um relacionamento monogâmico, heterossexual e com compromisso).

[6] A. Cooper, D. E. Putnam, L. A. Planchon e S. C. Bóies, *Ibid.* p. 79-104.

[7] Deuteronômio 6.4-9

[8] Mateus 18. 1-6

medo de estabelecer relacionamentos. A vulnerabilidade é necessária nos relacionamentos íntimos, mas o risco de ser rejeitado ou mal-entendido parece amedrontador. Para evitar o risco, o indivíduo prefere explorar sites on-line onde pode manter o anonimato e o controle sobre os relacionamentos. Nas salas de conversa on-line, ele se apresenta com uma personalidade fictícia. Ele pode cortar um relacionamento a qualquer momento deixando de responder uma mensagem ou não entrando mais em determinada sala de conversa. O uso da pornografia na internet distancia cada vez mais uma pessoa dos relacionamentos genuínos enquanto também lhe permite manter níveis pouco profundos, e ao mesmo tempo enganosos, de comunicação on-line.

Embora o medo de relacionamentos possa ter suas raízes em um abuso sofrido na infância, os psicólogos costumam avaliar esse medo olhando para os relacionamentos atuais. Não é raro descobrir que o ambiente familiar de uma pessoa envolvida em cibersexo é sem graça e carente de comunicação íntima. Todavia, surge a pergunta: o que veio antes, o uso da internet ou a deterioração da intimidade pessoal? Muitos estudos apontam para ambos os lados da questão.[9] Um círculo vicioso acontece: a pessoa se volta para a internet para ganhar uma sensação de conforto ou companheirismo que não é oferecida pelo cônjuge ou outra pessoa significativa em sua vida. Isso cria um maior afastamento emocional no relacionamento. E assim o círculo continua.

A questão do medo de relacionamentos fala à nossa realidade neste mundo: cultivar relacionamentos é difícil. Mas a psicologia secular deixa de dar um passo para além de pessoas falíveis e imperfeitas e de seguir rumo à perfeição encontrada em Deus. É certo que vamos tropeçar em um ponto ou outro em todos os nossos relacionamentos, mas também é certo que Deus nunca falhará no Seu relacionamento conosco. Como nosso Pai celestial, Ele nos ama com um amor inalterável. Seu amor nos compele à mudança. Cristo removeu toda a nossa culpa e nos vivificou e escondeu nEle.[10] As pessoas falham conosco, mas essa não é uma desculpa adequada para pecar, pois pertencemos a Cristo e nEle temos a capacidade para enfrentar situações e relacionamentos difíceis de maneira edificante.

3. O vício e o comportamento obsessivo/compulsivo

Seja por problemas nos relacionamentos atuais ou por um abuso sofrido no passado, a pessoa envolvida na prática do cibersexo costuma concluir que ela não tem mais controle sobre seu comportamento. As teorias da psicologia sugerem duas explicações principais: vício[11] ou

9 J. P. Schneider "Effect of Cybersex Addiction on the Family: Results of a Survey", *Cybersex: The Dark Side of the Force* (Philadelphia: Brunner Routledge, 2000), p. 38-51, e K. Young, E. Griffin-Shelley, A. Cooper, J. O´Mara, J. Buchanan, "Online Infidelity: A New Dimension in Couple Relationships with Implications for Evaluation and Treatment", *Cybersex: The Dark Side of the Force* (Philadelphia: Brunner Routledge, 2000), p. 59-74.

[10] Colossenses 2.6-15

[11] J. P. Schneider "Effect of Cybersex Addiction on the Family: Results of a Survey", *Cybersex: The Dark Side of the Force* (Philadelphia: Brunner Routledge, 2000), p. 38-51, e K. Young, E. Griffin-Shelley, A. Cooper, J. O´Mara, J. Buchanan, "Online Infidelity: A New Dimension in Couple Relationships with Implications for Evaluation and Treatment", *Cybersex: The Dark Side of the Force* (Philadelphia: Brunner Routledge, 2000), p. 59-74.

comportamento obsessivo/compulsivo.[12] O modelo do vício descreve um comportamento cíclico que começa com um "ponto alto" alcançado durante a atividade, uma descida brusca, culpa, depressão, e a retomada das atividades como uma fuga da depressão que geralmente volta em seguida. Em suas pesquisas datadas de 1998, Cooper define o padrão do vício em sexo on-line: "Entre os sinais de vício em sexo on-line estão a negação, os esforços repetidos e mal-sucedidos de interromper a atividade, a quantidade de tempo excessiva dedicada à atividade, o impacto negativo do comportamento na vida social, ocupacional e recreativa, a repetição do comportamento apesar das conseqüências prejudiciais."[13] Nesse modelo, os tratamentos geralmente consistem de programas de terapia de grupo como Viciados Anônimos em Sexo e Amor.[14]

Os argumentos a favor do tratamento com o modelo obsessivo/compulsivo seguem a idéia de que a prática excessiva de cibersexo é irresistível. Uma força além do controle da pessoa a impulsiona a se envolver nessa atividade. Quando a pessoa não está diretamente envolvida na prática do cibersexo, ela está obcecada com ele e planejando o que poderá fazer assim que estiver novamente on-line. O tratamento para o comportamento obsessivo/compulsivo costuma incluir anti-depressivos em combinação com terapia.

Ambos os modelos – vício ou comportamento obsessivo/compulsivo – atribuem uma nomenclatura ao que a pessoa faz e à experiência que ela tem. Isso dá ao cibersexo certa medida de aceitação. Em geral, uma pessoa ativa no cibersexo não quer continuar com seu hábito. Ao mesmo tempo, seus desejos e motivações parecem ser incontroláveis. Esse senso de falta de controle pode contribuir para a crença de que não somos responsáveis diante de Deus e dos outros pela prática do cibersexo. A verdade quanto a esse erro de entendimento tem dois aspectos. Primeiro, a pessoa é responsável por seus pensamentos e ações, mesmo aqueles que aparentemente são incontroláveis. Uma vida pecaminosa não pode ser atribuída a fontes externas. Ao mesmo tempo, uma pessoa pode conseguir mudança em pensamentos e ações quando dá as costas ao erro e, pela fé, encontra ajuda para uma mudança de motivações em Deus, Sua Palavra e Seu povo.

As teorias que explicam o vício e o comportamento obsessivo/compulsivo não atingem nossas almas. Somente Deus pode fazer isso. Nosso pecado é mais profundo do que as situações da vida, a química, os hábitos comportamentais e as

---

[12] AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. (Porto Alegre: Arte Médicas, 4. ed. 1995) define as obsessões como "idéias, pensamentos, impulsos ou imagens persistentes, que são vivenciados como intrusivos e inadequados e causam acentuada ansiedade ou sofrimento". As obsessões são difíceis de serem controladas. As compulsões são respostas a esses pensamentos, que frequentemente envolvem a prática de um ritual na esperança de banir as obsessões. Para aqueles que caem na armadilha do cibersexo, a obsessão é com as imagens, pensamentos ou impulsos diante do monitor e a compulsão é o engajamento na busca dessas imagens com a esperança de que essa atividade possa acalmar os pensamentos obsessivos.

[13]. A. Cooper. "Sexuality and the Internet: Surfing into the New Millennium" *CyberPsychology & Behavior*, 1 (2), 1998, p. 181.

[14]. No Brasil, temos os Dependentes de Sexo e Amor Anônimos: www.slaa.org.br/br/index.htm

experiências de vida. A resposta que satisfaz é mais profunda que medicamentos ou aconselhamento para lidar com as experiências traumáticas da infância. Esses métodos produzem apenas mudanças superficiais e, no melhor dos casos, resultam em maneiras de pecar que satisfazem a pessoa e são mais aceitas socialmente. Mas Deus está interessado em algo mais profundo do que mudança exterior. Ele deseja corações transformados. O cibersexo em si não é o problema fundamental. O problema essencial é que a pessoa viciada em cibersexo volta suas costas para Deus e segue os ídolos do seu coração. Deus olha para essa realidade. Como Seus filhos, à luz da Sua Palavra podemos aprender a identificar essa realidade e nos dispormos a mudar.

A comunidade psicológica oferece explicações inadequadas. Basicamente, ela distorce o próprio problema que descreve porque deixa de examinar as motivações do coração e de oferecer a esperança que há em Cristo.

As barreiras à mudança bíblica na comunidade cristã

Como cristãos, precisamos examinar a condição dos nossos corações antes de podermos ajudar uma pessoa que luta com o pecado do cibersexo. Que mentiras dizemos a nós mesmos quando enfrentamos esse problema na nossa comunidade? Que barreiras interrompem o caminho para que lidemos sabiamente com o problema? O que impede que Cristo seja refletido em nossas vidas?

Quando nos deparamos com a questão do cibersexo, talvez a maior barreira seja a tendência a pensar: "Meu pecado não é tão ruim quanto o seu". Costumamos considerar alguns pecados mais pervertidos ou desprezíveis do que outros, particularmente quando não são discutidos abertamente na igreja. Os membros da comunidade cristã costumam se afastar daqueles que compartilharam honestamente as suas lutas com o pecado sexual. Precisamos considerar o que está por trás dessa situação tão freqüente.

Comparamos os nossos pecados com os pecados dos outros. Pensamos: "Diante de um pecado repulsivo e abominável como o cibersexo, meu pequeno problema com fofoca e arrogância não é lá grande coisa". Mas isso não é o que Bíblia diz.[15] Os pecados de altivez e fofoca, suavizados por nós, são tão repugnantes aos olhos de Deus quanto os pecados sexuais. Segundo a Palavra de Deus, todo pecado é infinitamente mau. Quando examinamos os nossos pensamentos e ações do ponto de vista das Escrituras, descobrimos que ninguém, nem mesmo um de nós, é justo. Também descobrimos que o perdão e a restauração são oferecidos em abundância a todos quantos buscam a Deus.

Todos nós somos pecadores. Isso não faz com que seja mais fácil falar sobre o pecado sexual; ainda é um assunto confidencial. Apesar disso, como irmãos e irmãs em Cristo, não somos chamados para desferirmos ataques implacáveis nem para vivermos uma ignorância intencional. Somos chamados a oferecer um encorajamento honesto e vulnerável e uma confrontação mansa em nome de Cristo.[16]

---

[15]. Veja Colossenses 3.5-8. 1 Coríntios 6.18 fala em pecado sexual com um peso diferente de outros pecados. Escapa ao propósito desse artigo um aprofundamento no tema, mas um comentário excelente encontra-se em Charles Hodge. *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians* (London: Banner of Truth Trust, 1958).

[16]. Veja Efésios 5.1-13

Nossas palavras e ações devem ser motivadas por amor a Deus e ao próximo, não por medo nem timidez.

Uma segunda barreira à resposta cristã ao cibersexo é nossa reivindicação: "Não é minha responsabilidade". Mas essa resposta está errada. Os amigos e familiares têm responsabilidade, sim. Como cristãos, prestamos conta por nossas respostas. Nossa reação reflete uma aversão e uma ira condenatórias, ou vemos a nós menos como pecadores também e temos igualmente aversão pelo nosso pecado? As pessoas nos vêm como acessíveis, ou temos uma reputação de rápidos para falar e tardios para ouvir? Reconhecemos nossa própria depravação diante de Deus, ou nos consideramos melhores do que os outros? Reconhecemos que o Espírito usa pecadores como nós para encorajar outros pecadores que lutam com as mesmas motivações pecaminosas com que nós lutamos?

A verdade é que podemos, sim, entender uma pessoa que está lutando com o cibersexo porque nós também somos produtos da queda de Adão. Mas será que investiremos nossa energia para aumentar o pecado com fofoca, julgamento e maledicência ou para reconhecer que nós também fomos perdoados e nos dispormos a andar humildemente ao lado dessa pessoa, com honestidade e mansidão? Deus quer que os casamentos, bem como as amizades, sejam contextos de redenção, buscando o melhor um para o outro e amando um ao outro com um amor que encoraja na direção de Cristo.[17]

Qual é a resposta bíblica ao pecado? Como praticamos o amor bíblico uns para com os outros? Segundo Colossenses 3.1-17, visto que fomos feitos novas criaturas em Cristo, devemos nos considerar mortos para o pecado e perdoar uns aos outros como fomos perdoados por Deus. Nossa atitude para com as pessoas presas pelo pecado não pode ser de julgamento implacável, ira e maledicência. Pelo contrário, devemos agir com base no reconhecimento de que as motivações que as impulsionam a pecar são as mesmas que nos impulsionam também. Todos nós somos pecadores, salvos somente pela graça de Deus. Quando olhamos a fundo para as nossas vidas e os desejos que as dirigem, podemos olhar com maior compaixão para as vidas ao nosso redor.

Os membros da comunidade cristã – você, eu e os demais irmãos em Cristo – são chamados ao exercício da compaixão, paciência e humildade no lidar com aqueles que lutam com o cibersexo. Fomos perdoados por Deus e precisamos conceder perdão aos outros. Deus espera ver em nós uma mansidão motivada pelo amor que vêm dEle e que é canalizada em admoestação e encorajamento mediante a oração e a Palavra.

Nosso alvo é comunicar aos outros a graça salvadora, e essa graça não pode ser transmitida tratando o problema de maneira superficial. Como as demais práticas pecaminosas, o cibersexo é movido por motivações falsas e provêm de um coração não inclinado para Deus. Essas motivações precisam ser expostas à luz da Palavra para que possamos primeiro perceber quão profundamente o pecado permeia nossas vidas e, segundo, como somos dependentes do perdão de Cristo.

Em nossas conversas, precisamos lembrar que Colossenses 3 chama-nos a seguir a paz de Cristo. Esse não é o tipo de paz conciliatória e preguiçosa. É uma

[17] Veja Efésios 5.22-33 para uma descrição excelente do casamento como contexto de crescimento cristão.

paz ativa, que busca a santidade em nós mesmos e na mutualidade cristã. É uma paz dirigida pelo nosso anseio por Deus e amor à Sua lei. Acima de tudo, é uma paz que reconhece que não somos capazes de mudança a não ser pela graça de Deus.

As mentiras que levam ao cibersexo

O que dizer do indivíduo envolvido na prática do cibersexo? Como ele justifica suas ações? Que desculpas ele dá? Que mentiras ele conta a si mesmo e aos outros?

A pessoa envolvida em cibersexo tece uma rede complexa de mentiras para explicar seu comportamento e justificar seu pecado. À medida que examinamos essas justificativas pelas lentes das Escrituras, a inadequação de cada uma delas torna-se evidente.

1 "Não estou fazendo mal a ninguém."

Uma mentira comum sustentada pela pessoa envolvida em cibersexo é que o seu comportamento não é destrutivo e que apenas ela é afetada. Mas o pecado não funciona assim. Expor-se regularmente a imagens de sexo explícito afeta a perspectiva que a pessoa tem do sexo, dos relacionamentos e de outras pessoas. O impacto sobre as pessoas queridas é inevitável.

A mentira afirma que esse pecado não fere a ninguém. Para perceber a verdade, é preciso confrontar a pessoa com o fato de que ela fere outras pessoas com suas mentiras e seus sigilos, com sua ausência, seu uso indevido do sexo, sua ira e muitos outros comportamentos. De certa forma, essa verdade já está martelando na consciência. Seu sigilo o entrega. Cabe às pessoas queridas confrontar o pecado e falar honestamente (embora com mansidão) sobre sua preocupação, apontando para o impacto que aquele comportamento está tendo sobre as suas vidas.

Ao mesmo tempo, deve haver disposição para levar a pessoa ao entendimento de que embora o pecado tenha impacto sobre várias vidas, Jesus Cristo oferece perdão mediante Seu sangue. Ainda mais, à medida que a pessoa abandona a crença de que o cibersexo é um pecado "seguro", ela pode desejar ter um impacto positivo sobre as outras pessoas, talvez ajudando outros que lutam com o mesmo problema. Como cristãos, somos embaixadores de Cristo, habitados pelo Espírito Santo, chamados a proclamar o Evangelho, que é graça para os pecadores.

Encorajar uma pessoa que deseja ver expostas as mentiras do pecado "seguro" requer a prática da uma cobrança cristã por parte dos encorajadores. Requer também compromisso de oração, reconhecimento das mudanças visíveis quando elas acontecem e uma lembrança constante de que nós, como filhos de Deus, encontramos refúgio em Cristo no meio de um mundo pecaminoso. Isso não quer dizer que somos poupados de sentir os efeitos do pecado ou de pecar contra Deus e os outros, mas que podemos voltar as costas diariamente ao pecado e servir ao Deus vivo.

2 - "Está tudo sob controle."

O cibersexo pode ter origem no desejo de ter a própria vida sob controle total. Os relacionamentos reais podem ser difíceis. Os relacionamentos virtuais e fantasiosos são mais fáceis – e fáceis de controlar. No dia-a-dia da vida, esse desejo de controle manifesta-se em uma frustração crescente com as situações e as pessoas reais que não podem ser controladas. No

computador, a pessoa pode regular os relacionamentos escolhendo sites específicos e controlando o nível de comunicação, a freqüência das interações, a duração da visita e a escolha de assuntos.

As pessoas reais não se comportam como as pessoas virtuais. As linhas de comunicação na vida diária diminuem à medida que se constroem mais e mais barreiras que possibilitem o controle da própria vida. Os amigos e os membros da família percebem irritação e ira mais freqüentes na pessoa envolvida na prática do cibersexo.

O desejo de controle é oposto ao plano de Deus para nós. Em palavras claras, nós não estamos e nunca estaremos no controle das nossas vidas. Os que praticam o cibersexo crêem em uma mentira quando acreditam que podem controlar a vida. Criam uma ilusão de pseudo-relacionamentos que desmoronam inevitavelmente quando são descoberto ou diante da agitação interior resultante da luta com a própria consciência. As raízes do pseudocontrole estão firmadas na falta de fé em Deus e seu plano perfeito para Seus filhos. Quando alguém fica irado ou amargurado porque uma situação não aconteceu conforme o seu desejo, ele crê que sabe mais do que Deus. Todavia, a Bíblia nos dá milhares de anos de prova de que não é esse o caso. Servimos um Deus cujo plano perfeito não falha. Ele promete que um dia os Seus filhos estarão livres do pecado, no novo céu e nova terra. Sua vontade dirige cada momento, cada dia, para esse fim.

Como uma pessoa passa do desejo de controle sobre a própria vida para a confiança alegre no controle de Deus? Os cristãos têm lutado com essa pergunta durante séculos. O processo começa com o reconhecimento de que o controle não nos pertence. Segue-se um reconhecimento de que somos habitados pelo Espírito de Deus, que nos foi dado como guia. Na prática diária, isso significa relacionar-se com pessoas e ser vulnerável. Significa ser mais aberto sobre suas lutas pessoais, cuidar de outros e aprender a compartilhar a alegria e a dor com outras pessoas. Significa uma mudança de perspectiva baseada no fato de ver esse mundo como uma antecâmara do que está por vir.

Aprender a descansar na verdade de que Deus tem tudo sob controle perfeito não é um processo que acontece do dia para noite. Requer um esforço constante e consciente de ficar longe do computador e perto do conselho sábio de amigos, familiares, pastores ou conselheiros, e das Escrituras. Quando uma pessoa começa a se sentir fora de controle, é ocasião para a tentação ou para a graça. Os instintos podem chamá-la para o computador, mas a outra opção é afastar-se da situação tentadora e buscar a Deus em oração.

Como membros da família, amigos e irmãos em Cristo, nós somos chamados a ministrar a essas pessoas que anseiam por controle. Um campo tão amplo de ministério poderia parecer intimidador, mas as interações diárias, por um período de tempo, podem levar a bom termo os objetivos que parecem inalcançáveis. Interagimos regularmente com algumas pessoas que sabemos que lutam com o cibersexo? Perguntamos a elas como estão caminhando e recusamo-nos a aceitar um simples “tudo bem” em resposta? Compartilhamos nossas lutas pessoais com essas pessoas e descobrimos pontos em comum para caminharmos juntos? Oramos por elas e as encorajamos falando quando vemos a atuação de Deus em suas vidas? Confrontamos quando as

vemos escorregar novamente nos hábitos antigos? Interagimos com os membros da sua família e os encorajamos? Fazemos isso mesmo quando tudo parece correr bem? A pessoa que deseja ter tudo sob controle costuma ser muito capaz de aparentar que tudo está perfeitamente bem; somente quando nos importamos o suficiente para entrar a fundo é que encontramos um irmão pecador, fraco e necessitado de encorajamento.

3. "Evitando os relacionamentos, eu evito a dor."

É certo que os relacionamentos humanos resultam em dor em um momento ou outro porque somos criaturas imperfeitas interagindo com outras criaturas imperfeitas. Posto isso, precisaríamos acreditar na mentira de que a vida seria mais agradável se os relacionamentos não existissem. Evitar a intimidade significa evitar a rejeição, o abandono e a falta de empatia. Uma tela de computador repleta de imagens pornográficas parece menos perigosa e ameaçadora em comparação com as feridas que enfrentamos diariamente quando nos abrimos ao relacionamento com outras pessoas.

A pseudo-intimidade interfere nos relacionamentos honestos. Não fomos criados para vivermos isolados, mas em relacionamento uns com os outros. A ausência de relacionamento de acordo com os moldes bíblicos tem efeitos significativos. É verdade que podemos ferir e podemos ser feridos uns pelos outros enquanto aprendemos o que significa sermos servos. Mas também é verdade que o fracasso no alcançarmos uns aos outros significa privarmo-nos de um bem necessário. Aqueles que procuram intimidade na internet negligenciam as pessoas ao seu redor, rompem relacionamentos interpessoais valiosos e, no final, encontram-se dentro de uma concha vazia – assombrada pela fantasia.

Alguém que quer se esquivar da dor envolvida em ser genuíno e aberto nos relacionamentos precisa reconhecer que não há dor maior do que a que Cristo suportou por nós. Não há segurança maior do que encontrar refúgio em Cristo. Nenhum amor é tão seguro e permanente como o de Deus. Mas mesmo quando rejeitamos a Deus, Ele não nos abandona.[18] Pelo contrário, Ele nos busca com um amor que perdoa o pecador arrependido e oferece vida àqueles que estão mortos no pecado. Como podemos nós, que merecíamos a morte e ganhamos a vida, voltarmos a costas a outros que precisam da mesma redenção?

Ver o mundo pelas lentes do Evangelho não é um processo fácil. Mas à medida que entendemos como Deus nos busca ativa e perfeitamente, o medo da rejeição é substituído pelo desejo de compartilhar o dom gratuito que recebemos em Cristo. Uma pessoa escondida nas trincheiras do cibersexo precisa formar relacionamentos com outras pessoas, intencionalmente, tanto por meio de grupos de prestação de contas como pela restauração dos relacionamentos rompidos em família e na comunidade. Como parte do nosso desejo de ajudar essa pessoa, precisamos demonstrar o amor de Cristo reconhecendo como falhamos na tarefa de encorajá-la. Fomos vulneráveis diante dela? Pedimos perdão e expressamos arrependimento quando pecamos contra ela? Colocamo-nos no lugar dela e reconhecemos suas lutas? Vimos o Espírito trabalhando nessa pessoa para despertar o desejo de servir a outros?

[18]. 2 Timóteo 2.13

4. "O prazer e a fuga imediatos são melhores do que enfrentar as dificuldades à frente."

A gratificação instantânea é uma característica comum da cultura ocidental. Somos a geração do *fast-food*. Querer aquilo que nos convém, e querer imediatamente, é uma idéia que pode facilmente permear nossos relacionamentos.As pessoas passam a ser simples objetos de uso para nosso prazer e fuga. A pessoa envolvida na prática do cibersexo é motivada por um desejo de liberar a tensão e ter uma fuga instantânea das pressões do mundo. A busca do prazer exige uma quantidade cada vez maior de tempo. A tolerância pelo material de sexo explícito começa a crescer, e por fim a pessoa procura maior quantidade de cibersexo ou formas mais pervertidas.

Inicialmente, obter prazer aqui e agora parece ser um caminho gratificante, mas correr em direção a esse escape culmina em destruição. Se nossa força para viver for extraída de algo além de Cristo, é uma força enganosa. O conforto encontrado on-line deixa a pessoa ansiando por mais. Ao mesmo tempo, porém, ela sente vergonha de seu comportamento. Fugir para uma realidade falsa é contrário ao mandamento de Deus para amá-lo e amar ao próximo. O cibersexo é um ídolo passageiro que destrói todos aqueles que o buscam.

A alternativa para a fuga na fantasia é uma fé genuína em Deus e a obediência ao nosso Salvador. Ele nos fortalece para enfrentarmos todos os aspectos da vida. Deus é o nosso refúgio. Ele nos compreende perfeitamente, conhece a dor com maior profundidade do que qualquer outro, e deseja e promete fazer o que é melhor para nós. Ele nos ama os suficiente para nos moldar em pessoas guiadas pelo Espírito para servi-lO. Mas Deus não promete fuga deste mundo e seus problemas. Ele promete nos fortalecer fielmente, pelo Seu Espírito, para sobrevivermos aos problemas. Todos os outros métodos para nos protegermos do mundo estão condenados ao fracasso.

Assim que alguém reconhece que a internet não pode prover um escape e a liberdade das pressões do mundo, essa pessoa está pronta para aprender a avaliar as pressões de maneira diferente. À medida que nossos pensamentos e motivações são dirigidos para aquilo que é eterno, as coisas temporais são vistas de uma perspectiva apropriada.[19] Viver neste mundo passa a ser possível quando nossa fonte fundamental de força não vem do próprio mundo, mas de Deus. Vistos pela perspectiva da eternidade, os relacionamentos diários não são impossíveis. Não precisamos nos esconder da realidade; Deus está dirigindo a realidade para alcançar os Seus propósitos. A pessoa que pratica o cibersexo pode deixar o computador e se envolver no mundo ao seu redor. É possível encontrar força em Deus, pela Sua Palavra bem como pelos irmãos em Cristo. A confiança em Deus e Suas promessas fica evidente na disposição para falar honestamente sobre suas lutas e seus temores. Ver que outros precisam de palavras e gestos de ajuda lembra-nos de olhar para Deus como Aquele que é o controlador infinitamente sábio do curso desse mundo.

A pessoa que luta com o cibersexo precisa ser lembrada constante e gentilmente de quão vazio e desprezível seu escape é quando comparado à glória e graça de Deus e à beleza dos relacionamentos verdadeiramente íntimos

[19] Veja 2 Coríntios 4.18

e amorosos. Isso significa que devemos compartilhar a Palavra e também as nossas vidas, requer que falemos com disposição e transparência sobre os nossos temores e admitamos nosso próprio desejo de nos vermos livres das dificuldades da vida. Significa também ajudar a pessoa a remover o objeto de tentação de modo que ela possa ser capaz de se voltar mais facilmente para os métodos bíblicos em meio às pressões da vida neste mundo caído. Não estamos querendo dizer que cada usuário de cibersexo deve jogar o computador pela janela. Porém, se a pessoa deseja uma mudança genuína, ela precisa considerar a possibilidade de ter o seu tempo on-line monitorado. Ela pode instalar provedores de internet capazes de bloquear o material de sexo explícito.[20] Também pode instalar um programa de monitoramento que rastreia a navegação na internet e envia os dados para a pessoa a quem ela presta contas.

5. "Meu conforto e conveniência estão em primeiro lugar."

A vida nesse mundo significa passar por dias agitados, acelerados. É comum que a pessoa que está continuamente exposta a material pornográfico olhe para os outros como objetos úteis em lugar de seres humanos. As mulheres, em particular, tornam-se um amontoado de partes do corpo em lugar de criaturas feitas à imagem de Deus. Quando o próprio eu e o meu conforto passam a ser o meu deus, o amor por Deus e pelos outros se apaga facilmente.

A pessoa envolvida na prática do cibersexo precisa aprender a colocar as suas necessidades pessoais debaixo da autoridade das Escrituras. O conforto e o bem-estar não podem substituir o serviço a Deus e ao próximo. Cristo é nosso exemplo à medida que Ele se privou do conforto do céu para viver entre os homens mais humildes. Ele se preocupou com outras pessoas, expondo seus corações e oferecendo o caminho da redenção. A internet oferece mentiras, dando a entender que fomos colocados nesse mundo para nosso próprio prazer. A realidade diz que fomos colocados aqui para a glória de Deus. Isso não significa que a busca por prazer seja errada por natureza, mas que devemos atentar para onde encontramos o prazer.

Encontramos prazer na lei de Deus? Na beleza da Sua criação? Na complexidade maravilhosa do ser humano? Em meio a uma situação difícil, você se revolta contra a frustração e o incômodo que ela produz ou você se detém para considerar como pode superar as circunstâncias com paciência e sabedoria? A busca do conforto pessoal leva ao desamparo, à solidão e, finalmente, à morte. Desejar os propósitos de Deus acima de tudo não é um caminho fácil, mas ele nos ensina a ver este mundo e a vida como algo que não nos pertence.

6. "Se eu contar aos outros, eles não me entenderão."

Muitas pessoas não compartilham sobre suas lutas com o cibersexo porque

[20] No Brasil, www.terrasoft.com.br/web-fi-server/; www.grandi.net/bloq_porno.htm; www.portalfree.com.br/download/detail.asp?iFile=426&iType=12 são exemplos de serviços que bloqueiam materiais explícitos. Embora os bloqueadores de sites impróprios atuem como proteção contra o cibersexo, eles podem dar problemas. Eles funcionam bloqueando sites que contêm determinadas palavras-chaves ou frases e acabam por impedir o acesso a sites que não contêm materiais explícitos.

temem os julgamentos implacáveis. Na pressão do momento, parece ser mais fácil continuar em um caminho destrutivo do que se colocar em uma posição de vulnerabilidade à rejeição, à vergonha, ao ridículo, às respostas prontas, e assim por diante. Infelizmente, a igreja contribui em boa medida para alimentar essa mentira, pois seus membros não raro reagem de maneira destrutiva para com uma pessoa que está honestamente buscando ajuda.

O medo da rejeição une-se ao estigma que já existe na sociedade. Uma pessoa que está lutando com o cibersexo sabe que a igreja tem uma aversão especial pelo pecado sexual. Se contar para o cônjuge, pode enfrentar uma recusa de perdão e de disposição para reestabelecer as linhas de comunicação. Poderia até significar o fim do relacionamento. Amigos também poderiam abandonar o relacionamento ou fofocar com outros. A reputação está em jogo.

Em um momento ou outro, todos nós tememos o que as pessoas pensam a nosso respeito. Mas quando buscamos nossa identidade naquilo que elas pensam, nós as elevamos acima de Deus. Os padrões de Deus devem ser nossa vara de medida: somos pecadores e necessitamos desesperadamente de perdão pelos nossos pecados e restauração da nossa comunhão com Deus. Para a pessoa que luta com o cibersexo, isso significa poder falar abertamente sobre suas lutas com o conhecimento de que ela não está sozinha, mas faz parte de uma comunidade de pecadores. Também significa aprender a se preocupar com aquilo que Deus pede de nós – arrependimento do pecado, amor a Ele e o desejo de andar de acordo com os Seus mandamentos, motivado pelo Espírito Santo. Ainda mais, significa reconhecer que a única maneira de alcançar essas coisas é mediante Cristo. Colocamo-nos diante de Deus não por algum mérito nosso, mas pelos méritos de Cristo, nosso advogado.. O sacrifício de Cristo é capaz de cobrir qualquer pecado, inclusive o medo de se expor e ser rejeitado.

Comentários finais

Certamente, as mentiras são comuns a todo ser humano. Não conseguimos vencê-las por nossas próprias forças, mas podemos combatê-las pela capacitação do Espírito Santo. Essa capacitação manifesta-se no "despojarmo-nos" das mentiras e dos comportamentos pecaminosos associados – seja o próprio cibersexo ou o julgamento implacável dirigido contra aqueles que caíram no cibersexo. "Revestimo-nos", então, da verdade de que precisamos da graça purificadora de Cristo quando reconhecemos nosso estado caído. Isso significa colocar Deus e Seu plano acima do nosso desejo de fuga ou segurança. Deus nos criou para interagirmos uns com os outros. Essa interação pode ser destrutiva ou edificante, mas ela nunca é neutra.

O que mencionamos até aqui não podem ser aprendido fora do contexto do corpo de Cristo. Precisamos nos dispor a estar ao lado dos nossos irmãos e irmãs que lutam com o cibersexo. Não devemos ter medo de falar honestamente sobre o crescimento dessa atividade bem como sobre sua repercussão. Precisamos combater a natureza secreta desse pecado expondo, tanto de púlpito como nas conversas individuais, as mentiras que o motivam. E não podemos nos entregar à autocondenação. Para cada olhar que damos ao nosso coração, precisamos olhar para Cristo e a graça que temos nEle. Cristo comprou-nos e, portanto, podemos

estar diante de Deus limpos da nossa maldade. Podemos, então, comunicar a mesma graça a outras pessoas. A comunidade cristã precisa se dispor a cumprir seu mandato.

Quando o Problema é um Pecado Sexual: um modelo de aconselhamento

John F. Bettler

Como aconselhar alguém com um problema na área sexual ou, mais especificamente, um problema de pornografia ou masturbação? Esse artigo presume que o conselheiro tenha um conhecimento consistente da teologia bíblica do sexo e, portanto, oferece apenas um modelo condensado de aconselhamento que pode ser de utilidade prática.

O modelo que uso com freqüência é a figura de uma pirâmide com três níveis, que chamo de pirâmide da lascívia ou do desejo. O versículo que tomo como base para esse modelo é Gálatas 5.16: *"Digo, porém: Andai no Espírito, e jamais satisfareis a concupiscência da carne."* Cada indivíduo pode escolher entre viver na carne, a natureza que segue as paixões desse mundo (não necessariamente o corpo humano), ou viver no Espírito, que opera por meio da Palavra de Deus para nos capacitar a uma vida santa.

Pirâmide da Lascívia (Desejo)

Na carne ou no Espírito (Galatas 5.16)



Os objetos de desejo

A pirâmide ilustra os diferentes níveis ou graus de lascívia ou desejo. No topo está o *objeto* da lascívia na busca pelo prazer. Pode ser uma revista ou um filme pornográfico. Seja lá o que for, o objeto é despersonalizado na mente do indivíduo, tornando-se um simples artigo de uso. Na promiscuidade sexual, por exemplo, o sexo não é praticado com uma pessoa, mas com

Tradução e adaptação de *When the Problem is Sexual Sin: a counseling model*. Artigo publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.13, n.3, Spring 1995, p. 16-18. John Bettler é diretor executivo da Christian Counseling and Educational Foundantion e professor de aconselhamento bíblico no Westminster Theological Seminary.

algo que não passa de um mero objeto. Um homem promíscuo não vê sua parceira como uma pessoa. Portanto, quando aconselho pessoas com problemas sexuais, uma das primeiras coisas que procuro descobrir são os *objetos do desejo* lascivo.

Os desejos de relacionamento

O segundo nível na pirâmide foca o *desejo de relacionamento*. Lembre-se de que a Bíblia nunca planejou que o sexo existisse como algo isolado. Ele está sempre ligado ao contexto de relacionamento. Portanto, quando converso com um aconselhado, quero saber quais são os seus desejos com relação aos relacionamentos. O que ele mais anseia? O que ele espera de um relacionamento? Por exemplo, ele quer se aproximar de alguém? Quer se manter distante? Quer estar seguro ou está disposto a correr riscos? Quer se envolver na vida de outra pessoa? Em resumo, quais são os seus *desejos de relacionamento*?

Os desejos que dão sentido à vida

Finalmente, a base da pirâmide olha para aquilo que o indivíduo espera da vida – não apenas prazer ou gratificação, não só relacionamento, mas o sentido da vida. No seu entender, o que faz a vida funcionar? O que é importante? O que não é importante? O que ele crê que precisa ter para que sua vida valha à pena e seja uma vida de sucesso? Onde queremos chegar está claro: as questões e os ídolos do coração. Quais são os desejos idólatras da pessoa? O que ela mais deseja em seu coração por acreditar que dá sentido à vida?

Embora esse nível seja fundamental, é importante notar que se você limitar o seu foco a ele enquanto aconselha alguém com problemas na área sexual, você estará invertendo a pirâmide e tentando equilibrá-la em um vértice. Isso não funciona. Você deve começar onde o aconselhado está e descobrir qual é o objeto do seu desejo. Em seguida, você quer saber quais são os desejos de relacionamento que caracterizam o desejo daquele determinado objeto. Finalmente, você quer saber quais são os desejos que dão sentido à sua vida — desejos da carne ou desejos do Espírito.

Um estudo de caso

Meu aconselhado era um jovem profissional cristão, muito ativo em sua igreja. Era solteiro, tivera alguns namoros, mas nenhum muito sério. Ele veio conversar comigo sobre masturbação e pornografia.

Eu não poderia enquadrar esse homem na categoria de "viciado" sexual (ou naquilo que a Bíblia chama de escravo do pecado sexual). Francamente, ele não investia muito no seu pecado sexual. Comprava ocasionalmente uma revista *Playboy* na banca de jornais, mas nada que fosse muito além disso. Não freqüentava livrarias para adultos. Também não alugava filmes pornográficos, mas apenas aqueles que diziam "cenas de nudez". Ia para casa, assistia ao filme, lia sua *Playboy* e se masturbava. Um jovem pode ficar escravo da masturbação e se masturbar várias vezes por dia, mas não era esse o caso. Ele o fazia apenas uma ou duas vezes por semana. No entanto, ele era crente, sentia-se culpado e queria que o seu comportamento mudasse.

Uma estratégia de aconselhamento

Como conselheiro, o que você faria para ajudá-lo? Primeiro, era preciso colher informações. "Como é o seu estilo de vida?

O que está acontecendo? Quais são os seus hábitos? Quando os pratica? Quando não?" É bom que o aconselhado registre diariamente as ocasiões em que é tentado e o que acontece por ocasião dessas tentações, pois assim você pode ter os dados de que precisa para lidar com o topo da pirâmide, o objeto da lascívia.

Em seguida, o foco incide nos desejos de relacionamento. O que esse rapaz desejava nos seus relacionamentos? Assim como ele não investia muito no seu pecado, também não investia em relacionamentos. Ele não tinha amigos chegados. Conhecia muitas pessoas, mas não era realmente íntimo de ninguém. Uma família da igreja tentou aproximar-se, acolhê-lo e investir mais tempo com ele, mas ele teve dificuldade para se abrir e não permitiu que ninguém se aproximasse muito.

O que encontrei no nível de desejos de relacionamento foi: "Não se aproxime de ninguém. Mantenha distância". Esse rapaz queria se manter protegido. Ele desejava relacionamentos cordiais, mas não íntimos. Queria segurança. Em quem ele estava pensando? Não em outras pessoas, mas sempre em si mesmo. Aqui estava uma necessidade de arrependimento e mudança.

Então chegamos à base da pirâmide, os desejos que dão sentido à vida. O que fazia a vida desse jovem valer a pena? Quais eram os seus ídolos? O que estava em seu coração? É provável que você esteja adivinhando: segurança. Não correr riscos. Não investir demais; apenas o suficiente para ir adiante. Ele mantinha o emprego, mas nunca era promovido porque nunca investia muita energia em nada. Ele queria apenas estar seguro, pois assim sua vida seria perfeita. Várias experiências de vida contribuíram para que ele chegasse a esse ponto, e elas precisavam ser trabalhadas no aconselhamento. Era preciso que ele percebesse o que estava acontecendo na sua vida.

"Busque alívio sempre que puder." Isso é da carne. "Não se aproxime das pessoas". Isso é da carne. "Mantenha-se seguro. Não corra riscos." Isso também é da carne. Sugiro a você que os últimos dois desejos são muito mais fundamentais que o primeiro. Apesar da masturbação ser algo sério, se você se concentrar somente nela e recomendar a esse jovem um banho frio para não cair na tentação, você não ajudará muito. È preciso lidar com os desejos de relacionamento e os desejos que dão sentido à vida. Como fazer isso?

Uma solução tríplice

O aconselhamento desse rapaz aconteceu nos três níveis. Para o topo da pirâmide, meu conselho foi 2 Timóteo 2.22: *"Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor"*. A estratégia aqui é simplesmente sair do caminho da tentação; fugir. É a estratégia de José. Para ajudá-lo nisso, procuramos alguém na igreja a quem ele prestaria contas. Encontramos um homem que se dispôs a telefonar para o meu aconselhado todos os dias e perguntar: "Como foi hoje?" Ele também se prontificou a orar com ele. É importante criar estruturas que dificultem a possibilidade de ceder ao objeto de desejo.

Para o segundo nível, o versículo destacado foi Filipenses 2.3-4: *"Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros."* Na tentativa

de se manter seguro, sem se aproximar de ninguém, a única pessoa em quem esse rapaz estava pensando era nele mesmo, preocupado com sua própria proteção. Para reverter o quadro, ele precisou descobrir como se envolver na vida de outras pessoas. Começamos a explorar as possibilidades, especialmente com respeito àquela família que estava tentando "adotá-lo". Como ele poderia começar a ministrar para eles? Como poderia se abrir para eles? Que riscos ele correria ao revelar algumas coisas de si mesmo para que aquela família pudesse ajudá-lo a suportar seus fardos, orar com ele, encorajá-lo, confrontá-lo e admoestá-lo? Ele teria que correr o risco de se aproximar, e no seu caso isso significava ser um pouco mais honesto sobre algumas coisas que estavam acontecendo.

Quando chegamos aos desejos que dão sentido à vida, o versículo destacado foi 1 Timóteo 4.7, onde Paulo diz "*exercita-te pessoalmente na piedade*". Era preciso trabalhar. Esse jovem não se esforçava em nada. Ele ia devagar, com o pretexto de se proteger. Não se exercitava na piedade, não confiava em Deus o suficiente para saber que Deus poderia protegê-lo, cuidar dele e sustentá-lo em meio a todas as dificuldades da vida. Assim, a tarefa era dispor-se a uma mudança de coração e a "correr riscos" em todas as áreas – trabalho, relacionamentos e outras mais.

Com esse breve sumário, o que quero destacar é que para aconselhar pessoas com problemas que identificamos pelo nome de lascívia — pecados sexuais como pornografia e masturbação — você precisa de um modelo consistente, que lide com todos os aspectos do problema. Se lidar apenas com os comportamentos exteriores, terá pouco sucesso. Descubra quais são os desejos de relacionamento e que desejos dão sentido à vida. Desenvolva, então, uma estratégia bíblica para lidar com todos eles.

A Armadilha da Ternura

Jim Newheiser

Aconteceu novamente. Outro pastor caiu. Dessa vez, porém, não foi um liberal nem um pregador de projeção na televisão. Foi um homem de boa doutrina com mais de vinte anos de ministério fiel, um homem cuja piedade e fidelidade doutrinária eram amplamente reconhecidas. Tragicamente, ele foi desqualificado para o ministério.

As ovelhas a quem ele servia estão feridas e confusas. Algumas se sentem traídas pelo homem que era um pai e um irmão para elas. Sua fé está abalada. Outras estão iradas com os líderes da igreja pela maneira como trataram o problema. Será que não poderiam ter mostrado maior compaixão para com um homem que os serviu fielmente por tanto tempo? Outras ainda – incluindo maridos ciumentos – acham que ele escapou com muita facilidade. Como ele pôde abusar da confiança dessa maneira?

Há uma preocupação com que a igreja possa não ser capaz de completar o programa de construção começado sob a liderança desse pastor. Há até mesmo a preocupação com que a igreja a quem ele dedicou sua vida venha a se dividir. Ele foi um homem que lutou pela sã doutrina, um mentor que guiou vários pastores jovens. Agora ele caiu. "Não o noticieis em Gate para que não se regozijem os inimigos da verdade!"

O próprio pastor, cuja vida foi inteiramente dedicada ao ministério, enfrenta grandes desafios. Como ele sustentará sua família com tão poucas habilidades para competir no mercado? Para que igreja ele irá? Que papel ele terá? Como ele poderá encarar sua esposa e filhos depois do que fez? Eles também terão que conviver com as conseqüências das ações que ele cometeu.

As perguntas não são poucas, inclusive algumas que são relevantes para os demais que estão no ministério: Como isto aconteceu? Onde ele errou? E como você e eu podemos evitar os mesmos passos desastrosos?

Na verdade, esse pastor não cometeu adultério. Ele era e é muito feliz em seu casamento. Ele não estava à procura

Jim Newheiser é pastor da Grace Bible Church em Poway, Califórnia.

de excitação nem satisfação sexual. Ele simplesmente caiu na "Armadilha da Ternura" e ficou muito envolvido emocionalmente com uma das mulheres que aconselhava. Ao fazê-lo, ultrapassou alguns limites e não é mais irrepreensível. O pecado que o levou à ruína é o ponto culminante de um processo (Tg 1.14-15). Com esse artigo, eu gostaria de ajudá-lo a esquivar-se de dar até mesmo o primeiro passo.

A queda na armadilha da ternura

Situações semelhantes não acontecem porque o aconselhado ou o conselheiro já tem, a princípio, um propósito maldoso (Pv 7.6ss). A maior parte dos envolvidos em casos parecidos começou com boas intenções e terminou em desastre. Trocando em miúdos, a maior parcela dos que buscam aconselhamento pastoral é composta de mulheres, e a maioria destas têm problemas em seus casamentos. Elas procuram a ajuda do seu pastor para aprender a agradar melhor a Deus.

O pastor/conselheiro quer ministrar a Palavra fielmente a essas mulheres. Ele provavelmente toma precauções para evitar a tentação ou até mesmo a aparência do mal — deixa a porta de seu escritório aberta e tem sua secretária por perto. Ainda assim, o conselheiro e a aconselhada estão diante de uma situação cheia de perigos. O marido da aconselhada não tem tempo para ela e não a ouve. Enquanto isso, o pastor ouve os seus problemas pacientemente e com ternura, expressando interesse e compaixão. Ele é o líder espiritual que o marido nunca foi. Nas sessões de aconselhamento, a mulher infeliz encontra ajuda genuína no encorajamento que o seu pastor oferece com base nas Escrituras. Ela parece estar se aproximando do Senhor. Ao mesmo tempo, o pastor ganha um senso de satisfação pelo seu sucesso. Ele tem visto muitos "fracassos" no ministério.

Os sinais de perigo

À medida que o relacionamento de aconselhamento progride, tanto o conselheiro como a aconselhada podem começar a ter pensamentos que deveriam alertá-los do perigo antes que fosse tarde demais. A mulher pode ser tentada a pensar: "Se meu marido fosse um líder espiritual como ele" ou "Eu gostaria de ter-me casado com um homem assim, que se importa com os meus sentimentos". É evidente que se o conselheiro/pastor fosse se envolver com ela em algum momento, essas próprias qualidades ficariam comprometidas.

O pastor, de sua parte, pode descobrir que ele gosta de ter uma mulher dependente de seu conselho e apoio. Ele gosta de satisfazer as necessidades emocionais dela e se sente como seu protetor. Ele descobre que espera ansiosamente pelos encontros. Pode até perceber que tem conversas mais íntimas com ela do que com sua esposa.

Nem o pastor nem a aconselhada têm qualquer intenção de caminhar para um relacionamento romântico, mas há certo envolvimento. Nesse momento, o pensamento de uma ligação sentimental provavelmente deve ter ocorrido a um dos dois ou a ambos. Talvez ambos estejam intrigados com a eletricidade masculina-feminina de sua amizade, apesar de que até aqui ela é de "baixa voltagem". Até onde reconhecem a tentação, os dois colocam rapidamente esses pensamentos de lado, talvez com uma oração de confissão e pedido de força para resistir. O pastor pode dizer a si mesmo que essa é uma manobra

de Satanás para tentá-lo e que ele precisa ser forte. Afinal, aconselhar as mulheres é parte de seu trabalho como pastor do rebanho de Deus. A mulher, enquanto isso, confia em seu pastor como um homem de Deus. Ela não pode imaginar que alguma coisa imprópria possa acontecer.

Os limites ultrapassados

Em algum ponto das sessões de aconselhamento um limite é ultrapassado. Um dos lados percebe que eles foram longe demais. Talvez o pastor perceba que violou algumas de suas próprias regras, encontrando-se sozinho com essa mulher no escritório ou deixando de contar à esposa tudo quanto deveria sobre a duração, o conteúdo e a freqüência dos encontros. Talvez haja um contato físico, um abraço ou segurar de mãos, que exteriormente parecem fraternos, ainda que o casal experimente emoções confusas. Ambos percebem que estão gostando da atenção, da atração e do envolvimento emocional.

Finalmente, o pastor começa a ficar preocupado. Ele percebe que foi longe demais, mas agora o preço de uma ação corretiva parece muito alto. Se ele fosse aos seus companheiros de liderança e confessasse seu erro, ele passaria por um constrangimento terrível. Eles poderiam fazer uma tempestade em um copo d'água. E se o marido dessa mulher ficasse aborrecido ou outros membros da igreja descobrissem o que aconteceu? As fofocas teriam seu grande dia e o ministério poderia ser arruinado. Aquelas pessoas que dentro ou fora da igreja procuravam uma oportunidade para desacreditá-lo teriam sua chance. Se ele contasse à esposa, ela ficaria profundamente magoada. Ela também poderia entender mal e pensar na possibilidade de haver algo errado com ela.

Então o pastor racionaliza; talvez o que ele está fazendo não seja tão ruim assim. Ele ainda prega a Palavra com poder. As coisas parecem caminhar bem em casa. Deus não deve pensar que ele está errado; senão, ele e a igreja não seriam tão abençoados. Novos membros continuam a chegar. Novos ministérios estão em fase de estabelecimento. Por que balançar o barco? Afinal, na verdade, ele não cometeu adultério. Ele é um líder cristão forte. Ele pode manter a situação sob controle sem envolver ou aborrecer os outros.

Um ministério arruinado

Quando alguém continua a brincar com fogo, cedo ou tarde se queima. "Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1.15). Logo, talvez o abraço "fraterno" ou o tapinha nas costas seja seguido de um beijo curto – depois de um beijo longo ou um toque que é claramente mais do que "fraterno".

Poderíamos perguntar: "Por que nenhum dos dois parou quando isso aconteceu?". Enquanto externamente ambos tratavam o relacionamento como puramente pastoral, a intimidade emocional que eles desenvolveram levou muito naturalmente a esse ponto. Apesar de ambos estarem de certa forma chocados, tudo parece muito natural.

O que vem em seguida pode variar. Muitos casais seguem em frente e cometem adultério. Alguns não chegam a ultrapassar esse limite, mas continuam a tomar fogo no seio (Pv 6.27). A grande maioria não se detém até ser pega. Poucos se entregam, finalmente, mas todos sofrem muito e vêem outras pessoas sofrerem a conseqüência de seus pecados.

Como evitar a armadilha da ternura

Como você pode evitar uma queda na armadilha da ternura? Descobri vários princípios que são essenciais.

1. Não confie em você mesmo.

Alguns homens dizem: "Isto nunca poderia acontecer comigo". Tal homem fala sobre quão feliz e realizado ele está em seu casamento. Além disso, ele sabe que é forte. Ele nunca se sentiu atraído por nenhuma mulher de sua congregação nem esteve perto de ultrapassar qualquer limite nos relacionamentos de aconselhamento.

Alguns homens confiam que estão seguros por causa da sua idade mais avançada ou aparência medíocre. Paulo diz: "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1 Co 10.12). Um amigo lembrou-me de que as mulheres são mais propensas a se apaixonar por homens carinhosos e sensíveis, que sabem falar palavras de bondade. Muitos homens bondosos (e até mesmo não atraentes), que nunca haviam imaginado que isso pudesse acontecer com eles, caíram.

É importante lembrar que você traça o seu caminho para a ruína um passo de cada vez. Satanás sabe que, provavelmente, não consegue tentá-lo a cair imediatamente no adultério. Então, pacientemente, ele o leva aos poucos a esse ponto.

2. Estabeleça regras rigorosas – e as cumpra.

Sugiro o seguinte:

- Não se encontre sozinho com uma aconselhada se você não estiver visível a outras pessoas. Deixe a porta aberta.

- Não converse sobre o relacionamento físico do casamento sem o marido estar presente.

- Não toque a aconselhada durante a sessão de aconselhamento. Já tive mulheres chorando em meu escritório, até mesmo a ponto de um colapso. Mantenho minha escrivaninha entre elas e eu, não importa o que aconteça. Se uma mulher precisa de um abraço, peço a uma outra mulher da igreja que cuide dela. Se uma aconselhada tentar tocar em você, recomendo que se afaste rapidamente, deixando claro que isso não deve acontecer.

Ao explicar essas regras à sua aconselhada, diga-lhe que você as mantém não porque desconfia dela ou porque você não seja de confiança, mas porque você quer garantir que ambos permaneçam irrepreensíveis. Aplique suas regras invariavelmente; não faça exceções para mulheres não atraentes! Se você se pegar querendo burlar ou quebrar as regras, tome isso como um sinal de alerta e imediatamente procure seus companheiros de liderança ou sua esposa.

3. Respeite o relacionamento conjugal de sua aconselhada.

Ao aconselhar uma mulher casada, lembre-se de que ela está sob a autoridade do marido. Você não quer minar esse relacionamento. Normalmente, se uma mulher tem problemas em seu casamento, o marido também deveria estar presente para aconselhamento. Não é certo conversar sobre os pecados dele sem que ele esteja presente. Normalmente, você não deve se encontrar com uma mulher sem o conhecimento e o consentimento do marido; uma exceção aconteceria no caso do marido incrédulo. Os casos excepcionais devem ser tratados com o maior cuidado. Um pastor que eu respeito não se encontra com uma mulher mais do que duas vezes se seu marido não estiver presente.

4. Envolva outras mulheres no aconselhamento de mulheres.

Tito 2.3-5 afirma que as mulheres mais velhas são qualificadas de maneira singular para ajudar mulheres mais jovens a serem esposas e mães piedosas. De várias formas, elas podem ser capazes de lidar com muitos problemas melhor do que você. Minha prática recente tem sido de me encontrar com uma mulher poucas vezes. Em seguida, eu a transfiro para um relacionamento mais intenso de aconselhamento/discipulado com uma mulher mais madura sob minha supervisão. Isto elimina muitos dos problemas que podem ocorrer em uma situação de aconselhamento homem/mulher.

Muitos pastores sentem falta em suas igrejas dessas mulheres mais maduras. Além de pedir a Deus que levante tais mulheres, os pastores devem selecionar mulheres com potencial para tal ministério e treina-las.[1]

5. Coloque-se sob uma prestação de contas contínua

Mantenha sua esposa e seus companheiros de liderança a par das suas sessões de aconselhamento e do assunto geral tratado. Dentro desse círculo, deve ser mantida a confidencia absoluta; entretanto, seu casamento é mais importante do que a privacidade de uma mulher. Se uma aconselhada não está disposta a concordar com essa condição, recuse encontrar-se com ela.

Se você percebeu qualquer "sinal de alerta" ou teme ter ultrapassado alguns limites, converse imediatamente com seus companheiros de liderança (2 Tm 2.22). Busque e submeta-se ao conselho deles. Confie que o Senhor cuida de você por meio deles. É muito mais fácil apagar uma chama pequena do que lutar contra um incêndio feroz em uma floresta. Conheço mais de um pastor que se colocou imediatamente sob uma prestação de contas rígida assim que começou a se sentir tentado ou atraído por uma mulher e a situação foi desfeita antes que um desastre acontecesse. Se há qualquer dúvida em sua mente, procure prestar contas! Lembre-se de quão enganoso é o coração (Pv 14.12). Um dos grandes perigos que muitos pastores enfrentam é estarem sobre tamanho pedestal que não têm amigos na igreja com os quais se sentem seguros para compartilhar confidências. Esse é um poleiro instável.

Para aqueles que caíram

A maioria dos homens permanece em pecado até ser pego. Em geral, quando um pastor é confrontado sobre uma situação comprometedora, inicialmente há uma negação ou uma minimização: "Eu sou apenas um homem". "Na verdade nós não cometemos adultério". "Todos merecem uma segunda chance". "Eu nunca farei isso novamente". É comum que o pastor preocupe-se com manter o assunto tão confidencial quanto for possível para proteger a si mesmo, sua família e a igreja. Entretanto, tenho pouca esperança na restauração de um homem que viola persistentemente sua consciência e tem que ser pego e provado culpado antes que "se arrependa". É difícil acreditar que o "arrependimento" mostrado nesse momento seja mais do que um recurso para a preservação da imagem pessoal, do sustento financeiro e da reputação.

[1]Um material útil para este treinamento é o livro *Mulheres Ajudando Mulheres*, por Elyse Fitzpatrick (Rio de Janeiro: CPAD, 2000).

Se você agiu de modo impróprio como pastor ou conselheiro, a melhor coisa que pode fazer é confessar seu pecado aos seus companheiros de liderança, à igreja e à sua esposa. Aceite as conseqüências. Submeta-se a qualquer disciplina que a liderança lhe impuser. Previna outros contra os mesmos pecados. Abandone voluntariamente o seu gabinete e encontre uma maneira de sustentar sua família honradamente. Não espere ser restaurado ao ministério formal no futuro. Encontre conforto no perdão de Deus (Sl 51). Deus produziu frutos por seu intermédio no passado, apesar de seu pecado. Deus o usará de outras maneiras no futuro.

Conselho aos líderes da igreja

Ao ministrar a um pastor ou conselheiro em tal situação, tratem-no com firmeza e amor. Enquanto muitos podem estar preocupados com as partes envolvidas no pecado, vocês também passam por um momento traumático de sofrimento. Estejam cientes de que alguns membros da igreja podem criticá-los pelas suas ações. Alguns pensam que vocês são muito exigentes, outros ficam aborrecidos por vocês serem muito permissivos. Vocês podem ser tentados a revelar menos do que a inteira verdade por compaixão para com aqueles que pecaram, mas o único meio de evitar fofocas e acusações falsas é a repreensão aberta (1 Tm 5.20). Se o irmão caído estiver disposto a se submeter à disciplina, pode ser apropriado que a liderança providencie um sustento financeiro na transição para o trabalho secular, bem como ofereça aconselhamento e prestação de contas constantes que, espera-se, resultarão na restauração a um ministério no corpo (mas não ao gabinete pastoral).

Vocês também precisam ajudar as demais pessoas que foram afetadas. Aqueles que pecaram devem pedir perdão aos que foram ofendidos (cônjuges, filhos e a igreja como um todo). A mulher e os outros membros da família envolvidos também precisam de aconselhamento. Finalmente, a igreja como um todo tem muitas necessidades. Aqueles que confiavam em seu pastor e o amavam podem ficar terrivelmente desiludidos. É preciso lembrá-los de que apenas Cristo está isento de pecado. O fato de que seu líder caiu não nega os benefícios que receberam do ministério dele no passado. Eles devem ser encorajados a olhar para o Senhor como Cabeça perfeito do corpo e o exemplo a ser seguido.

Quando chegar o momento de contratar um pastor novo, procurem manter um grupo de líderes à frente da igreja e praticar uma prestação de contas mútua ao invés de colocar o pastor em um pedestal perigoso.

Para aqueles que não caíram

Qual é o seu alvo no ministério? Você quer ter uma igreja grande? Você quer ter uma reputação de grande pregador? Meu alvo é que quando minha vida e ministério chegarem ao fim, eu possa dizer como Paulo: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7). Quero alcançar a linha de chegada sem ter sido desqualificado (1 Co 9.27). Independentemente do tamanho e âmbito do meu ministério, quero ser encontrado fiel no final – que eu não tenha feito nada que pudesse resultar em ofensa e desonra ao nome do Senhor e da Sua Igreja.

Chega de Procrastinação!

Walter Henegar

Tenho a tendência de ser um procrastinador. Pratiquei a procrastinação durante a maior parte da minha vida. Se determinada tarefa é ligeiramente desagradável, minha tendência inicial e persistente é deixá-la de lado. Não estou dizendo quer sou um preguiçoso; na verdade, estou sempre bastante ocupado. Eu simplesmente adio o quanto posso a execução daquilo que é menos agradável. Sempre empurro essas tarefas para o fim, mas invariavelmente sinto-me mal com isso.

Vencer o hábito da procrastinação não é uma questão de polir minha auréola. Embora seja aceitável em nossa cultura, a procrastinação é um problema sério e profundamente enraizado em mim, que afeta negativamente quase todas as áreas da minha vida.

Durante bastante tempo, cultivei um orgulho falso a respeito da procrastinação. Mas ao longo dos últimos anos, Deus concedeu-me graciosamente fé, percepção e poder para combatê-la. O desejo de procrastinar ainda é forte e sedutor. Mas pela bondade e graça de Deus, estou mudando. Escrever este artigo é uma tentativa de compartilhar a esperança que recebi.

A história de um procrastinador

"Pressões produzem diamantes". Esse era meu lema pessoal na faculdade, quando pela primeira vez comecei a identificar meu hábito. Eu começava a maioria das tarefas escritas na noite anterior à data de entrega e, geralmente, tirava as melhores notas. Todos os meus amigos implicavam com isso, mas eu me defendia com um antigo provérbio chamado Lei de Parkinson: "O trabalho fica maior quando temos mais tempo disponível para executá-lo". *Por que gastar uma semana inteira para fazer uma tarefa escrita se eu poderia gastar apenas uma noite e alcançar o mesmo resultado?*

Tradução adaptada do artigo *Putting off Procrastination*, publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 20, n.1, Fall 2001, p. 40-45.

Walter Henegar concluiu o mestrado em ministério no Westminster Theological Seminary

A experiência profissional veio reforçar meu hábito. Sentar-me diante de um computador o dia todo oferecia oportunidades ilimitadas para procrastinar: e-mail, Internet, joguinhos inúteis. Enquanto eu estivesse ocupado fazendo *alguma coisa*, ninguém podia reclamar se eu deixasse as tarefas mais trabalhosas para o último minuto. Algumas vezes passei raspando, mas em geral fui um empregado estimado (ou mesmo *super* estimado).

No dia do meu casamento, meu tio que dirigiu a cerimônia -brincou bem no meio do sermão mencionando minha tendência conhecida de todos. Ele falou sobre a necessidade de mudanças no casamento e, olhando direto para mim, disse: "Alguém que é procrastinador, se continuar assim, adiará as mudanças o quanto puder".

E foi exatamente o que eu fiz, embora a vida de casado dificultasse as coisas. Agora, o tempo decisivo com que eu costumava contar para fazer determinado trabalho pertencia também à minha esposa. Era preciso deixá-la de lado para fazer as tarefas de última hora. Ainda pior, comecei a arrastar o pé em algumas das responsabilidades partilhadas por ambos como, por exemplo, fazer um orçamento, orar juntos e lavar a louça. Em lugar de orgulho, comecei a sentir vergonha. Ou talvez devesse dizer que comecei a ficar defensivo. Todos me conheciam como um rapaz responsável. *A procrastinação é só um detalhe sutil da minha personalidade, certo? Será que minha esposa não pode me dar um tempo?*

De fato, ela foi compreensiva, mas dentro daquilo que sua saúde debilitada permitiu. Repetidas internações e constantes ataques de dor a forçavam a depender muito de mim para cuidar dela e de nossas duas crianças. Se o casamento é o formão de Deus para nos santificar, os filhos só afiam a lâmina. As responsabilidades para cumprir no meu tempo livre e à noite aumentaram. Passei a dormir cada vez menos. Eu ainda conseguia levar adiante muitas coisas, mas a qualidade do meu trabalho sofreu e minha lista de pendências cresceu. Eu andava continuamente sobrecarregado, desencorajado e com pena de mim mesmo. Algumas vezes, em meio ao trabalho de última hora, cheguei a ter algo semelhante a um ataque de pânico. Eu invejava meus amigos mais disciplinados, mas tinha pouca esperança de me tornar como eles.

Cerca de dois anos atrás, uma matéria de aconselhamento no seminário desafiou-me a deixar a Palavra diagnosticar meu problema e traçar um caminho de mudança. O que prendeu minha atenção foi a metáfora bíblica da árvore, e a sugestão de que meus ramos espinhosos de procrastinação eram nutridos por raízes invisíveis que cresciam profundamente no meu coração. Raiou a esperança de que eu poderia descobrir a raiz da procrastinação e, de alguma forma, cortá-la logo de uma vez por todas. Mais tarde, percebi que a segunda parte de minha esperança era reflexo de um coração acostumado a buscar sempre um atalho.

Percepções iniciais

Para chegar às raízes, era preciso começar pelos ramos. Minha auto-avaliação logo rendeu duas percepções inesperadas. A primeira foi que meus hábitos de procrastinação eram altamente *sistemáticos*, ou seja, eles não apenas infectavam todas as áreas da minha vida, mas operavam de maneira ordenada e previsível. Meu coração parecia ter seu próprio fluxograma de "se": *se não é para amanhã, então você tem muito tempo... se*

você está em cima da hora para entregar um trabalho, negligencie as demais responsabilidades... se você acabou de terminar um trabalho grande, permita a si mesmo uma recompensa..., e assim por diante.

Segundo, percebi que eu ignorava o mecanismo da procrastinação na maioria das vezes. Essa percepção foi mais difícil de assimilar porque eu sempre me considerei um rapaz introspectivo e meu radar detectava a procrastinação algumas vezes. Mas eu costumava definir a procrastinação como uma ausência: eu *não* estava trabalhando duro o suficiente - ou suficientemente antes do prazo de entrega. A questão que eu não tinha percebido era a seguinte: se algo está *ausente*, o que está *presente*? Todas aquelas horas estavam indo para algum lugar, mas o que exatamente eu estava *fazendo* com elas?

Deliberadamente, comecei a prestar mais atenção em como eu gastava o meu tempo e, em particular, as horas destinadas ao trabalho. Descobri que, na maioria das vezes, eu fazia coisas *boas*! Reorganizava minha mesa, respondia cartas, fazia um balanço do talão de cheques, ensaiava músicas no violão. Claro que havia também atividades menos nobres espalhadas aqui e ali: uma ou mais horas de TV, petiscos, passeios pela Internet procurando coisas de que eu não precisava. Mas percebi que as atividades "boas" me levavam a justificar minha procrastinação como um mal necessário para um rapaz sobrecarregado de trabalho.

Na mesma época, eu estava também pesquisando o assunto *trabalho* nas Escrituras. Não fiquei surpreso quando encontrei vários textos recomendando o trabalho árduo. Um deles, em particular, destacou-se para mim: 2 Tessalonicenses 3.11 descreve um grupo de *ociosos* ou *intrometidos* que não estavam contribuindo como deveriam para a igreja. A palavra "intrometidos" intrigou-me e fui pesquisar no original grego. Descobri que se trata, na verdade, de um termo composto pelo verbo "trabalhar" e a preposição "ao redor". A segunda parte do versículo pode ser traduzida literalmente assim: "Tais pessoas não trabalham; antes, elas trabalham *ao redor*".

Como que em um toque de mágica, pude ver claramente a mim mesmo. Ali estava eu, diligentemente ocupado com coisas ao meu redor, enquanto aquilo que eu mais precisava fazer ficava parado em meio ao restante. Eu não era simplesmente um procrastinador; eu era um trabalhador em coisas *ao redor*.

Lembro-me de ter lido o artigo de Charles Hummel *A Tirania do Urgente*. Hummel expressa sua admiração por Jesus ter dito na cruz: "Está terminado", ainda que muito da obra do reino estivesse incompleta. Ele explica que Jesus pôde falar assim porque havia feito "toda a obra que o Pai lhe dera a fazer". A conexão com meu pecado estava clara: a menos que eu estivesse fazendo o que *Deus* me chamou a fazer, estaria procrastinando. Quando procrastino, estou na verdade intrometendo-me em coisas "ao redor".

Indo mais a fundo

Dei-me conta de que eu estava começando a "decifrar" a mim mesmo. Mas ainda era muito cedo no semestre para crer que eu estivesse finalmente com as coisas sob controle. Descobri que havia muito chão pela frente quando voltei a escorregar descaradamente na procrastinação - embora, a princípio, fosse fácil controlar a situação. Quando dei de frente com a época de entrega de trabalhos, tudo caiu rapidamente por terra. Percebi que eu estava

novamente empurrando os trabalhos para as noites que antecediam os prazos finais - tudo como antes. Ironicamente, eu ainda tinha que fazer uma tarefa para a matéria de aconselhamento. Com relutância, voltei a mergulhar na questão da procrastinação, dessa vez tentando ir mais a fundo. Não foi muito difícil começar a identificar algumas coisas. O orgulho estava certamente operando: cada vez que eu virava uma noite para acabar um trabalho, eu estava protegendo minha reputação diante de amigos e professores. O temor ao homem estava intimamente relacionado. Quando tive aqueles leves ataques de pânico, o medo da desaprovação de outros era dominante em minha mente. Preguiça não era o aspecto central, mas certamente fazia parte. Às vezes, eu simplesmente não queria fazer alguma coisa. A busca do prazer e o escapismo tinham lugar também, embora eu me limitasse a prazeres aceitáveis como assistir TV ou comer petiscos.

Identificar essas tendências do meu coração pareceu-me útil, mas eu ainda não estava satisfeito. Minhas descobertas até aquele ponto não só me intimidavam (*Como eu iria atacar o orgulho?*), como também estavam relacionadas a aspectos do meu coração, enquanto que eu estava em busca de fatores externos que tivessem um papel chave no problema.

Voltando a atenção para fora de mim mesmo, eu facilmente compus uma longa lista de "se apenas"- circunstâncias que, se mudassem, fariam com que tudo ficasse melhor. A doença de minha esposa estava no topo da lista, seguida das pressões financeiras por estar fazendo o curso de mestrado e da nossa situação ainda indefinida quanto ao futuro ministerial.

A lista começou a crescer. "Tão logo nossa filha passar a dormir a noite toda, ou os dentes tiverem acabado de nascer, ou ela deixar as fraldas - então terei tempo para voltar a fazer exercício físico." Quando pararmos de viajar com tanta freqüência e estabelecermos uma rotina semanal, então poderei começar meus dias com oração" "Eu seria um rapaz bem mais disciplinado se tivesse um mentor que me mostrasse como proceder." E então as frases realmente mais sinistras começaram a vir à tona. "Se minha esposa fosse mais disciplinada, eu teria menos a fazer em casa." "Se meus amigos se importassem o bastante para me confrontar a respeito dessa questão, eu não lutaria tanto com isso." "Se meus pais tivessem sido modelo de melhores hábitos de trabalho, eu agora estaria anos luz à frente."

Por último, descobri uma lista de desculpas que caracterizavam meu jeito de trabalhar. "Esse semestre já está sendo mesmo um fracasso, então vou deixar para investir no próximo semestre e começar com a página em branco." "O primeiro dia do mês será um bom dia para começar." "Vou colocar o despertador e fazer isso amanhã."

Agora sim, aqueles termos vagos como orgulho e escapismo estavam ganhando contornos mais específicos, e não eram quadros bonitos. Comecei a ver minha estultícia, racionalização e auto-engano por todos os lados. Comecei a ficar desesperado, embora eu ainda me apegasse em vão à esperança de que as coisas ficariam melhores se eu pudesse simplesmente colocar a cabeça no lugar.

Verdades teológicas

Minha cabeça precisava, sim, de alinhamento. Mas se tratava de alinhamento teológico. Sou grato a Deus porque Ele não me deixou sozinho com minha Bíblia. Pela leitura de livros e artigos de diversos

autores, e ouvindo as palavras de meus professores e as pregações de meu pastor, comecei a confrontar a minha falta de confiança em algumas verdades essenciais da fé cristã.

A questão mais significativa foi minha tendência de duvidar de que Deus poderia operar uma mudança em mim, o que por si só era uma expressão do meu orgulho. Eu não duvidava da minha salvação; eu simplesmente duvidava de que muita mudança seria possível aqui na terra. Se havia um "velho homem" e um "novo homem" dentro de mim, minha idéia era de que o velho homem claramente levava vantagem. Mas simplesmente não era verdade. Fui relembrado de que o Novo Testamento repetidamente caracteriza a salvação como uma mudança decisiva da morte para a vida, da escravidão para a condição de filho (cf. 1 Jo 3.14, Rm 6.6). Embora a "árvore" da minha vida sempre dará alguns espinhos, sou basicamente uma árvore *frutífera*. Em Cristo, aconteceu um trabalho de reengenharia genética para produzir o fruto do Espírito - e domínio próprio é parte dele! (cf. Gl 5.22)

Para que eu não me voltasse para um triunfalismo superficial (como tendo a fazer), também fui relembrado de que a santificação, de acordo com as Escrituras, é um processo. Eu sempre *disse* que cria nisso - "ninguém é perfeito" é uma verdade evidente em qualquer cultura - mas na prática, minha *expectativa* era de uma santificação mais imediata. O desejo contínuo de que o meu pecado fosse eliminado em um piscar de olhos expôs a impaciência e a preguiça que faziam parte de minha incredulidade na santificação progressiva.

À medida que reconheci minha incredulidade, minha pergunta passou a ser: "O que vou fazer com isso". E a resposta, sem medo de erro, foi: "Arrependa-se". Meus estudos no seminário já tinham começado a me ensinar que arrependimento é um dom gracioso e um elemento básico da vida cristã. Mas agora, em lugar de simplesmente arrepender-me de *atos* identificados claramente como pecado, eu também comecei a me arrepender de *atitudes* e disposições do meu coração.

Quando descobri mais detalhes de como eu racionalizava e apegava-me aos meus hábitos de procrastinação, percebi que não eram poucas as atitudes das quais eu precisava me arrepender. Eu não tinha mais medo de encarar meus pecados, agora que eu conhecia o verdadeiro alívio de levá-los regularmente à cruz. Dois amigos do seminário formavam meu grupo de prestação de contas semanal - confessávamos nossas falhas e nos arrependíamos diante de Deus. Comecei a *viver* o verdadeiro perdão de Deus, e isso me libertou para buscá-LO com maior fervor.

Fiquei convencido de que arrependimento é sempre o primeiro passo no processo de mudança. Sem arrependimento, eu era um homem movido pela culpa, confiante em minha própria força e com uma percepção distorcida do problema. Com arrependimento, passei a ser um homem movido pela graça, confiante na força de Deus e com uma percepção mais bíblica dos meus problemas.

À medida que eu o expressei com maior regularidade, meu arrependimento ganhou um caráter mais positivo e voltado para o crescimento. Enquanto orava pedindo perdão a Deus, eu já pensava em situações futuras em que eu seria tentado da mesma forma e pedia forças para agir com sabedoria quando elas chegassem.

Deus respondeu às minhas orações e, de fato, eu comecei a mudar. Até minha esposa percebeu. Em lugar de esforçar-me para completar cada pequena tarefa

ao meu redor - ou parar até que a próxima "página em branco" chegasse - eu me empenhava para concentrar nas prioridades. Agora meu tempo de oração estava no topo da lista, seguido pelo tempo com minha família e pelas horas necessárias de sono. Os trabalhos do seminário vinham a seguir e, embora não fossem tão bons quanto poderiam ser, também não eram maus. Eu aprendi muito naquele semestre.

Mudanças em andamento

Nos últimos dois anos, continuei a crescer no entendimento da procrastinação e reconheci o impacto que ela tem sobre outras pessoas. Voltando ao texto de 2 Tessalonicenses sobre os intrometidos, descobri um texto anterior que explica *por que* Paulo tratou a questão com tanta seriedade: "de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora e de nada venhais a precisar" (1 Ts 4.12). Em outras palavras, tanto o meu testemunho diante de descrentes como o meu amor pela Igreja (para não mencionar minha família) estavam manchados pela procrastinação.

Identificar meus erros nessas áreas não resultou apenas em arrependimento, mas também em uma nova conscientização das conseqüências do meu pecado. Menos cegado pela ansiedade dos trabalhos de última hora, pude ver como eu havia sido insensível em sobrecarregar minha esposa e filhas. Comecei a ver quantas oportunidades para amar e servir outras pessoas eu estava perdendo devido à desordem na minha vida. Cada vez que eu quebrava um compromisso ou cumpria um prazo final de maneira insatisfatória, eu via como isso refletia mal o caráter de Deus diante de um mundo que já não acredita em Seu povo - e por boas razões.

À medida que minha batalha com a procrastinação amadureceu, meu aprendizado não se concentrou tanto em "decifrar" meu coração, mas em como deixar que ele fosse controlado por Deus. Deime conta de que não existe uma parte completamente santificada em mim, que pode diagnosticar com perfeição e tratar a parte pecaminosa. Meu coração não é em nada confiável - como disse Jeremias, "enganoso é o coração mais do que todas as coisas" (Jr 17.9). Mas reconhecer que não posso confiar em meu coração fez crescer minha apreciação pelos meios de santificação que Deus proporcionou no corpo de Cristo, particularmente meus amigos mais íntimos que têm um convite permanente para apontar meu pecado e me lembrar do evangelho de Cristo. Quando tenho muito trabalho para ser feito dentro de determinado prazo, e estou sobrecarregado, peço que eles me encorajem a prosseguir com diligência. Saber o quando preciso desse empurrão deu-me maior coragem para fazer o mesmo por eles "falando a verdade em amor" (Ef 4.15).

Assim como eu ignorava amplamente as maquinações do meu coração, eu também não estava sabendo discernir as conseqüências de negligenciar e abusar do meu corpo. No ano passado, comecei a correr três vezes por semana com um amigo íntimo. Ambos nos tornamos melhores mordomos de nossa saúde física e perdi cerca de catorze quilos. Ainda não coloquei inteiramente de lado os petiscos, mas passei a me alimentar de maneira muito mais saudável, e meu nível de energia está mais estável.

Semelhantemente, vejo agora o sono como uma responsabilidade dada por Deus, e não algo que eu possa sacrificar sem custo algum. Quando tenho que fazer trabalhos de última hora (o que ainda acontece, sinto muito!), em lugar de ficar acordado durante a noite toda, deito-me por

volta das nove da noite e me levanto às quatro da manhã. Aproveito sete horas de sono e depois, descansado, tenho várias horas para concentrar sossegado nos estudos. Sempre me considerei uma pessoa "noturna", mas descobri que trabalho com maior eficiência no período da manhã. Seguir uma agenda mais semelhante à de minha esposa também aumentou nosso senso de companheirismo.

O caminho à frente

Sou profundamente grato pela mudança que Deus está operando em mim, embora ainda haja muito para trabalhar. Neste exato momento, enquanto escrevo este artigo, ainda luto com o desejo de procrastinar. Todos aqueles anos de trabalho sob pressão fizeram com que o trabalho adiantado se tornasse algo pouco natural e ineficiente. Meu novo ideal é trabalhar com a mesma intensidade e a concentração do último minuto, mas bem antes do prazo final. Eu ainda não faço isso muito bem, e a Lei de Parkinson continua a atormentar meus melhores esforços.

Também preciso lembrar continuamente as várias lições que mencionei aqui, especialmente as teológicas. É fácil deixar de lado o espírito de arrependimento quando não há pecados visíveis presentes no dia-a-dia. A complacência é algo de que devo me arrepender, pedindo continuamente que Deus "sonde e conheça o meu coração" (Sl 139.23). Assim como já confrontei minha incredulidade com relação ao poder de Deus para me mudar, agora preciso confrontar minha incredulidade com relação a Ele querer me mudar "mais e mais" (cf. 1 Ts 4.1). Ainda sou preguiçoso, orgulhoso e com tendêndia ao escapismo, e esses desejos não me deixarão nesta vida.

Há certamente outros desejos no meu coração que eu ainda não examinei inteiramente. Uma das maiores incoerências da minha procrastinação é a diligência próativa em algumas áreas, particularmente aquelas relacionadas a dinheiro e bens materiais. Sempre paguei minhas contas antes do prazo, entrego meu imposto de renda com um mês de antecedência, faço a revisão do meu carro de acordo com o calendário do fabricante e conserto os equipamentos de casa imediatamente quando quebram. Nenhuma dessas coisas é errada, claro, mas tudo o que é feito "religiosamente" certamente tem implicações religiosas. Estou diante de possíveis traços de um apego idólatra à segurança que encontro no dinheiro e nos bens materiais.

Progredir na luta contra a procrastinação pode me proteger do temor aos homens - embora meu desejo de ser respeitado pelas pessoas seja ainda intenso. Eu detesto ter que confessar meus erros, até para minha esposa, que me conhece melhor do que qualquer um outro. E quando tenho que confessar, percebo que tenho o hábito de "produzir" os detalhes - se fiquei acordado até 1:59 da manhã, eu posso lhe dizer que fui para cama por volta da uma. Essa tendência está parecendo um grande iceberg em minha vida e estou perplexo diante do quanto ainda está submerso.

Conclusão

Tenho desenvolvido minha salvação "com temor e tremor", mas com esperança e confiança de que "Deus é quem efetua em mim tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.12, 13). A procrastinação é uma de minhas tendências características, mas não é a única área em que preciso de mudança. Preparando-me para o ministério pastoral, anseio por um estilo de vida voltado para os outros. Quero temer a Deus e desejo agradá-LO mais que a qualquer outro.

Quero conhecer mais a Cristo (Fp 3.10) e tornar-me mais semelhante a Ele, para que outros venham a conhecê-LO também.

Não será fácil, mas estou confiante de que Deus o fará, porque Ele o prometeu. E Ele não procrastina.

Questionário de Auto-Avaliação

Tim Keller e David Powlison

Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes. 1 Tm 4.16

As perguntas reunidas neste questionário têm como objetivo ajudá-lo a ter cuidado de você mesmo e daquilo que ministra. O propósito é abençoar a sua vida e a daqueles a quem você procura amar e servir.

Para a grande maioria dos leitores, este questionário pode ser de ajuda para estabelecer um plano pessoal de crescimento como instrumento de Deus na vida de outros. O Grande Pastor das ovelhas continua a obra de transformá-lo à Sua imagem, pela Sua graça. Faça a sua auto-avaliação à luz do amor de Cristo.

Para alguns leitores, este pode ser um teste de aprovação/desaprovação no ministério atual. É possível que Deus não tenha lhe dado os dons para o ministério que você está tentando realizar ou que você esteja andando em algum pecado habitual que o desqualifica. Ainda assim, o questionário tem um propósito positivo: o Senhor pode apontar um outro lugar para o uso daqueles dons que Ele lhe concedeu, bem como Ele tem um caminho de arrependimento e restauração diante dos pecados que sabotam a sua integridade e eficácia ministerial. Lembre-se da graça do Evangelho.

Coloque o seu coração em Cristo, no Seu evangelho de misericórdia, no Seu chamado, nas riquezas abundantes da Sua graça, na honra que Ele deve receber por meio da sua vida e da igreja.

Aqui estão algumas sugestões de como se beneficiar deste estudo.

Leia as perguntas cuidadosamente. As perguntas estão explicadas nas páginas iniciais. No final, estão listadas para facilitar a sua aplicação. Elas foram formuladas para cobrir de maneira ampla o ministério pastoral. Mesmo não sendo um pastor, você também pode se beneficiar. Ignore as perguntas que não se aplicam à sua situação.

Tradução e adaptação de *Pastor's Self-Evaluation Questionnaire*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 12, n.1, Fall 1993. p. 36-43.

Pense muito. Responda a cada pergunta honestamente depois de ponderar por algum tempo. Separe um dia ou algumas horas diárias para refletir sobre sua vida e seu ministério. Sempre que possível, dê exemplos concretos de frutos ou fracassos, de crescimento ou lutas.

Ore. Peça a Deus sabedoria para conhecê-LO cada dia mais. Ore por sabedoria para servir a Deus de modo mais eficaz. Ore por conhecimento pessoal diante dos olhos de Deus (Sl 139.23-24), lembrando que Ele é tanto luz como amor.

Busque aconselhamento com outros. Algumas perguntas são difíceis de responder se você estiver trabalhando sozinho na auto-avaliação. O questionário de auto-avaliação é muito útil quando combinado com o *feedback* de outros. Peça ajuda a seus líderes, seu cônjuge, alguns amigos e colegas de ministério, e assim por diante.

Planeje. A lista final de perguntas pode ajudá-lo no planejamento prático.

Reconheça que os outros têm dons que complementam os seus. A segunda metade do questionário trata das habilidades ministeriais. Você pode ter limitações que são cobertas por Deus por meio de outros integrantes da sua equipe ministerial com dons complementares. Ao reconhecer suas fraquezas pessoais, pergunte a você mesmo se a sua equipe ministerial como um todo está ou não cobrindo as diferentes áreas.

Lembre-se de que o objetivo da auto-avaliação é guiá-lo no caminho do crescimento em santidade e em habilidades ministeriais. As perguntas estão divididas em duas grandes categorias: santidade pessoal e habilidades ministeriais. Os obreiros aprovados demonstram santidade por meio de humildade, amor, integridade e espiritualidade. Os obreiros aprovados são habilidosos no cuidado pessoal de outros, comunicação, liderança e missão.

Há diversas perguntas para cada categoria. Repare que as perguntas incluem duas facetas para ajudá-lo a captar se a sua falha é por omissão ou por comissão. Por exemplo, o amor bíblico não condiz com afastar-se indiferentemente de alguns nem com ocupar-se demasiadamente com outros. É provável que você descubra sua tendência para um dos dois lados da questão.

Deixe que as perguntas o estimulem a levantar outros aspectos a serem trabalhados, pois elas não são exaustivas. Lembre-se de que algumas se aplicam a você, outras não.

Parte I – Qualificações Pessoais do Obreiro Aprovado: Santidade

A. Humildade

1. *Você encara suas limitações e necessidades com confiança no poder gracioso de Cristo?*

Você é suficientemente honesto? Você demonstra disposição para admitir as suas limitações, os seus erros e as suas fraquezas? Você é defensivo, acautelado, hipersensível? Você é um modelo para outros de que a vida cristã é uma vida aberta? Você demonstra que a vida cristã é uma obra em andamento e não um produto acabado? Você lida corretamente com as tentações comuns que enfrenta: raiva, ansiedade, escapismo, amor ao prazer, amor-próprio deturpado, materialismo, perfeccionismo e outras mais?

Você é transparente demais? Você permite que suas emoções estejam à flor da pele, entregando-se e chafurdando-se em suas limitações, pecados e fraquezas? Você é adepto da confissão mórbida ou

exibicionista? Ou você aprendeu a falar de suas fraquezas de maneira que (1) aponta para sua confiança em Cristo, (2) busca genuinamente a ajuda de pessoas que de fato podem ajudar e (3) edifica outros?

2. *Você demonstra um espírito flexível como resultado da confiança no controle de Deus sobre todas as coisas, a autoridade de Deus sobre sua vida e a presença de Deus com você?*

Você é suficientemente flexível? Você é constante em se adaptar ao inesperado com flexibilidade e criatividade? Você valoriza e encoraja as idéias e os dons dos outros? Você insiste em fazer as coisas do seu jeito, seja forçando outros ou manipulando-os sutilmente? Você é um exemplo de confiança no controle soberano de Deus até sobre os detalhes da sua vida? Você é tomado de agressividade e medo como fruto do ímpeto para garantir seu controle sobre as situações? Você está disposto a fazer tentativas seguidas de reavaliação e possíveis mudanças? Você dá evidências de ser um aprendiz?

Você é flexível demais? Você se dobra com facilidade? Você se deixa levar pelo vento das opiniões dos outros e depois fica sobrecarregado por planos e exigências de outras pessoas? Você cede, procura agradar, desiste de levar adiante aquilo que precisa ser feito? Você permite que as pessoas ou as circunstâncias o controlem mais do que o Senhor?

B. Amor

1. *Você trata as pessoas positivamente devido à sua confiança no poder e na esperança do evangelho de Jesus Cristo?*

Você transmite graça aos outros? Você ama e encoraja as pessoas, mesmo sob pressão ou face a um ataque? Você exibe o âmago das virtudes bíblicas: amor pelos inimigos, bondade para com os oponentes, paciência com as pessoas e as circunstâncias quando está debaixo de prova ou sofrimento? Você é capaz de confrontar as falhas dos outros—disciplinar seus filhos, admoestar os perdidos, conduzir um processo de disciplina na igreja—de maneira não punitiva, irritante nem julgadora, mas que transmita o apelo gracioso de Deus? Você pode dizer coisas duras de maneira amorosa? O seu "falar a verdade" é severo, irredutível e idiossincrático? Você cria problemas fazendo uma tempestade em um copo d'água? Você contribui para conflitos destrutivos ou para promover a paz?

Você é tolerante demais? Você é ingenuamente otimista a respeito das pessoas? Você massageia o ego das pessoas com elogios e "respeito positivo incondicional"? O seu "amor" é falho em firmeza e verdade? Você costuma caiar ou minimizar os problemas ao invés de atacá-los? Movido pelo amor bíblico, você está disposto a entrar em um conflito construtivo? Você é um amante da paz, que evita conflitos, em lugar de ser um promotor da paz?

2. *Você revela um coração de servo para com as pessoas por ser, em primeiro lugar, um servo do Senhor?*

Você serve aos outros com disposição? Serve em primeiro lugar a você mesmo ou dá prioridade aos outros? Você serve em busca do bem-estar dos outros e os pastoreia debaixo do Senhor? Você se esforça para alcançar a glória pessoal com agressividade (impulsionado compulsivamente em uma "viagem do ego") ou pas-

sividade (preocupado com a sua "baixa auto-estima")? Você manifesta a combinação de vigor e sensibilidade, compromisso e flexibilidade que caracterizam os servos do Senhor da glória? Você domina outras pessoas? Você resiste ou evita servir e amar aos outros?

Você serve compulsivamente? Você serve com uma atitude subserviente, submetendo-se às exigências, às expectativas e aos caprichos dos outros? Você permite que os outros o dominem? Você está confuso sobre o que significa servir e amar aos outros? Você sabe como dizer "não" firme e graciosamente? Você descansa regularmente e põe de lado o seu trabalho?

C. Integridade

1. *Você é responsável perante Deus em primeiro lugar?*

Você é irresponsável? Você age de acordo com suas convicções e seus compromissos? Você fala a verdade com firmeza, confiança e fidelidade? Você "enfeita" a verdade ou despreza os seus compromissos por causa da conveniência ou pressão social? Você deixa de exigir de você mesmo e dos outros aquilo que Deus exige? Você segue os seus impulsos, estados de ânimo e sentimentos? Você está preso a algum pecado como ganância, lascívia, explosões de ira, temor ao homem, orgulho?

Você é exigente demais? Você se comporta de uma forma rígida? Você massacra as pessoas por causa do seu compromisso com princípios? Você é legalista em seus compromissos e mesquinho em suas convicções? Você se prende a coisas sem importância? Exige de você mesmo e dos outros aquilo que Deus não exige?

2. *Você demonstra um estilo de vida disciplinado debaixo do senhorio de Jesus?*

Você é uma pessoa indisciplinada? A sua vida e o seu comportamento são disciplinados e coerentes, atraentes aos outros? Você manifesta a alegria, a humildade e o encanto da sabedoria e da santidade? As pessoas sentem-se motivadas a imitar sua fé, sua fidelidade e seu caráter? O que as pessoas veriam se pudessem ficar continuamente ao seu lado por uma semana? Você trabalha diligentemente ou é preguiçoso?

Você é muito rígido? Você é muito disciplinado, organizado, "perfeito" por fora? O seu exemplo encoraja ou intimida as pessoas? Você está apenas representando o papel de "pastor" ou de "cristão maduro"? A sua disciplina visível é uma máscara de hipocrisia, uma capa para ignorar outros aspectos falhos da sua pessoa, uma forma de esconder uma vida interior desviada de Deus? Você se mantém humilde e consciente de que também luta com as tentações que mais comumente assediam qualquer coração humano: orgulho, temor ao homem, apego ao dinheiro, lascívia, preocupação com o seu próprio desempenho, controle, tendência para julgar, amor a vários prazeres, e assim por diante? Você tem um senso de humor ativo? Você separa tempo para descansar ou é consumido pela ansiedade da labuta?

3. *Os seus compromissos com a família estão em uma escala de prioridade adequada biblicamente?*

Você dá de si à sua família? Você se envolve em excesso com o ministério e menos do que deveria com sua família? Você ama os membros da sua família de tal maneira que os motiva a um envolvimento efetivo com o seu mi-

nistério? Eles estão ao seu lado e lhe dão apoio? Sua família está sendo sacrificada pelo "ministério"? Está sendo arrastada pelo ministério juntamente com você? Você dá de si à família de modo significativo e substancial, com disposição?

Você está envolvido demais com sua família? Você está tão comprometido com sua família que ela se torna um refúgio impróprio, uma distração e uma desculpa para evitar o ministério? Será que a vida familiar é uma desculpa para o egoísmo?

D. Espiritualidade

1. *Você demonstra piedade pessoal e vigor no seu relacionamento com Deus?*

A sua piedade é genuína? A sua comunhão com Deus é viva e crescente? A sua vida pessoal de oração é espontânea e disciplinada ou você é daqueles que só oram em público? Você usa a Bíblia para sondar e encorajar a você mesmo ou apenas para aplicá-la aos seus ouvintes? Você louva, alegra-se e agradece a Deus com integridade de coração? Você conhece e busca a Deus, descansa nEle e O louva genuinamente? O que Cristo significa na sua vida diária, no dia-a-dia? Sua vida apresenta uma carência significativa de oração, leitura da Bíblia, louvor a Deus? Sua vida está pouco voltada para Deus e para Cristo?

Você se esconde atrás de clichês de piedade e faz um mau uso das disciplinas espirituais? Você costuma dizer "Eu vou orar sobre isso" ou "Eu preciso estudar isso na Bíblia" como meio de evitar os problemas que você não se sente capacitado para enfrentar? Você ora com vãs repetições (Mt 6.7) ou centrado na sua própria pessoa (Tg 4.3) porque você não conhece bem a Deus? A leitura bíblica, o louvor e a oração são expressões hipócritas em uma vida distante de Deus?

2. *Você demonstra fidelidade à Bíblia e à sã doutrina?*

Você é cuidadoso com as verdades bíblicas e teológicas? Você zela pela exatidão e é totalmente fiel à Palavra de Deus? Você tem posições bíblicas claras, definidas e bem pensadas no que diz respeito às áreas centrais da vida cristã? Você tem peculiaridades teológicas ou pontos favoritos para discussão que abalam o equilíbrio da verdade? Você articula clara e coerentemente o âmago da verdade bíblica, sempre alerta para aplicações pessoais e ministeriais? Você ignora o conteúdo da Bíblia? Está confuso? Enganado? Desequilibrado?

Você se prende a criticar detalhes teológicos de pouca importância? As suas convicções teológicas são abstratas, teóricas e acadêmicas? Você é estritamente dogmático, combativo, reducionista em suas interpretações e aplicações das Escrituras? Você é simplista ou superficial em seu entendimento da vida contemporânea e da natureza humana? Você reconhece a ampla variedade de questões de que a Bíblia trata? Você reconhece as muitas variáveis que influenciam a aplicação das Escrituras às situações específicas?

Parte II – Qualificações Funcionais do Obreiro Aprovado: Habilidade Ministerial

A. Cuidado pessoal

1. *Você está envolvido no cuidado pessoal de outros como fruto do amor cristão genuíno pelos seus irmãos e irmãs?*

Você se envolve com as necessidades dos outros? Você mantém as pessoas a distancia? Você é capaz de desenvolver relacionamentos de honestidade e confiança como veículo para confortar e desafiar as pessoas? Você é acessível? Você cria conflitos freqüentemente? Você se dirige às pessoas calorosamente? Você comunica seu cuidado para com as pessoas de uma maneira que elas possam senti-lo?

Você se deixa absorver demais pelas pessoas? Você se envolve demais com as pessoas, preocupando-se muito com elas como fruto de um desejo de ser querido, de um "complexo de salvador da pátria" ou do medo de falhar? Você encara os relacionamentos como uma simples oportunidade de estar com pessoas ou como um componente do pastoreio que visa à piedade?

2. *Você aconselha as pessoas à maneira do Senhor?*

Você aconselha biblicamente? Você tem habilidade para ajudar as pessoas a responderem à vida e resolverem os problemas pessoais usando princípios bíblicos? Você é bíblico no aconselhamento formal e também no informal? Você utiliza categorias conceituais e métodos não-bíblicos? O que você diz no seu escritório é coerente tanto com o que você prega como com a sua maneira de viver? Você se envolve de maneira construtiva com as pessoas problemáticas ou você as renega, encaminha para outros, evita? Em meio ao sofrimento e ao pecado, o seu ministério encoraja as pessoas à piedade?

Você se deixa levar demais pelo aconselhamento? Você fica excessivamente centrado nas pessoas problemáticas e focaliza o aconselhamento individual corretivo em detrimento de aspectos ministeriais preventivos, construtivos e dirigidos ao corpo como um todo?

3. *Você discipula pessoas para a maturidade em Cristo e o uso de seus dons?*

Você ajuda os outros a servirem ao Senhor produtivamente? Você demonstra habilidade no guiar as pessoas ao crescimento na graça e desenvolvimento de seus dons? O seu ministério tem um ímpeto positivo para equipar outros? Você investe no desenvolvimento de líderes e equipes ministeriais?

Você focaliza demais o ativismo e a produtividade? O seu foco nos dons e no discipulado tem um tom elitista? Os cristãos com dons e habilidades considerados inferiores são negligenciados? Você reconhece e encoraja alguns tipos de dons e despreza outros? Você tende a se motivar somente com os que instigam ação?

4. *Você se dedica à disciplina e à proteção das fronteiras da igreja que o Senhor comprou com Seu próprio sangue?*

Você protege a honra de Cristo na igreja? Você tem compromisso com a disciplina na igreja? Você é capaz de confrontar de forma cativante e persistente? Você reconhece os limites dos ministérios de edificação como aconselhamento, cuidado pastoral e disciplina? Você se posiciona corajosamente contra os erros e as dou-

trinas falsas que invadem o corpo de Cristo que você pastoreia? Você tenta ser tão positivo que deixa de ser negativo na medida adequada e bíblica?

Você se deixa absorver demais pela proteção dos limites? Você demonstra um espírito preocupado com pequenas coisas sem importância, sectário e vigilante? Você é incompassível com as falhas das pessoas, mais negativista do que edificante? Você estimula nas pessoas o medo de falhar e de serem pegas em erro ao invés de estimular o amor pelo crescimento contínuo no Senhor e pela verdade bíblica?

B. Comunicação

1. *Você prega a Palavra de Deus por inteiro?*

Você prega e ensina a Palavra de Deus? Você é hábil em expor a Palavra de Deus publicamente de maneira que as pessoas fiquem convencidas da verdade, encorajadas e edificadas? Você usa o púlpito de maneira eficaz? Com suas teorias e atitudes na prática ministerial, você rebaixa a importância do púlpito e do ensino? O que você diz no púlpito é coerente com o que você diz no seu escritório e com sua maneira de viver? Você separa tempo adequado e trabalha arduamente na preparação do que ministra ou você é casual e presunçoso?

Você se deixa absorver demais pelo púlpito? Você se preocupa demais com o ministério de púlpito em detrimento de outros aspectos do cuidado pastoral? O orgulho faz você estufar ou o temor ao homem o amarra? Você se vê como um "homem de púlpito", em detrimento de ir ao encontro das pessoas onde elas estão? Você usa muito tempo no preparo do ministério público por causa do perfeccionismo, da confiança em você mesmo ou do medo?

2. *Você provê educação cristã para todos quantos fazem parte do povo de Deus?*

Você oferece instrução para todos? Você é habilidoso no identificar as necessidades no campo da educação cristã e ajudar as pessoas a aprenderem? A sua filosofia de educação cristã alcança todas as faixas etárias e todos os diferentes tipos de necessidade? O conhecimento bíblico e doutrinário é subestimado? Você tende a ignorar, desprezar ou fazer pouco das necessidades educacionais de algumas pessoas? A sua abordagem da educação cristã combina a verdade com a prática?

Você exagera na área de educação? Você tende a transformar a igreja em uma escola? A educação e o conhecimento factual ou doutrinário são valorizados demasiadamente em comparação com outros aspectos da vida cristã? A relação professor-aluno é dominante na igreja ou é apenas uma dentre os vários tipos de relações existentes?

3. *Você dirige as pessoas na adoração a Deus?*

Você conduz as pessoas a uma adoração genuína a Deus? Você as conduz à presença de Deus? A sua adoração é rotineira e repetitiva? Você também adora a Deus enquanto lidera os outros na adoração ou a adoração torna-se uma mera tarefa a desempenhar? Você subestima a adoração, vendo-a somente como um aquecimento deslumbrante para a mensagem?

Você se deixa absorver demais pela adoração? Você enfatiza demais a "experiência de adoração" em detrimento da verdade e de outros aspectos da vida da igreja? Você é subjetivo demais, medindo a vida cristã pelas emoções e sentimentos? Você usa letras, músicas e encena-

ções para manipular experiências? Deus é o centro da sua adoração ou você adora a adoração?

C. Liderança

1. *Você guia o povo de Deus em um trabalho efetivo em conjunto?*

Você é um bom líder de grupo? Você ajuda os grupos a desenvolverem uma visão bíblica e os motiva a alcançarem objetivos bíblicos? Você fica confuso sobre quais deveriam ser os objetivos dos grupos? Você se deixa absorver demais pelo trabalho um-a-um, por programas impessoais ou pelo ministério público? Você funciona construtivamente no trabalho em grupo ou você atrapalha e desvia o grupo de alcançar as finalidades de Deus? Você valoriza os grupos e os encoraja a aceitarem responsabilidades significativas?

Você se deixa absorver demais pelos grupos? Você tende a ver comitês, grupos e forças-tarefa como uma panacéia ou um substituto para outros aspectos do ministério? A orientação para tarefas sabota outros objetivos bíblicos como oração, adoração, cuidado pastoral e aconselhamento?

2. *Você é um bom administrador, contribuindo para uma igreja que é sábia no uso de sua mordomia?*

Você é um bom administrador? Você tem habilidade no uso eficiente do tempo, do dinheiro e dos recursos humanos para alcançar as metas bíblicas na igreja? Você negligencia ou despreza a administração?

Você se deixa absorver demais pela administração? Você tende a administrar em demasia ou a escapar para as tarefas administrativas porque elas são mais fáceis do que outras ou querem dominar sua atenção?

3. *Você é um mediador da comunhão entre o povo de Deus?*

Você ajuda as pessoas a se unirem? Você é habilidoso em estimular a congregação à ministração mútua em amor? O seu ministério cria atividades e oportunidades para mutualidade entre o povo de Deus? Você encoraja uma atmosfera familiar na igreja? Pelo seu ensino e exemplo de vida, você é capaz de ensinar às pessoas como fazer amizades significativas?

Você se deixa absorver demais pela vida social da igreja? Você está tão direcionado para o "sentimento de comunhão e família" que a comunhão da igreja com Deus e a orientação para missões ficam perdidos?

4. *Você cria um ambiente de equipe ministerial dentro da sua igreja e com outras igrejas que honram a Cristo?*

Você trabalha em equipe? Você trabalha bem como parte de um ministério, ou de uma equipe pastoral, ou você sempre insiste em liderar (declaradamente ou não)? Você tende a demarcar áreas ministeriais? A sua liderança é baseada na sabedoria bíblica verdadeira ou em impulso pessoal, status ministerial e astúcia? Você constrói unidade e respeito mútuo entre as diferentes partes do corpo de Cristo? Você é capaz de cooperar com outras igrejas e pastores evangélicos ou você tem instintos sectários? Você está comprometido de forma prática com ver o trabalho da congregação local como parte da grande obra de Cristo? Você é independente demais?

Você permite que a equipe o afaste das linhas de frente do ministério? Você se esquiva das suas responsabilidades de liderança por insegurança ou preguiça e procura se encravar na segurança de um

nicho? Você dá atenção em demasia a reuniões de liderança, conferências, associações, convenções, comitês acadêmicos e similares? Você está mais para político do que para pastor?

D. Missão

1. *Você ganha pessoas para Jesus Cristo?*

Você é ativo no evangelismo? Você tem habilidade tanto para compartilhar o Evangelho como para liderar a igreja no evangelismo? Você está comprometido com a evangelização dos perdidos tanto na teoria como na prática pessoal? Você crê de todo o seu coração que as pessoas sem Cristo estão debaixo de ira de Deus? Você negligencia o evangelismo por ignorância, amor ao conforto, medo, preconceito ou experiências ruins? Você motiva as pessoas que pastoreia a apoiarem os esforços missionários ao redor do mundo?

Você enfatiza demais o evangelismo ou uma técnica de evangelismo em detrimento dos outros ministérios da igreja? Você gera mais ativistas ministeriais do que pessoas piedosas? Você se preocupa demais com os números no evangelismo? Os seus métodos evangelísticos mantêm um equilíbrio entre a mensagem da salvação em Cristo, a soberania de Deus em graça e o nosso chamado para demonstrar amor genuíno uns pelos outros e pelos perdidos? Os missionários são idolatrados como uma categoria superior de cristãos?

2. *Você demonstra preocupação social com as muitas necessidades das pessoas que Deus deseja alcançar?*

Você cuida da pessoa como um todo? Você tem habilidade para aplicar os recursos da igreja às necessidades sociais e materiais da humanidade? Você valoriza o trabalho diaconal e o dom de misericórdia? Você crê que o evangelho dirige-se ao homem como um todo ou você tende a ver o evangelho como uma mera mensagem verbal? Você se preocupa com a justiça de maneira prática ou você aceita tacitamente o *status quo*? Você é capaz de identificar as necessidades sociais da sua comunidade e mobilizar meios efetivos para atendê-las?

Você está envolvido demais com as necessidades sociais? Você enfatiza demais as preocupações sociais e tende mais para um "evangelho social"? Você tem preferência por determinado ponto de vista político ou por uma política social em particular? Você tende a ver as pessoas pelos olhos da política, economia ou sociologia ao invés de vê-las pelos olhos do Deus da Bíblia?

Aplicação

Parte I – Qualificações Pessoais do Obreiro Aprovado: Santidade

A. Humildade

1. *Você encara suas limitações e necessidades com confiança no poder gracioso de Cristo?*

2. *Você demonstra um espírito flexível como resultado da confiança no controle de Deus sobre todas as coisas, a autoridade de Deus sobre sua vida e a presença de Deus com você?*

B. Amor

1. *Você trata as pessoas positivamente devido à sua confiança no poder e na esperança do Evangelho de Jesus Cristo?*

2. *Você revela um coração de servo para com as pessoas por ser, em primeiro lugar, um servo do Senhor?*

C. Integridade

1. *Você é responsável perante Deus em primeiro lugar?*

2. *Você demonstra um estilo de vida disciplinado debaixo do senhorio de Jesus?*

3. *Os seus compromissos com a sua família estão em uma escala de prioridade adequada biblicamente?*

D. Espiritualidade

1. *Você demonstra piedade pessoal e vigor no seu relacionamento com Deus?*

2. *Você demonstra fidelidade à Bíblia e à sã doutrina?*

Parte II – Qualificações Funcionais do Obreiro Aprovado: Habilidade Ministerial

A. Cuidado pessoal

1. *Você está envolvido no cuidado pessoal de outros como fruto do amor cristão genuíno pelos seus irmãos e irmãs?*

2. *Você aconselha as pessoas à maneira do Senhor?*

3. *Você discipula pessoas para a maturidade em Cristo e o uso de seus dons?*

4. *Você se dedica à disciplina e à proteção das fronteiras da igreja que Deus comprou com Seu próprio sangue?*

B. Comunicação

1. *Você prega a Palavra de Deus por inteiro?*

2. *Você provê educação cristã para todos quantos fazem parte do povo de Deus?*

3. *Você dirige as pessoas na adoração a Deus?*

C. Liderança

1. *Você guia o povo de Deus em um trabalho efetivo em conjunto?*

2. *Você é um bom administrador, contribuindo para uma igreja que é sábia no uso de sua mordomia?*

3. *Você é um mediador da comunhão entre o povo de Deus?*

4. *Você trabalha com equipes ministeriais dentro da igreja e coopera com igrejas que honram a Cristo?*

D. Missão

1. *Você ganha pessoas para Jesus Cristo?*

2. *Você demonstra preocupação social com as muitas necessidades das pessoas que Deus deseja alcançar?*

Até aqui, sua tarefa foi fazer uma auto-avaliação, procurando ver a si mesmo como Deus o vê. Agora é hora de trabalhar com o que você viu. Se você pudesse fazer mudanças em alguma área durante o próximo ano, qual seria esta área? Onde você mais precisa amadurecer em sabedoria? Que mudanças pessoais trariam maior glória a Deus e maiores bênçãos a outras pessoas?

Confesse a Deus seus pecados e suas falhas. Jesus Cristo é seu fiel Sumo Sacerdote e Pastor. Ele é o Pastor dos pastores. “Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade” (Hb 4.16). Creia na verdade bíblica e aja de acordo com ela. O poder do Senhor é aperfeiçoado na sua fraqueza.

O que você precisa fazer agora? Ore e estabeleça metas. Como você pode se tornar uma pessoa mais piedosa e dedicada ao cuidado de outros? Há pessoas às quais você pode pedir que orem por você e estejam ao seu lado para uma cobrança cristã? Há passagens ou livros da Bíblia que você precisa estudar? Há planos que você precisa fazer? Você precisa dos conselhos de um cristão sábio sobre como efetuar as mudanças?

Como os relacionamentos de prestação de contas podem ser úteis para encorajar mudança bíblica?

Alan P. Medinger

Qualquer cristão pode ser abençoado e ajudado por um relacionamento de prestação de contas, mas essa ajuda pode ser uma questão de vida ou morte para aqueles que estão lutando com pecados de natureza sexual. Minhas ilustrações vêm do contexto ministerial com pessoas que estão no processo de vencer o homossexualismo, porém os mesmos princípios podem ser aplicados a outros problemas também.

Um relacionamento de prestação de contas ocorre quando um cristão dá permissão a outro para entrar em sua vida a fim de questioná-lo, desafiá-lo, confrontá-lo, admoestá-lo e ajudá-lo a viver de acordo com os princípios bíblicos defendidos por ambos. O relacionamento envolve confissão e oração. Pode ser um relacionamento de mão única – por exemplo, quando alguém presta contas para um líder da igreja – ou pode haver mutualidade – quando as partes prestam contas uma à outra. Algumas vezes, pode ocorrer dentro de um grupo pequeno.

Qual é o propósito de um relacionamento de prestação de contas? Em poucas palavras, ele nos ajuda a não fazer o que não devemos fazer e a fazer o que devemos fazer.

Estruturando um acordo de prestação de contas

1. Se possível, deve haver um encontro semanal – face a face. Se o objetivo é desenvolver um relacionamento de cuidado e apoio genuínos, os parceiros precisam investir tempo juntos.

2. Deve haver um horário agendado de modo a não entrar em conflito com as prioridades da família e do trabalho. Para muitos que trabalham ou estudam, o café da manhã é um bom horário.

3. Uma prestação de contas mútua é preferível ao relacionamento de mão única. A menos que ambas as partes

Tradução e adaptação de *How can accountability relationships be used to encourage a person in biblical change?* Artigo publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.13, n.3, Spring 1995, p. 54-55.
Alan P. Medinger é diretor de *Regeneration (Regeneração)* um ministério dirigido a pessoas que lutam com o homossexualismo.

estejam recebendo benefícios reais, é provável que o relacionamento não resista por muito tempo.

4. Um grupo pequeno (de pessoas do mesmo sexo) pode funcionar, mas deve ser mantido pequeno – quatro integrantes no máximo – para que cada pessoa tenha tempo suficiente para compartilhar e desenvolver relacionamentos estreitos.

Escolhendo um parceiro para a prestação de contas

1. Definitivamente, os parceiros devem ser do mesmo sexo.

2. Marido e esposa prestando contas um ao outro não é o mais indicado. Não creio que minha esposa devesse carregar o peso de todas as minhas lutas. Também é preciso considerar que pela natureza dos assuntos que devem ser tratados na prestação de contas – o relacionamento familiar, as finanças, minha vida sexual – o seu envolvimento emocional é frequentemente profundo. Além do mais, minha esposa não pode oferecer a objetividade que um outro homem pode me oferecer na compreensão dos problemas.

3. Se for uma prestação de contas de mão dupla, a outra parte deve ser um parceiro do mesmo nível.

4. No caso da luta com o homossexualismo, poderia ser alguém que já esteve envolvido no mesmo problema? Essa parceria deve ser evitada ao máximo. A possibilidade de um relacionamento de prestação de contas tomar o rumo da dependência é muito grande e o processo é muito sutil para que se possa assegurar que o relacionamento não se tornará prejudicial. No caso de mulheres que estão vencendo o lesbianismo, alguns dos melhores relacionamentos de prestação de contas que vimos acontecer foram estabelecidos com mulheres casadas que nunca lidaram com o homossexualismo em suas vidas. Semelhantemente, temos vistos os resultados mais positivos quando homens que estão abandonando o homossexualismo prestam contas a homens que jamais tiveram lutas nessa área. Isso, porém, não impede que se estabeleça uma prestação de contas de mão dupla na busca da pureza sexual e, acima de tudo, da santidade.

5. A outra pessoa deve ser alguém que você admira e respeita muito.

Estabelecendo regras básicas

As regras básicas para o relacionamento determinam quão frutífero ele será e o quanto ele durará. Sugiro o seguinte:

1. Combinem claramente quais são as áreas de suas vidas sobre as quais vocês prestarão contas um ao outro. Os homens costumam prestar contas sobre as responsabilidades profissionais e familiares, finanças, caminhada espiritual e sexualidade. As mulheres certamente teriam de adicionar a essa lista suas amizades. É muito importante que não deixem de levantar perguntas específicas sobre essas áreas.

2. No primeiro encontro, cada parte deve dar um histórico básico de sua vida sexual – da infância até o momento atual. O objetivo é trazer à luz o quanto possível de informações nessa área de modo que, se os problemas retornarem mais adiante, não seja necessário voltar atrás na história de vida nem aconteça da vergonha atrapalhar o processo de prestação de contas.

3. É de grande ajuda quando outras áreas de fraqueza são igualmente compartilhadas com franqueza para que se crie uma abertura que possibilite o sucesso do relacionamento. "Você sabe, às vezes chego a questionar a existência

de Deus." "Eu tenho dificuldade de amar um dos meus filhos." Isso encoraja a sinceridade no seu parceiro, cria uma atmosfera de verdadeira liberdade e estabelece um contexto em que um conselho apropriado pode ser oferecido.

4. Ambos devem concordar em fazer perguntas bem diretas um ao outro. (No caso de se tratar de uma prestação de contas de mão única, a pessoa responsável por promover a prestação de contas deve estar ciente de que as perguntas diretas precisam ser feitas.). "Como você está se saindo nas lutas na área sexual?" "Ah, não muito mal." Faça perguntas superficiais como essa e em nove de dez vezes você receberá respostas superficiais. A pergunta deve ser do tipo "Quantas vezes você se masturbou essa semana?" ou "Quando você comprou revistas pornográficas pela última vez?"

5. Tratando-se de pessoas casadas, elas precisam concordar com o quanto da conversa será compartilhado com os cônjuges. Eu não conto para minha esposa aquilo que o meu parceiro de prestação de contas compartilha comigo sobre a vida pessoal dele. Eu poderia compartilhar os conselhos que ele me deu ou como ele me abençoou.

6. Orem juntos regularmente e não permitam que a oração se torne mera formalidade. Se um dos parceiros confessar algum pecado, parem e orem antes de continuar. Ao terminarem o encontro, orem sobre os assuntos da conversa.

"Por isso, exortem-se e edifiquem-se uns aos outros, como de fato vocês estão fazendo." (1 Ts 5.11 NVI)

Por que a luta com a tentação sexual algumas vezes é mais forte do que outras?

Alan P. Medinger

Você já se perguntou por que a luta com a tentação sexual algumas vezes parece ser mais forte do que outras? Por alguma razão você luta mais com a lascívia durante alguns dias ou semanas e depois, sem nenhum motivo óbvio, a luta acalma-se e você passa por um tempo relativamente tranqüilo. Mais adiante, fatalmente, as tentações fortes retornam e as lutas recomeçam.

Quando estive envolvido na prática homossexual – antes da minha conversão a Cristo – eu costumava ficar intrigado com isso. Cheguei até a pensar na possibilidade de alguma relação com as fases da lua. Às vezes parecia haver uma regularidade. Eu sabia que esse fenômeno não acontecia apenas comigo, pois ouvi o mesmo comentário de outros e também li a esse respeito – inclusive sobre as fases da lua.

Para as mulheres, o aumento do desejo sexual pode estar relacionado ao ciclo menstrual. Existe alguma evidência disso, embora talvez não seja a resposta completa. Mas o que dizer com relação aos homens? Não temos algo que corresponda ao ciclo menstrual. O que mais se aproxima disso é o acúmulo de sêmen que resulta em um desejo físico de liberação. Porém, se fosse assim, a masturbação resolveria o problema e a pressão acabaria. Na verdade, o oposto costuma acontecer. Ceder à masturbação hoje resultará em um desejo maior, e não menor, de praticá-la novamente amanhã. De fato, para muitos homens, a luta intensa pode perdurar dias e semanas. A "liberação" não altera a situação.

A que se pode associar a luta mais forte com a tentação? O que acontece dentro (ou fora) de nós que faz com que passemos por períodos de luta intensa com a lascívia? E se descobrirmos a resposta, haverá algo que possamos fazer para diminuir a intensidade ou a freqüência dessa luta?

É provável que não haja uma resposta única para essas perguntas. Porém, ao examinar minha luta pessoal com a lascívia, descobri uma correlação que acredito possa

Tradução e adaptação de *Why are struggles with sexual temptations stronger at some times than at others?* Artigo publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.16, n.2, Winter 1998, p. 61-62.

ter aplicações de alcance amplo. Resumindo, minha luta com a lascívia parece ser mais intensa quando há ingratidão no meu coração. Isso certamente merece alguma explicação.

Antes de mais nada, quero comentar a respeito da natureza básica da lascívia. Lascívia não é o mesmo que desejo sexual. Somos capazes de sentir desejos sexuais. A lascívia ocorre quando decidimos aplicar nossos desejos sexuais a fantasias e cultivar imagens impróprias na mente. Creio que quase sempre, no momento em que um pensamento sexual pecaminoso nos vem à mente, temos diante de nós a escolha de entretê-lo ou rejeitá-lo. Esse é o ponto crítico no que diz respeito à lascívia. Pode ser que eu diga "Vou alimentar esse desejo, talvez só um pouquinho". Evidentemente, o "só um pouquinho" é na verdade uma porção muito grande de auto-engano. Uma vez que abrimos a porta à lascívia, ela se torna um hóspede muito difícil de ser mandado embora. Outras vezes talvez eu diga "não, eu não vou fazer isso" e o desejo vai embora sem muita luta. O fato é que somos capazes de responder de maneiras radicalmente opostas em momentos diferentes.

Nossa batalha com a lascívia depende grandemente de como respondemos à investida inicial da tentação. Algo dentro de nós dirige essa primeira resposta. Nesse sentido, quero destacar o impacto que um coração grato ou ingrato tem na luta contra a lascívia.

No ministério, bem como na minha vida pessoal, costumo identificar duas atitudes pecaminosas que resultam nas lutas que precedem a lascívia propriamente dita. Podemos identificá-las como duas vozes. Uma diz "Eu mereço algo". Outra diz "Não é justo eu ter que passar por isso". O nome dessas duas vozes são orgulho e autocomiseração. E ambas são o oposto de um coração grato.

O orgulho exalta o eu e me diz que tenho o direito de receber coisas boas. Ele me diz que eu mereço coisas boas. Essas racionalizações podem ser a causa da tentação ser tão forte depois de um sucesso significativo. Por exemplo, já descobri que quando dou uma palestra muito boa ou realizo um projeto com sucesso, uma voz dentro de mim às vezes diz que mereço uma recompensa. Essa voz também me diz que eu sou o verdadeiro juiz do que é bom para mim. "O prazer sexual é uma coisa boa e eu tenho direito a tê-lo. Na verdade, sou eu quem deve determinar se devo ou não ter o que é bom".

Autocomiseração é o outro lado do orgulho. Ela me diz quão desprezível eu sou e que não recebi o devido incentivo na vida. A autocomiseração diz que eu mereço certo conforto. "Considerando o que eu tenho que enfrentar na vida e o peso que já foi colocado sobre mim para carregar, mereço conceder a mim mesmo um pouco de conforto. Não é justo Deus me negar esse pequeno prazer." Esse tipo de pensamento pode ser a causa de cedermos à lascívia quando estamos irritados ou somos rejeitados.

Por outro lado, um coração grato sabe que, na verdade, não merecemos nada. Tudo o que temos, inclusive dons e talentos, são dádivas de Deus. Eu não preciso gratificar a mim mesmo porque Deus já me deu muito mais do que eu mereço. No coração grato, não há espaço para o orgulho.

Um coração grato não se entrega à autocomiseração nem necessita de autoconforto. Ao enfrentar problemas e dificuldades, ele é capaz de manter uma perspectiva certa. De um coração grato

procede uma perspectiva de vida que reconhece que nós não fomos criados com direito a uma vida desprovida de problemas. A autocomiseração nem sequer entra em cena.

A maioria de nós parece perfeitamente capaz de oscilar entre o orgulho e a autocomiseração, encontrando todos os tipos de justificativas para mergulhar nas águas poluídas da lascívia. O coração é enganoso; para ganhar a guerra contra a lascívia, teremos que achar alguma maneira de mudá-lo.

A busca de um coração grato é algo muito mais profundo do que a busca de um antídoto contra a lascívia ou de um novo método para resistir à tentação. Faz-se necessária uma mudança grande em nossos corações, tão profunda que atinge nosso inteiro estilo de vida. Tal mudança nos fará responder de maneira muito diferente quando as tentações da lascívia baterem à porta. É uma mudança tão profunda que só será vivenciada por uma vida transformada pelo Senhor e dedicada a andar diariamente com Ele.

Uma vez que começamos a pensar no assunto, alguns recursos da prática diária que contribuem para cultivar um coração mais grato parecem óbvios Destacamos aqui três medidas que o cristão pode colocar em prática:

1) Fazer das orações de ação de graças uma parte central do seu tempo devocional diário. Quando estou triste ou irritado, costumo agradecer ao Senhor pelas bênçãos que consigo lembrar: cada parte do meu corpo, cada dom que recebi, os relacionamentos, os bens que possuo e, obviamente, as coisas mais preciosas – a vida, a salvação, o próprio Senhor Jesus. A atitude de ação de graças muda nossas vidas.

2) Estender a prática da intercessão, incluindo orações por pessoas necessitadas, não importa onde elas estejam. Recentemente, recebi um e-mail transmitindo o pedido de um pastor em Ruanda que solicitava orações face ao sofrimento terrível enfrentado pela população daquela região. É uma grande verdade que ganhamos uma perspectiva mais real de vida quando oramos por pessoas que passam por sofrimentos maiores do que os nossos!

3) Em oração, buscar identificar as atitudes de autocomiseração e orgulho e se arrepender. Para mim, descobrir meus pecados mais profundos e me arrepender de tê-los cometido foi provavelmente o que mais ajudou no processo de mudança para me tornar a pessoa que sou hoje.

O Espírito Santo o auxilia nesse processo. Deus quer que você tenha um coração grato porque Ele deseja que cada um de seus filhos e filhas tenha uma vida vitoriosa. E Ele tem nos revelado que nossos sacrifícios de ação de graças O agradam. [1]

Um coração ingrato faz-nos centrar em nós mesmos e nos engana sobre as nossas necessidades. Um coração grato liga-nos a Deus, nossa fonte de tudo quanto é bom.

[1] NdT Para um estudo bíblico do assunto, veja Filipenses 4.6-9, Colossenses 2.6-7, 4.2.

Mulheres Ajudando Mulheres

Elyse Fitzpatrick e Carol Cornish
(Rio de Janeiro: CPAD, 2001. 593 p.)

Resenha por Sharon B. Covington

Mulheres Ajudando Mulheres não é apenas mais um livro de capa bonita, flertando com a cultura e esperando seduzir o mercado feminino. Repleto de sabedoria prática e discussão engajada, *Mulheres Ajudando Mulheres* é uma leitura proveitosa para mulheres e homens. As editoras, Elyse Fitzpatrick e Carol Cornish, apresentam de maneira correta e acessível o paradigma do aconselhamento bíblico, com algumas poucas incursões na simplificação demasiada que costuma infestar qualquer introdução breve de um tópico extenso. As colaboradoras fazem um excelente trabalho na teologia aplicada, com entendimento e sabedoria. Seus esforços para articular uma abordagem bíblica dos problemas pessoais contribuem para que os cristãos se posicionem contra os apelos da cultura e sirvam a Cristo aconselhando com esperança verdadeira.

Os fundamentos

A Parte I esboça uma estrutura para a filosofia e a metodologia do aconselhamento bíblico e, em seguida, preenche-a com uma visão bíblica da mulher. Aqui e ali encontramos pequenas falhas. Por exemplo, embora reconheça que a psicologia não representa uma posição unificada, Fitzpatrick refere-se repetidamente a "o que a psicologia diz...". Entretanto, a profundidade teológica está evidente (embora não requerida do leitor). Uma discussão provocativa sobre quem deve aconselhar quem, e quem deve treinar conselheiros, desafia à reflexão os pastores, anciãos e conselheiros.

Para os pastores tomarem nota

No contexto do aconselhamento, todos quantos conversam em particular com um membro do sexo oposto lutam provavelmente com os problemas levantados no Capítulo 4, "*Porque Mulheres*

Tradução e adaptação da resenha publicada em *The Journal of Biblical Counseling*, v.16, n.1, Fall 1997, p. 58-59.

Sharon B. Covington é mestre em estudos teológicos pelo Westminster Theological Seminary e foi editora administrativa do *The Journal of Biblical Counseling*. Atualmente, ela e seu marido David dirigem um ministério de aconselhamento em Quincy, na Califórnia.

devem Aconselhar Mulheres?". Carol Cornish constrói um argumento persuasivo em defesa de que o aconselhamento seja feito por pessoas do mesmo sexo. Tomando por base a *sabedoria*, ela cataloga as tentações, os pecados catastróficos e as possíveis confusões a que ambas as partes estão sujeitas em um relacionamento de aconselhamento longo e íntimo entre homem e mulher. Ela não encontra, porém, argumento direto nas *Escrituras*, a não ser o argumento do silêncio ou das conjeturas culturais. Cornish destaca que Tito atuou como pastor ou ancião, ensinando as mulheres maduras para que pudessem ser mestras e encorajadoras das mulheres mais jovens, como Paulo o instruiu a fazer. Ela aplica esse sistema como característico e prescritivo para o discipulado e infere que, na cultura da época, esse treinamento sempre aconteceria em grupo. Provável, e até convincente, mas não provado.

Cornish afirma que a carta de Paulo a Tito é normativa para aqueles que compartilham a posição de Tito na igreja: os homens com autoridade na igreja devem treinar os homens mais velhos, os mais jovens e também as mulheres mais velhas. As mulheres mais velhas, bem treinadas, devem ensinar e encorajar as mulheres mais novas. Cornish considera que esse discipulado inclui o que conhecemos como "aconselhamento". Ela não vê um fundamento bíblico para as conversas particulares de longa duração entre um homem e uma mulher, possivelmente problemáticas, que constituem o que chamamos atualmente de "aconselhamento".

Um ponto de vista que deve ser considerado em contraposição ao de Cornish é aquele sustentado tradicionalmente por Jay Adams e outros que consideram o aconselhamento uma responsabilidade específica do pastor devido à autoridade que Deus dá aos pastores e anciãos para o cuidado de Seu povo. Essa diferença de perspectivas levanta questões práticas cruciais: o aconselhamento é uma responsabilidade essencialmente pastoral, baseada na autoridade bíblica conferida pela ordenação, ou é uma parte corriqueira tanto do "uns aos outros" entre irmãos como do discipulado oferecido pelas mulheres mais velhas às mais novas à exemplo de Tito 2? Se a prática do aconselhamento nas igrejas couber essencialmente aos pastores, como eles encontrarão tempo para também preparar aqueles que, como Paulo diz na carta a Tito, devem ser treinados para algum tipo de ministério de discipulado? Se Tito 2 não indica um modelo para o relacionamento no aconselhamento, qual seria o nosso modelo bíblico? Quais os termos bíblicos que definem o que chamamos de "aconselhamento"? O nosso conceito atual de aconselhamento existe nas Escrituras? Embora ambas as perspectivas peçam cautela, sabedoria e cuidado para não cair em tentação nem dar oportunidade ao pecado, nenhuma delas está carimbada nas Escrituras.

Mulheres Ajudando Mulheres é um livro que faz o que recomenda: por seu intermédio, mulheres instruídas e maduras ensinam a outras mulheres (e àqueles homens para quem isso não é problema) os fundamentos das soluções bíblicas para os problemas da vida, com aplicações específicas a problemas comuns entre as mulheres de hoje. Entretanto, apesar de muitas fontes serem citadas, é notável a ausência de referência a palavras de instrução dos pastores daquelas que escreveram o livro – aqueles que têm o papel de Tito em suas vidas. Não duvido do impacto profundo exercido na vida

dessas mulheres pelos seus pastores (alguns dos quais são seus maridos). Entretanto, há certa ironia na interação entre o que está no livro e o que claramente NÃO está lá. Quem foi o Tito que ajudou essas mulheres a se exercitarem na sabedoria bíblica? O que esses pastores estão fazendo para treinar a igreja no discipulado e aconselhamento?

Os detalhes

Fruto do esforço de onze conselheiras sábias e habilidosas no trabalho teológico, a Parte II trata de assuntos específicos que surgem na prática do aconselhamento. Ela vem repleta de ilustrações de vida real e casos de estudo expressivos, bem como aplicações detalhadas das Escrituras. Alguns capítulos já haviam sido publicados anteriormente, inclusive no *Journal of Biblical Counseling*. Embora compassivas e sensíveis, as autoras não lançam mão de uma perspectiva de "vítima" nem da premissa das necessidades pessoais básicas, que podem distorcer a visão bíblica do ser humano. Encontramos aqui uma sabedoria bíblica multifacetada e altamente prática. As referências bibliográficas, em grande quantidade, oferecem uma fonte excelente de recursos para estudo e tarefas para crescimento pessoal – tanto para a conselheira como para a aconselhada. Muitas vezes e de muitas maneiras essa sessão demonstra a suficiência das Escrituras.

Cada capítulo trata de um assunto específico, que se faz presente no aconselhamento de mulheres – embora os pecados, os sofrimentos e as soluções não sejam exclusivos do âmbito feminino. Na seleção de assuntos estão incluídos problemas conjugais, casamento com incrédulo, adoção de filhos, envolvimento em pecados sexuais e perguntas na área médica. As mães solteiras adolescentes, as solteiras descontentes, as mulheres divorciadas e as mães solteiras em geral encontram também seu lugar. As mulheres que foram abusadas na infância e aquelas que fizeram abortos, as mulheres que lutam com vícios, aquelas que comem demais ou praticam a bulimia, as mães que têm crianças com problemas de aprendizagem, as mães de adolescentes rebeldes, bem como as mulheres na terceira idade ou que enfrentam a realidade da morte – cada situação é submetida ao um exame detalhado à luz da Palavra de Deus, que afirma ter tudo quanto é necessário para a vida e a piedade.

Leia!

Terminada a resenha de *Mulheres Ajudando Mulheres*, examinei novamente meu exemplar. Encontrei páginas marcadas, riscadas, anotações para estudos posteriores e aplicações específicas para mim mesma e minhas aconselhadas. As notas dizem: "pense sobre o assunto", "prático", "detalhado", "referência bíblica excelente", "decore", "muito útil", "estratégia importante", "perspectiva bíblica criativa". Tornou-se um livro de referência, parte do trabalho de Deus em andamento na minha vida e no meu ministério de aconselhamento. Sim, algumas partes são menos exatas e úteis que outras. Sim, determinadas partes sucumbem ao foco feminino que pode resultar em certa falta de equilíbrio. Talvez em sua tentativa bem-sucedida de ser um livro para o público em geral, faltou aqui e ali a precisão hermenêutica e lógica que eu teria preferido. Mas durante a leitura atenta, fui movida pelo desejo de conhecer melhor a Bíblia e aplicá-la com mais sabedoria a exemplo dessas mulheres. Fui desafiada ao estudo bíblico e a pensar sobre

assuntos que eu sempre ficava feliz em evitar. A soberania de Deus, que reina em nossas vidas e provê a cura específica para cada sofrimento ou pecado, brilha claramente ao longo do livro. Isso faz a leitura valer a pena.